



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

IZENETE NOBRE GARCIA

**JORNAIS-ROMANCE: UMA HISTÓRIA NÃO CONTADA DA
CIRCULAÇÃO DE ROMANCES NO BRASIL**

**CAMPINAS,
2016**

IZENETE NOBRE GARCIA

**JORNAIS-ROMANCE: UMA HISTÓRIA NÃO CONTADA DA
CIRCULAÇÃO DE ROMANCES NO BRASIL**

Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutora em Teoria e História Literária, na área de História e Historiografia Literária.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Azevedo de Abreu

Este exemplar corresponde à versão final da Tese defendida pela aluna Izenete Nobre Garcia e orientada pela Profa. Dra. Márcia Azevedo de Abreu.

**CAMPINAS,
2016**

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

G165j Garcia, Izenete Nobre, 1981-
Jornais-romance: uma história não contada da circulação de romances no Brasil / Izenete Nobre Garcia. – Campinas, SP: [s.n.], 2016.

Orientador: Márcia Azevedo de Abreu.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. *Espelho fluminense* (Jornal). 2. *Leitura do domingo* (Jornal). 3. Jornais brasileiros - Circulação. 4. Folhetins brasileiros. 5. Ficção brasileira - Séc. XIX - História e crítica. I. Abreu, Márcia. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Newspaper of novels : the untold history of the circulation of novels in Brazil

Palavras-chave em inglês:

Espelho fluminense (Journal)

Leitura do domingo (Journal)

Brazilian newspaper - Circulation

Brazilian feuilletons

Brazilian fiction - 19th century - History and criticism

Área de concentração: História e Historiografia Literária

Titulação: Doutora em Teoria e História Literária

Banca examinadora:

Márcia Azevedo de Abreu [Orientador]

Orna Messer Levin

Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina

Tânia Regina de Luca

Germana Maria Araújo Sales

Data de defesa: 15-12-2016

Programa de Pós-Graduação: Teoria e História Literária



BANCA EXAMINADORA:

Márcia Azevedo de Abreu

Germana Maria Araújo Sales

Tania Regina de Luca

Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina

Orna Messer Levin

**IEL/UNICAMP
2016**

Ata da defesa, com as respectivas assinaturas dos membros da banca, encontra-se no SIGA - Sistema de Gestão Acadêmica.

À minha mãe, mulher de fibra, que nunca me deixou
esmorecer.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos talvez sejam a parte mais delicada de todo um percurso acadêmico, posto que pretenda reunir em tão poucas linhas a declaração pública de gratidão às pessoas que contribuíram na/para a trajetória em busca de aprendizado e conhecimento. Diante de tarefa tão árdua, tentarei realizá-la, ainda que incorra no risco de esquecer alguém.

Inicio bendizendo a Deus – minha fortaleza e meu sustento. Aquele que me guia e me acalma.

E continuo agradecendo:

À minha amada mãe e ao meu padrasto, pelo incondicional amor.

À professora Maria de Fátima do Nascimento, a quem nenhuma palavra é suficiente para expressar minha gratidão e admiração a pessoa tão iluminada e despreendida.

À minha orientadora, Márcia Abreu, cuja compreensão e incentivo foram basilares para meu enriquecimento intelectual, emocional e profissional.

À professora Orna Messer Levin, que me inspirou a ser um pouco mais confiante.

À Alessandra Pamplona, amiga fiel, minha gratidão eterna.

À Valéria Bezerra, que me aceitou como amiga em um momento tão adverso, meu carinho e amizade.

À Rafaela Sanches e a sua família, cujo amparo e orações me salvaram de mim em momento extremo.

À Andreza Flexa, que, mesmo distante, sempre esteve disposta a me ouvir e a me ajudar.

Às Tânicas de minha vida – Tânia Franzoni e Tânia Maron, cujo apoio e profissionalismo foram essenciais.

À Ana Laura Donegá, pelos cafés e solicitações por dias mais leves.

Aos colegas do projeto "Circulação Transatlântica de Impressos", que sempre contribuíram nas leituras e discussões durante e depois das reuniões: Lígia Cristina Machado, Beatriz Gabrielli, Larissa Assunção e Bruna Rondinelli.

À Ana Gomes Porto, Anderson Trevisan, Alexandro Paixão, Atilio Bergamini e Moizeis Sobreira, pessoas humildes e sempre dispostas a contribuir com minha pesquisa.

À Clara Carolina dos Santos, primeira face amiga que me compreendeu desde o início.

Ao Julio César Modenez, pelo olhar amigo e pela generosidade constante.

Ao Leandro Thomaz Almeida, por suas contribuições sempre enriquecedoras.

Ao Lucas Lamônica, pelos sorrisos, incentivos, companheirismo e, acima de tudo, otimismo e contribuições atentas.

À Maria Clara Gonçalves pela generosidade da amizade e pela alegria que me fazia sorrir quando queria chorar.

Às pessoas que conheci durante minha estada na cidade de Campinas, que me ensinaram a ser um pouco mais "sem fronteiras".

À Dona Nair, *in memoriam*.

Às professoras Marisa Lajolo e Tânia de Luca, pelas contribuições durante a banca de qualificação.

Ao programa de Pós-Graduação do IEL, nas pessoas de Cláudio, Rosimeire e Miguel, pelo suporte e auxílio a todas as minhas questões.

Aos funcionários das bibliotecas da Unicamp, que sempre me atenderam com presteza e rapidez.

À Capes, pelo auxílio financeiro na forma de bolsa de estudo no país.

RESUMO

O objetivo desta tese é estudar um modo editorial chamado jornal-romance – que serviu de suporte para difusão do romance, em vários países do mundo ocidental. Esta maneira de editar narrativas constituiu-se como um empreendimento editorial desde 1837, quando se iniciou sua publicação nas províncias do Império brasileiro. Editores com pouco ou muito prestígio, como Thevenet & Cia, Paula Brito, H. Lombaerts e os irmãos Laemmert, aventuraram-se nesse negócio, que perdurou por todo o século XIX. Para compreender como esses jornais-romance interferiram na circulação e difusão de narrativas ficcionais, essa pesquisa investigou a edição e circulação dos jornais-romance *Espelho Fluminense* (1843) e *Leitura do domingo* (1876-1878), os quais auxiliaram no estabelecimento de um circuito literário de romances no Brasil.

Palavras-chave: Jornais-romance, circulação de romance, *Espelho Fluminense*, *Leitura do Domingo*.

ABSTRACT

This thesis examines the circulation of fiction published as serialized novels – a publishing method that existed in several countries throughout the Western world. This way of publishing novels was constituted as a publishing venture in 1837, when publication began in provinces of Brazilian Empire. Publishers with little prestige and those more renowned, such as Thevenet & Cia., Paula Brito, H. Lombaerts and the Laemmert brothers, ventured into this enterprise, which lasted throughout the nineteenth century. In so doing, I analyze *Espelho Fluminense* (1843) and *Leitura do Domingo* (1876-1878), which provided the creation of a literary circuit in Brazil.

Keywords: Newspaper of novels, circulation of novel, *Espelho Fluminense*, *Leitura do Domingo*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Páginas iniciais de jornais-romance estrangeiros	29
Figura 2: Jornais-romance franceses publicados entre 1850 e 1890.....	34
Figura 3: <i>O Recreador Mineiro</i> , ed. 74, 15 jan. 1848.	45
Figura 4: Número 3 do <i>Jornal para todos</i> e número 2 do <i>Journal pour tous</i>	60
Figura 5: Exemplos de páginas iniciais de jornais-romance.....	88
Figura 6: Exemplar do <i>Jornal para todos</i> , ed. 3, p. 06 maio 1869.....	89
Figura 7: Prospecto do <i>Jornal do Domingo</i> (1885).....	90
Figura 8: Da esquerda para a direita: <i>O Ladrão</i> e o <i>Arquivo Romântico Brasileiro</i> . ..	91
Figura 9: Jornais-romance <i>Horas Vagas</i> (1875), e <i>Jornal-Folhetim</i> (1885), respectivamente.	92
Figura 10: Exemplar do jornal <i>Leitura do Domingo</i> , ed. 11, 19 mar. 1876.	94
Figura 11: Trechos das edições 1 e 2, de 1 e 2 de abril de <i>O Folhetim</i>	96
Figura 12: Anúncio retirado do jornal <i>Pedro II</i> , ed. 231, 29 out. 1870	99
Figura 13: Da esquerda para a direita, anúncios do <i>Correio Paulistano</i> , 2 fev. 1876, p. 4, e do <i>Pharol</i> , ed. 36, 1885, respectivamente.	101
Figura 14: Anúncio presente no jornal <i>Correio Mercantil</i> , ed. 340, p. 4, 1852.....	103
Figura 15: Anúncio retirado do jornal <i>O Mercantil</i> , ed. 143, p. 4, 23 maio 1845.....	104
Figura 16: Exemplar de <i>Espelho Fluminense</i> , ed. 1, 01 jan. 1843.	116
Figura 17: Anúncio retirado do <i>Jornal do Commercio</i> , ed. 31, p. 4, 03 fev. 1844....	119
Figura 18: Extrato do <i>Jornal do Commercio</i> , ed. 68, p. 4, 09/03/1846.	120
Figura 19: Anúncio no livro <i>Cozinheiro imperial</i> , de 1850, p. 367	121
Figura 20: Anúncio retirado do <i>Jornal do Commercio</i> , ed. 294, p. 3, 25 out. 1848.	144
Figura 21: Anúncio retirado de <i>O Mosquito</i> , ed. 351, p. 6, 22 mar. 1876.	147
Figura 22: Anúncio retirado do <i>Jornal do Commercio</i> , ed. 357, p. 7, 25 dez. 1874.	152
Figura 23: Exemplar do jornal <i>Leitura do Domingo</i> , ed. 1, p. 1, 02 jan. 1876.....	156
Figura 24: Anúncio retirado do <i>Jornal do Commercio</i> , ed. 112, p. 3, 24 abr.1861. .	158
Figura 25: Páginas de <i>Leitura do Domingo/Biblioteca romântica</i> , ano 2, n. 70, p.1-2, 13 maio 1877.....	165
Figura 26: Excerto de <i>Leitura do Domingo</i> , ed. 53, p. 1, 07 jan 1877.	170
Figura 27: Excerto de <i>Leitura do Domingo</i> , ed. 24, p. 1, 18 jun. 1876.	170
Figura 28: Trecho do <i>Leitura do Domingo</i> , p. 8, 16 jul. 1876	175

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Quantidade de jornais-romance identificados, por província, no período de 1837 a 1896.	65
Gráfico 2: Publicação dos jornais de romance por década.	66
Gráfico 3: Escritores mais recorrentes nos jornais-romance.....	70
Gráfico 4: Quantidade de editores dos jornais-romance, no Brasil, por nacionalidade.	77
Gráfico 5: Obras do <i>Catálogo N. 1 da Livraria e Editora E. e H. Laemmert</i> (1841?)	110
Gráfico 6: Percentual de textos publicados no <i>Espelho Fluminense</i>	123
Gráfico 7: Distribuição de narrativa por nacionalidade do jornal em que foi encontrada	136
Gráfico 8: Escritores mais frequentes	137
Gráfico 9: Jornais brasileiros que publicaram as narrativas anteriores ao <i>Espelho Fluminense</i>	140

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Jornais-romance publicados entre 1837 e 1896.....	38
Tabela 2: Editores, nacionalidades, jornais-romance e período de publicação.....	75
Tabela 3: Metas editoriais apresentadas pelos jornais-romance das décadas de 1830 a 1850	79
Tabela 4: Metas editoriais apresentadas pelos jornais-romance das décadas de 1860 e 1870	82
Tabela 5: Lista de periódicos onde aparecem narrativas reimpressas no <i>Espelho Fluminense</i> do primeiro semestre	131
Tabela 6: Lista de periódicos do segundo semestre	133
Tabela 7: Traduções comparadas com seu original.....	141
Tabela 8: Traduções comparadas com seu original.....	142
Tabela 9: Traduções comparadas com seu original.....	143
Tabela 10: Autores publicados no <i>Leitura do Domingo</i>	167
Tabela 11: Seções presentes no <i>Leitura do Domingo</i>	174

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 JORNAL-ROMANCE: UMA DEFINIÇÃO	18
1.1 Folhetim, Fascículo e Jornal-romance	19
1.2 Um formato internacional	28
2 OS JORNAIS-ROMANCE NO BRASIL	37
2.1 Uma cronologia dos jornais-romance no Brasil	37
2.2 Mercado editorial de romances	71
3 METAS EDITORIAIS, MATERIALIDADE E CIRCULAÇÃO DOS JORNAIS-ROMANCE	79
3.1 Metas editoriais	79
3.2 Materialidade	87
3.3. A circulação dos jornais-romance	97
4 OS JORNAIS-ROMANCE: <i>ESPELHO FLUMINENSE E LEITURA DO DOMINGO</i>	106
4.1 <i>Espelho Fluminense ou Novo Gabinete de Leitura</i>	106
4.1.1. Os editores Eduardo e Henrique Laemmert e a publicação de romances	106
4.1.2 O investimento em prosa de ficção por meio do jornal-romance <i>Espelho Fluminense</i>	116
4.1.3 Os romances	124
4.2. <i>Leitura do Domingo</i>	144
4.2.1. Os editores H. Lombaerts & Cia.	144
4.2.2. <i>Leitura do Domingo</i> : uma coleção ou um jornal de romances?	156
4.2.3 Os romances	167
CONCLUSÃO	180
REFERÊNCIAS	184
APÊNDICE	200
ANEXOS	223

INTRODUÇÃO

A pesquisa científica pressupõe a reconstituição do contexto de produção do objeto. Fato que se torna um incômodo ao se constatar que justamente o referencial, o objeto do trabalho, não tem sua definição estabelecida com clareza pela historiografia corrente. No entanto, a aproximação com as fontes primárias nas quais estão inscritas as marcas da produção e da circulação do dito objeto permitem que, gradativamente, sua definição seja reconstituída.

Com esta tese não foi diferente: ela teve início ao acaso, quando se identificou um anúncio sobre um jornal de romances. De imprevisível, o dado logo se tornou aparente, pois outros reclames de igual teor foram apontando para um modo de impressão e circulação de narrativas que, até então, parecia ser desconhecido.

Logo, questionou-se o fato de que os romances¹ circularam somente nos formatos volumes ou nos rodapés e/ou na seção de variedades dos jornais cotidianos. Os dados compilados por essa pesquisa demonstraram que houve uma outra forma de difusão de prosa de ficção no século XIX.

A satisfação foi ainda maior quando se percebeu que se tratava de um formato editorial existente tanto no Brasil, como na Europa e em outros países das Américas, isto é, um modo de difusão compartilhado tanto pelo "velho" quanto pelo "novo" mundo, em suas particularidades e semelhanças.

A historiografia literária brasileira do século XX – salvo alusões em estudos sobre romancistas específicos – não menciona os jornais-romance² entre os periódicos que compuseram o quadro dos suportes nos quais os romances circularam, ou que tenham constituído um instrumento utilizado para a aquisição de narrativas no século XIX. A própria História da Imprensa Brasileira, nas raras

¹ Entenda-se, para esta Tese, o termo romance como textos em prosa de ficção que englobam tanto contos, novelas e narrativas de viagem, conforme a definição presente no trabalho de Abreu (2014). Vale esclarecer que o termo romance não apresentava uma definição estável e fixa que pudesse defini-lo nos moldes do século XX e posteriores. Por isso, utilizar-se-á o termo, mesmo quando as fontes (os jornais-romance) apresentarem textos curtos ou longos.

² O termo jornais-romance ou romances-jornais foi atribuído por Witkowski (1981,1985,1997) às publicações periódicas francesas destinadas à publicação exclusiva de romances. Naquele país, os estudos sobre o tema estavam sistematizados desde 1981, quando Claude Witkowski, estatístico de formação e colecionador de livros raros, publicou uma monografia sobre edições populares de romances, incluindo os jornais-romance como uma delas. O estudioso francês identificou na França do Oitocentos, um tipo de veículo destinado à publicação de romances populares, que, juntamente com as edições de colportage, era vendido a preço módico e que alcançou rápido sucesso de vendas, tornando-se uma das formas mais comuns de difusão de narrativas nas províncias francesas. Conferir mais em WITKOWSKI, Claude. *Monographie des éditions populaires: les romans à quatre sous, les publications illustrées à 20 centimes, 1848-1870*. Vol. 1. Paris: J.J. Pauvert, 1981.

menções que faz a esses periódicos, classifica-os como fascículos sem se deter nas suas especificidades, como o fez Afonso Freitas, em 1915, no livro *A imprensa Periódica de São Paulo desde os seus primórdios em 1823 até 1914*, ao classificar o periódico *Jornal-Folhetim* como uma edição popular de romances. A afirmativa de Freitas, no entanto, deve ser lida com parcimônia, tendo em vista que se trata de um estudo realizado no início do século XX, momento em que o acesso à informação não detinha os instrumentos de pesquisa digitais possibilitados pela tecnologia da informação atual.

Um dos poucos estudos que os distingue, ainda que apenas enumerados no conjunto dos outros jornais diários e/ou semanais, é a *Biografia do Jornalismo Carioca*, de Gondim da Fonseca, que propõe um índice cronológico dos jornais e revistas existentes no Rio de Janeiro de 1808 a 1908.

Além do livro de Gondim da Fonseca, datado de 1941, há dois trabalhos mais recentes, a tese de Hebe Cristina da Silva – sobre a produção de Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa e o processo de formação do romance brasileiro –, e o livro de Michelle Strzoda – sobre a apresentação do Rio de Janeiro na produção jornalística de Joaquim Manuel de Macedo –, nos quais constam registros de jornais destinados à publicação de narrativas ficcionais.

O fato é que, no século XIX, houve a criação de uma enorme quantidade de periódicos literários, o que parecia ser um sintoma da transformação nas predileções de leitura do público. Neles, o romance adquiriu status de produto cultural em torno do qual se organizou um mercado editorial, que permitiu sua veiculação de diferentes maneiras. O jornal-romance, diferente dos demais jornais, apresentou-se como um modo editorial criado exclusivamente para a publicação de textos em prosa de ficção, no qual não era permitida a presença senão a do romance. Essa exclusividade atribuída às narrativas ficcionais fez com que esse periódico, muitas vezes, se tornasse quase um sinônimo do mesmo.

A existência destas formas periódicas e sua concorrência com outras é detalhada em um comunicado expedido pelo editor Paula Brito³ nas páginas dos jornais *Jornal do Commercio* e no *Diário do Rio de Janeiro*, nos dias 19 e 20 de fevereiro de 1847, respectivamente, em decorrência da publicidade de uma nova publicação chamada *Archivo Romântico Brasileiro*. Para atrair a atenção e atribuir

³ Paula Brito foi um dos primeiros editores e incentivadores da produção nacional.

maior relevância ao seu empreendimento, Brito revela as formas nas quais circulavam os romances: 1) Folhetins em jornais diários; 2) Folhetos⁴; 3) Volumes encadernados; e 4) Jornais regulares de romances. De posse de algumas dessas declarações, esta Tese, cingiu-se a estudar os jornais-romance por considerar que contribuíram para o processo de difusão da leitura do gênero romance.

Tendo em vista essa existência, adotou-se uma metodologia capaz de investigar algumas das especificidades do formato e sua relação com o mercado editorial responsável pela produção, circulação e difusão do romance no Brasil. Para tanto, a primeira diretriz foi observar a materialidade do veículo: tamanho, quantidade de folhas, distribuição do texto na página, presença ou não de ilustrações, tipo e tamanho da letra, apresentação ou não de anúncios.

Devido à especificidade do material – a sua não definição ou confusão com outros formatos –, diversas fontes tiveram de ser consideradas, desde memórias e estudos sobre o jornalismo até periódicos do século XIX, o que requereu acesso frequente à Hemeroteca Digital Brasileira, acompanhadas de consultas na própria Fundação Biblioteca Nacional, ao Arquivo Edgard Leuenroth, à Gallica, à Biblioteca Nacional de Lisboa, à Biblioteca Nacional da Espanha e ao acervo do Google Books.

De posse dos dados, optou-se pela seguinte divisão do trabalho: No primeiro capítulo, procura-se definir o que é jornal-romance, cotejando suas características às dos folhetins e às dos fascículos, com o objetivo de identificar suas particularidades constitutivas e, ao mesmo tempo, descrever o caráter internacional do suporte. No segundo capítulo, apresenta-se, paralelo às principais características do mercado editorial de prosa de ficção, uma cronologia dos jornais-romance no Brasil, tomando como base quem foram seus editores, os anos de publicação e sua periodicidade. No terceiro capítulo, a preocupação é demonstrar o que levou os editores a encetarem uma publicação, cuja forma de apresentação (a materialidade) significou outra maneira de ler narrativas em prosa no século XIX. No quarto capítulo, foram escolhidos para análise os jornais que melhor reúnem os elementos constitutivos do formato, o *Espelho Fluminense* – publicado em 1843 por Eduardo e Henrique Laemmert – e o *Leitura do Domingo* – impresso em 1876 sob a edição de Henrique Lombaerts. Esses exemplares são representativos de momentos

⁴ Esses folhetos, a que se refere Paula Brito, são as edições em fascículo de romances.

em que as motivações para suas edições apresentam-se de maneiras bastante distintas. Por último, é feito o estudo dos textos narrativos ali veiculados.

1 JORNAL-ROMANCE: UMA DEFINIÇÃO

De acordo com Valéria Guimarães “a imprensa brasileira não se constituiu de maneira autônoma. Ao contrário, como um sistema de inter-relações”.⁵ Nesse sistema de conexões transatlânticas, surgiram, no século XIX, alguns periódicos menos preocupados em dar notícias das rivalidades partidárias ou de perseguições pessoais, mas atentos às necessidades econômicas e culturais de um público interessado em narrativas de ficção.

Tendo em vista essa diversidade periódica, a pesquisa em diferentes tipos de jornais cotidianos permite vislumbrar a veiculação de romances não apenas nas colunas dos jornais diários, mas também em jornais inteiros, cujos objetivos limitavam-se a entreter e recrear da fadiga do jornal de notícias.

Assim, a investigação na imprensa revela uma caracterização transatlântica do formato editorial, que atuou como disseminador do romance. Nela, há recorrentes menções de uma origem internacional, que retiraria uma exclusividade brasileira da invenção. De modo que, o que parecia ser um caso isolado, configurou-se como uma experiência ordinária, como tantas outras empregadas no mercado editorial em diversos países.

O exercício para reconstituir a história desse veículo parece válido na medida em que oferece um novo parâmetro para mensurar a abrangência e difusão dos romances em contexto transnacional, uma vez que, também por meio dele, alguns escritores, como Alexandre Dumas e Walter Scott, tiveram suas produções veiculadas em português, antes mesmo de saírem em formato de livro. E, nesse sentido, devem ser compreendidos não somente como veículos que auxiliaram na difusão de romances, mas como modelos editoriais em pé de igualdade com os volumes, os fascículos e os folhetins.

Estudar esses jornais é compreender como ocorreu sua difusão transatlântica e até mesmo a construção de novos modos de leitura no mundo ocidental. Por isso, neste capítulo, optou-se por iniciar as discussões esclarecendo duas questões fundamentais para se compreender a obliteração do objeto: O que foram esses jornais-romance? Em que se diferenciam dos demais formatos? Ao que

⁵ GUIMARAES, V. *Transferências Culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2012, p. 21.

tudo indica, suas semelhanças e diferenças foram as responsáveis por equívocos e, talvez, exclusões na Historiografia Literária Brasileira.

1.1 Folhetim, Fascículo e Jornal-romance

De acordo com os trabalhos existentes sobre a História do Livro e da Leitura, o folhetim foi um espaço reservado à publicação de variedades e de ficção, em geral, ao pé de página, presente em alguns jornais diários e/ou semanais.⁶

Depois de seu surgimento, o folhetim tornou-se um espaço de recreação e informação tão importante que muitos editores e diretores de jornais logo o absorveram em seus empreendimentos jornalísticos. Como um lugar destinado à escrita de textos ligeiros e sem pretensões políticas ou ensaísticas, o folhetim de variedades foi se tornando familiar aos leitores em vários lugares da Europa e das Américas. O prospecto citado por Meyer, datado de 23 de junho de 1836, do jornal *Le Siècle*, afiança a relevância desse espaço atribuindo-lhe a responsabilidade pelo sucesso do jornal, já que por meio dele se podia satisfazer as preferências gerais dos assinantes:

O folhetim cotidiano

A primeira condição do sucesso de um jornal, deixando-se de lado qualquer questão de opinião, **é estudar bem a direção do gosto geral para satisfazer constantemente suas móveis exigências** [...]. Há épocas em que as questões políticas são as únicas coisas que preocupam o leitor [...]. Há, pelo contrário, épocas menos ardentes, em que as questões governamentais deixam de absorver os espíritos, onde o público dá de bom grado grande parte de seus cuidados a outros assuntos.

Estamos evidentemente numa dessas épocas. É, portanto, para obedecer a essa nova tendência que nós abrimos um folhetim cotidiano, aberto a tudo aquilo que, fora do círculo da política, será suscetível de interessá-lo.⁷

⁶ Entre os estudos que se tornaram referência no Brasil sobre o tema, pode-se citar como os mais relevantes: *Os romances em folhetins no Brasil: 1830 à atualidade*, de José Ramos Tinhorão; *Folhetim: uma história*, de Marlyse Meyer; *Imprensa e Ficção no século XIX: Edgar Allan Poe e a narrativa de Arthur Gordon Pym*, de José Alcides Ribeiro; *Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*, de Yasmin Jamil Nadaf; *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*, de Jesús Martin-Barbero.

⁷ Tradução de Marlyse Meyer. In: MEYER, M. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 116. [Grifos meus].

Na França, a publicação seriada podia ser vista, desde 1825, em revistas literárias, como a *Revue germanique*, que publicavam obras literárias aos pedaços, mas sem se preocupar com os cortes ou com a tensão da narrativa, que caracterizaria, posteriormente, o gênero romance-folhetim. Somente em 1835, com a iniciativa de Alfred Xavier Rambouillet de oferecer aos leitores do periódico *L'Ami du Peuple*, o último romance de Balzac, *Le Père Goriot*, é que os romances em série começariam a tomar conta do ambiente jornalístico.⁸

Ainda na primeira metade do século XIX, Émile Girardin e seu ex-sócio, Armand Dutacq, perceberam as vantagens da publicação seriada de textos em prosa de ficção no rodapé dos jornais. Assim, em 1836, fixaram um lugar determinado, com periodicidade diária para a veiculação de narrativas seriadas nos jornais por eles dirigidos, respectivamente, o *La Presse* e o *Le Siècle*, solicitando a escritores, como Alexandre Dumas, que escrevessem romances, de tal forma que atraíssem o público e segurassem o suspense naquele curto espaço da folha periódica. Aos poucos, o espaço folhetim foi sendo ocupado por um gênero folhetinesco, que, com características particulares do pé de página, iria ser chamado de romance-folhetim.⁹

No Brasil, a inserção de um espaço destinado à impressão de narrativas ficcionais favoreceu, além da expansão do jornal, a dinamização da leitura. A inserção de narrativas em parcelas iniciou-se, provavelmente, com a revista *O Beija-Flor*, em 1830, momento em que foi publicado o romance *Olaya e Julio ou a Piriquita*.¹⁰ No entanto, o espaço para aquelas publicações nessas páginas não era regular. A regularidade ficou a cargo do *Jornal do Comércio* que, acompanhando as inovações jornalísticas francesas, em 1838, publicou *O Capitão Paulo*, de Alexandre Dumas, numa coluna chamada Variedade¹¹. E, em 1839, iniciou

⁸ MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre história cultural*. Tradução Elisa Nazarian. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 86-87.

⁹ MEYER, M. Voláteis e versáteis: de variedades e folhetins se fez a crônica. In: _____. *As mil faces de um herói canalha e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998, p. 182.

¹⁰ De acordo com José Ramos Tinhorão (1994), além de *Olaya e Julio ou a Piriquita* encontra-se nesse mesmo período publicação do romance *O collar de pérolas, ou Clorinda*, atribuído erroneamente, segundo Maria Eulália Ramicelli, a Walter Scott, nas páginas do número 1 do jornal *Beija-flor: Annaes Brasileiros de sciência, política, Litteratura, etc.*, saído a público em 1830.

¹¹ Sobre esta publicação e a ocorrência do romance-folhetim no Brasil, mais particularmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, o trabalho de Marlyse Meyer (1996) é bastante abrangente e referência sobre o tema.

publicações cotidianas de narrativas ficcionais em seu rodapé.¹²

O mote “continua amanhã”, “continua”, “continua no próximo número”, “continuar-se-á” conquistou novos leitores, determinou novas expectativas de leitura, não apenas pela oferta do romance, retirado do volume e reimpresso nos rodapés seriadamente, mas também pelo corte nos capítulos, redundâncias, reiterações, abundância de diálogos, intrigas envolventes, acasos como ponto de convergência entre alguns acontecimentos da narração, herói e heroína com traços exagerados e simplificados, técnicas do teatro, interação com o leitor por meio do tom de conversa informal.¹³ Tanto o romance em folhetim quanto o romance-folhetim modificaram, dessa maneira, as práticas de leitura de seus consumidores, contribuindo para a formação de identidades cada vez mais semelhantes em várias partes do ocidente.¹⁴

A prosperidade do gênero romance-folhetim ficou a cargo, sobremaneira, da publicação de escritores, como: Eugène Sue, Alexandre Dumas, Paul de Kock, Xavier de Montépin, Ponson du Terrail, Paul Féval, Émile Richebourg, Octave Feuillet, George Sand, que tiveram suas produções folhetinescas muito lidas nos rodapés dos jornais, tanto na França quanto no Brasil.¹⁵

Este sistema de publicações seriadas na imprensa tornou o romance em folhetim como um índice à formação do romance moderno brasileiro, destacando-se a presença dos estrangeiros, sobretudo franceses, como um dos “modelos” que estaria na gênese da formação literária dos escritores brasileiros.¹⁶

Outro formato cotidiano, mas não muito discutido, de se publicar romances foi o fascículo – edição popular¹⁷ e também seriada de determinada obra ficcional ou não. Esse modo de publicação em fascículos avulsos foi utilizado como uma estratégia editorial recorrente na Europa, no início do século XIX e, no Brasil, na segunda metade do Oitocentos. Tratava-se da venda seriada, em folhetos de 16,

¹² Segundo Heineberg (2004), somente em 1839 seria publicada a narrativa em parcelas *Edmundo e sua prima*, de Paul de Kock, no rodapé do *Jornal do Commercio*.

¹³ MEYER, 1996, nota 5, passim.

¹⁴ MOLLIER, 2008, p. 84.

¹⁵ Trabalhos importantes sobre a circulação de romances franceses nos rodapés dos jornais brasileiros são: a tese de Ilana Heineberg, *La suite au prochain numéro: formation du roman-feuilleton brésilien a partir des quotidiens Jornal do commercio, Diário do Rio de Janeiro et Correio mercantil (1839-1870)*; o referido livro de Yasmin Jamil Nadaf; as dissertações de: Edimara Ferreira Santos, *Dumas, Montépin e Du Terrail: A circulação dos romances-folhetins franceses no Pará nos anos de 1871 a 1880*; Lady Ândrea Carvalho da Cruz, *Literatura e imprensa em Belém do Grão-Pará: O romance-folhetim no periódico Diário de Notícias, nos anos de 1881 a 1893*; Alessandra Pantoja Paes, *Das imagens de si ao mundo das edições: Paul de Kock, romancista popular*.

¹⁶ Ibid., nota 11, passim.

¹⁷ O sentido de edição popular aludido nesta tese faz referência a narrativas vendidas a preço módico e em papel de menor qualidade.

24 ou 32 páginas, que poderia ou não ser encadernado tão logo se finalizasse a publicação de um texto por vez.

Essa estratégia de impressão e venda obteve êxito, tornando-se popular em quase todas as províncias do Império. Um exemplo da regularidade desse tipo de edição pode ser notado por meio dos anúncios publicados nos periódicos da época, como o seguinte:

Novidade

Grande dicionário de geografia universal por uma sociedade de homens de ciência, composto segundo trabalhos geográficos dos melhores autores portugueses, brasileiros, franceses, ingleses e alemães [...]

O dicionário é distribuído em **fascículos de 16 páginas**, formato in folio com duas colunas, tipo miúdo completamente novo e papel de melhor qualidade.

Cada **fascículo com a competente capa custa 300 rs.**

Assina-se em casa dos agentes Walfredo Souza. Rua do Barão da Vitória, n. 12. Livraria Industrial.¹⁸

M. Marchand principiou a publicar um *Tratado de química fisiológica*, que promete ser de grande interesse, e do qual já saíram à luz **dois fascículos**.¹⁹

Além de títulos relacionados às Ciências, como enciclopédias, tratados, dicionários ou corografias, nota-se uma recorrência de textos em prosa de ficção, como se pode depreender da declaração do redator da *Revista Ilustrada*, em 1883, sobre o fascículo do romance *Casa de Pensão*, de Aluísio Azevedo:

Tenho ainda sobre a mesa o primeiro **fascículo** da *Casa de Pensão*, por Aluísio Azevedo, ilustrações de Aurélio de Figueiredo, – editor Felinto da Silva.

E aguardo, para ler todo o romance, a publicação dos outros **fascículos**.²⁰

¹⁸ JORNAL DO RECIFE. Recife: Tipografia do Jornal do Recife, ed. 205, p. 3, 11 set. 1876. [Grifos meus].

¹⁹ ARCHIVO MÉDICO BRASILEIRO. Rio de Janeiro: Tipografia e Livraria Francesa, tomo I, ed. 02, p. 35, set. 1844. [Grifos meus].

²⁰ REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro: Tipografia Hildebrandt, ed. 349, p. 5, 26 jul. 1883. [Grifos meus].

A novidade de algumas publicações em fascículos, como o anunciado, residia no acréscimo de ilustrações ou simplesmente no fato de se tratar de uma nova obra de algum escritor conhecido, como era o caso do romance de Azevedo. A ansiedade e expectativa provocadas pela interrupção da narrativa, tal qual no romance-folhetim, causava frenesi no público. No caso de redatores, incumbidos de informar sobre as recentes publicações, era necessário aguardar, muitas vezes, o término da narrativa para emitirem algum comentário. Assim, em muitos casos, restringiam-se apenas a informarem, em notas rápidas, sobre as novidades.

Publicados um por vez, não eram apenas produções nacionais que usufruíam desse modo de veiculação, como se pode notar pela edição de *A Douça*, realizada por Magalhães & C. editores, em 1884: "*A Douça*, **grande romance parisiense** por Xavier de Montepin, tradução do sr. Henrique Chaves, Magalhães & C. editores. Estão publicados cinco **fascículos**."²¹

Esses fascículos, nos quais se imprimiam assuntos em gêneros diversos, concorreram com os folhetins, compondo, por vezes, coleções em volumes – conjunto de livros, vendidos um por semana em edições baratas. Depois de encadernados, os fascículos eram anunciados juntamente com as coleções já existentes e que não haviam sido comercializadas em fascículos, mas como volumes únicos a cada semana. Essa estratégia era utilizada por empreendimentos, como a *Bibliotheca Doméstica*, que, motivada pelo excelente negócio do romance, publicava semanalmente narrativas nacionais e estrangeiras a preço módico:

Bibliotheca doméstica, **publicação semanal em fascículos de 32 páginas**, cujo fim é facilitar a todos **a aquisição dos melhores romances** de autores nacionais e estrangeiros de reconhecido mérito, sendo o preço da assinatura ao alcance de todos. [...] ²²

Coleções como a *Bibliotheca Doméstica* alcançaram bastante prestígio na segunda metade do século XIX, tanto que era possível encontrar várias coleções do tipo: *Bibliotheca Romântica*²³, *Bibliotheca Econômica*, *Bibliotheca Útil*, *Bibliotheca*

²¹ REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro: Tipografia Hildebrandt, ed. 393, p. 5, 26 out. 1884. [Grifos meus].

²² O DESPERTADOR. Rio de Janeiro: Tipografia de J. J. Lopes, ed. 02293, p. 3, 22 abr. 1885. [Grifos meus].

²³ Nos casos das expressões "Bibliotheca romântica" e "Bibliotheca econômica" era comum aparecerem com estes mesmos nomes várias coleções de empresas diferentes.

Agradável, Bibliotheca Familiar, Bibliotheca Moderna, Bibliotheca Galante, Bibliotheca Elegante etc. A ideia consistia em compor um acervo de romances populares. Para isso, os títulos que nomeavam as coleções colaboravam para indicar quer o direcionamento econômico, quer o público para o qual estavam destinadas.

Esse modelo editorial obteve ampla aceitação, diversificando ainda mais as formas disponíveis para leitura e contribuindo para a constituição de preferências literárias, desenvolvidas por meio da veiculação de romances, conforme se pode constatar em nota publicada no jornal *Gazeta de Notícias*, edição de 24 de julho de 1878, na qual seu redator, ao anunciar a recente impressão de *O Crime do Padre Amaro*, elenca, entre outras informações, a edição, o sucesso que a publicação de Eça de Queiroz adquiriu junto ao público:

Pegou **a moda da venda de livros por fascículos** a preços reduzidos.

Hoje aparece a primeira folha de um esplendido romance o *Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queiroz, o festejado autor do *Primo Basílio*. Para muitos apreciadores, *O Crime do Padre Amaro* é um trabalho muito superior ao *Primo Basílio*; o melhor meio, porém, de formar opinião é ler ambos.

É inegável que estas publicações a baixo preço prestam importante serviço ao desenvolvimento do gosto literário.²⁴

Como aponta o redator da nota, é inquestionável a aceitação que a forma editorial obteve, tanto devido ao preço quanto à facilidade de sua aquisição, o que demonstra as dimensões recreativa e econômica adquiridas. Nesse sentido, constata-se a constituição de um empreendimento rentável de difusão da leitura de romances, que fez prosperar editores, como David Corazzi, livreiro-editor português, que possuía uma filial de sua livraria no Rio de Janeiro e para onde destinava boa parte de seus projetos editoriais.

Corazzi é um exemplo de editor que iniciou suas atividades imprimindo, em fascículos, romances espanhóis e franceses, de escritores renomados do grande público, como Fernandez y Gonzalez, Ponson du Terrail e Júlio Verne. O empreendimento obteve tamanho êxito que, menos de um mês depois de iniciada

²⁴ GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Tipografia da Gazeta, ed. 202, p. 1, 24 jul. 1878. [Grifos meus].

sua atividade de edição caseira, o editor ganhou vantajosas somas em dinheiro, ampliando seus negócios e imprimindo mais títulos ao gosto do público.²⁵

Mas as novidades no mercado editorial não se restringiram aos folhetins e fascículos. Desde 1830, ocorria uma segmentação editorial no meio jornalístico brasileiro, mas, contrariamente ao que se imaginou, não foi no jornalismo diário que essa divisão se deu.²⁶ Ela se efetivou no campo da imprensa semanal e mensal, que Heloisa de Faria Cruz denominou de "domingueira".²⁷ E, embora tivessem quase sempre curta duração, isso não significou que a necessidade de especialização dos periódicos decaísse, ao contrário, entre 1870 e 1880, um grande número de jornais voltados para as demandas de determinados leitores passaram a ser um importante investimento editorial.²⁸

Nesse contexto de segmentação que jornais de romances foram criados para contemplar o interesse do público pela "literatura amena". Assim, com o objetivo de "fornecer a seus leitores os melhores romances dos principais autores conhecidos"²⁹, oferecendo "entretenimento de espírito nas horas de descanso de cada dia",³⁰ jornais especializados iniciavam a publicação seriada de narrativas.

Diferentemente dos fascículos, nos quais aparecia uma única narrativa parcelada, cada número de um jornal-romance trazia um ou mais capítulos de dois ou três romances; além de não apresentarem divisões gráficas em colunas ou o espaço folhetim. Assim, esses periódicos constituíam uma nova forma de circulação de romances fossem estrangeiros ou nacionais, concorrendo com as outras formas editoriais quais fossem os folhetins, os fascículos e os volumes.

A finalidade do jornal-romance, diferentemente dos jornais cotidianos, era oferecer justamente obras de imaginação, de recreação, de divertimento, de instrução a um público interessado nos romances e no romance-folhetim que conquistavam diariamente mais leitores. Ou seja, o romance, adquiria um status de

²⁵ DOMINGOS, M. *Estudos de sociologia da cultura: livros e leitores do século XIX*. Lisboa: Centro de Estudos de História e Cultura Portuguesa/Instituto Português de Ensino à Distância, 1985, p.13-28, passim.

²⁶ CARDOSO, R. (org.). *Origens do Projeto Gráfico no Brasil*. In: _____. *Impresso no Brasil, 1808-1930: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009. p. 67-68.

²⁷ CRUZ, H. de F. *São Paulo em papel e tinta: Periodismo e vida urbana - 1890/1915*. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013. p. 62.

²⁸ CARDOSO, op.cit. p.67-161, passim.

²⁹ BIBLIOTHECA RECREATIVA: *Colleção dos melhores romances nacionais e estrangeiros*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica de J.G. Azevedo, 1878. p. 1.

³⁰ Ibid.

jornal, deixando de ser somente um chamariz para atrair os leitores, como ocorreu, num primeiro momento, com o folhetim nos jornais diários, para tornar-se seu objeto principal. Seu lugar não era ao pé da página; ao contrário, ocupava todo o espaço gráfico da folha, tal qual ocorria nos fascículos.

Enquanto nos jornais diários o romance era um atrativo dentre os diversos assuntos, nos jornais-romance ele passou a constituir o objeto principal de interesse, justificado pelo “excessivo gosto pela leitura de romances”.³¹

Esse outro formato editorial, embora compartilhasse de algumas características do folhetim e do fascículo, como a seriação e o baixo custo de cada exemplar, oferecia maior quantidade de narrativas simultâneas, acrescido da possibilidade de se tornarem volumes ao final da publicação e comporem uma provável coleção de romances:

Arquivo Romântico Brasileiro

Tendo-se desenvolvido, há não pouco tempo, em nossos leitores um **excessivo gosto pela leitura de romances**, ou novelas, o que vale o mesmo; e dando os nossos jornais, em seus **folhetins**, quase diariamente romances franceses, notamos que não poucos leitores, depois de terminado o Romance dos Folhetins, os vão comprar em **folhetos**, pagando assim duas vezes, uma na assinatura do jornal, outra comprando os folhetos, **o que não acontecerá com uma publicação regular que publique romances**; pois que uma vez comprados os números em que se publique o romance, ou assinando-se, nada mais é que encaderna-los, e tem se assim um belo e nítido volume de romances.[...]

À vista destas vantagens, esperamos que todas as pessoas amantes dos romances mandem subscrever para esta publicação, que é 500 rs. por mês, dando-se folha e meia, em bom papel boa letra, formando uma nítida edição. [...]³²

Esses benefícios de um empreendimento editorial que contemplava as preferências do público e que integrava uma tendência internacional de edição de romances atraíram editores como, Paula Brito, que, ao enumerar as vantagens advindas do formato, identificava e destacava o filão explicitado pelas conveniências econômicas, tanto para o editor quanto para o público, que gastaria menos se adquirisse somente o jornal-romance no lugar das outras formas editoriais. Além

³¹ DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Rio do Janeiro: Tipografia do Diário, ed. 07434, p. 3, 20 fev.1847. [Grifos meus].

³² DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Op. Cit.

dele, outros editores, como os irmãos Laemmert, já vinham seguindo um percurso de especialização de suas atividades devido à predileção do público.

A necessidade de difusão desse formato, mais perene que o jornal e menos que o livro, obrigou editores e redatores a criarem estratégias para melhorar seus empreendimentos, como a modernização de técnicas gráficas e da qualidade das traduções. Esse último argumento seria, posteriormente, reforçado pelo oferecimento de traduções inéditas, mas que não se sustentou por muito tempo devido à própria concorrência do mercado.

Nos próprios títulos, por sinal, percebe-se uma tentativa de aproximação com os formatos já existentes nos quais o romance circulava, como se nota em *Echo dos folhetins d'Europa*; *O Folhetinista ou leitura dos domingos*; *Biblioteca Recreativa: Coleção dos melhores romances nacionais e estrangeiros*; *O folhetim: publicação diária de romances*; *O Romanceiro: publicação em fascículos de romances*; *Jornal-Folhetim*. Aproximação que parece ter sido utilizada como estratégia para a fidelização dos leitores já familiarizados com os outros formatos.

A classificação de alguns periódicos quase sempre estava relacionada à coexistência com suportes que apresentassem características físicas semelhantes, como o caso do jornal-romance, *O Romancista*, cuja nota publicada na revista *A Semana*, em 1885, o compara a outro jornal-romance, *O Folhetim*, mas pontuando se tratar da publicação do quarto fascículo daquele:

[...] **jornal exclusivo para a publicação de romances**. – 4º fascículo, em que se enceta a publicação d'*O manuscrito Materno*, de Perez Escrich, e *Dama das pérolas*, por Alexandre Dumas Filho. **Este jornal, no gênero do falecido Folhetim**, merece o favor público, o qual certamente não lhe há de faltar.³³

A convicção da existência de um “jornal exclusivo de romances”, ultrapassa o fato de, no mesmo reclame, serem utilizados os termos fascículo – substituído, sem danos à compreensão, pela palavra número – e folhetim – que no anúncio é o nome de um jornal publicado em 1883.

³³ A SEMANA. Rio de Janeiro: Tipografia da *Gazeta de Notícias*, ed. 3, p. 11, 17 jan. 1885. [Grifos meus]. O falecido *Folhetim* a que se refere o anúncio não se trata do gênero folhetim, mas de um periódico chamado *Folhetim*, publicado em 1883.

A publicidade demonstra que, em seu tempo de produção e circulação, não havia confusão, pelo menos entre os editores, quanto à composição e características de um jornal voltado exclusivamente para a publicação seriada de textos em prosa de ficção; muito menos uma sobreposição do termo – jornal-romance – em relação aos outros modos editoriais, uma vez que não se confundiam romances em folhetim com o jornal de romances, mesmo que esses pudessem publicar no mesmo período a mesma narrativa. Os avisos de recebimento de publicações, igualmente, informam da circulação desses jornais-romance no conjunto dos periódicos, além de evidenciar a coexistência entre os vários formatos gráficos de edição.

1.2 Um formato internacional

Ao investigar as conexões de determinados editores e a circulação de impressos no mundo ocidental, logo se destaca o jornal-romance como um fenômeno editorial a baixo custo que dissolveu fronteiras nacionais, propagando-se entre os países. Essa caracterização transatlântica torna-se ainda mais consistente quando se verificam publicações semelhantes em países distintos, como Alemanha, Brasil, Espanha, França, Inglaterra, Itália, México, Portugal e Estados Unidos, servindo como difusor de romance não apenas francês pelo mundo, mas como um *porteur* entre países, e continentes diferentes, conforme se pode notar nos exemplos a seguir:

Figura 1: Páginas iniciais de jornais-romance estrangeiros



Fonte: Hemerotecas da México, França, Brasil, Alemanha, Espanha e Itália, respectivamente.

Não obstante a notória concorrência entre os suportes, as motivações e apropriações realizadas pelos países foram diferentes: no Brasil, por exemplo, o início das publicações estava relacionado, principalmente, ao baixo preço e à conquista do público por meio da oferta de romances estrangeiros, atribuindo um forte caráter mercadológico ao empreendimento. No México, na Espanha, na Alemanha, na Inglaterra, na França e em Portugal, outros elementos do contexto político e social contribuíram para seu surgimento e fixação.

No México, a aparição de jornais-romance, denominados de *periódicos-novelas* é anterior à publicação do romance na coluna Folhetim e não pode ser confundido com as *novelas por entrega* (pequenos cadernos/volumes com romances, semelhantes aos fascículos brasileiros). Seu surgimento ocorreu por volta da década de 1830, logo após a Independência do país (1821), num momento em que a liberdade de imprensa era cerceada na colônia, sendo, por isso, utilizado

como instrumento moralizador e instrutivo. Logo, os romances impressos nesses periódicos eram usados como objeto pedagógico.³⁴

De acordo com Alberto Villegas Cadillo, tanto as *novelas por entrega* quanto os *periódicos-novelas* contribuíram para o desenvolvimento da literatura nacional, pois "o que mais interessava eram os enredos" utilizados para esclarecer situações do contexto social e político.

Na Espanha, as *novelas por entrega* surgiram como alternativa mais barata à circulação de romances, embora, cronologicamente, o folhetim como lugar de publicação de narrativas, precedesse as demais formas, isso não impediu, entretanto, que as outras se fixassem como um lugar de disseminação de narrativas em prosa de ficção. Nesse contexto, os *periódicos-novelas* – com a finalidade de unificar o romance e o periódico, publicando, sem restrições, viagens, histórias e anedotas – tornaram-se um formato mais barato que as *novelas por entrega*, e uma maneira de especialização dos periódicos de entretenimento.³⁵

Para fazer concorrência aos livros esses *periódicos-novelas* se propuseram a popularizar a leitura dos melhores escritores por meio de folhetos semanais ou quinzenais a um preço que coubesse no bolso dos assinantes. Paralelamente aos folhetins, tornaram-se verdadeiros *best-sellers*, vulgarizando romances nacionais e estrangeiros.

Segundo Jesús A. Martínez Martín, os romances impressos nos rodapés dos jornais tiveram tanto êxito que logo surgiram *novelas por entrega* como uma estratégia comercial de distribuição. Os editores e impressores, por vezes a mesma pessoa, perceberam a grande procura pelo gênero e passaram a imprimir folhas destinadas à distribuição de romances.³⁶ Assim, periódicos, como *El periódico para todos* e *La Novela Ilustrada*, ambos impressos em Madri, tornaram-se alternativas de acesso e aquisição à leitura aos apreciadores do romance.

Os avanços técnicos de impressão, o uso de ilustrações e a elevação na quantidade de leitores e assinantes, contribuíram para que os periódicos se convertessem no principal meio de difusão da escrita e da leitura, em muitas

³⁴ CADILLO, A. V. *La novela popular mexicana en el siglo XIX*. León: Universidad Autónoma de Nuevo León, [s.l.]: [s.d.].

³⁵ BOTREL, Jean-François. La Novela: género literário y género editorial. In: AUBERT, P. *La novela en España (siglos XIX-XX)*: colóquio internacional celebrado em la Casa de Velázquez. Madrid: Casa de Velázquez, 2001. p. 35-52.

³⁶ MARTÍN, J. A. M. *Lectura y lectores en el Madrid del siglo XIX*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1991. p. 22-25.

ocasiões, substituindo o próprio livro, convergiram para a remodelação do público leitor, entusiasmado com as leituras que podia ter acesso a preço mais cômodo.

O caso da impressão desses jornais-romance, na Alemanha, relaciona-se, pelo menos de acordo com seus prospectos, ao fato de almejarem disponibilizar o que entendiam como ser “o melhor” da literatura mundial, por isso, publicavam tanto narrativas nacionais quanto internacionais. Exemplo desse direcionamento é o periódico *Roman-Magazin Des Auslandes: Enthaltend Die Besten Romane Des Auslandes in Guten Bersetzen*, impresso na década de 1870, que selecionou para publicação escritores que já vinham adquirindo certa visibilidade internacional, como Émil Gaboriau e José de Alencar, além dos autores alemães.³⁷

Na Inglaterra, grande parte dos romances publicados durante a Era Vitoriana (1837-1901) surgiu de forma seriada, em parcelas semanais ou mensais, em jornais especializados, como o *All the Year Round*, dirigido e editado por Charles Dickens, e o *The London Journal*. Devido ao aumento da alfabetização e dos avanços técnicos no processo de impressão, a narrativa de ficção seriada cresceu em popularidade.³⁸

No caso norte-americano, os dados estatísticos sobre a imprensa jornalística na década de 1870, publicados no jornal *O Novo Mundo*, e replicado em periódicos brasileiros, demonstram que um público numeroso parecia estar muito mais interessado na “literatura ligeira” do que nos “artigos políticos”. É caso do *Saturday Night*, de Boston, semanário de novelas e contos, com 220.000 exemplares, que tinha uma circulação bem maior do que os jornais políticos, religiosos, de música, infantis, femininos, de modas ou de variedades, ou do *Ledger* e *Weekly*, ambos publicados em Nova Iorque, com mais 300.000 exemplares de circulação cada um.

Pelo recenseamento sobre a imprensa americana, realizado em decorrência da Exposição Universal da Filadélfia, de 1873, é possível notar a enorme diferença entre as tiragens diárias, semanais, quinzenais e mensais existentes nos Estados Unidos. Se comparado ao jornal diário mais distribuído, que

³⁷ Der Guarany. Brasilianischer Roman (*O Guarani*). Frei aus dem Portugiesischen übertragen von E. G. L. In Roman-Magazin des Auslandes. Enthaltend die besten Romane des Auslandes in guten Übersetzungen. Hrsg. (Herausgeber (-in)/herausgegeben) von Otto Janke in Berlin. Jahrgang, 1872. Bd. 2. Ver mais obras brasileiras publicadas na Alemanha em KÜPPER, K. *Bibliographie der brasilianischen Literatur: Prosa, Lyrik, Essay und Drama in deutscher Übersetzung*. Frankfurt: TFM – Verlag Teo Ferrer de Mesquita, 1994.

³⁸ KING, A. *The London journal 1845-83: periodicals, production, and gender*. London: Aldershot; Burlington; Ashgate, 2004.

tirava cerca de 150.000 exemplares por semana, em Nova York, os únicos dois jornais de “romance e literatura ligeira” tiravam cada um deles o dobro:

Dos periódicos semanais da cidade New-York, o que tem maior circulação é o ilustrado *Harper's Weekly*, que está agora tirando cerca de 150.000 exemplares, graças às caricaturas de Mr. THIST, NAST, e aos seus artigos políticos, que são dos melhores na America. O *Illustrated Newspaper* de FRANK LESLIE extrai semanalmente 77.000 exemplares, e da edição alemã, 49.000. O jornal de modas *Harpe's Bazar* tem 90.000. **Dois semanários de romances e literatura ligeira**, o *Ledger* e *Veekly*, têm, cada um delles, mais de 300.000 exemplares de circulação. Dos periódicos simi-religiosos, a *Christian Union* tira 105.000 e o *Independent*, 65.000.³⁹

Finalmente, na França - país que mais teve seus romances divulgados em outros lugares do mundo por meio dos jornais-romance, a criação desse formato popular foi um meio de burlar a fiscalização exercida pela Comissão da Assembleia Nacional Francesa sobre os jornais políticos, o sistema de *colportage*, e, ao mesmo tempo, evitar a penalização pela divulgação e publicação de romances tidos como perigosos ao regime político de Napoleão III.⁴⁰ Essas publicações especializadas foram comercializadas “aos milhões” durante o Segundo Império, adiando o final das narrativas com a finalidade de segurar a clientela. O que injetou novo ânimo no mercado livreiro, engessado pelas leis que restringiam e regulavam a impressão de jornais políticos e de variedades.⁴¹

Para Jean-Yves Mollier, os periódicos compostos unicamente por romances, ao mesmo tempo que foram uma inovação no sistema de edição na França, configuram-se como uma segunda etapa do processo evolutivo da edição popular de romances, ocasionada primeiramente pela ampliação da imprensa e da aparição do romance-folhetim, uma vez que “percebe-se nessa mudança que se trata de uma espécie de substituto engenhoso – por ter melhor preço – à subscrição preparatória para a edição de um volume que conhecera o Antigo Regime”.⁴² O modelo vulgarizou-se primeiramente em Paris, expandindo-se, em seguida, para as

³⁹ O PELICANO. Belém: Tipografia do Futuro, ed. 3624, p. 4, 24 out. 1872.

⁴⁰ GILLET, M. Dans Le maquis des journaux-romans: la lecture des romans illustrés. *Romantisme*, n. 53, p. 59-70, 1986. (Col. Littérature populaire).

⁴¹ MOLLIER, 2008, p. 26.

⁴² Ibid., p. 28.

províncias, ao ponto de se tornarem um negócio vantajoso para qualquer editor ou tipógrafo. Para exemplificar essa oferta e procura, a seguir, tem-se uma lista com jornais-romance franceses difundidos no Brasil:⁴³

⁴³ Listagem elaborada a partir de pesquisa realizada em jornais do século XIX na Hemeroteca, online, da França.

Figura 2: Jornais-romance franceses publicados entre 1850 e 1890.

	Título	Editor/Tipografia	Cidade/País	Período
1	Bibliothèque du dimanche	Cosson	Paris/ França	1860
2	Germinal: Journal du matin	Imp A. Bellier.	Paris/ França	18--
3	Gil Blas	Imp. Chaix (At. Chéret)	Paris/ França	1891
4	Gil blas illustré	Imp des Arts et des Manufactures	Paris/ França	18--
5	Gil Blas	Imp. Lévy fr	Paris/ França	1878
6	Journal de la semaine. Littérature, romans..	Sceaux, imprimerie charaire et fils	Paris/ França	1859-18--
7	Journal du dimanche	Imp Cheret r Brunel-	Paris/ França	18--
8	Journal du Dimanche:littérature, histoire, voyages, musique	Calmann-Lévy	Paris/França	1855-1901
9	Journal littéraire. Histoire, romans, voyages, modes	??	Paris/ França	1852
10	Journal pour tous: magasin hebdomadaire illustré	Charles Lahure	Paris/França	07/04/1855-1878
11	La féerie illustrée: : nouveau Cabinet des fées : journal fantastique... : romans et contes fantastiques inédits,	Dutertre	Paris/ França	1858-1873
12	La Femme. Journal de romans, contes... ["puis" Femme (La) libre]	??	Paris/ França	1879
13	Le Cri du Peuple	Imp. Lévy fr	Paris/ França	18--
14	Le Feuilleton : journal de romans	Imprimerie et stéréotypie de la	Montpellier/ França	1882-1884
15	Le Feuilleton illustré: journal de baux romans	Imp. E. Charaire	Paris/França	1897-1898
16	Le Monte-Cristo : journal hebdomadaire de romans, d'histoire, de voyages et de poésie / publié et rédigé par Alexandre	Devalier	Paris/França	1857-1862
17	Le Petit roman-feuilleton	Assoc. Typ. C. Rioter/ Proprietário Victor	Lyon/ França	1874-1883
18	Le Petit Savoyard.	F.Appel	Paris/ França	18--
19	Le Petit sou. Journal de romans inédits & de nouvelles	??	Paris/ França	1890
20	Le quotidien illustré	Aff Camis quai de Jemmapes-	Paris/ França	18--
21	Le Roman : journal des feuilletons marseillais	Imp. Et Stereotypie du Petit Marseillais	Marseille/França	1873-1884
22	Le Roman gaulois. Journal-feuilleton illustré	Saint-Etienne	Lyon/ Paris	1883
23	Le Roman populaire. Journal hebdomadaire illustré. Romans, nouvelles	Cinqualbre, A. Éditeur scientifique	Paris/ França	1876
24	Le Roman pour tous : journal littéraire hebdomadaire	Imp. E. Charaire et fils	Paris; Bruxelas/ França	1889-1893
25	Les Bons romans : journal illustré	Calmann Lévy	Paris/ França	1860-1890
26	Les Feuilleton du dimanche: Publication hebdomadaire de bons romans.	Imp. Blot et fills	Paris; Bordeaux/França	1875-1880
27	Les feuilletons populaire du dimanche	???	Montpellier	13/10/1878
28	Les Romans du jeudi	Ballay	Bordeaux/ Paris	1875
29	Les Romans illustrés	Libraire Centrale	Toulouse/França	1875
30	Les Veillées provençales. Journal littéraire et des romans paraissant tous les dimanches	??	Cavaillon/ França	1875
31	Les Romans célèbres : paraissant deux fois par semaine	??	Paris/ França	1893-1896
32	Les Romans d'amour. Journal littéraire bi-mensuel	??	Troyes/ Paris/ França	1897
33	Les Romans pour rire. Paraissant tous les samedis ["puis" Paraissant une fois par semaine]	??	Paris/ França	1897-1898
34	L'Omnibus	Imp Charaire et fils	Paris/ França	1880
35	L'Omnibus. Journal illustré	Fayard éditeur	Paris/França	2/04/1883 a 1889
36	L'Universel. Nouvelles et romans illustrés	Bertout, imprimeur-libraire	Toulouse/França	1877
38	Magasin illustré: lecture pour tous	F.Polo	Paris/França	não informado (18--)
39	Revue des feuilletons : journal littéraire composé de romans, nouvelles, anecdotes historiques, etc., extraits de la presse contemporaine	par une société de gens de lettres	Paris/ França	1841-184-

Fonte: A autora, 2016.

O fato é que esse fenômeno editorial, jornal-romance, propiciou ao romance um novo sistema de difusão, por meio do qual em cada número havia a impressão de um ou mais capítulos de duas ou três narrativas simultâneas, sem a presença de qualquer outro tipo de texto ou propaganda, que fosse utilizado como estratégia comercial. Seu tamanho – em geral, 4, 8, 12, 16 páginas, em formato in-4 –, e sua diagramação – normalmente duas colunas por página – permitiam publicar, a cada número, uma quantidade maior de textos em comparação com o folhetim. Com periodicidade diária, semanal, bissetimaneal ou quinzenalmente, algumas vezes, contavam com ilustrações, no início de cada capítulo impresso, tornando-o um objeto atraente para o público e mais acessível do que os livros, tendo em vista seu preço relativamente baixo.⁴⁴

No Brasil, as ocorrências do formato foram difíceis de rastrear, uma vez que havia uma coincidência desse jornal com outro modo de difusão do romance, o já referido fascículo, por isso, houve a necessidade de diferenciá-lo adequadamente, ainda que não fossem o objeto de estudo. Ademais, ainda existia o espaço folhetim dos jornais diários. Mas qual o lugar ocupado no processo de produção e circulação de textos em prosa de ficção no Brasil?

Um exame geral das publicações periódicas do século XIX sugere uma história da imprensa diferenciada daquela que comumente costumam definir os estudos do século XX e XXI, compreendida como um movimento regido, em sua maior parte, por folhas políticas, noticiosas, comerciais e de variedades. Uma retificação dessa afirmação pode ser lida no artigo intitulado *O Jornalismo*, publicado em 1846 no *Jornal de Instrução e Recreio*, veiculado pela Associação Literária Maranhense, no qual o autor, identificado apenas como L.A.V.S, aponta a importância dos jornais literários para o país, já que ocupariam o tempo ocioso com a disponibilização de textos para recreio:

A publicação de jornais literários é de muita importância; com ela vai-se introduzindo o gosto da leitura e o amor da instrução. A fé que foi brilhante a invenção de jornais que se ocupem com a instrução e recreio, porque não só aparecem artigos instrutivos como também outros destinados a preencher as horas vagas, de aborrecimento.⁴⁵

⁴⁴ Conferir mais informações sobre a edição dos jornais-romance franceses em: WITKOWSKI, Claude. *Les éditions populaires (1848-1870)*. Paris: G.I.P.P.E, 1997.

⁴⁵ JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO. Maranhão: Tipografia maranhense, ed. 1, p. 125, 1846. [Grifos meus].

Essa ideia de que os jornais literários constituíam importante instrumento para a composição de um “gosto” pela leitura é corroborada pelos estudos de Ubiratan Machado, ao afirmar que os jornais e revistas eram “indispensáveis na vida cotidiana das pessoas letradas”.⁴⁶

Devido às raras menções sobre a existência de um jornal de narrativas, foi preciso considerar alguns aspectos para a definição do que seria esse jornal no Brasil - assunto do qual me ocupo no segundo capítulo, em busca narrar sua história e o mercado editorial no qual estava inscrito.

⁴⁶ MACHADO, U. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2001, p. 41.

2 OS JORNAIS-ROMANCE NO BRASIL

Apresentada a especificidade do suporte, faz-se necessário, por não se ter ainda no Brasil uma narrativa sobre a fonte, escrever sua história, já que, ao publicar sobremaneira textos em prosa de ficção, traduzida ou nacional, o jornal-romance interferia na recepção a tal ponto que, se não determinou sua produção, pelo menos, proporcionou novos usos ao romance.

2.1 Uma cronologia dos jornais-romance no Brasil

A falta de clareza, no século XX, sobre a definição do jornal-romance no Brasil parece residir no fato de que os historiadores acreditaram existir uma identidade rígida entre os termos folhetim e fascículo. Por esse motivo, além da distinção do jornal-romance realizada no item 1.1, a exposição cronológica de sua existência e atuação ratifica sua presença como mais um modo de divulgação de narrativas.

Para resgatar essa história no Brasil foram consultados os números do *Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro* até 1914, os *Anais da Biblioteca Nacional*, de 1876 a 1914, o *Almanach da Província de São Paulo*, de 1883, anúncios e notas sobre impressos recebidos nos jornais diários, histórias da imprensa pernambucana, paulista, carioca, maranhense, paraense, paraibana e outros estudos memorialísticos do século XIX.⁴⁷ A partir dessas fontes, construiu-se

⁴⁷ Foram consultados os jornais: *Diário de Pernambuco*, de 1836-1867; *Diário do Rio de Janeiro*, de 1835-1868; *Correio Paulistano*[...]; *Pelicano*, de 1872-1873; *A Grinalda*: Jornal dos domingos, 1848; *A Nação* (RJ), 1873; *O Album Litterario*: periódico instructivo e recreativo (RJ), 1860-61; *L'Alcyon*: Litterature, sciences, arts, theatres (RJ), 1841; *O Alfinete* (RJ), 1883; *O Alfinete*: Folha Litteraria, Humoristica e Noticiosa (SP), 1897; *O Amador* (RJ), 1888; *America Ilustrada* [antiga *Tarde Ilustrada*] (SP), 1898; *Amigo das letras* (SP), 1830; *O Amor*: Orgão Litterario (SP), 1898; *O Amor-Perfeito* (RJ), 1849; *Bibliotheca das senhoras* (RJ), 1874; *Diário de notícias* (RJ), 1872; *Espelho Fluminense ou Novo Gabinete de Leitura* (RJ), 1843; *Gazeta de notícias* (RJ), 1878; *Jornal da Tarde* (RJ), 1872; *Jornal para Todos*: Jornal ilustrado (RJ), 1869-1870; *O Regenerador* (RJ), 1848; *O Recreador Mineiro* (MG); *O Folhetim*: publicação diária de romance (RJ), 1883; *Diário do Commercio* (RJ), 1889; *Diário do Maranhão* (MA), 1876-1880; *A vida fluminense* (RJ), 1874; *A Regeneração* (RJ), 1874; *O Cearense* (CE), 1883; *O Santo Officio* (PA), 1874; *O Apostolo* (RJ), 1866; *O Mercantil* (RJ), 1844-1868; *Jornal do Pará* (PA), 1869-1878; *O Polichinello* (SP), 1876; e outros mais. Foram também consultados os estudos de: FLEIUSS, M. *Páginas de História*. 2 ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1930; FONSECA, G. da. *Biografia do jornalismo carioca (1808-1908)*. Rio de Janeiro, RJ: Liv. Quaresma, 1941; FREITAS, A. de. *A imprensa Periódica de São Paulo desde os seus primórdios em 1823 até 1914*. São Paulo: Tipografia do Diário Oficial, 1915; SERRA, J. *Sessenta anos de jornalismo: A imprensa do Maranhão (1820-1880)*. Rio de Janeiro: Editores Faro & Lino, 1883;

a tabela 01 a seguir, na qual constam o título, o editor, o ano, a periodicidade e o preço dos jornais-romance identificados durante a pesquisa:⁴⁸

Tabela 1: Jornais-romance publicados entre 1837 e 1896

N.	Título	Ilustr./ Est.	Editora/ Tip.	Província de edição	Dim.	Ano	Periodicidade de	Preço em réis
1	<i>O Ladrão</i>	não	Tip. de J. B. Olive & M. A. G. Mello	RJ	In-8º	1837-1838	Mensal	320
2	<i>O Relator de Novelas</i>	não	Tip. Fidedigna de J.N. de Melo	PE	s/i	1837	Bissemnal	400 mensais
3	<i>O Passatempo, ou miscelânea proveitosa</i>	não	Tip. da Rua dos Latoeiros	RJ	s/i	1839	Semanal	160
4	<i>Narrador Brasileiro</i>	não	Luís Félix Gariot	RJ	s/i	1839	Quinzenal	240
5	<i>Espelho Fluminense ou Gabinete de Leitura: modas, poesias, charadas etc.</i>	sim	E. e H. Laemmert	RJ	s/i	1843	Bissemnal	320
6	<i>Compilador Romântico</i>	sim	Sem indicação	RJ	s/i	1845	Semanal	s/i
7	<i>Jardim romântico</i>	sim	Tip. Brasiliense, de Francisco Manoel Ferreira	RJ	in 8º	1845-1847	Semanal	250
8	<i>Echo dos Folhetins d'Europa</i>	sim	Livraria Belga-Francesa	RJ	25x17, in 4º	1846-1847	Semanal	320
9	<i>O Romancista</i>	não	Mariano de Santa Rosa de Lima	BA	s/i	1846-1847	Quinzenal	s/i
10	<i>Arquivo Romântico</i>	não	Teixeira & Cia.	RJ	s/i	1846-1848	Semanal	160

BELLO, O. *Imprensa Nacional (1808-1908): Apontamentos históricos*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908; CARVALHO, A. de. *Annaes da imprensa periódica pernambucana de 1821-1908 – Dados históricos e bibliographicos*. Recife: typographia do Jornal do Recife, 1908; NASCIMENTO, L. *História da imprensa de Pernambuco (1821-1954)*. Vol IV. Recife: Imprensa Universitária/ Universidade Federal de Pernambuco, 1969; _____. *História da imprensa de Pernambuco (1821-1954)*. Vol V. Recife: Imprensa Universitária/ Universidade Federal de Pernambuco, 1970; _____. *História da imprensa de Pernambuco (1821-1954)*. Vol VI. Recife: Imprensa Universitária/ Universidade Federal de Pernambuco, 1972; NOBRE, F. *História da imprensa de São Paulo*. São Paulo: Edições Leia, 1950; PILAGALLO, O. *História da imprensa paulista: jornalismo e poder de D. Pedro I a Dilma*. São Paulo: Três Estrelas, 2012; MARTINS, A. L.; DE LUCA, T. R. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008; MARTINS, A. L. *Revistas em revista: Imprensa e prática culturais em tempos de república, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Edusp/ Imprensa Oficial do Estado, 2001.

⁴⁸ Deve-se ressaltar que a lista apresentada não pretende contemplar todos os títulos editados no Brasil, mas somente aqueles que foram possíveis de identificar nessa pesquisa. O que implica afirmar que, provavelmente, outros jornais-romance, aos quais não tive acesso ou notícia, tenham sido publicados.

11	<i>O Folhetinista ou leitura dos domingos</i>	<i>sim</i>	Livraria Belga-Francesa	RJ	in 8 ^o	1847-1848	Semanal	250
12	<i>Archivo Romântico Brasileiro</i>	<i>não</i>	Teixeira e Sousa & Paula Brito	RJ	s/i	1847-1848	Semanal	500 mensais
13	<i>A Grinalda: jornal dos domingos</i>	<i>não</i>	Cardoso & Cia.	RJ	in 4 ^o	1848	Semanal	s/i
14	<i>Bibliotheca Recreativa de romances</i>	<i>não</i>	Tip. da Deutsche Zeitung	RS	s/i	1853-1854	Diária	s/i
15	<i>Archivo Romântico</i>	<i>sim</i>	Justiniano José da Rocha/ Tip. Do Regenerador	RJ	s/i	1860	Semanal	1500 mensais
16	<i>Semanário Romântico</i>	<i>sim</i>	Domingos Manoel de Oliveira Quintana	RJ	in 8 ^o	1862-1870	Semanal	5000 semestrais
17	<i>Echo dos romances</i>	<i>não</i>	Tip. de Thevenet & Cia.	RJ	in 8 ^o	1867-1868	Semanal	s/i
18	<i>Jornal para todos: literário/ ilustrado</i>	<i>sim</i>	Tipografia Americana (rua dos Ourives, 19)	RJ	33x24 cm	1869-1870/1875	Semanal	200
19	<i>Echo Romântico</i>	<i>sim</i>	José Antonio Ribeiro Junior	RJ	s/i	1870	Semanal	s/i
20	<i>Bibliotheca das Senhoras</i>	<i>não</i>	Escritório da Bibliotheca/ Tip. Santos & Correa	RJ	28x19 cm	1874	Semanal	300
21	<i>Bibliotheca das famílias</i>	<i>não</i>	F. Ferreira & Comp/ Tip. Franco-Americana	RJ	28x19 cm. in 4 ^o	1874-1876	Semanal	1000 mensais
22	<i>O Recreio</i>	<i>não</i>	Sem indicação	RJ	in 8 ^o	1875	Semanal	160
23	<i>Passatempo</i>	<i>não</i>	Émile Dupont	RJ	s/i	1875	Semanal	200
24	<i>Horas Vagas</i>	<i>sim</i>	Tip. de Pedro Mueller	RJ	26x18 cm	1875-1876	Semanal	s/i
25	<i>Recreio popular</i>	<i>sim</i>	Tip. Universal	PE	22x16 cm	1876	Semanal	100
26	<i>Bibliotheca Recreativa: coleção dos melhores romances nacionais e estrangeiros</i>	<i>não</i>	J.G. Azevedo - livraria Acadêmica	RJ	s/i	1876-1878	Diária	40
27	<i>Leitura do Domingo</i>	<i>sim</i>	Tipografia de H. Lombaerts	RJ	32x23 cm	1876-1880	Semanal	200
28	<i>Jornal do Domingo: gazeta literária</i>	<i>sim</i>	F. Prazeres	PE	33x24 cm	1877	Semanal	3000 trimestrais
29	<i>O Romanceiro</i>	<i>não</i>	Sem indicação	RJ	s/i	1877	Semanal	s/i
30	<i>O Romanceiro</i>	<i>não</i>	Imprensa Industrial, de João Paulo Ferreira Dias	RJ	in 4 ^o	1878	Semanal	1000 mensais

31	<i>Bibliotheca econômica</i>	não	Empreza editora Instrução e recreio Bibliotheca econômica	RJ	s/i	1878	Diária	600
32	<i>Museu Literário: literatura, história, viagens</i>	sim	J.C. Pereira de Azevedo/ Tipografia de P.P. Correa	RJ	32x23 cm	1878	Quinzenal	s/i
33	<i>O Romanceiro</i>	não	Tip. do Diário do Maranhão	MA	in 4 francês	1878	Semanal	2000 trimestrais
34	<i>O Romanceiro. Jardim romântico. Coleção de escolhidos romances modernos</i>	não	Dias da Silva Junior/ Tip. Carioca	RJ	s/i	1879	s/i	s/i
35	<i>Bibliotheca popular</i>	não	Sem indicação	RJ	s/i	1880	s/i	s/i
36	<i>O folhetim: publicação diária de romances</i>	não	Tip. Hamburguesa de Lobão/ Tip. Do Folhetim	RJ	33x24 cm	1883	Diária	40
37	<i>O Romanceiro: publicação em fascículos, de romances</i>	sim	Tipografia da Gazeta do Povo	SP	s/i	1883-1885	Semanal	s/i
38	<i>Jornal do Domingo: Revista Literária Semanal</i>	não	G. Laport & Cia.	PE	35x27,5 cm	1885	Semanal	2000 anuais
39	<i>O Romancista</i>	não	Pinheiro & Caldas	RJ	s/i	1885	Semanal	s/i
40	<i>Jornal-Folhetim</i>	não	Propriedade de uma Empresa Literária	SP	s/i	1886	Semanal	s/i
41	<i>O Romanceiro</i>	sim	Associação Literária Americana	RJ	Formato da Revista Ilustrada	1889	Bissemanal	60
42	<i>O Narrador: jornal literário</i>	não	Gonçalves de Truqui/ Litografia-tipografia Tourinho	BA	33x24 cm	1891	Semanal	200
43	<i>A Peregrina</i>	não	Tipografia Apolo	PE	32x23 cm	1891	Bissemanal	s/i
44	<i>A Leitura: Magazine Literário</i>	não	Empresa Internacional de Chardron/ H. Lombaerts & Cia.	RJ/ Lisboa-PT	19x13 cm	1894-1896	Mensal	s/i

Fonte: A autora, 2016.

A listagem apresentada, longe de possuir um caráter de completude, mostra a diversidade de títulos que foram editados e impressos, tanto por editores brasileiros quanto estrangeiros no Brasil. Com efeito, esses dados demonstram uma dinamicidade do mercado editorial e livreiro ao sinalizar para a conexão do Brasil com o que se fazia do outro lado do atlântico. Isto é, compartilhava-se da mesma

necessidade de renovação do mercado.

Nesse sentido, início a narração da história das folhas elencadas na tabela 01, com a finalidade de explicitar a importância da criação de cada uma, tendo em vista que compuseram, juntamente com outras formas editoriais, a história da leitura de romances no Brasil.

Considerando que o leitor brasileiro encontrava textos em prosa de ficção na imprensa, pelo menos, desde 1830, não seria estranho aos assinantes do *Diário de Pernambuco*, em 1837, o anúncio de um novo periódico, chamado *O Relator de novelas*, destinado a oferecer ao “belo sexo” a leitura de “novelas e contos”, almejando disponibilizar narrativas ficcionais às “pessoas apaixonadas por ler”. Naquele momento, com o anúncio da Tipografia Fidedigna sobre o recebimento de subscrição para esse novo empreendimento, surgia um dos primeiros jornais-romance de que se encontrou notícia no Brasil:

Subscreve-se para uma folha intitulada – *O Relator de Novelas*, para entretenimento de todas aquelas pessoas apaixonadas por as ler, com especialidade o belo sexo de quem se espera toda proteção, prometendo-se a escolha, não só das que estiverem no idioma português, como no francês, e inglês a que nos daremos ao trabalho de as traduzir, quando elas mereçam nossa atenção; sairão dois números em cada semana em formato de uma folha de papel almaço, em as segundas, e quintas feiras, aceitando-se as assinaturas em a Tipografia do Sr. Mello, rua das Flores, pela diminuta mensalidade de 400 rs., sendo anunciada por este *Diário* o primeiro número que houver de sair a luz.⁴⁹

Esse jornal destinado ao belo sexo, já que a ele se creditava o gosto pela leitura de romances, é mencionado por José Ramos Tinhorão em uma nota de rodapé no seu prestigiado trabalho sobre os romances em folhetins, como um dos periódicos que primeiro divulgou textos em prosa ficcional no Brasil, apresentando a novidade antes mesmo do *Jornal do Commercio*, que o fazia somente em 1838.⁵⁰ Se foi o primeiro ou não, não se sabe com certeza, uma vez que foram encontradas tão somente as notícias de sua publicação, presentes no jornal *Diário de Pernambuco* e em alguns esparsos estudos e levantamentos sobre a imprensa brasileira,

⁴⁹ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife: Tipografia de M. F. Faria, ed. 96, p. 3, 02 maio 1837.

⁵⁰ TINHORÃO, 1994, p. 36.

notadamente a dedicada ao público feminino.⁵¹

O fato é que a novidade alardeada desde 02 de maio de 1837 teve seu primeiro exemplar publicado em 29 de junho do mesmo ano. E embora J. N. de Melo, editor e tipógrafo da folha, tenha percebido uma segmentação pouco explorada no mercado de impressos, o seu investimento teve breve existência, apesar de ser vendido apenas a 80 réis o exemplar avulso. Depois do quinto número posto à venda, em 13 de julho, não se encontrou mais publicidade nos jornais de Pernambuco, o que induziria à suposição de que houve uma rejeição ao empreendimento. No entanto, uma nota saída, dias depois, no *Diário de Pernambuco*, aponta justamente para o caminho oposto, para a existência de uma demanda pelos números ainda não adquiridos do jornal:

Roga-se ao Sr. *Relator das Novelas*, tenha a bondade de fazer com que o distribuidor das mesmas, leve ao assinante, que mora na rua velha n. 38, não só o último n. dela como os demais que tiverem saído.⁵²

O argumento da falta de regularidade nas entregas também não se mantém, pois, conforme os mesmos anúncios, havia uma continuidade na publicação e na entrega, conforme se verifica nas datas de publicação dos avisos. Tampouco, o fato dessa publicação não ter durado muito significou que tenha sido a única a circular, ou que tenha demonstrado ser negócio pouco lucrativo, pois, ainda em 1837, na capital do Império brasileiro, saiu pela tipografia de J. B. Olive & M. A. G. Mello, um periódico mensal chamado *O Ladrão*, também oferecendo uma variedade de “histórias e novelas, furtadas de muitos autores antigos e modernos, jornias etc.”⁵³ a quem se interessasse pelo assunto.

Diferentemente da folha de Pernambuco, além de publicarem algumas peças de teatro, os idealizadores de *O Ladrão* – aliás, título homônimo a outro periódico publicado por Paula Brito – trabalhavam em vários negócios, inclusive leilões e, provavelmente por isso, o jornal tenha perdurado apenas pouco mais de um ano. De todo modo, se comparado ao *Relator de Novelas*, *O Ladrão* circulou por mais tempo, o que já indica melhor receptividade do tipo de empreendimento.

⁵¹ Conferir CARVALHO (1908), NASCIMENTO (1969), PINSKY; MARIA PEDRO (2012), SALES (2003) e COSTA (2007).

⁵² DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife: Tipografia de M. F. Faria, ed. 163, p. 4, 31 jul. 1837.

⁵³ JORNAL DO COMÉRCIO. Rio de Janeiro: Tipografia de J. Villeneuve e Comp., ed. 10, p. 2, 13 jan. 1837.

Depois dessas duas ocorrências efêmeras, outras duas surgiram ainda na década de 1830: *O Narrador Brasileiro* e *O Passatempo, ou miscelânea proveitosa*, ambas impressas na Corte em 1839. Assim como as de 1837, estas se propunham a publicar, quinzenalmente, narrativas traduzidas do francês e do inglês para os apreciadores de romances, fossem eles homens ou mulheres.

O Narrador Brasileiro, editado e vendido por Luís Félix Gariot, iniciou com a publicação de *Lúcifer* – romance de autoria anônima –; e *O Passatempo*, publicado pela Tipografia da Rua dos Latoeiros, com dois contos morais: *A vingança* e *O Hospital de Anfredes*, também anônimos.

Se comparados aos demais, esses dois jornais tiveram maior divulgação, sendo possível encontrá-los em várias livrarias, inclusive na dos irmãos Laemmert. Os dados encontrados indicam que ambos estiveram em atividade durante apenas um ano, pois os anúncios ou notas cessam de aparecer após esse tempo. Há que se enfatizar a instabilidade de preço verificada, pois os números variavam de 160 a 240 réis sem explicação alguma, fato que não ocorreu com os primeiros jornais encontrados.

De maneira geral, esses jornais possuíam características semelhantes as dos fascículos, com dimensões pequenas, preço diminuto, quantidade de narrativas por número. Todavia, mais importante que as especificidades gráficas foi a criação de um empreendimento no qual o leitor teria no "espírito e [n]o coração (...) iguais deleites."⁵⁴

Na década seguinte, em 1843, acompanhando essa tendência editorial, os editores Eduardo e Henrique Laemmert encetaram a publicação do periódico *Espelho Fluminense ou Novo Gabinete de Leitura*, com seis números mensais, que, embora em seu subtítulo, declarasse publicar modas, poesias e charadas, veiculou, maiormente, narrativas ficcionais, uma vez que "os romances nos periódicos [...] t[inha]m um alcance muito subido"⁵⁵ para deleitar e moralizar o público.⁵⁶

Seguindo os rastros leitura de romances no Brasil, Hebe Cristina da Silva apresenta o jornal *Compilador Romântico* como, possivelmente, o primeiro periódico voltado à oferta exclusiva de narrativas de ficção. No entanto, pelo que já se pôde

⁵⁴ O DESPERTADOR. Rio de Janeiro: Tipografia da Assoc. do Despertador, ed. 284, p. 3, 13 mar. 1839.

⁵⁵ ESPELHO FLUMINENSE OU NOVO GABINETE DE LEITURA. Rio de Janeiro: Editores E. e H. Laemmert, ed. 1, 1 jan. 1843.

⁵⁶ Informações mais detalhadas sobre esse periódico serão dadas no quarto capítulo.

verificar, outros já vinham sendo editados desde 1837. Com o número inicial publicado em 01 de outubro de 1845, na Corte, e propondo-se imprimir semanalmente, em folhas em oitavo grande, romances de “célebres” escritores, este *Compilador Romântico* parece ter sido o primeiro jornal a utilizar o prestígio do autor da narrativa como *marketing* de venda, inclusive publicizando romances de sucesso já escritos:⁵⁷

COMPILADOR ROMANTICO

Todos os sábados, a começar do 1.º do próximo mês de outubro, aparecerá um ou dois folhetos em oitavo grande e impressão a mais nítida que for possível conseguir-se. **Principiará as suas publicações com um dos mais interessantes romances do célebre autor dos *Mistérios de Paris* e do *Judeu Errante***, e continuará brevemente a dar, também em todos os sábados, - *Os Mistérios dos Jesuítas* -, por M. Arnould, ornado com uma estampa fina em cada folheto. A sociedade promotora desta publicação pode desde já afiançar que o preço será tão diminuto, que fará sem dúvida chegar este tão belo e instrutivo entretenimento às classes menos abastadas da sociedade brasileira.⁵⁸

Em outubro do mesmo ano, o *Jardim Romântico* apareceu como outra alternativa “primorosa” para leitura de narrativas, com o *Mathilde*, de Eugène Sue, e *Um cabelo louro*, de Leon Gozlan, colocando-se como concorrente direto do *Compilador Romântico*:

JARDIM ROMANTICO

Aparecerá todos os sábados a contar de 4 do corrente outubro, em formato 8º grande e com 16 páginas de impressão. A mais extremada escolha dos romances de maior nomeada e decente estilo e algumas estampas e vinhetas, ornarão suas colunas. A assinatura, para a Corte e cidade de Niterói, será pelo tempo e aprazimento dos srs. subscritores; 1\$ rs., por mês pagos adiantados, e recebem-se até 3 meses. Para as províncias, em razão do porte 7\$ rs. por semestre. O *Jardim Romântico* vai encetar as suas publicações com o interessante romance - *Mathilde ou as memórias de uma moça d’alta classe*, uma das mais brilhantes composições do autor dos *Mistérios de Paris* e do *Judeu Errante*, e – por *Um Cabelo Louro*, de Leon Gozlan. O 1º n. será acompanhado de uma estampa fina pertencente ao primeiro romance. Número avulso 320 rs. Subscreve-se, e vende-se na Corte, nas casas dos Srs. Garnier e Irmãos, rua do Ouvidor n. 69; na mesma rua Cardoso e comp. n. 91, Agra e comp.,

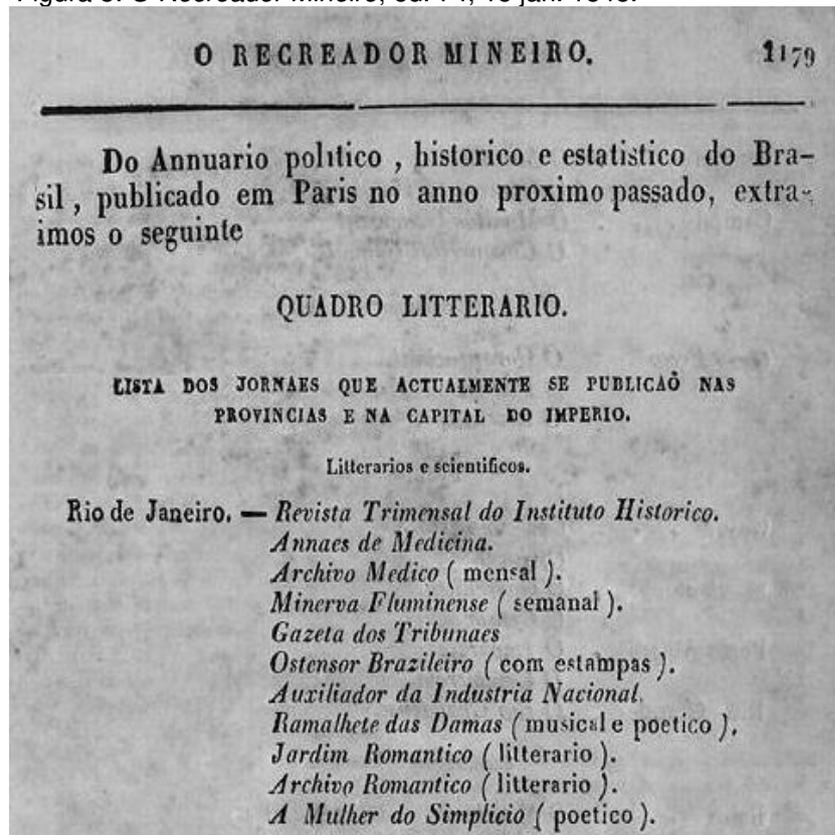
⁵⁷ Hebe Cristina da Silva afirma que esse foi o primeiro periódico destinado exclusivamente à publicação de romances e que depois foi seguido pela publicação d’*O Folhetinista* (SILVA, 2009).

⁵⁸ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro: Tipografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp., 13 set. 1845. [Grifos meus]

rua da Quitanda n. 70; Freitas e Guimarães, rua do Sabão n. 26; Nuno Alvares, rua da Ajuda n. 23. Em Niterói: Santos Marques, rua da Conceição n. 26, na mesma rua, Cesar 56; Hotel de Epiro, rua da Praia em frente da Ponte das barcas. Em Campos, José de Brito Ribeiro, rua Direita. Em Pernambuco, Manuel Figueroa Faria, praça da Independência. Em Porto Alegre, Lionel Coelho da Silva, rua da Praia.⁵⁹

O anúncio, além de enfatizar as qualidades do novo periódico, indica os muitos pontos de venda no território brasileiro, sinalizando para o fato de que a leitura de romances em folhas exclusivas para esse fim não era privilégio de quem residia na Corte. Essa hipótese é corroborada pela “lista dos jornais que se publicavam nas províncias e na capital do império” entre 1846 e 1847, reproduzida do *Anuário político, histórico e estatístico do Brasil*, no periódico mineiro *O Recreador Mineiro*, em 15 de janeiro de 1848:

Figura 3: *O Recreador Mineiro*, ed. 74, 15 jan. 1848.



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

⁵⁹ DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Tipografia do Diário, ed. 07027, p. 3, 3 out. 1845.

Com notícia de sua publicação em diferentes lugares do Brasil e até mesmo na França, se consideramos que o anuário foi publicado em Paris, o *Jardim Romântico* foi bastante divulgado pelo *Diário do Rio de Janeiro*, *O Mercantil* e *Jornal do Comércio*, tendo sua existência garantida, até, pelo menos, 1847 de acordo com os anúncios e com sua divulgação na lista de periódicos que circulavam na Corte, presente no *Almanak Administrativo do Rio de Janeiro de Laemmert*, de 1847.

Desde a primeira publicação desse tipo de periódico, este jornal foi, até aquele momento, o mais duradouro: três anos. A explicação para isso reside, talvez, na escolha de iniciar e continuar a publicar escritores reconhecidos pelo público, como Eugène Sue e Alexandre Dumas, e pela estratégia de publicidade e distribuição utilizada. Além disso, a grande novidade estava na presença de estampas, que, embora não estivessem diretamente ligadas ao conteúdo das narrativas, era um atrativo a mais.

Em 1846, vieram a lume três novas folhas com o mesmo princípio das anteriores que era dar ao público um produto barato e acessível a todas as classes:⁶⁰ *Echo dos Folhetins d'Europa*; *O Romancista*; *Archivo Romântico*. A primeira, impressa no Rio de Janeiro, levava já no título os chamarizes “folhetim” e “Europa”. A esses dois termos juntos, *a priori*, chamativos aos interessados pelas novidades narrativas advindas do velho mundo, foi acrescida a assertiva de que o periódico, editado pela Livraria Belga-Francesa, ofertaria romances traduzidos em língua portuguesa, consoante obtivessem aclamado sucesso na Europa. Prometendo a qualidade e a perfeição da tradução advinda do trabalho melhores autores brasileiros, em novembro do mesmo ano saiu, não somente no Rio de Janeiro, mas também em Pernambuco:

ECHO DOS FOLHETINS DE EUROPA

Pelos melhores autores franceses, alemães e ingleses, etc., traduzidos em português pelos nossos principais autores brasileiros e publicados todos os sábados em folhetos de 16 páginas em 4º nitidamente impressos, em papel fino, e ilustrados com estampas apresentando as melhores cenas da obra, desenhadas pelo Sr. Augusto Moreau.

Os empreendedores desta publicação entenderam, que, proporcionando a toda a classe de leitores, o gosto deste ameno

⁶⁰ O Anuário político, histórico e estatístico do Brasil, de 1846, lista apenas dois jornais literários na Corte desse ano: *Jardim Romântico* e *Archivo Romântico*. Embora seja apenas romance o conteúdo do periódico, ele já é considerado como literário.

recreio literário, mediante uma quantia diminuta, chegaria a conseguir seu fim. [...] ⁶¹

Por meio da notícia de mais uma publicação observa-se que as indicações de que muitas outras tentativas de imprimir ou de levar adiante publicações neste formato editorial foram frustradas devido a diversos fatores, como a seleção das obras, a irregularidade da entrega, a dificuldade de impressão e a elevação de preço:

Muitas são as publicações deste gênero, começadas no Brasil, que infelizmente pararam no meio da carreira, ou caíram na nulidade, quer seja em consequência da má escolha das obras, quer pela pouca exatidão na entrega dos exemplares, ou mesmo pela tardança da impressão, e subido preço da assinatura.

Todos estes obstáculos estão previstos e serão removidos pelos empreendedores do – *ECHO DOS FOLHETINS* – [...]

Subscreve-se, na praça da Independência, livraria ns 6 e 8, a 240 rs. cada folheto. – Esta quantia, segundo as condições da assinatura, deve ser paga ao receber-se o folheto. ⁶²

O anúncio de novembro de 1846, do *Diário de Pernambuco*, informa também sobre a atualidade das narrativas do *Echo dos Folhetins d'Europa* que o diferenciaria das demais iniciativas. Todavia, foi justamente essa característica que o fez receber severas críticas, pois a sua "pressa" para traduzir e ser o primeiro a publicar em território brasileiro romances ainda não concluídos na Europa prejudicou as traduções oferecidas, como evidencia o artigo do jornal *Diário do Rio de Janeiro*, de 5 de janeiro de 1847:

O ECHO DOS FOLHETINS DA EUROPA

Estirados e aparatosos por demais, foram os anúncios que precederão à publicação do *Echo dos Folhetins da Europa*; inúmeras as promessas que o seu redator em chefe fez ao público; e muitos os que dando fé ao decantado prospecto, acreditaram em dever apoiar o nascente jornal. Porém, presto se reconheceu a burla; porque ao publicarem a *Leôa*, viu-se que a folha não primava pela pureza do estilo, como se inculcara; e que mesmo na parte material, revelava o nenhum cuidado dos empresários em emendar defeitos palpáveis, e em promover melhoramentos tipográficos, como era de sua obrigação e dever em face do compromisso, que tão solenemente

⁶¹ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife: Tipografia de M. F. Faria, p. 2, 27 nov. 1846.

⁶² Ibid.

haviam contraído com os seus assinantes; aos quais até por fim privaram das celebérrimas estampas e vinhetas, que com tanta azafama anunciaram, como primor d'arte, porém que infelizmente em nada abonam aos *principais artistas da corte*, se realmente é leitura deles, o que não cremos. [...]

E nem lhes valerão mais promettimentos; por que o seu passado já não pode ser o fiador do futuro; e o *respeitável* está cansado de ser bigodeado, e por demais escarnecido por aqueles mesmos a quem com tanta franqueza e lealdade presta seu apoio.⁶³

E não ficou por aí, o investimento no vantajoso negócio dos romances nos jornais. A mesma Livraria Belga-Francesa lançou no ano seguinte, em 1847, *O Folhetinista ou leitura dos domingos*, como uma publicação semanal na qual os assinantes poderiam encontrar momentos de entretenimento nas melhores e mais modernas novelas:

O Folhetinista ou Leitura dos Domingos.

Esta publicação semanal sai à luz todos os sábados, em um folheto de 16 páginas, formato grande francês, com letras ornadas, vinhetas, etc. Cada Número contém quase o DOBRO de quanto tem até hoje dado as publicações de igual natureza; isto é, a matéria equivalente a 7 ou 8 números de folhetins dos jornais diários. Os editores proprietários da livraria Belga da rua do Ouvidor n.105, recebendo imediatamente da Europa todas as revistas, jornais, novelas e romances mais modernos, estão habilitados a oferecer a seus assinantes as melhores e mais recentes publicações deste gênero, vertidas em português por mui hábeis tradutores.

O *Folhetinista* está publicando o interessantíssimo romance O MENDIGO NEGRO, por PAULO FÉVAL, autor dos *Mistérios de Londres*, do *Filho do Diabo*, etc, que está a terminar-se.

Logo depois, e no decurso do mês de janeiro publicará um novo e mui moderno romance por ALEXANDRE DUMAS. Os editores esperam que a abundância de matéria, a escolha de novelas e a modicidade do preço (a assinatura é sempre por um mês), satisfarão aos leitores. Se a empresa merecer, como se espera, o acolhimento do público e for coadjuvada pelo número crescente dos subscritores, os editores terão a possibilidade de dar-lhe todo o incremento e perfeição, tanto na variedade das matérias, como no luxo da edição.

Assina-se a 1\$ rs. por mês (4 números), na livraria belga-francesa, n. 105.⁶⁴

⁶³ DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Tipografia do Diário, p. 3, 5 jan.1847.

⁶⁴ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro: Tipografia Imp. e Const. de J. Villeneuve, ed. 359, p. 3, 30 dez. 1847.

Propondo dar mais romances do que qualquer jornal diário que publicasse narrativas ficcionais em seu espaço folhetim, os editores do *Folhetinista* enfatizaram a qualidade do que publicavam através do destaque dado ao nome dos romancistas, bem como de sua já conhecida fama. Essa estratégia aliada ao fato de o editor possuir conexões internacionais e, por isso, receber o que de mais atual havia na Europa em termos de periódicos e volumes, fortalecia o argumento de um negócio consistente e duradouro, ao mesmo tempo que sinalizava para a consonância em relação à existência e aceitação daquele tipo de formato editorial. O relevo dado à atualidade e às traduções dos romances, que deveria ser o maior diferencial, resultou, no entanto, assim como com o *Echo dos Folhetins*, em inúmeras queixas, pois a necessidade de sair na frente da concorrência, parece ter comprometido a qualidade da impressão e da tradução dos textos, provocando a diminuição no número de assinantes. Esses fatos associados à venda da Livraria Belga-Francesa⁶⁵ parecem ter sido algumas das causas do término precoce do *Echo dos Folhetins d'Europa* e do *O Folhetinista ou leitura dos domingos*.

A falência da livraria, provavelmente, relaciona-se a questões econômicas e políticas que assolavam o mercado livreiro. Uma delas foi a Lei de Impugnação, instituída em 1836, que taxou os impressos importados, ocasionando dificuldades na importação de livros, revistas e jornais estrangeiros para o Brasil. Sobre essa lei e suas consequências para o mercado de livros, uma correspondência endereçada ao jornal *O Chronista*, de 16 de dezembro de 1837, esclarece que desde 1º de julho de 1836 todo produto desembarcado nos portos brasileiros deveria pagar 16,5% de taxas, além de serem despachados por fatura e não por pauta, como ocorria anteriormente. Esse novo regime alfandegário deixou os comerciantes instalados no Brasil à mercê de impugnações feitas pelos fiscais da alfândega.⁶⁶

⁶⁵ "Nouvelle Librairie française et belge de Benjamin Ferin, rua da alfândega n. 141, sobrado. O dono desta escolhida e bem sortida livraria, tencionando em breve retirar-se para a Europa, tem a honra de prevenir o respeitável publico que venderá todos os seus livros com grande abatimento dos preços correntes, como o poderão ver as pessoas que dignarem lá ir. N.B. Os catálogos distribuem grátis." (JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro: Tipografia Imp. e Const. de J. Villeneuve, p.4, 08 fev. 1848).

⁶⁶ "Todos sabem que antes de 1º de julho de 1836 os livros deviam ser avaliados por uma norma estabelecida na última pauta da alfândega, e pagavam direitos moderados. Dessa época em diante começou a vigorar a lei dos 16,5% de direitos e ao mesmo tempo um novo regulamento, mandando que os livros fossem despachados por fatura e não por pauta, e estivessem em consequência sujeitos à impugnação." (O CHRONISTA. Rio de Janeiro: Tip. Comercial, ed. 122, p. 1-2, 16 dez. 1837)

A lei, estabelecida por decreto baixado em 22 de junho de 1836, substituía o antigo Regulamento das Alfândegas do Império, datado de 25 de abril de 1832, no qual o Juiz foi substituído por inspetores e a Alfândega passou a se chamar Inspetoria. Além disso, a arrecadação tributária se dividiu em geral e provincial, fixando-se impostos aduaneiros elevados.⁶⁷ O sistema de impugnações incidia sobre os gêneros importados que não estavam taxados na pauta da Alfândega, como era o caso dos impressos estrangeiros, deixando a critério dos inspetores a diligência sobre a carga.

Além desta lei de 1836, a promulgação da tarifa Alves Branco, em 1844, também elevou os valores das taxas alfandegárias sobre os artigos importados já tarifados. Aliado a isso, o fim do tráfico negreiro em 1850, auxiliou no agravamento da situação dos mercadores de cultura como eram os livreiros e impressores.⁶⁸

Foi justamente a ameaça do novo regulamento que motivou a carta do mercador de livros citada a seguir, pois as atividades de muitos editores, tipógrafos e livreiros, fossem os mais prestigiados, como foi o caso de Eduardo Laemmert, ou outros menos influentes, como os proprietários da Livraria Belga-francesa, ficariam comprometidas:

[...] É fora de toda a duvida, snrs. redactores, que um bom governo não poderá querer a ruína de uma classe de habitantes que trabalha para ganhar a sua vida honradamente, e que por sua posição social antes se torna digna de alguma contemplação, como o provam muitos privilégios concedidos à classe dos mercadores de livros e a dos impressores. Aqui no Brazil porem consente-se que qualquer porteiro da alfândega, sem merecimento algum, e que não teve trabalho nem ao menos risco com a importação da nossa mercadoria, talvez por amor de poucos mil réis, ou em consequência de alguma intriga possa privar à sua vontade do fructo dos esforços dessa classe, até sem oferecer uma garantia de poder pagar o importe do objeto empregado; a nós que gastamos a nossa mocidade para aprender todos os ramos de nosso negocio, a nós que levamos longos annos com sacrificios numerosos para conhecer **as necessidades litterarias** de um logar, e que, para que se nos

⁶⁷ No documento de 1836, entre as inúmeras medidas para regulamentar as Alfândegas, o governo regencial criou, nos portos onde não houvesse aduana, as Mesas de Rendas como uma medida política para conter os movimentos insurgentes que se multiplicavam no Império. O documento previa que o inspetor fosse o chefe da alfândega e do porto, detendo o dever de fazer cumprir toda a lei. (EZEQUIEL, M. *Receita Federal: história da administração tributária no Brasil*. Brasília: Receita do Brasil, 2014. p. 74-80).

⁶⁸ Ibid.

effetue qualquer encomenda, é mister estabelecer antes nosso credito em diferentes paises.[...] ⁶⁹

Importar livros, papel, periódicos ou qualquer material impresso que não estivesse na pauta implicava ficar à mercê de uma fatura e das intrigas existentes nas alfândegas, fazendo com que o valor da mercadoria oscilasse ou mesmo que essa nem chegasse ao consumidor se o importador não tivesse recurso para recuperar a carga, conforme aparece na queixa.

A carta esclarece, também, sobre alguns possíveis posicionamentos dos livreiros como agentes do mercado de impressos, na medida em que propõem práticas, hipóteses, estudam as "necessidades literárias de um lugar", estabelecem conexões nacionais e internacionais, além de experimentarem novas técnicas mercadológicas.

Claro que nem sempre suas tentativas obtinham êxito, mas o simples fato de estarem pensando a Literatura e a importância de sua atividade para a sociedade modificava a forma como alguns modos de circulação e produção de texto apresentavam "o progresso do espírito humano". ⁷⁰

Embora esse cenário não fosse animador, o investimento nos jornais-romance atraía alguns editores. É o caso do *Archivo Romântico*, que veiculava romances estrangeiros seriados por um preço reduzido. De acordo com *O Mercantil*, de 2 de maio de 1846, o *Archivo Romântico* difundiria somente romances estrangeiros traduzidos para o português, ⁷¹ e, ao que parece, conforme nota

⁶⁹ Informação retirada de O CHRONISTA, loc. cit. [grifos meus].

⁷⁰ "Outra consequência ruínosa é que já ninguém quer encarregar-nos de uma encomenda pela pouca certeza que tem, de receber uma obra que talvez esperaria com a maior impaciência por seis ou oito meses, passando ela pela impugnação a outras mãos. O mesmo acontece com publicações periódicas com cuja continuação o assinante não pode contar. Da mesma maneira se segue que os institutos públicos não poderão mais contar com as obras necessárias para os seus cursos em nossas casas, e que nós, tendo conseguido tirá-las das garras da cobiça, nos vemos obrigados a nos remunerar nos preços daquelas que nos deixaram, não devendo, portanto, o público queixar-se dos altos preços. Segue-se mais que ninguém se animará, como antes, a mandar vir grandes sortimentos de livros, tanto de obras clássicas antigas, como de publicações novas pelo meio das quais um país se põe em dia com os progressos do espírito humano. Uma prova disto dá uma das primeiras casas de livros aqui, que, considerando com quantos riscos e embaraços tinha que lutar o comércio de livros vindos de fora, renunciou a ele quase inteiramente, e limita-se a publicações suas: [...]. " (Ibid.).

⁷¹ Os *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro* informam sobre a existência do referido periódico no acervo da Biblioteca Nacional. "4876 – *Archivo Romântico*. (Vol. I). Rio de Janeiro, Tip. De Teixeira & Cia, 1846, 4^o spec.". In.: *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. A9. Vol IX. 1881-1882, 422; "Sairá sábado 2 de maio o 1 número deste jornal, contendo a tradução dos interessantes romances do célebre Mr. Dumas, a *Dama de Monsoreau* e *Vinte anos depois*, que fazem a continuação à 1^a da Rainha Margarida publicado no *Jornal do Comércio*, e o 2^o dos *Três Mosqueteiros* que foi lido no *Mercantil*. Subscreeve-se nas lojas dos srs. Teixeira e Cia, rua

mandada publicar por Paula Brito no *Diário do Rio de Janeiro*, em 20 de fevereiro de 1847, teve vida efêmera⁷², morrendo “à míngua”⁷³ devido à concorrência desleal das grandes folhas diárias, que, com maior poder monetário para investimento e abrangente circulação, publicavam, principalmente escritores estrangeiros a preço mais diminuto. Essa concorrência, aliás, foi a justificativa utilizada por Paula Brito para publicar, em 1847, o *Arquivo Romântico Brasileiro*, diferenciado dos demais por oferecer somente narrativas escritas por autores brasileiros.

Isto [a publicação de jornais-romance] já tem sido por mais de uma vez intentado, porque malogradas tem sido tais publicações, e nunca por falta de assinantes: pois a razão é que, principiando a publicar-se um romance em jornal para isso só feito, os grandes jornais começam também a publica-lo, e os assinantes tendo o mesmo romance nos jornais diários, não reformam suas assinaturas, e assim o jornal dos romances tem de morrer à míngua: tal aconteceu com o *Arquivo Romântico*.

Não obstante estes tristes exemplos, vamos empreender um jornal com o título acima, em que se publicará só romances brasileiros; então ninguém os publicará senão nós, e unicamente nós. [...]

O *Arquivo Romântico Brasileiro* sai todos os sábados não sendo dia santo de guarda. Os redatores estrearam do Sr. Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa, que tem o título: *Tardes de um pintor, ou Intrigas de um Jesuita*. O acolhimento favorável com que o público recebeu o *Filho do Pescador*, e as *Fatalidades de Dous Jovens* do mesmo autor, nos fez lançar mão d’este romance, que, em maior escala, é muito superior aos dous.⁷⁴

Assim, não seria qualquer produção ou qualquer escritor a ser publicado nas páginas do novo jornal de romances, mas somente brasileiros, o que faria da folha a única no mercado e sem concorrentes frente a enorme quantidade de escritores e obras estrangeiras publicadas no Brasil.

Ainda em 1846, com título atrativo como os outros, *O Romancista*, editado e redigido por Mariano de Santa Rosa de Lima, surgiu como um "um periódico de instrução e recreio para as senhoras baianas"⁷⁵. No entanto, não durou mais do que

dos Ourives n. 21; P. Brito praça da Constituição n. 64, pelo preço de 500 rs., por mês, por 2, 4, e 6 meses, e vendem-se avulsos a 160 rs. nas ditas lojas". (O MERCANTIL. Rio de Janeiro: Tipografia do Mercantil, de Lopes & Cia, ed. 122, p. 4, 2 mai. 1846).

⁷² Não foi possível precisar a data exata do seu término devido à falta de dados.

⁷³ DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Tipografia do Diário, ed. 07434, p. 3, 20 fev. 1847.

⁷⁴ Op. cit., p. 3.

⁷⁵ BLAKE, A. V. A. S. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. v. 6. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900. p. 241.

24 números, todos com narrativas de autoria do próprio redator. Esse foi o primeiro caso, no Brasil, de um jornal de romances, quase como de autopromoção de um escritor, como foram os franceses *Le Mousquetaire: édition hebdomadaire* (1854-1856) e o *Le Monte-Cristo: journal hebdomadaire de romans, d'histoire, de voyages et de poésie* (1857-1862), ambos escritos e editados por Alexandre Dumas.

Em 1848, a tipografia de Cardoso & Cia. lançou o jornal *A Grinalda: jornal dos domingos*, cujo fim não se distanciou dos demais, a não ser por ser editado por um grupo de estudantes brasileiros que viram no empreendimento uma forma de elevar a Literatura no país e retirar um pouco da atenção das querelas políticas que inundavam as folhas diárias.

Pela história do período inicial dessas folhas nota-se como esses jornais-romance se tornaram um modo particular de divulgar e fidelizar a leitura de romances, além de mostrar que não foram publicações isoladas ou uma ideia falida de algum editor. Pela quantidade inicial de jornais e pelas notas dos concorrentes, é possível perceber que foram publicações recorrentes, embora não muito duráveis, no campo jornalístico e no campo editorial de romances.

Nessa década de 1840, de acordo com Meyer, o romance-folhetim estava no auge, pronto a atender as expectativas dos leitores;⁷⁶ não por acaso, nesse mesmo período, o número de folhas dedicadas exclusivamente às narrativas passa de quatro, na década anterior, para nove.

A pesquisa de Hebe Silva⁷⁷ ratifica que a década de 1840 é representativa do apreço do público pela leitura de prosa de ficção, uma vez que a presença dos romances no Brasil passou a ser verificada com maior constância, sobretudo por meio de anúncios de livros à venda nos periódicos da época. Sobre essa circulação de prosa de ficção, Márcia Abreu demonstrou que desde 1769⁷⁸ os romances caíram no gosto do público, ao mesmo tempo em que ocorria o aumento no número de estabelecimentos editoriais e tipográficos, sem contar a frequência de títulos de romances nos gabinetes de leitura.

Embora tivesse aumentado a predileção pelo gênero romance, nos anos seguintes a 1848 é possível verificar um decréscimo na quantidade de folhas a ele

⁷⁶ MEYER, M. *As mil faces de um herói canalha e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998, pp. 116-117.

⁷⁷ SILVA, 2009.

⁷⁸ ABREU, M. *Os Caminhos dos Livros*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003.

dedicadas, que de nove reduziu para uma, e mesmo os editores de prestígio, como os irmãos Laemmert ou Paula Brito, não estavam mais no negócio de impressão de jornais-romance.

Na década de 1850, encontrou-se apenas a edição, em Porto Alegre, da *Bibliotheca Recreativa de romances* – publicação diária da Tipografia Deutsche Zeitung, que durou dois anos, de 1853 a 1854. É provável que o decréscimo desta década tenha ocorrido em razão da instituição do primeiro *Código Comercial Brasileiro*, que obrigava todo comerciante a ser registrado nos Tribunais de Comércio.

O código aprovado em junho de 1850, além de exigir o registro dos comerciantes, previa no artigo 4º, atos de interposição na troca de trabalho exercido por diversas espécies de empresas, limitando a forma como atuavam. Assim, o grupo não matriculado, composto maiormente por pequenos comerciantes, submetidos ao novo código, sumariamente era decretado falido pelo juiz de Direito e inseridos na ilegalidade.

De acordo com Teresa Marques, a historiografia da área contábil demonstrou que o mercado brasileiro estava composto, em grande parte, por pequenos negociantes que não se matriculavam nos tribunais comerciais, seja por falta de incentivo, seja devido aos enormes tributos que deveriam pagar.⁷⁹ O fato é que essa massa de negociantes passou a ser considerada ilegal e seus negócios falidos até se ajustarem ao novo Código Comercial.

Durante essa crise, até mesmo Paula Brito, acreditado editor na primeira metade do XIX, teve seu negócio afetado, conforme informa Queiroz.⁸⁰ Em pior situação deviam estar editores com menor prestígio no Império, como E. Dupont e Sizenando Nabuco, uma vez que suas teias de relações ou crédito eram restritas.

Outro fator que explicaria a diminuição na quantidade de jornais-romance era o elevado custo de vida no período. Sobre esse aspecto, o artigo intitulado "A carestia", publicado na edição de 23 de janeiro de 1858 do *Jornal do Comércio*, evidencia as dificuldades advindas dos altos preços dos gêneros alimentícios:

⁷⁹ MARQUES, T. C. Dote e falências na legislação comercial brasileira, 1850 a 1890. *Econômica*, v.3, n.2, p. 173-206, 2001.

⁸⁰ QUEIROZ, J. Brasil e Portugal: Relações transatlânticas e literárias no século XIX. *Polifonia*, Cuiabá, v. 20, n. 28, p. 189-203, 2013.

O preço exagerado a que tem subido nestes últimos dias a carne verde aumenta de um modo tão lastimável os sofrimentos que a carestia de todos os gêneros alimentícios impõe desde muito à população, que julgamos do nosso dever insistir em considerações que já por mais de uma vez temos feito sobre um assunto tão doloroso como transcendente.

A carestia dos gêneros alimentícios é sem dúvida alguma uma alta questão do Estado, e no Brasil ela ameaça tomar cada dia proporções mais assustadoras; quanto a nós, cumpre que o governo concentre toda a sua atenção nesta grave e importantíssima matéria. [...] Trata-se da carestia, não de um, mas de todos os gêneros alimentícios, e carestia que dura há longo tempo, e que não promete desaparecer tão cedo. [...]

Tudo tem crescido de preço, ao mesmo tempo que encarecem os gêneros alimentícios.

Nós mal podemos explicar como vive um operário que ganha dois ou três mil réis por dia, e que tem de sustentar mulher e filhos. Calcule-se o que ele paga de aluguel pela casa em que mora, e ver-se-á que o que lhe fica é bem pouco; é apenas o restritamente indispensável para comer e vestir. Tudo tem crescido de preço, ao mesmo tempo que encarecem os gêneros alimentícios.

Nós mal podemos explicar como vive um operário que ganha dois ou três mil réis por dia, e que tem de sustentar mulher e filhos. Calcule-se o que ele paga de aluguel pela casa em que mora, e ver-se-á que o que lhe fica é bem pouco; é apenas o restritamente indispensável para comer e vestir.⁸¹

O artigo esclarece que não somente os gêneros básicos aumentaram de preço, mas todos os demais, a ponto de um trabalhador, a depender da profissão, que ganhava entre dois e três mil réis por dia não ter como gastar senão com o essencial. Assim, embora um romance custasse, em média 1\$000, este bem cultural se tornava caro diante da conjuntura social e econômica. Fato que tornava o jornal-romance mais interessante devido a seu preço mais diminuto e parcelado, já que para ler um romance completo o leitor teria que comprar vários números do jornal. Ou seja, para ler o romance em formato de volume, o leitor gastaria mais e comprometeria seu orçamento, o que não ocorreria se optasse pelo jornal-romance. Deve-se ponderar igualmente que diante da crise econômica, a compra parcelada, ainda que ao final do ano pareça dispendiosa, tornava-se menos oneroso gastar um pouquinho por semana ou mês para ler mais de um romance ao mesmo tempo, do que gastar muito para ler um único romance em volume.

No campo geral da economia, apesar de se ter observado um desenvolvimento econômico permitido pela criação de novas empresas industriais e

⁸¹ JORNAL DO COMMÉRCIO. Rio de Janeiro: Tipografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp., ed. 22, p. 1, 23 jan. 1858.

liberação de capital proveniente do fim do tráfico negreiro, instalou-se um contexto inflacionário, com a emissão excessiva de papel-moeda, que desencadearia, no final do decênio de 1850, graves crises econômicas.⁸²

Nesse contexto, os livros, embora não fossem tão caros, quando inseridos entre as despesas gerais, acabariam se tornando pouco atrativos, uma vez que a prioridade dos indivíduos, num momento de crise, estava centrada nas necessidades básicas, como morar, comer e vestir. Assim, um operário que se deparasse com o seguinte anúncio: “*Forasteiro*, primeiro romance do Dr. J. M. de Macedo, cuja ação se passa em Itaboraí. Preço, cada vol. 1\$000”⁸³, teria dificuldades para arcar com o gasto, mesmo apreciando o escritor e o gênero, o que, é claro, não impediu o crescimento na oferta e nas formas de circulação de romances.

Toda essa conjuntura política e econômica, além do problema alfandegário, contribuiu para o arrefecimento, mas não a extinção das edições de jornais-romance e de outras obras. Todavia, a partir de 1860, retornaram ao cenário sendo publicados com maior regularidade.

Sob a direção do prestigiado político José Justiniano da Rocha, em 1860, surgiu um outro *Archivo Romântico*, exclusivamente por assinatura, com o mesmo pretexto utilizado por Teixeira e Sousa, em 1846, – o de enriquecer a literatura nacional. A maior diferença em relação às outras folhas, residia na sua concepção de enriquecimento da literatura nacional, que contemplava romances nacionais e estrangeiros:

O ROMANCE LEONOR do sr. Antonio J. Fernandes dos Reis, que começou a ser publicado nesta folha, continuará a publicar-se no *Archivo Romântico*, periódico hebdomadário, que sairá à luz do dia 25 do corrente em diante, contendo tudo quanto de mais interessante se oferecer na Literatura, tanto nacional, como estrangeira. Assina-se o *Archivo Romântico* por 1\$500 mensais, contendo 8 páginas de duas colunas. Não se vendem números avulsos, e só, sim as coleções que contemplarem um volume de qualquer obra publicada, e isto pelo preço que se anunciar. [...] ⁸⁴

⁸² PRADO JÚNIOR, C. *História econômica do Brasil*. 22 ed. São Paulo: Brasiliense, 1979. p. 192-204.

⁸³ FOLHINHA BRASILEIRA PARA O ANO DE 1857. Rio de Janeiro: Empresa Tipográfica Dous de Dezembro, ed. 1, p. 5, 1857.

⁸⁴ O CORREIO DA TARDE. Rio de Janeiro: Tipografia do Correio da Tarde de Pinto & Vega, ed. 253, p. 3, 09 nov. 1860.

Deve sair à luz no dia 25 do corrente o primeiro número do *Archivo Romântico*, destinado à publicação de romances originais e traduzidos. Concluir-se-á no *Archivo* o romance *Leonor* do sr. Fernandes dos Reis, que começou a ser publicado no *Correio da Tarde*.⁸⁵

Fica evidente que seguindo a tendência do mercado e atento às preferências do público por romance, Justiniano José da Rocha também detinha interesse por trabalhos tipográficos e de edição, pois investiu tempo e recurso financeiro em um negócio aparentemente lucrativo, o qual parece não ter sido promissor, posto que foram poucas as ocorrências encontradas sobre o seu jornal-romance. Ao que parece a iniciativa durou apenas o ano de 1860, com a publicação dos romances *O Caixeiro mais velho* e *Leonor*, ambos assinados por Antonio J. Fernandes dos Reis.⁸⁶

Os argumentos para publicar pairavam sobre caráter instrutivo e moralizador do empreendimento.⁸⁷ Assim, se até a década de 1840 era claro o objetivo dos editores de, sobretudo, dar romances aos apreciadores do gênero, em 24 de agosto de 1862, o sr. Domingos Manoel de Oliveira Quintana, ao iniciar *Semanário Romântico*, relaciona a edição ao enriquecimento do espírito e entretenimento:

Semanário Romântico

A publicação que se empreende sob o título acima, facilita à cada leitor a aquisição de bons romances por módica retribuição; promove o gosto pela leitura amena, incute no indivíduo e na família sentimentos de moral e de virtude, e desenvolve a instrução ao tempo que recreia o espírito.⁸⁸

Publicação – distribuiu-se, há dias, o primeiro folheto de uma publicação semanal, tendo por título *Semanário Romântico*, sob a direção do sr. Domingos Manoel de Oliveira Quintana, que sob esse título e com essa forma empreende a publicação de mimosos romances. O folheto, que ora vimos, contém o começo d'*A Rosa do Sepulcro*.

⁸⁵ CORREIO MERCANTIL. Rio de Janeiro: Propriedade de Muniz Barreto, filhos e Octaviano, ed. 315, p. 1, 13 nov. 1860.

⁸⁶ Outro fator que pode ter interferido no encerramento da atividades do *Archivo Romântico* talvez tenha sido a doença, com o conseqüente falecimento de Justiniano José da Rocha, no ano de 1862. Ou, a má recepção do público que tenha recebido o jornal.

⁸⁷ Esse tipo de justificativa para publicar ou não determinado jornal é o mesmo que recebia o romance desde o século XVIII.

⁸⁸ OPINIÃO LIBERAL. Rio de Janeiro: Tipografia da Opinião Liberal, ed. 39, p. 3, 22 out. 1870.

Chamamos a atenção dos leitores para essa nova página de belas letras, de que é o sr. Quintana digno autor.⁸⁹

Também nesse momento, a publicação de fascículos começa a ser mais recorrente, fazendo com que, em alguns casos, o jornal-romance ora se assemelhe aos fascículos, ora aos jornais literários semanais. Característica que lhe atribuía caráter editorial híbrido para publicação de romances. E, apesar da semelhança com outros formatos, o *Semanário Romântico*, impresso até 1870, foi classificado e vendido como um jornal, tanto no *Almanak Laemmert* quanto no livro *Páginas de História*, de Max Fleiuss,⁹⁰ assim como o *Echo dos romances*, divulgado em 1867 e 1868:

[...] O *Echo dos Romances* est un périodique d'une excellente exécution typographique; Il paraît le dimanche par livraison contenant 8 pages d'un roman français et 8 pages d'un roman portugais. L'idée est bonne, et le *Echo dos Romances* pourra former une collection de bons ouvrages digne de figurer dans toutes les bibliothèques. Ce **nouveau journal** est réellement un journal de salon. Ainsi que le *Figaro*, il fait honneur à la typographie de M. Thevenet.⁹¹

O diferencial do empreendimento de M. Thevenet estava em oferecerem simultaneamente romances traduzidos e em língua original, ao passo que seus antecessores imprimiam, a maioria, traduções ou romances nacionais, como Paula Brito e José Justiniano da Rocha.

A ampliação no número de jornais-romance, iniciada em 1860, continuou nos anos seguintes com a edição do *Jornal para todos*, impresso semanalmente desde janeiro de 1869. A partir de então, a quantidade desses periódicos quase dobrou, se comparada aos períodos anteriores, chegando a 18 títulos publicados.

O *Jornal para todos* foi um dos últimos da década de 1860, e nele se observa mais ampliada a concepção do romance como instrumento de instrução, a começar pela nota introdutória escrita pela redação e endereçada "ao povo":

⁸⁹ CONSTITUCIONAL. Rio de Janeiro: Tipografia do Constitucional, ed. 54, p. 4, 02 set. 1862.

⁹⁰ FLEIUSS, M. *Páginas de História*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1930. p. 649

⁹¹ LA GAZETTE DU BRÉSIL. Rio de Janeiro: Tipografia de D. L. dos Santos, ed. 18, p. 1, 23 out. 1867.

Ao Povo

Uma das necessidades principais do nosso povo é a instrução.

A instrução pela leitura é um dos meios mais eficazes e mais amplos de derramar pelas classes populares a universalidade dos conhecimentos.

O romance é a mais convidativa e a mais insinuante das formas literárias para se conseguir este fim.

Desde que esta qualidade de alimento intelectual seja ministrado aos leitores, com escrupulo e consciência, são obvias as vantagens que daqui resultam, porque o romance além do fim moral que sempre deve ter em vista, descreve-nos os tipos sociais que todos devemos conhecer, os excessos das paixões que devemos evitar, e nos fornece grande cópia de conhecimentos que, muitas vezes, ainda os mais ilustrados ignoram.

A correção da linguagem e a pureza da frase, em exercício por assim dizer quotidiano, ensinam a falar bem e a purgar a língua de certos barbarismos que infelizmente tanto a deturpam e afeiam.

O romance tem mais outro predicado: auxilia o desenvolvimento do gosto pela leitura e prepara as inteligências ainda pouco desenvolvidas para receber e saborear alimentos mais substanciais.

São estes os principais motivos que nos moveram a tentar a presente publicação.

Empenharemos, pois, nesta propaganda instrutiva todo o cuidado e esmero na escolha dos romances que formos dando a luz porque a nossa empresa tem um fim louvável e moral; não queremos especular [...] publico, queremos servi-lo.⁹²

Com o argumento de que a grande necessidade da população brasileira era o desenvolvimento da instrução, o redator atribuía à leitura de romances a forma mais eficaz e prazerosa para se alcançá-la, uma vez que os romances aglutinavam a finalidade moral e o conhecimento dos diversos tipos sociais presentes na sociedade. Ou seja, já que se precisa de leitura e a melhor maneira de disponibilizá-la seria o romance, então um jornal como o *Jornal para todos* alcançaria seu objetivo moral, social e editorial ao dar “ao povo” o que ele necessitava, e com a facilidade de aquisição devido ao preço acessível a todas as classes. No entanto, a motivação ideológica aludida pelo redator não excluiu o esmero técnico que deveria advir de um empreendimento como aquele. Por isso, a seleção das narrativas, a correção das traduções, “a pureza da frase”, o conteúdo moral e instrutivo, tudo estava entre as ditas preocupações dos editores.

⁹² JORNAL PARA TODOS. Rio de Janeiro: tipografia Americana, ed. 1, p. 1, 01 mar 1869.

Impresso pela Tipografia Americana, propriedade, desde 1868, da firma Oliveira & Cia, registrada por Sizenando Barreto Nabuco de Araújo,⁹³ Eduardo Augusto de Oliveira⁹⁴ e Ângelo Thomaz do Amaral⁹⁵, o jornal teve tiragem semanal de 3.000 exemplares,⁹⁶ com bastante divulgação no Recife e no Rio de Janeiro. Ainda, se comparado aos anteriores, este é o primeiro jornal que apresenta semelhança extrema com o modelo editorial francês publicado por Charles Lahure, conforme se pode observar a seguir pelas imagens das páginas iniciais dos jornais:

Figura 4: Número 3 do *Jornal para todos* e número 2 do *Journal pour tous*.



Fonte: Hemeroteca digital brasileira e Gallica, respectivamente.

⁹³ Advogado, parlamentar no Rio de Janeiro, dramaturgo, irmão de Joaquim Nabuco e amigo de Machado de Assis.
⁹⁴ Capitão-tenente da Marinha e comerciante na praça do Rio de Janeiro.
⁹⁵ Ex-presidente de província, deputado e comerciante no Rio de Janeiro.
⁹⁶ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro: Tipografia de J. C. de Villeneuve, ed. 073, p. 4, 15 mar. 1869.

Diagramação, organização do texto nas páginas, disposição das ilustrações, quantidade de páginas, de romances, justificativa e até o título são os mesmos de seu homônimo francês, o *Journal pour tous* – periódico bastante divulgado nos anúncios de duas grandes livrarias e editoras: Casa Laemmert e Livraria Lombaerts.

Iniciados com a continuidade do *Jornal para todos* e com a divulgação do *Echo Romântico*, de propriedade de José Antônio Ribeiro Junior, os anos 1870 puseram à disposição do público, sobretudo, a leitura de romances franceses, buscando se assemelhar aos periódicos da França do mesmo tipo, o que não excluía a impressão de narrativas de autoria variada, como as alemãs, inglesas e espanholas:

Recebemos e agradecemos o 1º volume do *Echo Romântico*, publicação semanal de romances dos melhores autores. É seu editor e tradutor o sr. José Antonio Ribeiro Junior. É incontestável a utilidade desta publicação.⁹⁷

Publicação – *Echo Romântico*, é o título de uma publicação semanal em forma de folheto de 8 páginas de impressão, consagrado a traduções de romances dos melhores autores franceses. É editor e tradutor dessa empresa o sr. José Antonio Ribeiro Junior. Desejamos-lhe próspera e longa vida.⁹⁸

A comercialização do *Echo Romântico*, bem como de outros jornais era feita indiscriminadamente, ora o denominando de folheto, ora de volume, ora de periódico. Fato que não impossibilitou sua circulação nem a compreensão do que se tratava aquele jornal. Assim como também, pode ter contribuído para que fossem inseridas nas bibliotecas da época como títulos independentes de romance, mesmo sem o serem.

Posteriormente, outras folhas surgiram almejando traduzir – sempre com a melhor qualidade técnica e prestando às "Letras pátrias" um grande serviço para a Língua Portuguesa – "escolhidos romances estrangeiros, tão pouco conhecidos", como ocorreu com o *Minha mulher e eu*, de Harriet Beecher Stowe, publicado no periódico *Bibliotheca das Senhoras*, em 1874, a fim de "tornar [...] conhecidos alguns romances da literatura moderna - verdadeiras obras primas".⁹⁹

⁹⁷ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Tipografia Progresso, ed. 10, p. 3, 12 ago. 1870.

⁹⁸ DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Tipografia da Rua do Ouvidor, 97, ed. 37, p. 1, 06 fev. 1870.

⁹⁹ BIBLIOTHECA DAS SENHORAS. Rio de Janeiro: Tipografia de Santos & Correa, ed. 1, 14 jul. 1874.

Aspirando a proteção, o apreço e a fidelidade dos leitores, nesta década encontraram-se os seguintes periódicos à venda: *Bibliotheca das famílias* (1874), *Horas Vagas* (1875-1876), *O Passatempo* (1875), *O Recreio* (1875), *Leitura do Domingo* (1876-1880), *Recreio popular* (1876), *Jornal do Domingo: gazeta literária* (1877), *Bibliotheca econômica* (1878), *Bibliotheca Recreativa: Coleção dos melhores romances nacionais e estrangeiros* (1876-1878), *Museu Literário: literatura, história, viagens* (1878), *O Romanceiro* (1878), *O Romanceiro* (1878), *O Romanceiro Jardim romântico* (1879). Todos esses sugestivos títulos, postos à disposição do público indica, no mínimo, uma aceitação positiva do modo editorial, já que popular, podia ser adquirido por uma variedade de consumidores do gênero romance e da cultura escrita. Situação semelhante ao que aconteceu na França, conforme se pode perceber na notícia sobre o homônimo francês do *Jornal para todos*:

Jornais a dez réis – Da mesma correspondência:

“Depois dos jornais a dez réis apareceram os de cinco réis. O *Jornal para todos* custa este último preço, e se não é um primor, ao menos, facilita a leitura aos próprios indigentes. Hoje veem-se maltrapilhos e descalços lendo impressos, o que outrora nunca se contemplava. Se não igualamos a Prússia, onde dentre 100 indivíduos 80 ou 90 sabem ler, pelo menos distanciam-nos imensamente da época ominosa em que ler e escrever era uma prenda rara.¹⁰⁰

Nesta época também é recorrente a utilização de títulos semelhantes a de outras publicações de formatos editoriais distintos, o que implicou numa tentativa de aproximação entre eles, mas este fato não significou que o público se confundisse no momento da aquisição. O interesse centralizava-se no que se oferecia como conteúdo e nas vantagens econômicas dali advindas. A nota a seguir, extraída do jornal *A Crença* e replicada na edição de 11 de março de 1875 d'*O Globo*, é um exemplo da recepção que tiveram esses jornais:

O editor E. Dupont

Os Mistérios do Rio de Janeiro e o *Passa-Tempo*, editados pelo sr. E. Dupont; a primeira dessas publicações tem descrições belíssimas de *caracteres* e possui capítulos de muita originalidade literária e de estilo sempre fácil, correto e perfeitamente acomodado ao assunto; o ***Passa-tempo*, é de incontestável utilidade**. Sinceros parabéns ao sr. Dupont, um dos poucos homens de iniciativa que ainda nos restam e dos poucos que se aventuram a beneficiar neste país as

¹⁰⁰ DIARIO DE SÃO PAULO. São Paulo: Tipografia Americana, ed. 1310, p. 2, 20 jan. 1870.

letras. Em tempo digamos que mais valem as intenções do sr. Dupont, que aliás são justas, do que essa vergonhosa *adoração* às verbas secretas. (Ext. da *Crença*)¹⁰¹

A notícia traz dois modos distintos de publicação de romance, um em fascículo (*Os Mistérios do Rio de Janeiro*) e o outro em jornal-romance (*Passa-tempo*), o que permitia ao leitor escolher o que mais conviesse aos seus necessidades financeiras e de entretenimento.

Se nos períodos anteriores encontrou-se entre quatro e nove jornais-romance por década, os anos de 1875 a 1878 são singulares, uma vez que são os mais produtivos em termos de quantidade, porquanto apresentaram juntos, onze títulos dos dezoito que circularam em toda a década, ou seja, 62% do total. Entre eles, um título se repete em empreendimentos diferentes e quase todos em 1878: *O Romanceiro*, que, apesar de terem saído, ao mesmo tempo, em São Luis e no Rio de Janeiro, as informações sobre o editor, os romances publicados, o lugar de impressão, a simultaneidade de seus anúncios, descartam a possibilidade de confundi-los com edições baratas de romances publicados em fascículos:

Notícias Bibliográficas

[...]

Romanceiro, jornal de romances, publicado pela Imprensa Industrial.

Agradecendo a fineza da remessa, cumprimentamos aos ilustres colegas e fazemos votos para que continuem na espinhosa liça do jornalismo.¹⁰²

Jornais – recebemos os seguintes e **novos jornais**:

O Cruzeiro, os ns. 1 e 2 deste importante órgão que principiou a publicar-se na Corte, e pertencente a uma associação.

Correio da Manhã, novo órgão de interesses gerais, sem cor política e que recebemos os ns. 1,2.

O Romanceiro, publicação semanal de romances originais e traduzidos dos melhores autores, em formato de quarto francês, e com 14 páginas, sendo 21 de texto. Agradecemos a remessa enviando o nosso jornal.¹⁰³

¹⁰¹ O GLOBO. Rio de Janeiro: Tipografia da Gazeta, p. 3, 11 mar. 1875. [Grifos meus].

¹⁰² A ESCOLA. Rio de Janeiro: Tipografia Centrão de Brown & Evaristo, ed. 04, p. 60, 26 jan. 1878. [Grifos meus].

¹⁰³ O ESPIRITO-SANTANENSE. Espírito Santo, ed. 013, p. 2, 29 jan. 1878. [Grifos meus].

Na lista dos jornais recebidos pelo *Espirito-Santanense* acima, nota-se como os jornais-romance, tal qual *O Romancero*, coabitavam no mesmo mercado dos impressos diários como, *O Cruzeiro*, *Correio da Manhã* e outros.

Fato interessante sobre esses romanceros é que propunham retirar o “inconveniente” das leituras perniciosas ou enganosas que estavam camufladas em títulos ingênuos:

Com a insignificante quantia de 1\$000 por mês tem o assinante certeza de possuir romances escolhidos e que poderão circular por mãos de senhoras como agradável passatempo, sem receio das inconveniências ou massadas, que muitas vezes se ocultam sob um título, escrito [?] no rosto do livro para atrair incautos.¹⁰⁴

Ou seja, as mulheres podiam ler sem medo de surpresas, o que tranquilizaria aos seus pais e maridos que poderiam investir no recreio e entretenimento para as jovens sem a preocupação que tal leitura amena poderia trazer.

Esse mesmo mesmo argumento já fora utilizado por outro periódico na mesma década, o *Biblioteca das famílias* que “[...] pode ter entrada no lar doméstico sem os inconvenientes que se davam com outros romances em estilo livre, e por conseguinte impróprios de ser lidos por uma jovem inexperiente.”¹⁰⁵

O *Biblioteca das famílias*, editado por Felix Ferreira em 1874, embora apresentasse como motivação a moralidade e a instrução a todas as famílias, foi alvo de inúmeras críticas de seus opositores que o acusaram de contrafazer papel, pois somente assim poderia imprimir e vender um jornal como aquele por um valor tão pequeno:

Sem ser d’altea atirou-me o sr. Felix Ferreira uma, sob forma de carta, asseverando-me que a sua *Biblioteca das Famílias* não é impressa em papel roubado, como eu supus, mas em papel tirado de uma mina de assinantes que arranjou. Deus lha conserve, colega, para todo o sempre, Amém.
Mas deixe-me que lhe diga, à barateza do preço, não sei se deva acreditar na sua palavra honrada.
É verdade que o gosto pela leitura tem-se desenvolvido bastante nestes últimos tempo, apesar de muitos livros mal se poderem ler, de tão inçados de erros tipográficos, alguns dos quais deixam o leitor

¹⁰⁴O CONSERVADOR. Rio de Janeiro: Tipografia do *Conservador*, ed. 489, p. 3, 23 jan. 1878.

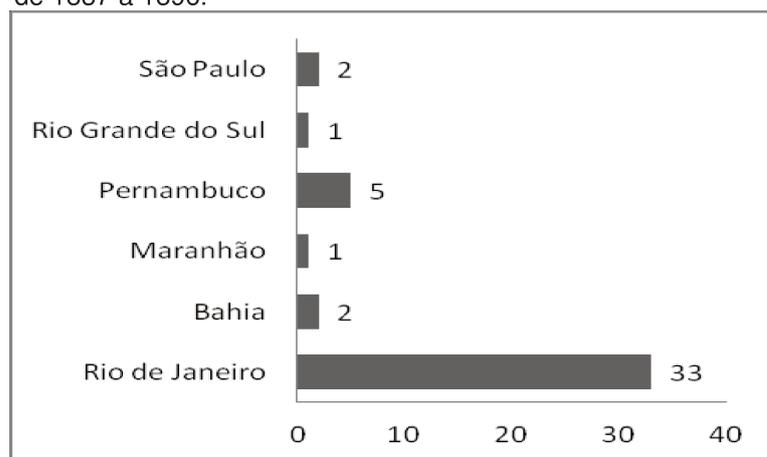
¹⁰⁵O SEXO FEMININO. Cidade de Campanha: Tipografia do *Monarquista*, ed. 35, p. 3, 13 JUN. 1874.

às aranhas. Começa a sentir-se progresso, e não só se leem traduções do francês, como até há tentativas de versões da nossa para essa língua.¹⁰⁶

Observe-se o tom ácido com que o autor da nota trata a afirmativa de Felix Ferreira, evocando ironicamente a Deus que lhe conserve os assinantes. Para em seguida, afirmar que não se deve acreditar apenas na palavra do editor. Para tanto, utiliza novamente o sarcarmo ao dizer “palavra honrada”.

Ainda na década de 1870, houve uma crescente publicidade desse tipo de periódico, seja por meio de notas, seja por meio de anúncios sobre o recebimento de assinaturas em outras províncias, como São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Paraná, Espírito Santo, Maranhão, Pará, Ceará, Pernambuco. Não somente ocorreu a expansão do mercado consumidor, como também outras cidades passaram a se inserir nesse investimento editorial, a exemplo de Recife – que já havia apostado nesse tipo de negócio, em 1837, e voltou a aparecer no cenário com a impressão do *Recreio Popular* (1876), *Jornal do Domingo* (1877), *A Peregrina* (1891), *Jornal do Domingo* (1885) e de Salvador, com a edição de *O Narrador* (1891). No gráfico 1, além de se visualizar as províncias com maior quantidade de edições, demonstra-se que a novidade editorial ganhou quase todo o império brasileiro, fosse imprimindo fosse apenas comprando os jornais:

Gráfico 1: Quantidade de jornais-romance identificados, por província, no período de 1837 a 1896.¹⁰⁷



Fonte: A autora, 2016.

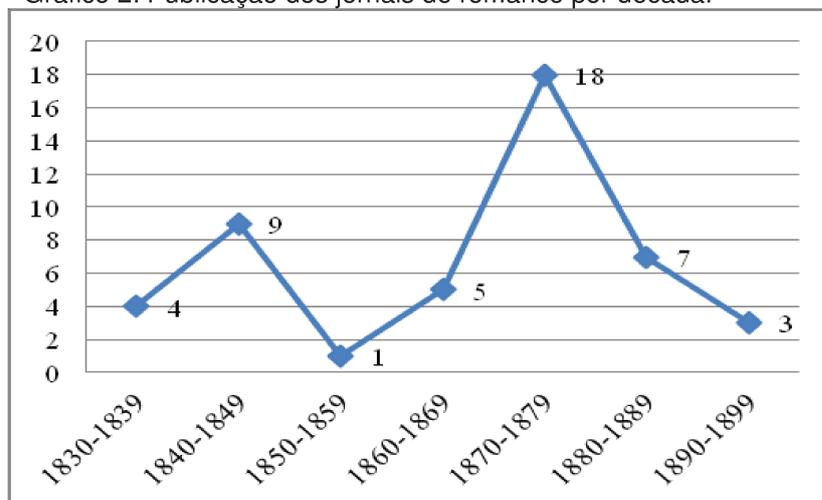
¹⁰⁶ O MOSQUITO. Rio de Janeiro: Nova Tip. de J. Paulo Hildebrandt, ed. 249, p. 6. 20 jun. 1874.

¹⁰⁷ Gráfico elaborado a partir da consulta por palavra na Hemeroteca Digital brasileira e dos Manuais de História da Imprensa referenciados na bibliografia e na introdução deste trabalho.

De acordo com o gráfico, 75% das impressões advieram do Rio de Janeiro, o que não causa surpresa, uma vez que ali estavam os principais e mais atualizados parques gráficos e os editores mais influentes, e, apesar de o Rio de Janeiro contemplar a maior produção, outras províncias brasileiras também participavam desse ramo editorial, ainda que em menor escala.

Nos anos seguintes, observa-se novamente uma diminuição na edição, sete títulos apenas (Gráfico 2):

Gráfico 2: Publicação dos jornais de romance por década.



Fonte: A autora, 2016.

Seguindo o mesmo direcionamento da *Bibliotheca recreativa* (1876-1878), que tirava diariamente romances, outros jornais-romances passaram a editar todos os dias, o que demonstra mudanças nas estratégias de publicidade e venda, que antes eram semanais ou mensais, ao mesmo tempo que indica que o tipo de negócio podia ser muito lucrativo. Assim, em 1880, a *Bibliotheca Popular* sinaliza para o mesmo caminho. Essa lucratividade e interesse pelo romance atraiu também a José Alves Visconti de Coaracy e a Santos Cardoso que, em 1883, editaram e imprimiram *O Folhetim*, iniciando com a tradução do romance *a Desforra de um defunto*:

No 1º de Abril sairá o primeiro número do *Folhetim*, jornal diário que se **limitará à publicação diária de romances**.

Não se persuada o leitor que esta notícia é algum *poisson d'Avril*, que lhe pregamos com quarenta e oito horas de antecedência, não; o nosso amigo V. Coaracy e o sr. Santos Cardoso, diretores da empresa do *Folhetim*, garantem a verdade da publicação que

principiará com a tradução de um romance francês a que deram o título de *Desforra de um defunto*.¹⁰⁸

Nesse mesmo ano de 1883, o jornal *O Cearense*, edição de 27 de julho, divulgou uma nota a respeito de um outro *Romanceiro*, título que parecia agradar aos editores das folhas de romance, talvez pela sugestão advinda do termo:

O romanceiro. Começou a ser publicado, em São Paulo, com aquele título um jornal de romances, escolhidos por uma pessoa de bom gosto, diz o colega da “Gazeta do Povo”. É uma publicação essa mui vantajosa e aquele que a dirige presta um grande serviço, principalmente conseguindo manter essa publicação por um preço pequeno, como o promete. Aos nossos leitores recomendamos o *Romanceiro*.¹⁰⁹

O anúncio aponta para a novidade da publicação de um jornal de romances em São Paulo, cidade que até o momento apenas recebia as edições publicadas no Rio de Janeiro. Sobre isso, o historiador Afonso A. de Freitas, em seu trabalho sobre a imprensa periódica de São Paulo, afirma tratar-se de uma publicação popular de romances em fascículos, contrariando até mesmo Lafayette Rodrigues, contemporâneo à publicação:

O ROMANCEIRO – Lafayette, mencionando esta publicação entre os periódicos, dá a entender tratar-se realmente de um jornal; entretanto, assim não é. *O Romanceiro* era a distribuição periódica e por fascículos de romances editados pela empresa da *Gazeta do Povo*. Os primeiros romances distribuídos foram o muito conhecido – *Conde de Monte Cristo* e as *Mil e uma noites africanas*.¹¹⁰

Contribuindo para a edição de títulos sugestivos que indicassem o conteúdo da publicação, em 1885, no Rio de Janeiro, os tipógrafos Pinheiro & Caldas principiaram *O Romancista*, “com 16 páginas in-8º francês, contendo dois romances, a preço avulso de 40 rs cada fascículo”.¹¹¹ Diferentemente da maioria,

¹⁰⁸ A FOLHA NOVA. Rio de Janeiro: Tipografia da Folha, ed. 127, p. 1, 29 mar. 1883. [Grifos meus]

¹⁰⁹ O CEARENSE. Fortaleza: Tipografia Brasileira, ed. 158, 27 jul. 1883.

¹¹⁰ FREITAS, A. A. de. *A Imprensa Periódica de São Paulo desde os seus primórdios em 1823 até 1914*. São Paulo: Tipografia do Diário Oficial, 1915, p. 300.

¹¹¹ A FOLHA NOVA. Rio de Janeiro: Tipografia da Folha, ed. 6, p. 3, jan. 1885.

esse periódico se propunha publicar, essencialmente, romancistas espanhóis, como Perez Escrich, além dos já afamados e apreciados franceses, a exemplo de Alexandre Dumas e Eugene Sue.

Ainda nesses anos de 1880, o *Jornal do Domingo* (1885), com uma tiragem semanal de 5.000 exemplares, propôs dar à luz três romances entremeados por anúncios no meio das narrativas e com o diferencial de pretender atender as preferências de leitura tanto de brasileiros quanto de franceses. No número analisado, além de oferecerem seus serviços aos brasileiros, residentes em todo o Império, sobretudo em Pernambuco, dedicam algumas linhas em francês aos possíveis assinantes que poderia encontrar a folha em Paris por meio do agente Victor Guillard. Esse aspecto internacional do empreendimento, provavelmente estava relacionado às conexões estabelecidas por seu editor, o francês G. Laporte.

Em 1886, outra edição advinda de São Paulo, *Jornal-Folhetim*, de propriedade de uma empresa literária, foi oferecido sem muito êxito, pois sobre ele se tem a notícia de que publicara somente dois números. No último ano da década, surgiu novamente outro *O Romanceiro*, oferecendo bissemanalmente exemplares para apreciação do público e afirmando agradar, em estilo elegante, aqueles que tinham afeição pela literatura moderna:

Anuncia-se o aparecimento de um novo periódico, *O Romanceiro*. Como o título o indica, será o seu fim a vulgarização da leitura amena, pela publicação de romances.

Estes romances, diz o prospecto que temos à vista, serão escolhidos entre as melhores obras dos mais conceituados autores modernos de todas as escolas; mesmo porque, lá disse Boileau, e com razão: "Tous les genres sont bons, hors le genre ennuyeux."

O Romanceiro será publicado duas vezes por semana, em oito páginas, formato da *Revista Ilustrada*, impressão nítida, matéria compacta, com uma boa gravura, ao preço baratíssimo de 60 rs.¹¹²

O editor enfatizou, ainda, o lugar de relevo que ocupavam esses periódicos e que, apesar das dificuldades existentes no jornalismo, era certo que seus esforços não seriam sem resultado, já que o público apreciava "publicações essencialmente literárias" como aquela.¹¹³

¹¹² NOVIDADES. Rio de Janeiro: F. G. dos Santos & C., ed. 526, p. 1, 29 out. 1889.

¹¹³ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Tipografia do Diário de Notícias, ed. 1607, p. 2, 8 nov. 1889.

As últimas publicações de que se têm informações, ainda no século XIX, são da década de 1890: *A Peregrina* (1890), impresso pela tipografia Apolo em Recife; *O Narrador* (1891), impresso em Salvador por Gonçalves de Truqui, na Litografia-tipografia Tourinho, e *A Leitura* (1894-1896), impresso pela Empresa Internacional de Chardron & H. Lombaerts & Cia.

De 1896 a 1917 não foram encontradas, nas fontes mencionadas anteriormente, sequer uma referência a jornais-romance. Somente em 1918 parece ter reaparecido algum interesse pela publicação de jornais-romance, com a edição de *Jornal Romance*, de propriedade da empresa *Cultura Popular Brasileira*.

A cronologia apresentada não pretende determinar limites temporais para um suporte tão abrangente e eclético, que rivalizou com outros para conseguir a fidelização da leitura de romances, mas constatar sua presença e importância para difusão do romance no Brasil. Portanto, a exposição histórica feita até o momento é representativa de como se configurou a circulação de jornais-romance no século XIX brasileiro, e aponta que a impressão desse tipo de periódico foi relevante para a difusão da leitura de romances, bem como para a instituição de uma forma de circulação de narrativas em formato popular desconhecido.

Nesse sentido, ao se observar seus ápices de impressão e circulação – décadas de 1840 e 1870 –, notar-se que estava intrinsecamente correlacionada ao momento de formação e afirmação do romance nacional, o qual, desde os anos de 1840, ofertava narrativas ficcionais, como as de Teixeira e Sousa e Joaquim Manuel de Macedo, rivalizando com as produções traduzidas que circulavam tanto em volume como em jornais-romance.

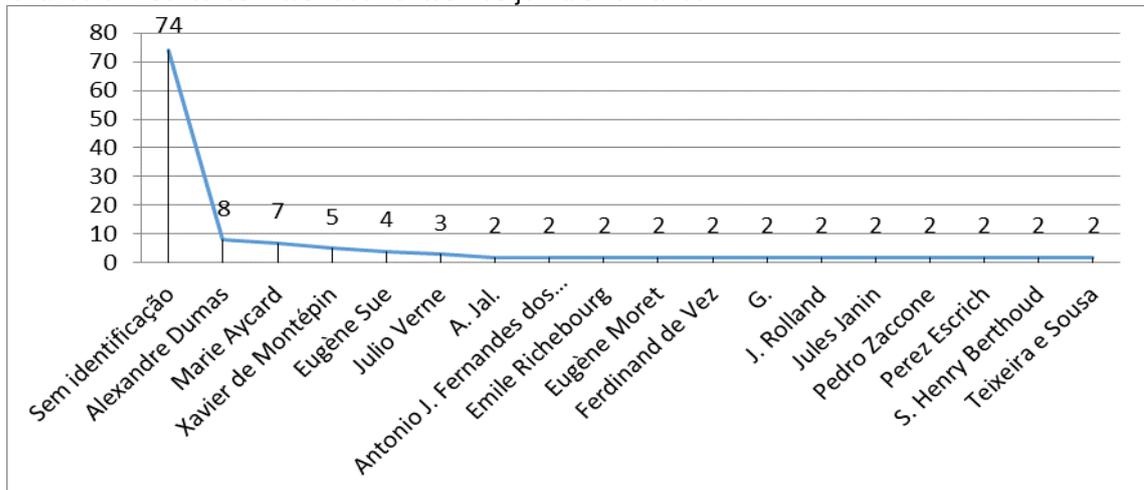
Essa trajetória registra que, assim como problemas econômicos e políticos foram decisivos para seu arrefecimento nas décadas de 1850 e 1890, fatores de ordem cultural – o interesse pelo romance e a discussão sobre a constituição da Literatura brasileira –, foram fundamentais para seus ápices de produção, já que, a depender do editor e da estratégia utilizada, observava-se a presença de romances nacionais e estrangeiros sendo impressos nas páginas de jornais-romance.

Na década de 1840, ao lado da efervescência na criação de folhas destinadas às predileções por narrativas, é possível visualizar, na forma do jornal, uma semelhança com os volumes. No outro pico de publicação, na década de 1870, as novidades advindas da Europa e a constante tentativa de se assemelhar a uma

provável modernidade de lá advinda provocaram mudanças notórias na forma, seleção e conteúdo das narrativas como será apresentado em outro momento dessa tese.

Observando-se as informações sobre autoria nota-se, no conjunto de todas as narrativas publicadas nos jornais-romances brasileiros, que não havia uma predileção por autor, ainda que Alexandre Dumas apresentasse maior quantidade de narrativas, posto que há uma diversidade de autores publicados.

Gráfico 3: Escritores mais recorrentes nos jornais-romance



Fonte: A autora, 2016.

De um total de 216 narrativas identificadas, observou-se 119 autores distintos, excetuando os 74 textos sem identificação de autoria. E, embora autores como Alexandre Dumas e Marie Aycard tenham sido os que apresentaram maior quantidade de narrativas, 8 e 7 respectivamente, não implica afirmar que eles fossem as leituras prediletas do público consumidor daquele tipo de folha periódica.

Ao se observar os mesmos dados por década, tem-se como resultado, - com exceção de Alexandre Dumas, que de oito ocorrências, somente duas foram publicadas em 1860 – publicações concentradas nos anos de 1840, quais sejam: Marie Aycard, com sete ocorrências; Duas das quatro narrativas de Eugène Sue; Os dois romances Teixeira e Sousa. Nas outras décadas, há uma diversidade de autores, o que conduz à conclusão de que revestidos por um discurso de atualidade de produção, as narrativas eram selecionadas de acordo com o que se produzia no momento de impressão do jornal-romance, salvo raras exceções. Um exemplo disso

é o escritor Marie Aycard que, embora não tenha tido uma grande produção em volume, escreveu muitas narrativas em folhas periódicas na década 1840, o que o tornou conhecido em vários lugares por onde circularam os jornais franceses fossem jornais-romance ou não.

2.2 Mercado editorial de romances

O mercado livreiro e editorial brasileiro começou a se estruturar no início do século XIX, quando a Família Real permitiu a impressão e a comercialização de livros em solo nacional. No entanto, somente depois da independência política, em 1822, observou-se a organização de um mercado de bens culturais de forma mais concreta. Isso, entretanto, não implica afirmar que a presença de livros no Brasil datasse somente desse momento, posto que desde o século XVIII havia trâmites de pedido de importação de livros à Real Mesa Censória, em Lisboa.¹¹⁴

Com a autorização para funcionamento da imprensa no Brasil, em 1808, o mercado, antes fixado somente na importação e comercialização de livros os mais variados, passou, a partir da instalação da Imprensa Régia, a se configurar como editorial e impressor, iniciando uma profícua atividade jornalística com a impressão de jornais, como o *Gazeta do Rio de Janeiro* e *O Patriota*,¹¹⁵ os quais, por sua vez, contribuíram para a divulgação dos comerciantes denominados de *tratantes de livros*.¹¹⁶

Depois desse primeiro momento, o fim do monopólio da Imprensa Régia possibilitou a ampliação do mercado livreiro e editorial, ao permitir a publicação de impressos por outras tipografias. Data desse período a criação, pela tipografia de

¹¹⁴ ABREU, M. *Os caminhos dos livros*. São Paulo: Mercado de Letras/Fapesp, 2003; NEVES, L. M. B. P. Comércio de livros e censura de idéias: a atividade dos livreiros franceses no Brasil e a vigilância da Mesa do Desembargo do Paço (1795-1822). *Ler História*. Lisboa, 23:61-78, 1993; VILLALTA, L. C. A Censura, a circulação e a posse de romances na América Portuguesa (1722-1822). In: ABREU, M.(org.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras/Fapesp, 2005, p. 161-182.

¹¹⁵ Sobre a atuação da Imprensa Régia e a impressão de romances, conferir: SOUZA, S. C. M. de. *Primeiras impressões: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2007.

¹¹⁶ FERREIRA, T. M. T. B. da C. Comércio de livros: livreiros, livrarias e impressos. In: *Revista Escritos*, Ano 5, n. 5, 2011. p. 42. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero05/FCRB_Escritos_5_3_Tania_Bessone.pdf>. Acesso: 24 set 2015.

Pierre Plancher, do *Jornal do Commercio*, em 1827, o qual tornar-se-ia o mais importante periódico do Império.¹¹⁷

De 1808 a 1822, era possível encontrar anunciados, nas páginas do *Gazeta do Rio de Janeiro*, cerca de quinze estabelecimentos destinados a negociar livros,¹¹⁸ muito embora nem sempre se percebesse um direcionamento preciso em relação ao tipo de livro dado à venda. Com efeito, começava a se constituir um mercado livreiro composto por um número maior de empresários do livro, bem como se intensificava a oferta e procura por esse bem cultural.

Esse vigor comercial que se constituía na Corte resultou na presença de um público “capaz de comprar e, até mesmo, ler [...] livros e periódicos”,¹¹⁹ tornando o mercado atrativo para comerciantes brasileiros e estrangeiros, como Manoel Joaquim da Silva Porto, José Antonio da Silva, Jerônimo G. Guimarães, Francisco Nicolau Mandillo, João Baptista dos Santos, Paulo Martin, Pierre Plancher e outros mais. O crescimento do mercado exigiu dos livreiros a especialização de suas atividades, seja dedicando-se apenas à venda de livros – já que naquele momento, eles vendiam desde objetos de cozinha até papelaria –, seja oferecendo gêneros específicos de obras. Assim, livreiros, como E. Mongie, por exemplo, que tinha seu estabelecimento frequentado por amantes das Belas-Letras, propagandeava principalmente livros de Ciência e Filosofia, enquanto que Albino Jordão dedicava-se a oferecer romances.¹²⁰

Esse mercado de livros não estava circunscrito ao Rio de Janeiro, embora ali estivesse concentrada uma rede de negociações mais intensa. Em menor escala, livreiros, tipógrafos e editores de outras províncias do Império possibilitavam, cada um a seu modo, não somente a confecção, mas também a circulação de obras entre os leitores. Guardadas as devidas proporções da quantidade de agentes como esses em relação ao número populacional de cada província, sobretudo Bahia, Pernambuco e Maranhão – que possuíam parques gráficos relativamente

¹¹⁷ HALLEWELL, L. *O Livro no Brasil (sua história)*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor; Editora da Universidade de São Paulo, 2012. p. 67-68.

¹¹⁸ MANÇANO, R. *Livros à venda: presença de romances em anúncios de jornais*. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2010. p. 17.

¹¹⁹ FERREIRA, T. M. T. B. da C. Comércio de periódicos e livros: o papel dos livreiros. In: *O Real em Revista*. Leituras, 2014. p. 2. Disponível em: <http://www.orealemrevista.com.br/Portals/0/Leituras/Livros%20e%20livreiros.2014%20ORER.pdf>. Acesso 24 set 2015.

¹²⁰ MANÇANO, op. cit., p. 16-17.

organizados –, era compartilhado, por essas cidades, o desejo de consumo de romances.

Em meados do Oitocentos, de acordo com dados retirados do *Almanak Laemmert*, em 1844, estavam cadastradas na Corte, 12 tipografias e 10 livrarias, que passaram a ser, no ano de 1850, 24 e 15, respectivamente. Esses dados, porém, não representam o real número de mercadores de livros, pois são observados nos jornais cariocas outros anunciantes de romances que não os elencados pelo almanaque, conforme constatações de Mançano.¹²¹

O certo é que esse comércio de livros e periódicos disseminou obras literárias e jornais com narrativas. Segundo El Far, das 121 firmas da década de 1870 a 1900, a maioria especializou suas vendas, oferecendo livros de “filosofia e ciências positivas” (Faro e Lino), acadêmicos e didáticos (Alves & Cia), em língua alemã (J. H. Auler) e romances (Livraria de B.L. Garnier e outros). À medida que essa diversificação na oferta de livros aumentava, mais estratégias editoriais eram incorporadas às práticas, de forma a permitir tanto a inserção dos editores no mercado quanto a sua permanência nele.¹²²

Nesse sentido, a dissertação de Mançano e o livro de El Far se complementam, na medida em que, juntos, permitem a composição de um quadro geral do mercado livreiro brasileiro voltado para a edição e venda de romances no século XIX, que movimentaram significativamente o comércio de impressos.

O gabinete de leitura da rua do Ouvidor, n. 104, por exemplo, prezava por uma divulgação que enfatizasse, além do acréscimo de livros em seu acervo, o constante recebimento de obras, de modo a oferecer ao leitor o que de mais atualizado havia no mercado europeu:

Na rua do Ouvidor n. 104, continua-se a alugar livros em português e em francês; adverte-se que seus catálogos se acrescentaram muito. Entre os livros portugueses novos acham-se as obras de Walter Scott seguintes: O Puritanos, Ivanhoé, Talismã, Desposada; de Cooper: O derradeiro mohicano; Chateaubriand: Os Natchez, e muitas obras novas chegadas de Lisboa e impressas em 1837 e 1838. Quanto aos livros franceses basta dizer que qualquer embarcação chegada do Havre, de graça traz sempre um pequeno

¹²¹ MANÇANO, op. cit., p. 11-68, passim.

¹²² EL FAR, A. *Páginas de Sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 30.

sortimento; também previne que qualquer obra que saia à luz no Rio de Janeiro, acha-se sempre no mesmo lugar para alugar.¹²³

Observa-se uma configuração do mercado de prosa de ficção que não estava restrito às livrarias, nem às casas editoras. A modalidade de aluguel, agenciada por gabinetes de leitura, mostrava não somente quão concorrente se tornava esse negócio, mas também a presença de um outro leitor, ávido pelas narrativas, mas que preferia, por questões pessoais ou monetárias, alugar as publicações ao invés de comprá-las. A existência de inúmeros anúncios com listas de romances à venda, propagandas de gabinetes de leitura e leilões de livros sinalizam para a existência de um vantajoso nicho para editores, livreiros e gabinetes.

Para se tornarem competitivos diante da crescente concorrência no mercado de vendas de romances, os livreiros utilizaram estratégias que iam desde o oferecimento de preços mais vantajosos, de melhores encadernações, de oferta de traduções até a atualidade do que estavam vendendo, como fez o gabinete de leitura da rua do Ouvidor.

Paralelo a essas estratégias, o oferecimento de jornais-romance passou a figurar em anúncios de livros, juntamente com os romances em volume, sem nenhuma distinção, como se se tratasse do mesmo objeto. A questão, então, não era o formato, mas o conteúdo, que nesse caso era o romance.

O interesse pelo romance não ficou circunscrito ao volume, mas se expandiu para periódicos como o *Magasin Universel* ou o *Journal des Enfants*, que ofereciam o gênero romanesco, com a finalidade de atender a demanda crescente por narrativas e para todos os bolsos. Assim, o romance, embora fosse considerado leitura frívola ou de baixa qualidade,¹²⁴ depois de ganhar os rodapés dos jornais, apoderou-se dos suportes fascículo e jornal-romance. Essa inserção da prosa ficcional em formas editoriais diversas pode ser percebida nas coleções existentes em bibliotecas particulares, que, de acordo com Tania Bessone, eram compostas, muitas vezes, por folhetins e fascículos encadernados.

¹²³ DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Tipografia do Diário, ed. 177, p. 4, 10 ago. 1838.

¹²⁴ FERREIRA, T. M T. B. da C. Livros de História: bibliotecas e mercado editorial no século XIX. XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, Londrina, 2005. *Anais...* 2005. p. 3. Acesso em: 21 ago 2015. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0981.pdf>>.

A edição de jornais-romance atraiu livreiros, tipógrafos e editores bem situados no campo literário, como os irmãos Laemmert, Paula Brito, Henrique Lombaerts, passando por alguns de menor porte, como J. B. Olive & M. A. G. Mello, J. N. de Melo, Domingos Manoel de Oliveira Quintana, Eduardo Augusto de Oliveira & Cia., até outros que se aventuraram esporadicamente no campo da impressão de romances em periódicos (Tabela 2).

Tabela 2: Editores, nacionalidades, jornais-romance e período de publicação

N.	Editor	Nacionalidade do editor	Jornal-romance	Data de publicação
1	E. e H. Laemmert	Alemão	<i>Espelho Fluminense ou Gabinete de Leitura: modas, poesias, charadas etc</i>	1843
2	Tip. de Pedro Mueller	Alemão	<i>Horas Vagas</i>	1875-1876
3	Typographia da Deutsche Zeitung	Alemão	<i>Bibliotheca Recreativa de romances</i>	1853-1854
4	Livraria Belga-Francesa	Belga	<i>Echo dos folhetins d'Europa O Folhetinista ou leitura dos domingos</i>	1846-1847 1847-1848
6	H. Lombaerts	Belga	<i>Leitura do Domingo</i>	1876-1880
7	H. Lombaerts & Cia/ Empresa Internacional de Chardron	Belga/ Português	<i>A Leitura: Magazine Literario</i>	1894-1896
8	Associação Literária Americana	Brasileiro	<i>O Romanceiro</i>	1889
9	Cardoso & Cia.	Brasileiro	<i>A Grinalda: jornal dos domingos</i>	1848
10	Domingos Manoel de Oliveira Quintana	Brasileiro	<i>Semanário Romântico</i>	1862-1870
11	Empreza editora Instrução e recreio Bibliotheca econômica	Brasileiro	<i>Bibliotheca econômica</i>	1878
12	Escritório da Bibliotheca/ Tip. Santos & Correa	Brasileiro	<i>Bibliotheca das Senhoras</i>	1874
13	F. Ferreira & Comp/ Tip. Franco-Americana	Brasileiro	<i>Bibliotheca das famílias</i>	1874
14	F. Prazeres	Brasileiro	<i>Jornal do Domingo: gazeta literária</i>	1877
15	Gonçalves de Truqui/ Litografia-tipografia Tourinho	Brasileiro	<i>O Narrador: jornal literário</i>	1891
16	Imprensa Industrial, de João Paulo Ferreira Dias, r. d'Ajuda, 75.	Brasileiro	<i>O Romanceiro</i>	1878
17	J.C. Pereira de Azevedo/ Tipografia de P.P. Correa	Brasileiro	<i>Museu Literário: literatura, história, viagens</i>	1878
18	J.G.Azevedo - livraria Acadêmica (33, rua Uruguaiana, 33)	Brasileiro	<i>Bibliotheca Recreativa: coleção dos melhores romances nacionais e estrangeiros</i>	1876-1878
19	José Antonio Ribeiro Junior	Brasileiro	<i>Echo Romântico</i>	1870
20	Justiniano José da Rocha/ Tip. Do Regenerador. Rua do cano, 140	Brasileiro	<i>Archivo Romântico</i>	1860
21	Mariano de Santa Rosa de Lima	Brasileiro	<i>O Romancista</i>	1846-1847
22	Pinheiro & Caldas	Brasileiro	<i>O Romancista</i>	1885

23	Propriedade de uma Empresa Literária	Brasileiro	<i>Jornal-Folhetim</i>	1886
24	Teixeira e Sousa & Paula Brito	Brasileiro	<i>Arquivo Romântico</i> <i>Arquivo Romântico Brasileiro</i>	1846-1848 1847-1848
26	Tip. de J. B. Olive & M. A. G. Mello	Brasileiro	<i>O Ladrão</i>	1837
27	Tip. Fidedigna de J.N. de Melo	Brasileiro	<i>O Relator de novelas</i>	1837
28	Tip. Hamburguesa de Lobão/ Tip. Do Folhetim	Brasileiro	<i>O folhetim: publicação diária de romances</i>	1883
29	Tipografia Americana, de Eduardo Oliveira & Cia.	Brasileiro	<i>Jornal para todos: literário/ilustrado</i>	1869-1870/ 1875
30	Tipografia Apolo	Brasileiro	<i>A Peregrina</i>	1891
31	Tipografia Brasiliense, de Francisco Manoel Ferreira	Brasileiro	<i>Jardim romântico</i>	1845-1847
32	Tipografia da Gazeta do Povo	Brasileiro	<i>O Romanceiro: publicação em fascículos, de romances</i>	1883
33	Tipografo-editor Dias da Silva Junior/ Tip. Carioca	Brasileiro	<i>O Romanceiro. Jardim romântico. Coleção de escolhidos romances modernos</i>	1879
34	Émile Dupont	Francês	<i>O Passatempo</i>	1875
35	G. Laport & Cia.	Francês	<i>Jornal do Domingo: Revista Literaria Semanal</i>	1885
36	Livraria de Luís Félix Gariot	Francês	<i>Narrador Brasileiro</i>	1839
37	Tip. de Thevenet & Cia.	Francês	<i>Echo dos romances</i>	1867-1868
38	Sem indicação	Não identificado	<i>Compilador Romântico</i>	1845
39	Sem indicação	Não identificado	<i>O Recreio</i>	1875
40	Sem indicação	Não identificado	<i>O Romanceiro</i>	1877
41	Sem indicação	Não identificado	<i>Bibliotheca popular</i>	1880
42	Tip. Universal	Não identificado	<i>Recreio popular</i>	1876
43	Tipografia da Rua dos Latoeiros	Não identificado	<i>O Passatempo, ou miscelânea proveitosa</i>	1839
44	Tipografia do Diário do Maranhão	Não identificado	<i>O Romanceiro</i>	1878

Fonte: A autora, 2016.

O levantamento realizado nesta pesquisa demonstrou que, pelo menos, 44 profissionais do livro (editores, livreiros ou impressores) envolveram-se com a produção de jornais-romance, considerando o período de 1837 a 1890. E que uma maioria mantinha outras atividades distintas das relacionadas ao livro, como, por exemplo, J. B. Olive e M. A. G. Mello, que também faziam leilões e venda de produtos diversos. Esse fato, no entanto, não os impediu de perceber as vantagens advindas desse mercado em expansão, tanto que a Tipografia Brasiliense, tão logo iniciou suas atividades, sob a gerência de Francisco Manoel Ferreira, em 1845, encetou a publicação do *Jardim Romântico*.¹²⁵

¹²⁵ Anúncio sobre a fundação da tipografia “Tipografia Brasiliense. Francisco Manoel Ferreira, participa ao público que acaba de abrir na rua do Sabão, n. 117, acima da dos Ourives, uma tipografia, a qual se acha suficientemente montada para poder imprimir com nitidez e prontidão, assim como por preços cômodos. /Na mesma tipografia vendem-se alguns pares de caixas de composição.” In.: O MERCANTIL. Rio de Janeiro: Tipografia Mercantil, de Lopes & C., ed. 11, 11 jan. 1845.

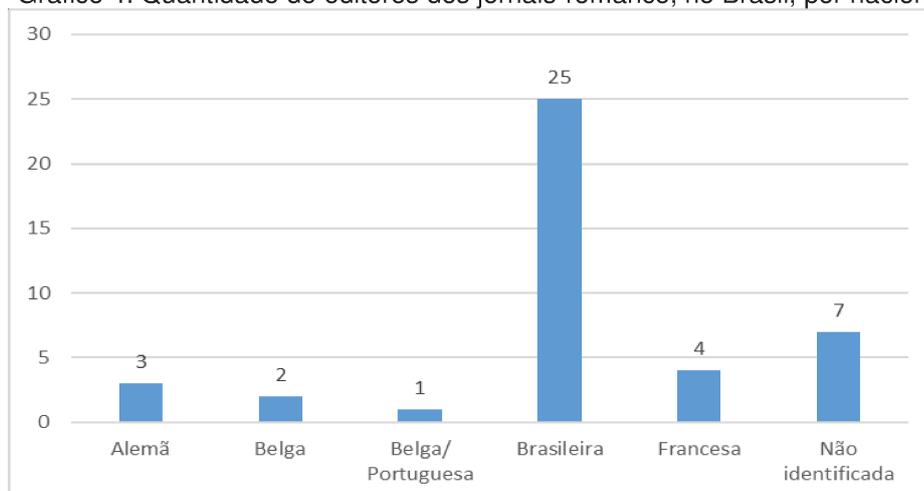
Nesse sentido, deve-se esclarecer que o empreendimento dos jornais-romance não foi desenvolvido, com exclusividade, pelos editores, muito menos como um de seus principais investimentos, uma vez que, atentos às "necessidade literárias"¹²⁶, dedicavam-se a várias frentes de negócio simultaneamente. Isto é, pequenos, médios ou grandes mercadores e editores de livros estavam sempre atentos à expansão das linhas de impressão e edição. ao gosto do público leitor.

Em síntese, até meados do século, livreiros escoceses (David Carfrae), franceses (Pierre Plancher, Paul Martin, Victor Cremière, J. B. Garnier), suíços (J. Villeneuve), portugueses (Albino Jordão), germânicos (Eduardo e Henrique Laemmert, P. Muller), belgas (Jean-Baptiste e Henrique Lombaerts, Désiré Dujardin) e brasileiros (Paula Brito, Evaristo da Veiga), instalaram-se no Brasil, com a justificativa de oferecerem as melhores obras da Europa.¹²⁷ Disponibilizaram uma diversidade de romances, tornando o mercado competitivo à medida que criavam novas maneiras de atrair o público para seus empreendimentos.

Argumentos pautados na exclusividade e na oferta da composição de verdadeiras bibliotecas circulantes e privadas de romances, para quem pudesse adquirir as folhas semanais, sugeriam um negócio vantajoso tanto economicamente quanto culturalmente, para o editor e para o leitor.

Da identificação dos editores/tipógrafos envolvidos na edição e publicação de jornais-romance encontrados nessa tese, que não são certamente a totalidade do que circulou, depreende-se o seguinte gráfico:

Gráfico 4: Quantidade de editores dos jornais-romance, no Brasil, por nacionalidade.



Fonte: A autora, 2016.

¹²⁶ O CRONISTA. Rio de Janeiro: Tipografia de J. de N. Silva, ed. 122, p. 1-2, 16 dez. 1837.

¹²⁷ MACHADO, U. *História das livrarias cariocas*. São Paulo: Edusp, 2012.

Nota-se que os editores/tipográficos de nacionalidade brasileira eram a maioria nesse tipo de negócio, enquanto os estrangeiros, a minoria. Todavia, dos 25 identificados, somente um – Paula Brito – possuía algum prestígio no meio editorial, enquanto os demais eram pequenos negociantes, atentos à predileção do público. Dos estrangeiros, encontram-se grandes livreiro-editores como os irmãos Laemmert, H. Lombaerts, G. Laport, E. Chardron, Émile Dupont. (Tabela 2)

Como um negócio que despertou interesse de editores das mais variadas nacionalidades, é provável que sua efemeridade resida na inúmeras crises ocorridas desde 1857, que provocaram uma fragilidade de crédito nacional e internacional,¹²⁸ e na concorrência cada vez maior com outros formatos editoriais, através dos quais se podia adquirir o romance inteiro a um valor bem baixo, como era o caso das coleções populares, tais quais a *Biblioteca do Povo*, mencionadas por El Far no livro *Páginas de Sensação*.¹²⁹

Como se percebe, a diversidade de editores interessados em dividir o mercado evidencia diferentes conexões sejam nacionais sejam internacionais como ocorreu com Eduardo & Henrique Laemmert e H. Lombaerts & Cia. – editores dos jornais *Espelho Fluminense* e *Leitura do Domingo*, respectivamente, e analisados como amostras desse empreendimento editorial no quarto capítulo.

¹²⁸ MARINGONI, G. Império das crises. *Desenvolvimento*, ano 8, n. 67, p.72-77, 2011.

¹²⁹ EL FAR, 2004.

3 METAS EDITORIAIS, MATERIALIDADE E CIRCULAÇÃO DOS JORNAIS-ROMANCE

3.1 Metas editoriais

Ao se ler os prospectos, notícias ou reclames sobre os periódicos destinados a narrativas de ficção algumas justificativas se destacaram: mercadológica, pedagógica, moralizante e recreativa. Essas categorias apontam aspectos complementares das funções e valores propostos pelos jornais-romance, porquanto mesmo que determinado editor declarasse que seu empreendimento era mais um instrumento para o desenvolvimento da leitura ou talvez para a moralização do povo, isso não significa afirmar que sua ação mercadológica estivesse afastada de possíveis ganhos monetários, uma vez que havia naquele nicho editorial um excelente investimento econômico, o que significa dizer que esse setor se construía paralelamente às necessidades dos leitores.

Tomando como parâmetro as motivações apresentadas pelos editores, pode-se observar dois momentos relevantes: um antes e outro depois da década de 1860, tendo em vista a mudança que sofrem os jornais-romance quanto à impressão e ao formato.

O primeiro, inicia-se com a publicação do *Relator de Novelas* (1837) e finalizado com o *Bibliotheca Recreativa de romances* (1853-1854), apresentando nos prospectos metas, basicamente, de ordem recreativa, moralizante, comercial e de enriquecimento da Literatura Nacional, conforme se verifica no quadro a seguir:

Tabela 3: Metas editoriais apresentadas pelos jornais-romance das décadas de 1830 a 1850

Jornal-romance	Meta editorial	Editor/ Tipografia	Publicação
<i>O Relator de novelas</i>	Entretenimento para as pessoas apaixonadas pela leitura	Tipografia Fidedigna de J. N. de Melo	1837
<i>O Ladrão</i>	Variedade e comodidade de narrativas em um periódico	Tip. de J. B. Olive & M. A. G. Mello	1837
<i>O Passatempo, ou miscelânea proveitosa</i>	Leitura e entretenimento a preço cômodo	Tip. da Rua dos Latoeiros	1839
<i>Narrador Brasileiro</i>	Deleite do espírito e do coração	Luís Félix Gariot	1839
<i>Espelho Fluminense ou Gabinete de Leitura: modas, poesias, charadas etc.</i>	Recreio, instrução, moral, pois os romances nos periódicos têm um alcance muito subido	E. e H. Laemmert	1843
<i>Compilador Romântico</i>	Instrução por meio do entretenimento às classes menos abastadas da	Não há indicação de editor	1845

sociedade brasileira			
<i>Jardim Romântico</i>	A mais extremada escolha dos romances de maior e decente estilo	Tipografia Brasiliense de Francisco Manoel Ferreira	1845-1847
<i>Archivo Romântico</i>	Oferecimento de bons romances traduzidos	Teixeira & Cia.	1846
<i>Echo dos folhetins d'Europa</i>	Leitura amena para recreio literário a preço cômodo	Livraria Belga-Francesa	1846-1847
<i>O Romancista</i>	Instrução e recreio	Mariano de Santa Rosa de Lima	1846-1847
<i>O Folhetinista ou leitura dos domingos</i>	Oferecimento de romances atuais por preço cômodo	Livraria Belga-Francesa	1847-1848
<i>Archivo Romântico Brasileiro</i>	Enriquecimento das Letras Nacionais por meio de romances nacionais.	Teixeira e Sousa & Paula Brito	1847-1848
<i>A Grinalda: jornal dos domingos</i>	Oferecimento de um agradável passatempo	Cardoso & Cia.	1848
<i>Bibliotheca Recreativa de romances</i>	Recreio para o tempo livre	Tip. da Deutsche Zeitung	1853-1854

Fonte: A autora, 2016.

Nota-se pela lista apresentada que, até 1848, o motivo fundamental para o surgimento dessas edições estava dividido, em sua maioria, entre o preço baixo e o oferecimento de boas leituras às pessoas apaixonadas pelo romance. O entretenimento estava na base de quase todos os empreendimentos culturais como esse, o que demonstra como a oferta e a procura, ligadas a uma estratégia editorial, favoreceram a leitura de romances. Além, é claro, da alegação de que seria um bom negócio para o leitor, que teria acesso à ficção sem despende muito. Com o decorrer dos anos e a familiaridade do público em relação ao romance e suas formas de circulação, as justificativas novamente andaram coadunadas aos anseios e preocupações do momento em entreter e moralizar com leituras amenas.

Da tabela, o jornal *Espelho Fluminense* é um dos poucos que ressalta abertamente o caráter moralizante e virtuoso do romance quando utilizado para instruir o público. Valendo-se desse discurso, solicita a aceitação do público para sua iniciativa de oferecer romances como divisa de recreio e instrução, justamente numa época em que as narrativas ficcionais eram tidas como essenciais para auxiliar na difusão da leitura, ainda que sem muito prestígio estético para os detratores.

Se é com a real intenção de moralizar e instruir que editores imprimiram os jornais-romance não se pode afiançar. Entretanto, o certo é que os editores

planejavam ter seus empreendimentos aceitos pelos assinantes e, para isso, atribuíam uma utilidade pedagógica e moralizante aos seus empreendimentos.

Outro argumento empregado, além do entretenimento por meio da literatura amena, era a necessidade de proporcionar o enriquecimento da literatura nacional, como propôs Paula Brito ao editar o *Arquivo Romântico brasileiro*, em 1847:

[...] Duas vantagens d'aqui resultam, ou antes três: 1ª) escrevendo-se sobre cousas nossas, conheceremos melhor nosso país, nossas antiguidades e todas nossas cousas; 2ª) **aumenta-se nossa literatura, o que é já muito**; 3ª) **estimula-se o gênio de nossos jovens, que feridos do exemplo se lançaram à arena dos escritores**. À vista d'estas vantagens, esperamos que todas as pessoas amantes dos romances mandem subscrever para esta publicação, que é 500 rs.¹³⁰

Publicar um jornal de romances não apenas com justificativa mercadológica ou recreativa era inseri-lo em um conjunto de iniciativas para a constituição da nacionalidade brasileira, temática bastante recorrente em meados do século XIX. Para atribuir credibilidade à sua folha junto ao público leitor, Paula Brito encomendou justamente de Teixeira e Sousa – escritor apreciado pelo público e que compartilhava a edição do *Arquivo Romântico Brasileiro* –, o romance *Tardes de um pintor*, composto especialmente para inaugurar o empreendimento.

Além de apontar a causa da falência de alguns desses “jornais de romance”, o editor pontua a relevância de um periódico dedicado ao assunto nacional, o qual propiciaria a elevação da Literatura Nacional. Não se pode esquecer, igualmente, que a Lei de Impugnação dificultava a importação de materiais impressos. Talvez seja muito mais por causa da dita lei e não necessariamente pela tentativa de diferenciar-se é que Paula Brito tenha proposto o seu *Arquivo Romântico Brasileiro*, afinal, em se tratando de produção nacional, não haveria a necessidade de lidar com os entraves de importação e, conseqüentemente, com a Alfândega, uma vez que Paula Brito e Teixeira e Sousa eram os impressores tanto do *Arquivo Romântico* quanto do *Arquivo Romântico Brasileiro*.

¹³⁰ DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Rio do Janeiro: Tipografia do Diário, ed. 07434, p. 3, 20 fev. 1847. [Grifos meus]

Esse diferencial de estimular a produção nacional e, ao mesmo tempo, difundi-la, é notado também em outros esforços, como o dos irmãos Laemmert, que mesclavam a produção nacional com a estrangeira, adotando o mesmo argumento de enriquecimento as Letras Nacionais, conforme fez Paula Brito.

Se nas décadas de 1830, 1840 e 1850, a moral e a instrução eram argumentos pouco recorrentes, isso não ocorreria a partir dos anos 1860 que, centrados na difusão de uma literatura moral e instrutiva, apresentaram periódicos que objetivavam alcançar as famílias nas horas vagas. Com a publicação do *Archivo Romântico* (1860) e do *Semanário Romântico* (1862), todo o discurso convergia para a promoção de um "gosto pela leitura amena" que proporcionasse, em âmbito individual e familiar, "sentimentos de moral e de virtude", por isso, a leitura dos romances desenvolveria a instrução de maneira recreativa.¹³¹ Nesse sentido, a Tabela 04 a seguir elenca as principais metas editoriais dos jornais-romance impressos entre a década de 1860 e 1870:

Tabela 4: Metas editoriais apresentadas pelos jornais-romance das décadas de 1860 e 1870

Jornal-romance	Metas editoriais	Editor/ Tipografia	Ano de edição
<i>Archivo Romântico</i>	Oferecer o que de mais interessante existir na Literatura quer nacional, quer estrangeira. Proporcionar diversão intelectual tão útil quanto agradável.	Justiniano José da Rocha/ Tip. do Regenerador	1860
<i>Semanário Romântico</i>	Promover o gosto pela leitura amena. Desenvolver a instrução ao mesmo tempo que recreia o espírito.	Domingos Manoel de Oliveira Quintana	1862-1870
<i>Echo dos romances</i>	Oferecer bons romances e formar uma coleção digna das melhores bibliotecas.	Tip. de Jacques Antoine Thevenet & Cia.	1867-1868
<i>Jornal para todos: literário/ ilustrado</i>	Auxiliar o desenvolvimento do gosto pela leitura e preparar as inteligências por meio dos romances.	Tipografia Americana de Sizenando Nabuco e Eduardo Oliveira	1869-1870/1875
<i>Echo Romântico</i>	Traduzir dos melhores romances franceses.	José Antônio Ribeiro Junior	1870

¹³¹ OPINIÃO LIBERAL. Rio de Janeiro: Tipografia da Opinião Liberal, ed. 39, p. 3, 22 out. 1870.

<i>Bibliotheca das Senhoras</i>	Tornar conhecidos alguns romances da Literatura moderna. Formar um diversificada coleção de bons romances. Proporcionar leituras agradáveis e instrutivas.	Escritório da Bibliotheca/ Tip. Santos & Correa	1874
<i>Bibliotheca das Famílias</i>	Ofertar leituras amenas à preço módico e livre dos inconvenientes das leituras perigosas às jovens inexperientes. Construir uma coleção de bons romances.	F. Ferreira & Cia./ Tip. Franco-Americana	1874
<i>O Recreio</i>	Meta editorial não identificada.	Sem indicação	1875
<i>O Passatempo</i>	Traduzir romances a preço cômodo. Facilitar às classes menos abastadas leitura amena, instrutiva e econômica.	Émile Dupont	1875
<i>Horas Vagas</i>	Recrear e instruir por meio de publicação de romances e novelas.	Tip. de Pedro Mueller	1875-1876
<i>Recreio popular</i>	Fazer conhecer a todas às bolsas romances de autores nacionais e estrangeiros. Oferecer leitura amena para as fadigas do trabalho.	Tip. Universal	1876
<i>Bibliotheca Recreativa: coleção dos melhores romances nacionais e estrangeiros</i>	Fornecer ao público leitura amena e instrutiva. Desenvolver o gosto pela leitura.	J.G. Azevedo - livraria Acadêmica	1876-1878
<i>Leitura do Domingo</i>	Compor uma coleção de romances nacionais e estrangeiros. Facultar o acesso à leitura de romances aos que não podem comprar volumes caros.	Tipografia de H. Lombaerts	1876-1880
<i>Jornal do Domingo: gazeta literária</i>	Prestar serviço às Letras Patrias, oferecendo instantes de leitura amena.	F. Prazeres	1877
<i>O Romanceiro</i>	Meta editorial não identificada	Sem indicação	1877
<i>O Romanceiro</i>	Oferecer leitura amena por meio de romances originais ou traduzidos dos melhores autores a preço cômodo.	Imprensa Industrial, de João Paulo Ferreira Dias	1878

Bibliotheca econômica	Desenvolver o gosto pela leitura de romance.	Empreza editora Instrução e recreio Bibliotheca econômica	1878
Museu Literário: literatura, história, viagens	Fortalecer a família por meio de leitura amenas e instrutivas. Fortalecer o espírito.	J.C. Pereira de Azevedo/ Tipografia de P.P. Correa	1878
O Romanceiro	Publicar romances modernos por preço módico. Ofertar agradável passatempo. Compor uma biblioteca de literatura amena.	Tip. do Diário do Maranhão	1878
O Romanceiro. Jardim romântico. Coleção de escolhidos romances modernos	Compor uma coleção dos melhores romances modernos.	Dias da Silva Junior/ Tip. Carioca	1879

Fonte: A autora, 2016.

Diferentemente dos jornais anteriores a década de 1860, a justificativa não era mais apenas publicar romances por um preço acessível para pessoas menos favorecidas, ou para o enriquecimento da literatura nacional, mas sim, compor um coleção, como um *Echo dos romances* ou instruir e desenvolver a leitura, conforme se depreende do programa do *Jornal para todos*, de 1869:

O romance é a mais convidativa e a mais insinuante das formas literárias para se conseguir este fim. [...]
O romance tem mais outro predicado: **auxilia o desenvolvimento do gosto pela leitura** e prepara as inteligências ainda pouco desenvolvidas para receber e saborear alimentos mais substanciais. São estes os principais motivos que nos moveram a tentar a presente publicação.¹³²

O mais importante era instruir por meio da leitura de romances, o que favoreceria o desenvolvimento intelectual da nação. Em 1874, a *Bibliotheca das senhoras* demonstrava que a preocupação estava em oferecer boas traduções do que se entendia por literatura moderna:

¹³² JORNAL PARA TODOS. Rio de Janeiro: Tipografia Americana, ed. 1, p. 1, 1 mar. 1869.

[...] não serão os Paul de Kock e Ponson du Terrail os escritores que iremos procurar para traduzir, mas sim os vultos da literatura moderna, cujos romances são obras e cujos estilos são normas. Tão pouco os traduziremos apressadamente introduzindo em nossas línguas termos de outras e conservando a construção gramatical estrangeira; senão que envidaremos todos os esforços para dar às nossas assinantes traduções fieis, mas expurgadas dos vícios de linguagem e em frase completamente portuguesa.¹³³

Além da preocupação com a qualidade das traduções, a atualidade do que traduziam era pontuada como um diferencial para preencher as horas de recreio dos assinantes.

A partir da década de 1870, em meio às justificativas já elencadas, sobressaía-se a comparação com empreendimentos editoriais europeus, indicando similaridade e atualidade nos avanços técnico e cultural advindos da França (*Le conteur, La semaine, Bons romans, journal pour tous*), da Inglaterra (*Family Herald, London Journal, Family Revue*) e de Portugal (*Jardim do Povo, Bibliotheca d'algibeira, Bibliotheca das Famílias*).

A afirmativa do uso de um formato editorial de sucesso proveniente da Europa era constantemente utilizada como recurso discursivo para respaldar os editores de quaisquer queixas de leitores e de assinantes, uma vez que, se houvesse reclamações, problemas de distribuição, ou falta de familiaridade, não poderiam os editores serem culpabilizados por isso:

Os jornais franceses e ingleses deste gênero, **cujo sistema seguimos**, não publicam um romance antes de concluir outro, publicam três e quatro ao mesmo tempo. (Vejam-se *Le conteur, La semaine, Bons romans, Journal pour tous, Family Herald, London Journal, Family Revue*, e tantos outros.)¹³⁴

Segundo os editores, apesar das dificuldades da entrega, o público brasileiro acolhia bem as publicações tanto estrangeiras quanto nacionais e, por esse motivo, argumentavam que a sua decisão de editar um jornal-romance seria para oferecer um material sem as falhas e defeitos dos concorrentes. Nesse sentido,

¹³³ BIBLIOTHECA DAS SENHORAS. Rio de Janeiro: Tipografia de Santos & Correa, ed. 1, p.2, 15 jul. 1874.

¹³⁴ O FOLHETIM. Rio de Janeiro: Typ. Hamburguesa de Lobão/ Typ. Do Folhetim, ed. 28, 02 maio 1883. [Grifos meus]

os prospectos dos jornais cariocas *O Folhetim* (1883) e *Bibliotheca das senhoras* (1874), além de tentarem legitimar suas publicações, sinalizam para uma ascendência francesa de sucesso, o que justificava o motivo de a edição estar sendo copiada no Brasil:

Inimigos das cópias feitas sem critério que tentam transportar para um país os usos e costumes de outros, que lhe são inteiramente contrários, todavia aprovamos as cópias quando ditadas pelo bom senso e reconhecidas as suas vantagens. Por isso, copiamos do povo francês esta ideia de vulgarizar a leitura das boas obras facilitando a aquisição delas. [...] ¹³⁵

Mesmo que não seja objetivo desta pesquisa assegurar a origem desse tipo de periódico, não se pode deixar de notar que a atribuição de uma gênese francesa integrava os discursos dos editores para atrair leitores e asseverar o prestígio do empreendimento editorial ao facilitar a composição de uma escolhida biblioteca.

Não obstante o imbricamento das motivações, em cada década há ênfase em justificativas específicas. No período de 1840 a 1850, o baixo preço estava na base dos empreendimentos, juntamente com a recreação e a moral, em contrapartida, nos anos seguintes, a tentativa de se assemelhar com os empreendimentos estrangeiros, bem como o imperativo de instruir e moralizar o povo por meio do romance estiveram no foco das publicações. Assim, o destaque dado a uma ou outra razão foi utilizado para atrair a preferência do público e angariar assinantes, pautando-se nas discussões literárias do momento em que a folha era impressa.

Seria demasiado simplificador elencar características totalizantes ou lineares para um veículo que acabou por se tornar um modelo editorial híbrido como foram os jornais-romance. Desde a primeira ocorrência encontrada até às últimas, sua forma de apresentação estrutural variou em formato, quantidade de páginas, conteúdo e quantidade de romances, por isso, tendo em vista que sua criação integra um processo de produção cultural no qual o romance é uma peça importante, considera-se no item a seguir os aspectos de sua materialidade e sua interferência

¹³⁵ O FOLHETIM. Rio de Janeiro: Typ. Hamburguesa de Lobão/ Typ. Do Folhetim, ed. 28, 02 maio 1883.

para a disseminação de romances no Brasil.

3.2 Materialidade

Que os jornais-romance circularam oferecendo romances em um modo editorial diferente dos conhecidos, isso já ficou claro, mas a maneira como sua materialidade interferiu no processo de aquisição da leitura de romances é um ponto a ser discutido, pois a forma do suporte permitiu que diferentes apropriações das narrativas de ficção fossem realizadas, uma vez que as expectativas de leitura de um mesmo romance, em diferentes modalidades editoriais, requeriam do leitor diferentes "performances", ainda que fossem em modos parcelados de apresentação dos textos, como eram o folhetim ou o fascículo.

Para compreender como essa materialidade interveio na maneira como foram apropriadas as narrativas em prosa de ficção nos jornais-romance, deve-se considerar que seus aspectos físicos complementaram os culturais no momento em que o leitor optou pela aquisição de determinado formato em detrimento de outro.

Em relação às características físicas, o que se evidencia, além das tiragens seriadas de narrativas em prosa de ficção, é o número de páginas – variando de 8 a 16 por edição com numeração contínua –, formato – in-4º ou in-8º francês –, qualidade do papel, encadernação, número de colunas, presença ou não de anúncios, regularidade, preço, quantidade de romances e presença de ilustrações.

De maneira geral, os jornais-romance possuíam número regular de páginas, excetuando o caso d'*O Folhetim* (1883), que tinha quatro páginas, com dimensões médias de 33x24cm, apresentando uma, duas ou três colunas e contendo, a cada número, de dois a três capítulos de dois romances diferentes. Por vezes, oferecia ainda capítulos de narrativas menores.

Graficamente, esses jornais apresentavam no topo da primeira página informações sobre preço, título, número, regularidade da edição, lugar para assinatura e editor ou tipógrafo (Figura 5).

Figura 5: Exemplos de páginas iniciais de jornais-romance



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

A partir do decênio de 1860, eles passam a oferecer uma ilustração da cena principal de cada capítulo publicado, como um diferencial (Figura 6).

Figura 6: Exemplar do *Jornal para todos*, ed. 3, p. 06 maio 1869

N. 3 — 200 Rs.

JORNAL PARA TODOS

LITTERARIO — ILLUSTRADO

— Vende-se na typographia Americana — Rua dos Ourives n. 19 —

Tomo I.

Março 6. 1869

SUMMARY.—*O conde Kostia*, por Victor Cherbuliez.—*O ultimo Filho do Diabo*, por Vaucheret.—*O Missionario*, por Ernesto Daudet.—*Chronica dos Theatros*.—*Benevolos do Trabalho*, José Maria dos Reis.

O CONDE KOSTIA

PRIMEIRA PARTE

III

Grande prazer esperava Gilbert ao acordar; levantou-se e quando o sol principiava a desontar, e apenas se vestio, correu á janella para observar a paisagem.

A rotunda que lhe fora designada para domicilio, formava o andar superior de uma torre, que flanqueava um dos angulos dos castello. Esta era uma massiva torre quadrada, situada na outra extremidade da mesma fachada, e estava para o norte, e d'este lado o rochedo era cortado a pique, e formava um precipicio de tresentos pés, de aspecto magnifico. Quando Gilbert chegou á janella, seu olhar profundou no golpho, onde fluctuava um vapor azulado que o sol nascente traspassava com suas flechas de ouro: este espectáculo maravilhou-o. Ter um precipicio por baixo da janella, era novidade que lhe causava jubilo infinito. O precipicio era dominio seu, sua propriedade; seus olhos tomavam posse d'elle. Não se cansava de contemplar aquelles rochedos escarpados como muralhas, e cujas paredes eram cortadas por nesgas transversaes de urzes e arbustos recurvados. Desde muito não ex-

perimentára tão viva sensação, e convenceu-se que, se seu coração estava já velho, seus sentidos estavam ainda novos. O facto é que neste momento Gilbert, o grave philosopho, era feliz como uma criança, e ouvindo o solemne e murmurio do Rheno, ao qual se concorriava o granar de um corvo e os gritos estridentes dos passaros que roçavam com as pontas das azas as saliencias da torre persuadiu-se que o rio engrossava a voz para soutal-o, que os passaros lhe davam uma serenada, que toda a natureza celebrava a festa de que elle era o heroe. A custo se arrancou da janella para ir almo-

car, e cahira de novo em contemplação quando M. Leminoz entrou em seu quarto. Não o ouviu chegar, e foi preciso que o conde tocasse tres vezes para lhe fazer voltar a cabeça. A percebendo o inimigo, Gilbert estremeceu; mas sem difficuldade serenou-se. No entanto o estremecimento nervoso que não podera reprimir fez sorrir o conde e este sorriso magoou Gilbert. Sabia que M. Leminoz regularisaria a conducta a seu respeito, pela idéa que formasse d'elle nesta primeira entrevista, e prometeu a si mesmo ser muito discreto.

O conde Kostia, era homem de meia idade, bem feito, alto, hombros largos, ar de importancia, fronte severa e altaneira, nariz de ave de rapina, cabeça alta e ligeira, e inclinada para traz, grandes olhos parlos bem fendidos de onde saham, olhares a um tempo penetrantes e incertos, rosto expressivo, de linhas regulares, e onde Gilbert nada teve a estranhar senão as sobrancelhas demasiado espessas e as magas do rosto demasiado salientes; mas o que lhe não agradou, foi que M. Leminoz conservou-se de pé pedindo-lhe que se sentasse, e como Gilbert fizesse alguma resistencia, o conde fez um gesto imperioso acompanhado de franzeir de sobr'olhos.

— Senhor conde, lhe disse mentalmente Gilbert, sem se haver assentado.

— Meu caro senhor, tornou o conde, passando na cadeira com os braços cruzados e os pés juntos, tem no um fervoroso. Tem o em apreço



Laura! exclamou elle louco de raiva e desesperação (pag. 20 col. 1).

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Já na década de 1870, os anúncios, até então excluídos das páginas dos jornais-romance, surgiram em algumas folhas, retirando espaço das narrativas como bem demonstra a página inicial do número prospecto do *Jornal do Domingo*, de 1885 (Figura 7).

Figura 7: Prospecto do *Jornal do Domingo* (1885)

JORNAL DO DOMINGO

REVISTA LITTERARIA SEMANAL

N. 1 Janeiro 1885

Esta Revista não dá vantagem em estar publicada a material de 3 volumes em 12 volumes outros os mais importantes romances que cabrem á letra; além d'isto reservamos nos volumes para as produções nacionais e mais especialmente Pernambucanas: o preço da assinatura que fica estabelecido a 20000 por anno a termo semestral a todos.

Assignação á rua do Imperador n. 75, em casa dos Srs. G. Lapaerte & C., ou lá também se recebem os annuncios.

Nossa recommendação á Moço, los assinantes nozro Journal temem la plus efficace appeal de publicidê pour la Province de Pernambuco, estemas en cela: L'uno dos principaes de l'Empire do Brazil: tirê a 3,000 exemplares; los todas las semanas el distribuidor gratuitamente a todos los abonos dos grandes Jornaes; os para ôcos annos que los assinantes qui y annos indicoes annos; l'uno par la grande majorité des habitants de la Province; nous avons dit cela ad-ôce la système la plus propre, de engager à la lecture des annos en los interesados avec los Romans, Nouvelles et autres que nous publions: y avoir cela, qu'ôce du public; nous espérons, si Mesdames los abonnés veulent bien nous y encourager en nous envoieant leurs annos, d'ôce nozro publication a tout la Nord du Brésil.

PREÇO DOS ANNONCES: 20 c. la ligne. AGENT A PARIS: Victor Schifferdel, 47 rue St. André des arts.

NUMERO PROSPECTO

ROMANCE

A PADEIRA

POR
XAVIER DE MONTPEIN

PRIMEIRA PARTE O INCENDIARIO

I

A villa de Alfert-villo, situada na estrada de Maison Alfert, perto da freguesia de Charostes, é, em grande parte, occupada pelos operarios das fabricas diseminadas pela planicie que se estende para norte entre a Seine e os atterros da estrada de ferro Paris, Lyons, Mediterranee e para leste, na direcção das villas de Créteil e de Maison Alfert.

Depois de acabado o trabalho, os operarios sahem das officinas e voltam para suas casas. Os que moram nas fabricas — e estes são poucos numero — para fazerem as compras são obrigados a ir a Alfert-villo ou a Maison Alfert.

Na occasião em que começa a nossa narração, isto é a 3 de Setembro de 1861, ás tres horas da tarde, uma mulher de 26 annos, pouco mais ou menos, seguiu pelo caminho que vai de Maison Alfert a Alfert-villo.

Essa mulher, vestida de lã, com simplicidade e modestia, era de estatura mediana, muito bem feita, nos olhos de que brilhava de bella sympathia e attractiva.

Cabellos de um louro dourado, hastes e de um comprimento quasi inverosimil, enroscavam-se nos grãos tranças na cabeça desordenada, sem negligencia, mas não sem graça.

VINHO DE MOITIER

DIGESTIVO
TONICO
FEBRIFUGO



de GUENA
Favosellas,
MALAGA
e
PIROPHENATO
de Ferro

PARIS
HOUYET

em vez de ir a carinhosa, carrrega o seu brinquedo, seu carro. Assim nunca chegará.

— Sua, mamãezinha...

A criança, abalroada, tomou o cavallo pela cauda, meteo-o cu baixo de lenço, tomou, outra vez, a mão da mãe e os dois caminharam a caminho.

Passaram pela freguesia de Charostes e chegaram logo ás primeiras casas de Alfert-villo.

A moça entrou n'essa pequena loja de especieiro, e não viu ninguém, batendo de leve no balcão tres ou quatro paçadas.

Uma mulher forte veio de um peço vizinho.

— Oh! é a Sen. Fortier! disse ella; bom dia, Sen. Fortier... De que posso servir-lhe?

— De kerosene, faça favor...

A moçozinha fez um gesto de surpresa e exclamou:

— Kerosene!... ainda! Mas, santo Deus, que faz de kerosene? Ainda hantem levo...

— O meu pequeno entranou o pichel, brincando, respondeu a Sen. Fortier.

— Ah! é isso!... Mas, isso não faz conta!

Quanto quer?

— Quatro liras, faça favor, para não voltar tantas vezes...

O pequeno Jorge, que tinha ficado na rua, divertio-se com o seu cavalleo de papelão.

A especieiro estava molindo e liquido pedida.

— Esses pequenos são parvosos! dizia ella meditando. Não que o seu menino po

NOVO
TRATAMENTO
para as moléstias
de Escrofula e de Pele,
Gonorrhoea, Leucorrhoea, Arteria,
Eclampsia chronica, Tumor, etc., etc.

VINHO PEPTONA CATILLON

PARIS, na rua de Valenciennes, 10
e 12 no 2º andar.



Xarope-Zed

(De CODEINA e TOLU)

Aguardado pela Junta de Hygiene do Rio de Janeiro

O **Xarope Zed** não contém a minima quantidade de opio, não obstante o seu effeito é rapido e o sistema que empregamos após uma administração é tranquillizante e leve.

O **Xarope Zed** emprega-se contra as *Diphtheria do Pulo, Tumor do Thórax, Tumor do ventre (Capitula), Bronchite, Coqueluche, Catarrho e Inflammacao da Garganta.*

PARIS, rua de Valenciennes, 10
e no 2º andar de FRANCISCO DE SAUTERNA

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

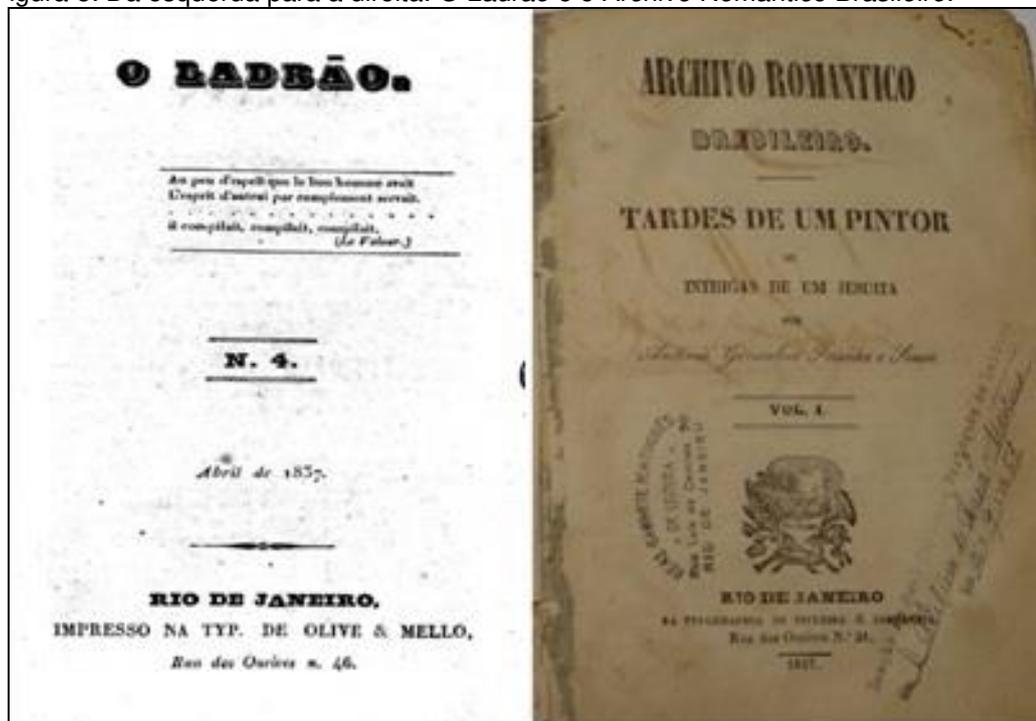
O *Jornal do Domingo*, como se nota na figura 7, ao inserir os anúncios em pequenas caixas para não se misturarem à matéria da narrativa, expõe os assinantes de maneira intensa aos reclames, pois todos os veriam por estarem dispostos no meio dos textos, não correndo o risco de pularem as páginas de

anúncios, como acontecia na leitura dos jornais diários, em que o leitor poderia se eximir das partes finais, caso não se interessasse em ler anúncios.

Por outro lado, a ausência de anúncios – salvo em raras exceções, como o *Jornal do Domingo* e o *Horas Vagas* –, fundamentava-se no fato de pretenderem proporcionar horas de agradável recreação, sem interrupções ou aborrecimentos ao leitor, já que “o jornalismo no Brasil [...] se tem deixado submergir na política do que não pode resultar grande vantagem para a literatura”¹³⁶. Isso fez com que todo o espaço fosse utilizado para impressão de romances, exigindo do leitor concentração e atenção exclusiva às narrativas de ficção, diferente do que acontecia com os romances-folhetins, impressos nos rodapés dos jornais diários, ao disputarem espaço com outras informações.

As primeiras publicações desse gênero, conforme se indicou na descrição cronológica, possuíam características muito próximas às dos fascículos e dos volumes, com dimensões pequenas, um único romance por número semanal e apenas uma coluna (Figura 8).

Figura 8: Da esquerda para a direita: *O Ladrão* e o *Archivo Romântico Brasileiro*.

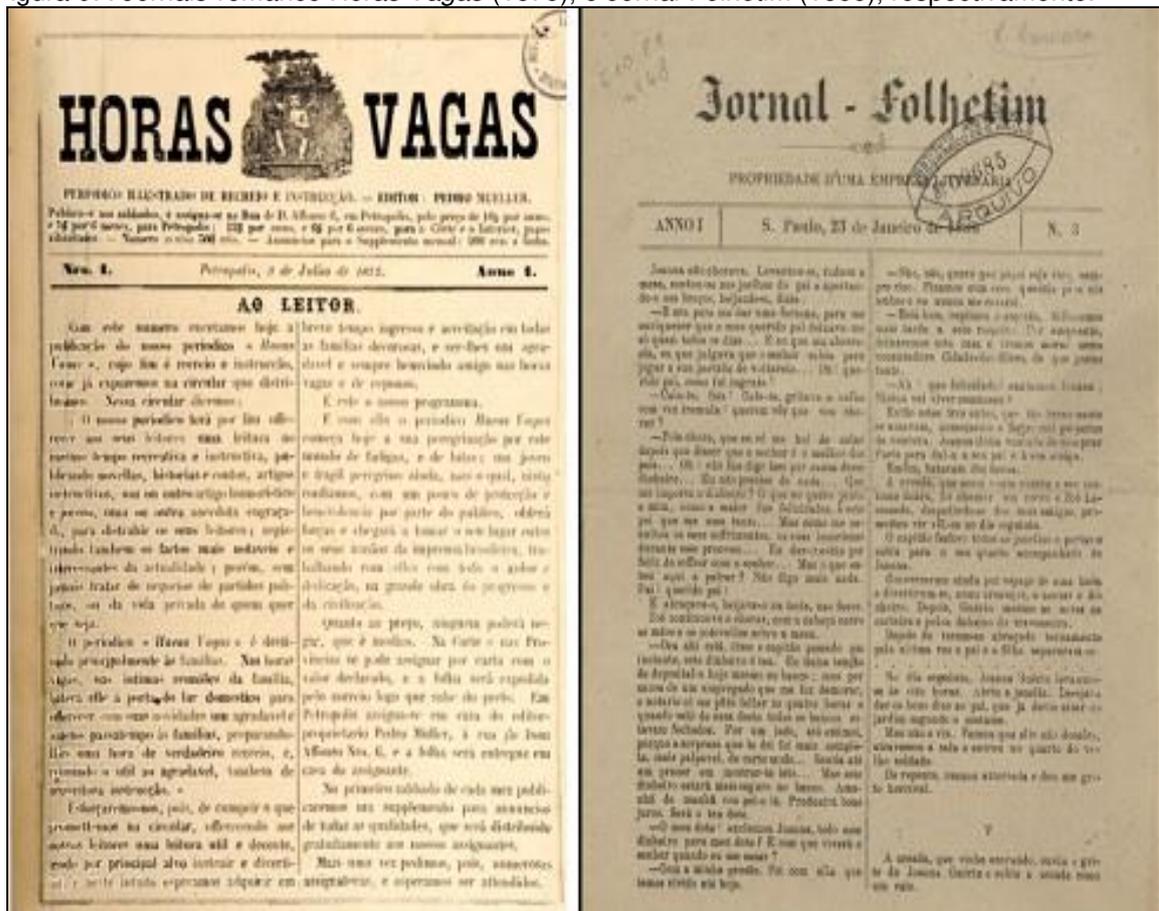


Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira e Real Gabinete de Leitura, respectivamente

¹³⁶ A GRINALDA: JORNAL DOS DOMINGOS. Rio de Janeiro: Cardoso & Cia., ed. 1, p. 2, 23 jul. 1848.

À medida em que o modelo conquistou espaço no mercado de impressos, a tentativa observada nas primeiras décadas de se aproximar dos livros, inclusive permitindo a encadernação completa do romance ao final da publicação, foi substituída pelo esforço de aproximação com os jornais cotidianos, aumentando as dimensões gráficas, a disposição em colunas e o oferecimento de mais de um romance ao mesmo tempo (Figura 9).

Figura 9 : Jornais-romance *Horas Vagas* (1875), e *Jornal-Folhetim* (1885), respectivamente.



Fonte: Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro e Hemeroteca Digital Brasileira, respectivamente.

As mudanças nas dimensões implicaram distintos modos de assimilação, porquanto a leitura feita em um formato pequeno, além de permitir ao leitor uma acomodação íntima e flexível do jornal-romance, possibilitava seu ocultamento, caso o romance lido fosse mal avaliado, estratégia difícil de ser adotada com dimensões maiores do papel. Esse é um aspecto importante para se discutir como a materialidade pode ser diretamente relacionada ao consumo de bens culturais em uma determinada sociedade, uma vez que, além do valor econômico do produto, o seu

tamanho e apresentação, em certa medida, determinavam sua aceitação, acessibilidade e mobilidade.

Para o leitor, essas aproximações com uma e outra forma resultaram em maneiras diversas de se apropriar do romance, uma vez que, ao imprimir ritmos de leitura diferentes do fascículo, do folhetim e do volume, a leitura do jornal-romance requeria da memória mais ou menos esforço, já que o tempo e a atenção destinados antes somente a um romance eram divididos para a leitura de dois ou três simultaneamente. Assim, a quantidade de romances passou a exigir maior concentração do leitor para a retomada dos enredos e dos personagens.

Da mesma forma que a alteração no formato, o aumento no número de páginas e na quantidade de romances pressupunha uma mudança na frequência de leitura, já que havia a necessidade de mais tempo para a mesma. Assim, um leitor que se deparasse com a *Biblioteca Recreativa* (1876) – que aumentou de 16 para 24 páginas ainda no primeiro mês de impressão –, ou *O Romanceiro* (1878) – que de 8 passou a tirar 16 para "satisfazer mais amplamente a curiosidade do leitor"¹³⁷ –, teria que se adaptar aos acréscimos de mais capítulos e, por vezes, da quantidade de romances impressos por edição do jornal. Isso quer dizer que se um leitor lia em média, de 8 a 16 páginas por semana, isso sem contar os outros formatos em que o romance aparecia (volume, fascículo ou folhetim), ele passaria a ler minimamente mais do que estava habituado.

Outro fator é o caráter imagético, atribuído às narrativas pela inserção de ilustrações. Estas dividiam o espaço da folha com o texto das narrativas, antecipando cenas descritas nas páginas seguintes. As ilustrações, presentes em alguns jornais-romance, projetavam acontecimentos que estavam escrito nos textos; retratavam, propriamente, “os nós” do enredo dos capítulos impressos, conforme se pode observar na figura 10, em que a xilogravura, presente na página 84 do *Leitura do Domingo*, antecipa uma cena da página 85.

¹³⁷ DIÁRIO DO MARANHÃO. São Luis: Tipografia de Frias, ed. 1550, p. 3, 08 out. 1878.

Figura 10: Exemplar do jornal *Leitura do Domingo*, ed. 11, 19 mar. 1876.

1º Anno N 11. 200 REIS CADA NUMERO 19 de Março de 1876

LEITURA DO DOMINGO

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DOS MELHORES ROMANCES

PUBLICA-SE
TODOS OS SABBADOS

PROPRIEDADE DA
AGENCIA DE ASSIGNATURA PARA TODOS OS JORNAES
LOMBAERTS & C^{IA}
7, RUA DOS OURIVES, 7, RIO DE JANEIRO.

PREÇO ANNUAL
Corte..... 82000
Provincias..... 102000

52-2.863



« E deu-lhe com a luva no rosto. (pag. 85)

A CHOUPANA DO PROSCRIPTO
POR
Gustavo Aimard
—
PRIMEIRA PARTE
O forte Duquesne
—
(Continuação)
XVII—A HISTORIA DE LEONA
— Coragem! disse com brandura Camilla abraçando-a.
Leona ergueo-se: um relampago desprende-se-lhe dos olhos.

— Tens razão, disse ella com voz surda porém firme e accentuada, escuta, pois, o que me resta a contar-te:
« Completava eu os dezeseite annos quando, sem prevenir-me, veio meu pai tirar-me do convento, pretextando estar terminada a minha educação e ser já tempo de entrar eu no mundo.
« Dous dias depois de ter eu chegado ao Castello deu meu pai um baile para o qual convidou toda a alta nobreza da provincia.
« O barão de Grigny assistia a esse baile.
« Por sua irmã soubera elle que eu havia deixado o convento e apressari-se a aceitar o convite que, como a todos os gentis homens dos arredores que habitualmente visitavam o Castello, lhe fora dirigido.
« Dansando commigo deu-me parte da intenção que tinha de a meu pai pedir, o mais breve possível a minha mão. Molejando eu dessa pressa que aparentemente nada motivava, elle sacudiu tristemente a cabeça e respondeu-me:

«— Minha querida Leona, comprehendo bem que tenhas o direito de julgar intempestivo este proceder, visto que acabas de voltar ao seio da tua familia; porém, não sei porque, tenho sinistros presentimentos, tmo pela nossa felicidade. Correm certos boatos que é inutil referir-te; nada me impede de adiantar-me e apressar o meu pedido.
«— O que quer isso dizer? exclamei, inquieta sem o querer pelo tom com que aquellas palavras haviam sido pronunciadas. Não vos comprehendo, explica-vos.
«— Não insistas, em t'o rogo. E' melhor que ignores tudo, disse elle com tristeza.
«— Eu vol-o supplico, respondi-lhe insistindo, fallai.
«— Queres?
«— Eu vos rogo.
«— Então faça-se a tua vontade, murmurou elle com pezar: corre por ahi que teu pai trata de casar-te com o marquez de Bois-Tracy...

O ilustrador, ao desenhar as cenas, realiza a primeira leitura da obra, sugerindo um determinado roteiro que não estaria disponível para os leitores dos folhetins ou dos fascículos não ilustrados. As cenas descritas pelas ilustrações familiarizavam os personagens e os enredos para o público, que muitas vezes adquiriam o jornal devido ao atrativo das imagens. Da mesma forma, um leitor pouco alfabetizado poderia se aproximar da leitura a partir das ilustrações. E um leitor distraído, poderia recuperar informações importantes sobre a trama observando as imagens.

Do ponto de vista material do jornal, uma característica relevante deve ser destacada: o da encadernação, que, embora permitisse, ao final do semestre ou ano, a reunião dos romances publicados em formato de volume, ocasionou queixas, que perpassavam desde o relato das dificuldades de encadernação devido à quantidade excessiva de romances até a impossibilidade de tal procedimento por conta da imediata inserção de novas narrativas antes de finalizadas as anteriores, de que é exemplo a explicação do editor d'*O Folhetim* aos seus assinantes: “Temos recebido uma ou outra reclamação por havermos encetado a publicação de um romance antes de concluído outro, o que, no entender dos reclamantes, dificulta a encadernação.”¹³⁸

Apesar dos problemas de ordem técnica, a regularidade na impressão e a entrega dos jornais foram a maior dificuldade enfrentada pelos editores. Notas de desculpas pela falta do jornal eram frequentes e, junto com elas, apareciam promessas de retomada na regularidade das remessas, que afetava diretamente o assinante e as expectativas criadas em torno da publicação de determinado romance, conforme se depreende da notícia a seguir:

A Leitura do Domingo é uma folha literária, ilustrada e bastante apreciável, propriedade do sr. H. Lombaerts.

Está no começo e apenas se acham publicados quatro números. O quinto que devera sair no domingo último não apareceu por dificuldades inerentes a empresas desta ordem. Consta-nos, porém, que se acham superados todos os obstáculos; que hoje sai o número 5 e que no domingo se publica o sexto número.

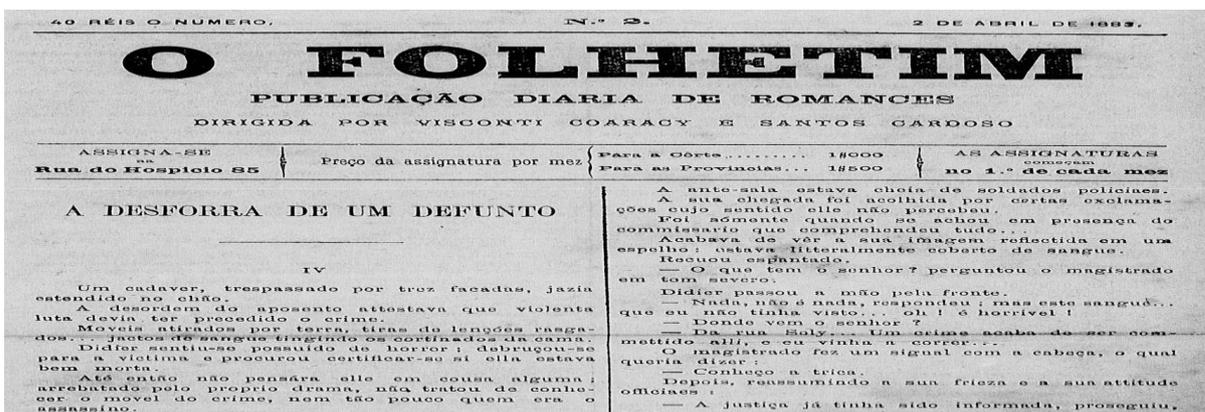
Parece-nos que poucas serão as famílias que não desejem possuir esta interessante publicação.¹³⁹

¹³⁸O FOLHETIM. Rio de Janeiro: Typ. Hamburguesa de Lobão/ Typ. Do Folhetim, ed. 28, 2 mai. 1883.

¹³⁹GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Tipografia da Gazeta, ed. 35, p.1, 4 fev. 1876.

O atraso nas entregas ocasionava problemas de retorno imediato ao conteúdo das narrativas, já que o corte e as retomadas textuais pouco evidentes nos jornais-romance obrigavam o leitor a voltar a números anteriores para reiniciar e prosseguir a leitura. Essa leitura fragmentada e interrompida poderia dificultar o estabelecimento do sentido e resultar no desinteresse pela narrativa. Além disso, quando havia mais de um romance simultâneo, existia a possibilidade de embaralhamento das tramas por parte, uma vez que, diferentemente do romance-folhetim, o corte era feito muitas vezes aleatoriamente no meio da narrativa, sem a preocupação de manter o suspense do enredo, isso porque o objetivo dos editores era a adequação gráfica do texto nas páginas dos jornais. Em outras ocasiões, havia o cuidado em manter o suspense na narrativa, porém no número seguinte não eram feitas retomadas textuais para permitir que se rememorasse quais os personagens e a trama, como exemplifica a publicação do romance *A desforra de um defunto*, em *O Folhetim*, de 1 e 2 de abril de 1883 (Figura 11).

Figura 11: Trechos das edições 1 e 2, de 1 e 2 de abril de *O Folhetim*



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Como se observa na figura 11, há o corte no momento em que Didier, personagem central da trama, adentra em seu quarto e se depara com uma cena monstruosa. Esse suspense é mantido até o número seguinte do jornal, quando a narrativa é reiniciada com a revelação do que era a cena de horror, mas sem retomadas textuais indicativas do que havia acontecido no capítulo anterior.

As características físicas do jornal-romance e seus presumíveis efeitos permitem afirmar que a materialidade favorece o tipo de relação que o leitor pode vir a ter com a prosa de ficção,¹⁴⁰ uma vez que o contato com uma série de narrativas, com enredos distintos – no caso do jornal de romances – exigia do leitor uma habilidade de memorização e de concentração maior do que a destinada para os volumes, folhetins e fascículos.

3.3. A circulação dos jornais-romance

Conforme se verificou na cronologia descrita no segundo capítulo, os jornais-romance eram impressos em várias províncias do Império, embora o Rio de Janeiro concentrasse a maior parte da produção. A circulação, entretanto, não esteve restrita às províncias produtoras, posto que em várias capitais era possível encontrar notícias como a seguinte saída no jornal *Treze de maio*, em 1854:

Na Oficina de Santos & Irmãos, estabelecida na Tipografia de Santos & Filhos, aceitam-se encomendas de livros que se queiram mandar vir do Rio de Janeiro da livraria dos srs. Eduardo & Henrique Laemmert, os quais são mencionados nos catálogos que vem no final das suas folhinhas: na mesma oficina de Santos & Irmãos, nesta cidade, há para serem vendidos os seguintes livros: *História do Brasil; História de Napoleão [...] Tesouro de Novellas; Paulo & Virgínia; aventuras de Hicol; Simão de Nantua [...]*¹⁴¹

Apesar de não se imprimir ou de se editar jornais-romance no Pará, os habitantes dessa província podiam solicitar qualquer folha que estivesse disponível no Rio de Janeiro, na Casa dos Laemmert, cuja capacidade de distribuição permitia

¹⁴⁰ CHARTIER, R. Materialidade e mobilidade dos textos. Dom Quixote entre livro, festas e cenários. In: ROCHA, J. C. de C. (Org.). **Roger Chartier - A força das representações**: História e ficção. Chapecó: Argos, 2011. p. 173-200.

¹⁴¹ TREZE DE MAIO. Pará: Tipografia de Santos & Filhos, ed. 367, p. 4, 8 ago. 1854.

o envio de obras e jornais tanto do Rio quanto de outros países, como é o caso do *Thesouro de Novellas*, anunciado ao lado de livros de história e de romances.

Essa distribuição não era um serviço prestado somente pelos irmãos Laemmert. Livreiros-editores como Désiré Dujardin, proprietário da Livraria Belga-Francesa, situada no Rio de Janeiro, além de importar produtos da Bélgica, Alemanha e França, editava e distribuía para várias partes do Império o jornal *Echo dos Folhetins d'Europa*, cujo recebimento em Pernambuco é descrito com entusiasmo pelo seu representante nesta cidade:

[...] Todos estes obstáculos estão previstos e serão removidos pelos empreendedores do – *ECHO DOS FOLHETINS* –, por isso que eles contam com o trabalho de pessoas mais ativas e capazes de levá-lo à desejável perfeição. Já se vê por conseguinte, que só um grande número de assinantes pode produzir o necessário, para a pronta impressão e pontual entrega desta obra de recreio e instrução. Os leitores, porém, serão amplamente indenizados pelo prazer, que deve resultar-lhes de uma publicação regular do que há de mais seleta nas produções românticas da atualidade.

Subscreve-se, na praça da Independência, livraria ns 6 e 8, a 240 rs. cada folheto. – Esta quantia, segundo as condições da assinatura, deve ser paga ao receber-se o folheto.¹⁴²

Na década de 1870, com os avanços nos sistemas de transportes e comunicações,¹⁴³ essas notícias se tornaram mais recorrentes, bem como a divulgação de periódicos do mesmo tipo vindo de outros países.

Anúncios como os do jornal cearense *Pedro II*, em 29 de outubro de 1870, disponibilizavam a assinatura de inúmeros periódicos da Europa, desde os de política, comércio e alfaiataria, até os voltados para romances, como os franceses *Journal du Dimanche*, *Journal Illustré*, *Journal pour tous*; o inglês *All the year round*; e o alemão *Novellen Zeitung*.

¹⁴² DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife: Tipografia do Diário, p. 2, 27 nov. 1846.

¹⁴³ A instalação do primeiro telégrafo, no Brasil, data de 11 de maio de 1852, entre a Quinta Imperial e o Quartel do Campo, no Rio de Janeiro. Após essa data, este meio de comunicação se expandiu rapidamente, facilitando o contato entre as províncias (MARCONDES, R.L. O mercado brasileiro do século XIX: uma visão por meio do comércio de cabotagem. *Rev. Econ. Polit.*, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 142-166, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572012000100009&lng=en&nrm=iso>).

Figura 12: Anúncio retirado do jornal *Pedro II*, ed. 231, 29 out. 1870

JORNAES DA EUROPA
ASSIGNATURAS
PARA
1871.

POLITICA.—Cloche 65\$. —Courrier de l'Europe, Londres 20\$. —Figaro 65\$. —Gaulois 65\$. —Indépendance Belge (outre-mer) 30\$. —Koloische Zeitung 25\$. —Liberté 65\$. —Saturday Review 30\$. —Steele 65\$. —Temps 65\$.

REVISTAS.—Revue contemporaine 45\$. —Revue des Deux Mondes, Paris 45\$. —Revue pour tous 6\$. —Monde Monographique 12\$. —Unsere Zeitung 25\$. —Westermann Monatshefte 20\$.

JORNAES ILLUSTRADOS —All the year round 12\$. —Fischetto (Torino) 70\$. —Fliegende Blätter 15\$. —Gartenlaube 12\$. —Gentleman's Journal 12\$. —Graphic, Londres 30\$. —Illust. Leipzig Zeitung 30\$. —Illust. London News 30\$. —Illustration, Paris 30\$. —Journal Amusant, Paris 15\$. —Journal illustré 6\$. —Journal du Dimanche 8\$. —Journal pour tous 12\$. —Kladderadatsch 20\$. —London Journal 12\$. —Monde illustré, Paris 20\$. —Punch 16\$. —Tour du Monde 24\$. —Ueber land und meer 20\$. —Univers illustré 20\$. —Vie Parisienne 24\$.

COMMERCE.—Economist London 50\$. —European Mail 54 shillings —Journal des Economists 30\$. —Journal du Havre 85\$.

LITTERATURA.—Freyschutz 36\$. —Novellen Zeitung 20\$. —Petit Journal 20\$. —Revue des cours Littéraires 15\$.

MODAS —Bizar 20\$. —Journal des Familias, Rio de Janeiro 12\$. —Journal des Demoiselles 20\$. —Magasin des Demoiselles 12\$. —M de Illustrée, Paris 24\$. —Moniteur de la Mode 24\$. —Saison 12\$. —Young ladies Journal 12\$.

ALFAIATES —Modes Françaises, Journal des Tailleurs 20\$. —Tailleur 15\$.

CABELLEIROS.—Journal des Coiffeurs 12\$.

DIREITO.—Revue crit. de Legislation 18\$.

ENGENHARIA—SCIENCIAS.—Ann. de la Construction 15\$. —Annales du Genie civil 20\$. —Cosmos 20\$. —Engenceer 30\$. —Revue des Cours Scientifiques 15\$. —Science pour tous 6\$. —Technologie 20\$.

MEDICINA.—Art dentaire 6\$. —Bulletin Homœopatique 20\$. —Bulletin de Thérapeutique 15\$. —Gazette des H. spitaux 30\$. —Gazette Medicale de Pariz 30\$. —Gazette Hebd. de Medecine 20\$. —Gazetta Medica de Lisboa 12\$. —Journal de Pharmacie 12\$. —Medical Times 30\$. —Revista de Pharmacia do Porto 6\$. —Revue de Thérapeutique 12\$. —Union Medicale 30\$. —Union Pharmaceutique 6\$.

N. B.—Além d'estes periodicos, tomamos assignaturas para qualquer Jornal da Europa.

OS PREÇOS SÃO POR ANNO
Não se aceita assignatura sem preço pagamento
DE LAIHACAR & C.
Livraria franceza
PERNAMBUCO.
No Ceará na livraria de Joaquim J. d'Oliveira.

Divulgados a preços bem mais baixos que os outros jornais, os de romance eram vendidos ora como ilustrados ora como literários. Se, por um lado, essa variação é observada nos anúncios de Pernambuco e do Ceará, por outro, isso não acontecia em relação aos outros livreiros do Império, em cujos anúncios não há um interesse em estabelecer categorias para as obras ofertadas:

Figura 13: Da esquerda para a direita, anúncios do *Correio Paulistano*, 2 fev. 1876, p. 4, e do *Pharol*, ed. 36, 1885, respectivamente.

LIVRARIA BRAZILEIRA ALLEMA
DE
Ricardo Matthes

43 — Rua da Imperatriz — 43

RECEBE ASSIGNATURAS PARA OS SEGUINTE JORNAES :

O Novo Mundo.
Leitura do Domingo.
Jornal das Familias.
La Saison (edição para o Brazil).
Jornal illustrado para os alfaiates.
Le Tour du Monde.
Courier de l'Europe.
L'Independance Belge.
Illustration, journal universel.
Monde Illustré.
Revue des deux Mondes.
Revue Illustrée dans les deux Mondes.
Univers Illustré.
Journal de la Jeunesse.
Poupée Modèle.
Illustration de la Mode.
Journal des Tailleurs.
La Mode illustrée.
Le Voleur.
Petit Journal pour rire (humoristique).
Le Mosaïque.
Journal Amusant (humoristique).
Journal du Dimanche.
Les bons romans.
Gazette des Hôpitaux civils et militaires.
Bulletin General de Therapeutique medicale et chirurgicale.
All the Year Round.
Belgravia.
Cornhill Magazine.
Daily News.
Daily Telegraph.
Engineer.
Engineering.
Field.
Family Herald.
Fun.
Graphic.
Illustrated London News.
Mail.
Punch.
Pall Mall Budget.
Public Opinion.
Queen.
Saturday Review.
Standard.
Temple Bar.
Young Ladies Journal.

Ricardo Matthes 2 — 4

Muita attenção

Consultorio homoeopatico do dr. José Lassala e Mercader, Barão d'Altura
Medico-cirurgião formado em allopathia em Hespanha pela Universidade de Valença; examinado e aprovado na mesma sciencia pelo Conselho de Hygiene de Montevideo e pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.
Condecorado com a *Crux de Epidemia* e a de *Beneфициencia de 1.ª classe*, por serviços medicos prestados no seu paiz.
Formado em homoeopathia pela Academia homoeopathica hespanhola; membro da sociedade Hahnemannica Matritense, de Buenos-Ayres e de outras corporações scientificas homoeopaticas.
Professor de homoeopathia pura e Especialidade para o curativo de *tysica, syphilis* muito antiga e rebelde, e *cançeros* da lingua, labios e utero.
Offerece seus serviços medicos ao Publico desta capital em qualquer enfermidade e particularmente nas supra mencionadas.
Visita as casas dentro e fóra da cidade, prévios chamados por escripto.
Consultas, todos os dias, de 1 ás 2 horas da tarde.
Rua Direita, hotel de France, quarto n. 12. 10—8

Chegou

ao armazem de secco e molhados á rua de S. José n. 4 um grande sortimento de cocos com casca, bananas, ananazes, laranjas e melancias.
Preços commodos
Casa de Lino Mendes & C.ª 3—3

Medico

JORNAES

Em consequencia de um ajuste que fizemos com a casa da Côte — *Atte petit Journal* — dos Srs. Henri Nicoud & Comp. podemos hoje eucarregar-nos de assignaturas para todos os jornaes da Europa, por preços sem competitor como se vê da lista que em seguida publicamos.

Podemos além disso offerecer aquelles que assignarem alguns dos referidos jornaes a maior celeridade e regularidade na entrega dos mesmos; de ha muito a casa dos Srs. Henri Nicoud & Comp. conquistou uma verdadeira celebridade neste terreno.

Annales de ponts et Chaussées	19\$000
Bons Romans	7\$000
XIX ^{me} Siècle	35\$000
Economiste français	26\$000
Evénement	38\$000
FIGARO	50\$000
Français	35\$000
France	32\$000
Gazette des Hôpitaux civils et militaires (LANCETTE FRANÇAISE)	20\$000
Gil Blas	35\$000
Henri IV	32\$000
Illustration	26\$000
Intransigeant	32\$000
Journal Amusant	14\$000
Journal des Débats	44\$000
Journal du Dimanche	7\$000
Journal des Economistes	22\$000
Journal des Enfants	10\$000
Journal Illustré	7\$000
Journal de pharmacie et de chimie	11\$000
Journal des Voyages	7\$000
Liberté	28\$000
Mode Illustrée (com figurinos coloridos)	16\$000
Modes parisiennes (dito)	11\$000
Modiste universelle (dito)	11\$000
Monde Illustré	16\$000
NOUVELLE REVUE	32\$000
Pays	38\$000
Petit XIX ^{me} Siècle	17\$000
PETIT JOURNAL	16\$000
Petit Journal pour rire	7\$000
Petite République française	17\$000
Rappel	32\$000
République Française	38\$000
Revue Britannique	32\$000
REVUE DES DEUX MONDES	32\$000
Revue politique et littéraire (seule)	20\$000
NOTA: AVEC LA REVUE SCIENTIFIQUE	30\$000
Revue scientifique (seule)	20\$000
LA SAISON (com figurinos coloridos)	11\$000
Salon de la Mode (dito)	17\$000
Siècle	38\$000
Tam-Tam	11\$000
Temps	38\$000
Tintamarre	14\$000
Tour du Monde	16\$000
Univers Illustré	16\$000
Vie parisienne	20\$000
Ville de Paris	27\$000

Entrega afluçada ANTES de qualquer outra procedencia.

N. B. Todas as assignaturas são pagas no acto da inscripção.

Livraria e papelaria do Pharol

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Os reclames da Livraria Alemã, localizada em São Paulo, e da Livraria e Papelaria do *Pharol*, situada em Juiz de Fora, exemplificam a circulação de folhas ilustradas, de moda, de romances, de política, de economia etc., sem uma divisão temática entre as seções. Sob a intermediação de livreiros diferentes, os jornais-

romance estrangeiros do mesmo formato concorriam e circulavam com os brasileiros.

Na publicidade da Livraria Alemã, por exemplo, encontram-se tanto os jornais-romance franceses (*Journal de la Jeunesse*, *Le voleur*, *Les Bons romans*, *Le Mosaïque*, *Journal du Dimanche*); ingleses (*All the Year Round*, *Cornhill Magazine*, *Young Ladies Journal*) e o brasileiro (*Leitura do Domingo*), quanto aos de conteúdo diverso (*Le Tour du Monde*, *Temple Bar*, *Public Opinion* etc.), além de alguns destinados a leituras específicas (*Engineer*, *La Mode Illustrée*, *Bulletin General de Therapeutique medicale et chirurgicale*). Alguns desses títulos, aliás, se repetem, em 1885, no anúncio da Livraria do *Pharol*, como os do *Journal du Dimanche* e *Journal Illustré*, fato explicado por serem estes periódicos os de maior circulação internacional, provavelmente devido à articulação de distribuição de seus editores.

O alcance que os jornais franceses possuíam no Brasil pode ser observado no uso que o editor de *O Folhetim* faz do *Les Bons Romans*, mencionado no anúncio de 1876, da Livraria Alemã. Para acalmar as queixas dos leitores em relação à quantidade excessiva de romances por número do jornal, o editor de *O Folhetim* afirma que este estava seguindo o modelo francês do *Les Bons Romans* e de outros semelhantes.¹⁴⁴ O artifício da comparação muito mais do que sinalizar para uma possível ascendência francesa, aponta para a familiaridade do leitor brasileiro com aquele modelo de periódico francês.

O crítico literário José Veríssimo, contemporâneo dessas publicações e da circulação de ideias francesas no Brasil, afirma que “a mudança mental”, ocorrida a partir da década de 1870, no Brasil, não era uma exclusividade da então “supremacia intelectual” da França, mas também de outros polos intelectuais de produção de conhecimento, capazes de mudar paradigmas historicamente consagrados. Chama a atenção para o fato de que os livros e traduções recebidos em outros lugares do mundo vinham da França, mas sem que esta, entretanto, fosse a sua produtora “original”, sugerindo que o olhar sobre o conhecimento deveria ser expandido para além dessas fronteiras, e retirando daquele país a exclusividade intelectual.¹⁴⁵

Essa perspectiva histórica auxilia na compreensão de que as conexões internacionais entre os livreiro-editores, proporcionadas pelo modelo de veiculação

¹⁴⁴ O FOLHETIM. Rio de Janeiro: Tip. Hamburguesa de Lobão/ Tip. do Folhetim, ed. 28, 2 mai. 1883.

¹⁴⁵ VERISSIMO, J. *Estudos Brasileiros*. 1ª série. Pará: Tavares Cardoso & Cia, 1889. p. 116-117.

de romances, ultrapassaram os limites territoriais nacionais, tornando-se um sucesso tal qual o folhetim, todavia, sem causar tanto rebuliço e detrações como tiveram as produções saídas no rodapé das páginas no Brasil.

A intermediação para assinatura de jornais estrangeiros realizada por livreiros instalados em território nacional, mas de origem estrangeira, como Ricardo Matthes, Henrique Lombaerts, Eduardo e Henrique Laemmert, G. Villeneuve, Lailhacar & C., Henri Nicoud & C. demonstram, de maneira singular, a circulação transnacional de modelos e ideias, como eram os jornais-romance.

Tal qual a transição do modelo e a sua validação de um lado a outro do oceano, buscando um congênere europeu, as apropriações desse formato apresentaram instabilidades de classificação, principalmente porque, ao se possibilitar a encadernação ao final do semestre ou do ano, atribuía-se uma nova maneira de aquisição do objeto. Depois de organizados em volume, esses jornais eram propagandeados como um título de romance ou coletânea e não como um periódico, conforme sugere o anúncio a seguir:

Figura 14: Anúncio presente no jornal *Correio Mercantil*, ed. 340, p. 4, 1852.

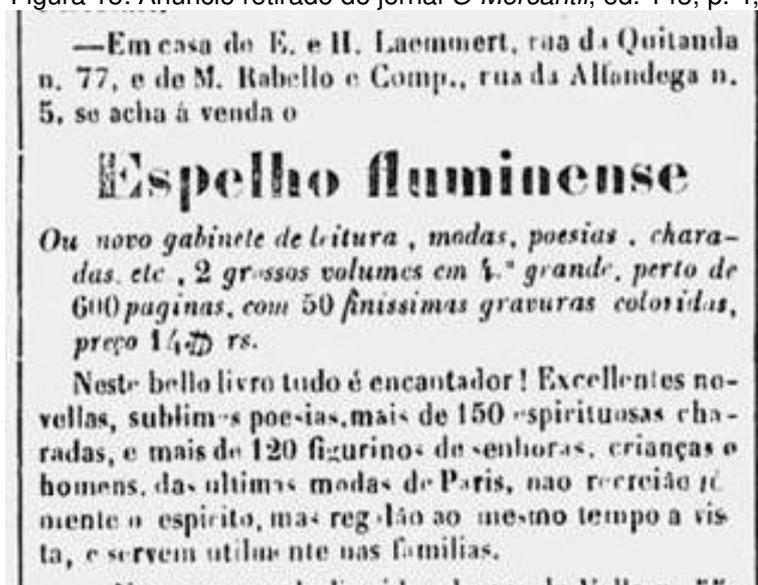
LIVROS BARATOS.
RUA DE S. PEDRO N. 40.

Cicero, Obras completas, discursos e litteratura, 9 vols., 5\$; *Pascal*, Cartas provinciales, 2 vols., 4\$; *Mably*, Obras completas, observações sobre a historia da França, 15 vols., 20\$; *Villemain*, Discursos e miscellaneas litterarias, 1 vol., 2\$; *Laromiguiere*, Lições de phitosophia, ou ensaio sobre as facultades da alma, 2 vols., 4\$; *Mazure*, Curso de philosophia e psychologia, 1 vol., 2\$; *Volney*, As ruinas de Palmyra, 1 vol., 2\$; *Bonifacio* Mosaico litterario e historico, moral e religioo, 4 vols., 6\$; *Fontenelle*, Obras completas, 11 vols., 8\$; *Horacio*, Notas e observações sobre as obras do autor, 10 vols., 8\$; *Ovidio*, Metamorphoses traduzidas em francez, 4 vols., 3\$; *Laverien*, Historia dos philosophos antigos, 13 vols., 8\$; *Batteux*, Principios de litteratura, 6 vols., 3\$; *Gerard*, Ensaio sobre os verdadeiros principios relativamente aos nossos conhecimentos os mais importantes, 3 vols., 4\$; *Voltaire*, Diccionario philosophico, 1 vol., 5\$; *Frederico, rei da Prussia*, Obras litterarias e correspondencia, 5 vols., 6\$; Echo dos folhetins, collecção de novelas e romances modernos, 6 vols. com estampas, 24\$. Além destas ha sempre na mesma casa um grande sortimento de obras de todos os ramos dos conhecimentos humanos que se vendem por muito diminuto preço em razão da liquidação de uma casa de Paris.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Após o término da impressão dos números, quando podia ser encadernado, o jornal-romance passa a ser visto sob proporções que não lhe eram originais. Ele foi geralmente oferecido como um título independente e adquirido, conseqüentemente, como uma obra em volume. Esse tipo de oferta pode ser percebida no caso do *Echo dos Folhetins da Europa*, em 1852, e do *Espelho Fluminense*, em 1845, anunciados como coletâneas de romances, diferentemente do que ocorreu originalmente.

Figura 15: Anúncio retirado do jornal *O Mercantil*, ed. 143, p. 4, 23 maio 1845.



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Propagandeado como um "belo livro", o *Espelho Fluminense*, das vezes em que foi posto à venda por alguma livraria, seja do Rio de Janeiro seja das outras províncias, não era mais vendido como um jornal, mas uma coletânea de romances.

Além dessa veiculação diversa e da circulação proporcionada pelos livreiros, os jornais-romance ocuparam assento em espaços públicos e particulares, muitas vezes, inseridos na seção de "Ficção em Prosa".

No Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, por exemplo, em 1858, o *Echo dos Folhetins da Europa* figura entre os romances, já os jornais-romance franceses *Cabinet de Lecture* e *Le Voleur* foram inseridos na seção de jornais e revistas,¹⁴⁶ embora os três fossem periódicos do mesmo tipo.

¹⁴⁶ CATÁLOGO DOS LIVROS DO GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA NO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Tipografia Perseverança, 1858. p. 250- 312.

No catálogo de livros da Biblioteca Fluminense, impresso em 1866, além do *Echo dos Folhetins* e o jornal francês *Revue des Feuilletons* também integram os volumes em prosa de ficção dessa biblioteca.

Mais adiante, em 1879, no *Catálogo metódico dos livros existentes na biblioteca da Marinha*, o jornal *Leitura do Domingo* também é listado como um livro de ficção em prosa. Já no catálogo da Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro, de 1878, o mesmo jornal figura na seção de jornais e revistas, com o seu congênere francês *Revue des Feuilletons*, dois espaços públicos que classificam de maneiras diferentes o mesmo objeto.

O mapeamento dos lugares de circulação, públicos ou particulares, permite concluir que durante o primeiro momento de impressão dos jornais-romance, eles eram adquiridos e lidos como folhas periódicas. Após a encadernação de seus números, passaram a ser oferecidos como obras ficcionais, muito embora neles se encontre uma diagramação própria de uma coletânea de narrativas.

Apesar de a encadernação retirar a efemeridade primitiva, em alguns casos, pode ter induzido os estudiosos a não perceberem sua existência como um modelo editorial distinto do volume. O caso do *Arquivo Romântico Brasileiro*, por exemplo, demonstra essa particularidade, posto que os consulentes da Biblioteca Nacional, já em 1848, por vezes, o solicitavam como sinônimo do romance *Tardes de um pintor*¹⁴⁷ e não como um jornal-romance. Os reflexos desse tratamento podem ainda hoje ser visualizados na Biblioteca Nacional e no Real Gabinete de Leitura, em que o jornal *Arquivo Romântico Brasileiro* está registrado como uma edição independente do romance *Tardes de um Pintor*, de Teixeira e Souza, datado de 1847.

¹⁴⁷ ROCHA, D. C. B. *Biblioteca Nacional e Pública do Rio de Janeiro: um ambiente para leitores e leituras de romance (1833-1856)*. Campinas: [s.n.], 2011. p. 101-102.

4 OS JORNAIS-ROMANCE: *ESELHO FLUMINENSE E LEITURA DO DOMINGO*

Neste capítulo pretende-se fazer a reconstituição do contexto de produção e edição de alguns jornais-romance, identificando quais critérios foram utilizados para sua composição e seleção de narrativas. Por isso, coadunar-se-á, na medida do possível, os parâmetros de análise da época às informações editoriais e materiais do suporte, a fim de compreender como se deu a circulação de narrativas ficcionais neste modo editorial. Para tanto, escolheu-se dois jornais-romance: *Eselho Fluminense* (1843), e *Leitura do domingo* (1876-1878), por agregarem, em linhas gerais, as características editoriais do suporte, além de serem representantes de dois momentos de efervescência editorial do formato, quais sejam, as décadas de 1840 e 1870.

4.1 *Eselho Fluminense ou Novo Gabinete de Leitura*

A análise do *Eselho Fluminense* requer a compreensão de alguns elementos que possibilitaram sua edição e difusão em meados da década de 1840, no Brasil. Antes, entretanto, de descrevê-lo, bem como compreender quais critérios estavam na base da seleção das narrativas que deveriam compô-lo, faz-se imprescindível esclarecer quem eram seus editores e o porquê do interesse em publicar narrativas de ficção.

4.1.1. Os editores Eduardo e Henrique Laemmert e a publicação de romances

Os estudos existentes sobre os irmãos Eduardo e Henrique Laemmert são consensuais sobre sua importância para o mercado editorial brasileiro, bem como destacam sua notoriedade política, expressa pelas diversas comendas e ordens recebidas tanto no Brasil como em Portugal, além de serem cônsules do Grão-ducado de Baden¹⁴⁸ no Rio de Janeiro. Eles foram negociantes regularmente registrados na praça do comércio do Rio de Janeiro como editores, livreiros e impressores.¹⁴⁹ Paralelo à atividade comercial, estavam envolvidos com a vida

¹⁴⁸ O Grão-Ducado de Baden foi um país soberano até se juntar ao Império Alemão em 1871. Ficava localizado a sudoeste do que depois se chamou Alemanha.

¹⁴⁹ Para mais informações sobre os irmãos Laemmert consultar: Hallewell (1985); SILVA, I. F. da. *Dicionário bibliográfico português: estudos de Inocêncio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao*

intelectual brasileira, o que explica o interesse, em 1842, e posterior admissão de Eduardo Laemmert no Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB) como sócio correspondente.

O artigo extraído das atas do IHGB, seção de 17 de março de 1842,¹⁵⁰ é exemplar para compreender o prestígio de Eduardo e Henrique Laemmert junto às instituições do Império brasileiro. Nessa seção, o 2º secretário do Instituto propôs que se concedesse aos livreiros-editores a permissão para copiar, imprimir e vender, por sua própria conta, o livro *Memória sobre minas da capitania de Minas Gerais*, de José Vieira Couto, obrigando-o a doar 50 exemplares ao Instituto.¹⁵¹ Essa liberação não somente permitiu que imprimissem, mas também lhes deu reconhecimento, junto ao público e aos escritores, como editores de prestígio, de quem poderiam esperar boas edições e a quem poderiam confiar seus trabalhos, uma vez que o IHGB validava as atividades da casa editora.

As atividades dos irmãos Laemmert, no Brasil, iniciaram por volta de 1828, quando Eduardo, que trabalhava em Paris na livraria de Bossange, foi enviado como representante da sociedade Souza, Laemmert & Cia. para o Rio de Janeiro. Esta empresa, situada à rua do Latoeiros, 88, propunha a venda de uma variedade de obras em diversos temas e se promovia como um espaço que, por manter relações com livreiros da Europa, poderia oferecer produtos a preços módicos e num curto intervalo:

Souza, Laemmert e C., sócios de J.P. Aillaud e Bossange de Paris **têm a honra de participarem ao respeitável público desta capital, que acabam de estabelecer uma loja de livros**, na rua dos Latoeiros, n. 88. Acha-se neste estabelecimento uma escolha de obras francesas modernas, tanto em filosofia, administração, jurisprudência, como também em artes, ciências, poesias, alemãs, inglesa, latina, italiana, espanhola e portuguesa.

A sociedade que os participantes contraíram com duas casas assaz conhecidas em Paris, sua ligação com elas, as frequentes

Brasil. V. IX (letras C-G), Lisboa: Imprensa Nacional, 1870. p. 256; FERREZ, G. A obra de Eduardo Laemmert. *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, v. 329, n. 331, 1981; ALMANACK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO IMPÉRIO DO BRASIL PARA O ANO DE 1889. Rio de Janeiro, 1889; PAIXÃO, F. (Coord.). *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1996. p. 14.; DONEGÁ, A. L. *Publicar ficção em meados do século XIX: um estudo das revistas femininas editadas pelos irmãos Laemmert*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp, Campinas, 2013.

¹⁵⁰ Seção presidida por J. da C. Barbosa, presente no livro *Memória sobre minas da capitania de Minas Gerais*, por José Vieira Couto.

¹⁵¹ REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO, v. 4, Rio de Janeiro: Tip. de João Ignacio da Silva, p.106-107, 1863.

relações com livreiros em Inglaterra, Espanha, Itália, Portugal, Alemanha etc., **lhe procuram todos os meios de suprirem por preços módicos, e receberem dos indicados países, no mais breve espaço de tempo as obras que não se acharem no seu estabelecimento.** Todos os volumes são encadernados pelos melhores encadernadores de Paris. Igualmente tem a vender um sortimento completo, e moderno de música italiana e francesa.¹⁵²

A filial da editora Bossange e J.P. Aillaud, propagada como especializada na importação e exportação de livros em língua estrangeira, anunciava constantemente nos jornais cariocas alertando sobre as novidades vindas da Europa. Todavia, iniciada em 1827, encerrou suas atividades 6 anos depois, em 1833,¹⁵³ o que forçou Eduardo a instalar sua própria livraria, propagandeada nos seguintes termos no *Diário do Rio de Janeiro*:

Eduardo Laemmert tem a honra de anunciar ao respeitável público que acaba de abrir a sua livraria na rua da Quitanda n. 139, entre a rua do Ouvidor e a do Rosário. Acha-se em sua casa um grande sortimento de livros em diferentes idiomas, sobre comércio, economia, política, história, jurisprudência, filosofia, teologia, medicina, liturgia, farmácia, matemática etc.; assim, como uma grande coleção de música moderna para piano, e outros instrumentos, papel e livros de diferentes qualidades em branco, e os números avulsos dos periódicos publicados nesta Corte.¹⁵⁴

O novo empreendimento de Laemmert iniciou sem grandes modificações no sortimento de obras oferecidas em relação ao que ofertava durante a sociedade Souza, Laemmert & Cia. Somente. Contudo, *a posteriori*, variou seu estoque, investindo no mercado de poesia e romance. A grande quantidade de reclames presentes nos periódicos tanto da Corte quanto das províncias corroboram com a hipótese de que, conhecendo o mercado nacional, Eduardo Laemmert optou por

¹⁵² JORNAL DO COMÉRCIO. Rio de Janeiro: Tipografia d'Émile Seignot-Plancher e Comp., ed. 154, p. 4, 9 abr. 1828. [grifos meus].

¹⁵³ De acordo com Cooper-Richet (2009), a sociedade entre J.P. Aillaud, H. Bossange, Eduardo Laemmert e Francisco Luís Caldas e Sousa firmou-se em 6 de abril de 1827 com um capital de 25.000 francos de livros e 15% de desconto sobre o catálogo, expirando a sociedade em 1º de março de 1833 devido a problemas econômicos e sociais (COOPER-RICHET, D. Paris, capital editorial do mundo lusófono na primeira metade do século XIX?. Trad. de Carla Furtado Lins. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 25, n. 42, p. 539-555, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010487752009000200009&lng=en&nrm=isso#tx11>).

¹⁵⁴ DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Tipografia de Viana & Cia., ed. 0500024, p. 3-4, 29 maio 1833.

continuar servindo às preferências já conhecidas, arriscando em novas áreas somente quando tinha um retorno da clientela.

Assim, em janeiro de 1838, ele inaugurou uma casa tipográfica, expandindo seus negócios para a impressão e edição de livros.¹⁵⁵ Entretanto, desde 1834, é possível encontrar edições com o selo de Eduardo Laemmert como editor, apesar de utilizar outros prelos, como o caso da publicação do *Lições elementares de eloquência nacional*, de Francisco Freire de Carvalho, impresso na Tipografia Nacional. Ao lado do interesse por obras de instrução, no ano seguinte, volta a sua atenção para o mercado de romances com a edição de *Emilia e Frontino ou cartas amorosas de dois amantes*, demonstrando um interesse crescente pela Literatura.

Essas atividades de edição permitem rever o lugar da linha editorial dos Laemmert, comumente associada à publicação de dicionários, gramáticas, tratados e obras de ciências em concorrência direta com as atividades do editor J.B. Garnier.¹⁵⁶ O argumento sinalizado por Donegá¹⁵⁷ reafirma essa questão, no sentido de que há muito mais tramas nesse empreendimento comercial do que simplesmente bipartir o mercado, pois os livros disponíveis à venda e editados permitem compreender que a Casa Editorial E. & H. Laemmert preocupava-se muito mais em atender às preferências do mercado do que em se restringir a um segmento específico.

O direcionamento variado das edições e impressões é comprovado por meio das obras doadas ao IHGB, em 1847, por Eduardo Laemmert: dos 78 volumes de variados gêneros, editados por ele e seu irmão, cinco eram sobre história, treze eram relativos ao Brasil, 14 livros elementares e 19 de Literatura (sete prosas, três jornais, oito poesias, uma máxima).

Em 1848, novamente, doaram mais livros por eles impressos, como a tradução do romance *Aventuras maravilhosas do incomparável cavaleiro Huol, príncipe de Aquitânia com a formosíssima princesa Rezzia*, de Christoph Martin Wieland.¹⁵⁸ Além das obras doadas ao IHGB, os catálogos da livraria e editora E. e H. Laemmert, também são um índice do interesse por obras de Literatura, que

¹⁵⁵ De acordo com Hallewell (1985), somente a partir de 1840, os irmãos Laemmert se dedicariam à atividade de editor, restringindo-se anteriormente à Livraria.

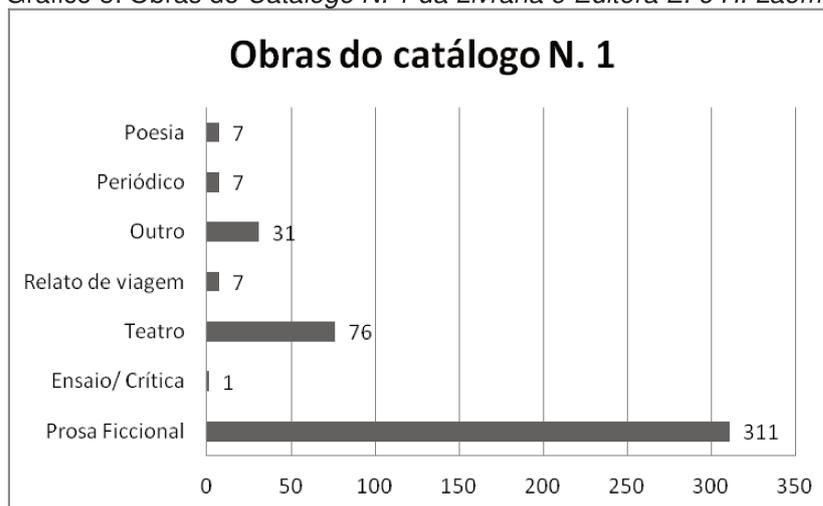
¹⁵⁶ EL FAR, 2004, p. 40-41.

¹⁵⁷ A dissertação defendida em 2013 por Ana Laura Donegá sobre a publicação de textos em prosa de ficção em revistas femininas, publicadas pelos irmãos Laemmert, aponta para a preocupação dos editores em alcançar um público interessado em romance.

¹⁵⁸ REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO BRASIL. Rio de Janeiro: Tipografia de Eduardo e Henrique Laemmert, tomo 10, p. 547-548, 1870.

ocupam um lugar de destaque em ambos os documentos, conforme quantificação do catálogo número 1 (Gráfico 5).

Gráfico 5: Obras do *Catálogo N. 1 da Livraria e Editora E. e H. Laemmert (1841?)*



Fonte: A autora, 2016.

No conjunto, o destaque é para as obras em prosa de ficção que reúnem 311 das 440 obras divulgadas das seções de Literatura, ao passo que o Teatro assume a segunda posição. Ainda, entre os sete periódicos anunciados, cinco estão compostos em sua maior parte por prosa de ficção e um deles é um jornal-romance.

Esses dados, ao passo que sugerem a conexão existente entre as obras oferecidas e as preferências do público, indicam que o romance ocupava um lugar de destaque tanto para o investimento dos editores quanto para os leitores. Essa inclinação da Livraria Laemmert em privilegiar a venda de romances, desde 1839, quando já instalada a tipografia universal, explica a constante oferta de periódicos repletos de narrativas, como foram os casos das inúmeras *Folhinhas de Laemmert*, do *Correio das Modas* (1839-1840), do *Espelho Fluminense* (1843), do *Museu Pitoresco* (1848), do *Novo Gabinete de Leitura* (1850) e do *Novo Correio das Modas* (1852-1853).

Ao lado dessa oferta em diversos suportes, a procura por romances era notória ao ponto de serem, comumente, utilizados como argumento das estratégias para a promoção de variadas obras, para as quais emprestavam-se as características para angariar a atenção do público leitor. Veja-se, por exemplo, o anúncio do *Plutarco Brasileiro*, em um catálogo presente no livro *Cozinheiro*

Imperial, no qual comprova-se como os livreiro-editores serviram-se da comparação com o romance para promover o livro:

O *Plutarco Brasileiro*, **pela correnteza de estilo e pompa das imagens seduz e prende a atenção como um romance**. Instrui, porque vos guia pela mão ao conhecimento histórico dos feitos passados, vos familiariza tanto com os homens dos outros tempos, como se com eles vivesses. Atinge um fim tão moral quão patriótico, porque incita no leitor o desejo de imitar aqueles cujas nobres ações se lhe descrevem.¹⁵⁹

No reclame, os Laemmert apropriam-se deliberadamente de algumas características inerentes ao romance para exaltar as qualidades do *Plutarco Brasileiro*, quais sejam: o estilo, o uso de imagens e a sedução da narrativa, que somente os romances possuíam. Além disso, tomaram um caráter utilitário e instrutivo que incitaria o leitor a imitar o que lhes estava sendo ensinado.

Outra estratégia residia em reimprimir narrativas em suas afamadas *Folhinhas de Laemmert*, cujo conteúdo atendia ao público a que eram destinadas,¹⁶⁰ tal qual os jornais e revistas editados pelos livreiros-editores. Dois exemplos são os romances *O Capitão Silvestre e fr. Velloso, ou a plantação do café no Rio de Janeiro: romance brasileiro* (1847) e *A baixa de Mathias, ordenança do conde dos Arcos, vice-rei do Rio de Janeiro: romance histórico* (1858), ambos de Luís da Silva Alves de Azambuja Susano, impressos primeiramente em volumes, e republicados nas *Folhinhas* em 1847 e 1859, respectivamente.¹⁶¹

Essa predileção por romances, aproveitada como estratégia comercial, motivou também a edição de jornais especializados, os quais, na medida em que

¹⁵⁹ Retirado de R.C.M. *Cozinheiro imperial ou nova arte do cozinheiro e do copeiro...precedido do método para trincar e servir bem à mesa, com uma estampa explicativa e seguido de um dicionário dos termos técnicos da cozinha, por R.C.M.* 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia da Livraria Universal de Eduardo e Henrique Laemmet, 1843. p. 372.

¹⁶⁰ Alguns exemplos de folhinhas podem ser observados no seguinte anúncio: "[...] *Listas das diferentes folhinhas que todas também contém no princípio as matérias acima especificadas, a saber:* 1º. Folhinha Biográfica da historia de Napoleão./ 2º. Folhinha de Cupido, com o Dicionário de Bom Gosto, em verso, ou nova genuína da linguagem das flores, frutos etc./ 3º. Folhinha Dramática contendo a comédia o Desertor, e o drama Lapeyrouse, para leituras e representação./ 4º. Folhinha de Pilhérias, anedotas e casos galantes./ 5º. Folhinha do Trovador, em um novo almanaque poético./ 6º. Folhinha da Saúde, com tratado sobre o onanismo etc./ 7º. Folhinha Romântica, com romances e novelas. [...]" (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Tip. do Diário, proprietário N. L. Vianna, ed. 076072, p. 4, 10 dez. 1847).

¹⁶¹ SILVA, I. F. da. *Dicionário bibliográfico português: estudos de Inocêncio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil.* v. 5. Lisboa: Imprensa Nacional, 1862. p. 326.

atraíam parcelas específicas de leitores – como já faziam as folhinhas –, instruíam, moralizavam, recreavam, além de possuírem, na maioria dos casos, caráter internacional, já que as narrativas ali presentes eram impressas em diversos países.

A despeito desse aspecto internacional, os Laemmert estabeleceram conexões que não se limitaram ao período de sociedade com Aillaud, Bossange e Souza. Depois de encerrada a sociedade com esses livreiros, ainda na década de 1830, os irmãos continuaram a manter relações estreitas com outras companhias editoriais e tipográficas estrangeiras, como se notou pelas impressões de obras, pelas representações comerciais,¹⁶² pela variedade de edições vinda de vários portos e, até mesmo, pela exportação de livros para outros países, como França, Portugal e Alemanha:

Exportação

Bordeaux - No vapor francês "Estrama[?]; W. N. Marsh & C. 10 sacas de café; [?] Oliveira & C. 12 garrafas de laranjinha, 1 arroba de araruta, 48 latas de goiabada; **de E. & H. Laemmert, 1 caixote com livros**; José Miguel de Lima & C., 6 fardos de fumo; Santos & Irmãos, 364 oitavas de diamantes.¹⁶³

Ao exportar e importar bens culturais e de consumo, como: livros, vinhos e águas, os editores germânicos fixaram seu lugar como intermediários culturais. Como comerciantes, os Laemmert exportavam livros e algumas vezes charutos, como era frequente observar nos despachos da Alfândega.

Em agosto de 1857, por exemplo, uma importante livraria de Leipzig, a F. A. Brockhaus, propôs a Henrique Laemmert abastecer o mercado brasileiro com suas obras. A proposta do famoso livreiro¹⁶⁴ consistia em disponibilizar ao estabelecimento brasileiro o aumento na diversidade de obras de variadas culturas,

¹⁶² A atuação dos irmãos como intermediários culturais estender-se-á até a década de 1880, quando, o jornal *Le Temps* reclama para si o título de único representante, em Paris, do *Almanaque Administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro*; e também pelo *Almanaque Gotha*, em 1860, ao enumerá-los como importantes livreiros no Rio de Janeiro.

¹⁶³ DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: tipografia do *Diário do Rio de Janeiro*, p. 1, 24 mar. 1868.

¹⁶⁴ Brockhaus foi responsável, em grande medida, pela divulgação da literatura alemã em outros países e vice-versa. Publicou entre outros, *o Romancero castellano ó Colección de antiguos romances populares*, em 1846. Sua edição de maior sucesso foi a *Enciclopédia Brockhaus*, famosa por sua atualidade e que continua a ser produzida até os dias atuais na Alemanha. No período da referida negociação com os irmãos Laemmert, quem estava à frente da livraria era Heinrich Brockhaus (1804-1874), que expandiu bastante o negócio iniciado pelo pai, investindo em literatura e ciência. (Ver: <http://www.dw.de/brockhaus-completa-200-anos/a-1450274>; BROCKHAUS, Friedrich Arnold. In: ENCICLOPÉDIA britânica. 11. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1911).

permitindo, ao lado do barateamento, a ampliação do repertório de leituras disponíveis no Brasil:

A grande livraria Brokham¹⁶⁵, de Leipzig, acaba de dirigir à casa de H. e Eduardo Laemmert, desta corte, uma proposta para abastecer o mercado do Rio de Janeiro de livros de todos os gêneros e línguas, e por preços muito baratos. Se os srs. Laemmert aceitarem essa proposta, como é natural, é de crer que se opere uma grande revolução na indústria de livraria entre nós. Nos emanciparemos da livraria francesa, que nos impõe os mais altos preços, e que tem transformado nesta corte a leitura em um luxo de ricos. Os livros alemães em todas as línguas e de todas as classes são muito mais baratos, e além disso trarão um novo elemento ao estudo das ciências, que hoje se faz no Brasil quase que exclusivamente pelos autores franceses ou ingleses.

Estamos convencidos que os srs. Laemmert não deixarão passar essa ocasião de fazer um bom negócio e um grande serviço à nossa mocidade.¹⁶⁶

A notícia trata da livraria fundada por Friedrich Arnold Brockhaus (1772-1823), em 1805, a F. A. Brockhaus, em Amsterdã. Alguns anos depois, a sede da livraria foi transferida para Leipzig, onde estavam concentradas as maiores negociações do comércio livreiro alemão.¹⁶⁷ A proposta do famoso livreiro disponibilizaria ao estabelecimento brasileiro o aumento na diversidade de obras de variadas culturas, permitindo, ao lado do barateamento, a ampliação do repertório de leituras disponíveis no Brasil.

Na época do interesse em investir no mercado brasileiro, a livraria Brockhaus foi responsável pela publicação, em português, do livro *Cantos: coleção de poesias* e de *Os Timbiras*, ambos de Gonçalves Dias,¹⁶⁸ justamente no mesmo ano em que propõe associação com os Laemmert, os quais já haviam publicado o escritor brasileiro em 1847.

¹⁶⁵ O redator escreveu Brokham, mas o nome da Livraria é F. A. Brockhaus. Conferir mais em <http://www.dw.de/brockhaus-completa-200-anos/a-1450274>; Chisholm, Hugh. "Brockhaus, Friedrich Arnold". In: *Enciclopédia Britânica*. 11 ed. Cambridge University Press, 1911.

¹⁶⁶ DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Tipografia do Diário, ed. 76, p. 1, 23 ago 1857.

¹⁶⁷ Brockhaus foi responsável, em grande medida, pela divulgação da literatura alemã em outros países e vice-versa. Publicou entre outros, *o Romancero castellano ó Colección de antiguos romances populares*, em 1846. Sua edição de maior sucesso foi a *Enciclopédia Brockhaus*, famosa por sua atualidade e que continua a ser produzida até os dias atuais na Alemanha. No período da referida negociação com os irmãos Laemmert, quem estava à frente da livraria era Heinrich Brockhaus (1804-1874), que expandiu bastante o negócio iniciado pelo pai, investindo em literatura e ciência.

¹⁶⁸ LEAL, A. H. *Pantheon maranhense: ensaios biográficos dos maranhenses ilustres já falecidos*. vol. 3. Lisboa: Imprensa Nacional, 1874, p. 118.

A circularidade das informações e dos intermediários sugere que o contato possa ter sido estabelecido por meio de Gonçalves Dias que, além de ter tido algumas obras publicadas por Brockhaus, mediou o contato de outros escritores brasileiros com o editor alemão. Assim, não é surpreendente afirmar, como o fez um correspondente do *Diário do Rio de Janeiro* em Leipzig, que a livraria Brockhaus fosse considerada uma divulgadora da Literatura brasileira na Europa.¹⁶⁹

Os interesses da Brockhaus se coadunavam com os dos Laemmert de expandirem suas relações editoriais além das fronteiras dos países onde habitavam, o que pode ser sustentado, por exemplo, pelo fato de que, em 1867, Laemmert edita, juntamente com a Livraria Hachette, a quarta edição do *La science de la société humaine*, escrito por Dimitry de Glinka, indicando a mesma prática adotada pelos editores de Leipzig ao estabelecerem associações com editores de diversos países para a publicação e circulação de obras.

Os irmãos Laemmert, com o conhecimento adquirido sobre as preferências de leitura do público brasileiro, ajudaram a impulsionar e a divulgar a cultura de outros países no Brasil.¹⁷⁰ Fato confirmado pelas relações mantidas desde o início de suas atividades, as quais conduziam o negócio dos livros como um empreendimento internacional, uma vez que importavam e imprimiam em suas Folhinhas ou jornais traduções de textos em prosa de ficção retiradas de vários países.

Nesse contexto, as narrativas de ficção – especialmente aquelas de jornais voltados para um setor específico de leitores, com formatos acessíveis, com preços e quantidade maior de narrativas por número – disponibilizaram aos leitores uma maneira competitiva para a aquisição da leitura de romances num mercado repleto de narrativas em volumes.

A composição do *Correio das Modas* é um desses empreendimentos, pois, sendo um jornal dedicado ao público feminino que trazia romances e moda a 5.000 réis por 17 números, indica o interesse crescente por narrativas ficcionais inseridas em um formato acessível. Atento ao sucesso das narrativas inseridas no *Correio das Modas* e às iniciativas das Tipografia de J. B. Olive & M. A. G. Mello

¹⁶⁹ A livraria, pelo que sugere a missiva, tinha entrada no mercado editorial espanhol, português e italiano, isso fazia com que a difusão das obras por eles publicadas ganhassem proporções quase continentais. In: *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tipografia do *Diário do Rio de Janeiro*, 06 de novembro de 1858, p. 1.

¹⁷⁰ DONEGÁ, 2009, p. 34.

(1837), Tipografia Fidedigna de J. N. de Melo (1837) e da Livraria de Luís Félix Gariot (1839), que, também, dedicavam-se aos jornais-romance, Eduardo e Henrique Laemmert encetaram a edição do *Espelho Fluminense*, com preço semelhante aos dos concorrentes, mas se diferenciando na quantidade de romances por número publicado.

Em 1843, quando publicaram o *Espelho Fluminense*, o único jornal-romance por eles editado em toda a sua carreira editorial, os Laemmert concorreram em um nicho de edição e impressão de prosa de ficção em jornais que parecia promissor naquela altura em que o romance se estabelecia como item predileto entre as leituras.

O interesse por narrativas e periódicos pode ser percebido, embrionariamente desde meados de 1830, quando a livraria comercializava, sobretudo jornais e novelas.¹⁷¹ A partir de 1840, os Laemmert intensificaram suas atividades com a edição e impressão de volumes de narrativas populares, como: *História da princesa Magalona*, *A donzela Teodora*; *Roberto do Diabo*; *Imperatriz Porcina*; *João de Calais*; *Corcovados de Setubal*; *Carlos Magno*; *Pele de burro*; *A virtuosa D. Francisca do Algarve*.¹⁷² Como se pode notar, além das publicações em volume, os Laemmert utilizaram periódicos, por eles mesmos editados, para publicar ou reimprimir narrativas de ficção.

¹⁷¹ "Lista dos periódicos que se acham à venda na livraria de Eduardo Laemmert, rua da Quitanda n. 139, entre a rua do Ouvidor e a do Rosário, a saber: *Aurora*, *Arca de Noé*, *Brasil Afrito*, *Carijó*, *Catão*, *Cartas ao Povo*, *Cegarrega*, *Clarim*, *Grito*, *Iman*, *Inferno*, *Liberdade Legal*, *A Mulher do Simplicio*, *Nacional*, *Permanente*, *Português*, *Sete de Abril*, *A Verdade*, *Verdadeiro Caramuru*". (CORREIO MERCANTIL, ed. 32, p. 2-32, jul. 1833).

¹⁷² SILVA, I. F. da. *Dicionário bibliográfico português: estudos de Inocêncio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil*. v. 9 (letras C-G). Lisboa: Imprensa Nacional, 1859. p. 196.

4.1.2 O investimento em prosa de ficção por meio do jornal-romance *Espelho Fluminense*

Figura 16: Exemplar de *Espelho Fluminense*, ed. 1, 01 jan. 1843.



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Desde 1839 que os irmãos Laemmert investiam na publicação de revista femininas, como a edição do *Correio das modas*, compostas sobremaneira por textos em prosa de ficção. Foi o sucesso desse jornal de modas, aliás, que parece

ter conduzido *A Mulher do Simplício ou a fluminense exaltada* a anunciar o *Espelho fluminense* como continuação e substituição do *Correio das modas*:

O ESPELHO FLUMINENSE
 Um novo jornal de modas
 O ano novo trará,
 Cujá falta o belo sexo há tempos sentindo está.
 Às leitoras torno a culpa
 De tão grande falta haver;
 O jornal que não é lido,
 Não pode permanecer.
 Não é por falta de meios,
 Que ele, infeliz, morre em breve,
 Sim por sentir-se o amor-próprio
 Ferido, de quem o escreve.¹⁷³

A relação estabelecida pelo periódico *A Mulher do Simplício ou a fluminense exaltada* não seria a única, pois o *Jornal do Commercio*, em 1842, apoiado nas características do empreendimento de 1839, também o noticiaria como um promissor periódico de modas a iniciar em janeiro de 1843:

Novo jornal de modas.

No dia 1^o de janeiro de 1843 publicar-se-á, em casa de E. e H. Laemmert, rua da Quitanda n. 77, onde se recebem as assinaturas, **O ESPELHO FLUMINENSE**, ou novo gabinete de leitura, de modas, com figurinos, poesias, charadas, etc, etc.

Seis números mensais de oito páginas cada um, em formato grande, impressos em excelente papel, e oferecendo cada mês três ricos figurino coloridos de senhora e um de homem, das ultimas modas de Paris. [...] Todos os escritores da Europa enriquecerão, com suas produções, o *Espelho Fluminense*: a dificuldade está na escolha, e esta será encarregada a pessoa cujos precedentes nos afiançam que agrada, debaixo dos importantes pontos do gosto, da decência e da moral.

O novo periódico será um monumento elevado à literatura e às artes; a redação, como fica dito, está confiada às mãos de um redator de reconhecida habilidade; as gravuras, saídas prontamente de França por todos os navios, **serão tão lindas como as do *Correio das Modas***, cuja falta tanto lamentou, e que tanto contribuiu para o bom gosto e o elegante traje da mocidade brasileira; enfim, tudo faremos; não pouparemos esforços para que o *Espelho Fluminense* seja digno do objeto e dos leitores a que o dedicamos.[...] ¹⁷⁴

¹⁷³ A MULHER DO SIMPLÍCIO OU A FLUMINENSE EXALTADA. Rio de Janeiro: Tip. de F. de P. Brito, ed. 73, p. 12, 22 dez. 1842.

¹⁷⁴ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro: Tip. de J. Villeneuve, ed. 339, p. 4, 21 dez. 1842.

Os argumentos de venda apoiaram-se justamente no aspecto da moda, o que pareceu elevar a vendagem, por isso a ênfase, já no início do excerto, nos “ricos figurinos coloridos”, já que o *Espelho Fluminense* deveri ser um monumento à literatura e às artes. Essa continuação das diretrizes do *Correio das modas*, apontada nos anúncios de *A Mulher do Simplício* e do *Jornal do Commercio*, pareceu ser uma estratégia para captar a clientela daquela revista feminina para o novo empreendimento editorial.

Nesse mesmo reclame, o anunciante, além da ênfase no aspecto da moda, destaca o caráter de coletânea de romances, o qual, aliás seria muito mais sobressalente posteriormente após o término da publicação, em dezembro de 1843. Na medida em que o *Espelho Fluminense* continuava sua publicação, o atributo proveniente do *Correio das Modas* foi sendo abandonado em detrimento da publicidade de romances, conforme se depreende dos anúncios como o seguinte: "O espelho Fluminense n. 3 saiu a luz contendo as lindas novelas: A prisão por dividas; um ilustre avarento, etc. assina-se a rs 12\$000 por ano e 7\$000 por seis meses, em casa de E. e H. Laemmert, rua da Quitanda n 77."¹⁷⁵

A partir de 1844, o periódico já era oferecido como um tomo ricamente ilustrado com estampas de moda, e não mais como jornal. Sucede que a velocidade e efemeridade inerente às folhas diárias nem sempre existiram nos jornais-romance, uma vez que eram pensados para posteriormente serem recolhidos em tomos ou volumes. Desta data em diante, o *Espelho Fluminense* passou a ser destacado como um volume de novelas e romances moderníssimos, acrescido de uma listagem com algumas narrativas ali presentes (Figura 17).

¹⁷⁵ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro: Tip. de J. Villeneuve, ed. 12, p. 4, 13 jan 1843.

Figura 17: Anúncio retirado do *Jornal do Commercio*, ed. 31, p. 4, 03 fev. 1844.

ESPELHO FLUMINENSE

ou Novo Gabinete de Leitura, Modas, Poesias, Charadas, etc., dous grossos volumes de perto de 600 paginas, com 50 finissimas gravuras coloridas. Em brochura 12⁰⁰; dito encadernado 14⁰⁰. Neste bello livro tudo é encantador! Excellentes novellas, sublimes poesias, mais de 150 espirituosas charadas, e mais de 120 figurinos de senhoras, crianças e homens das ultimas modas de Paris; não recreião sómente o espirito, mas regalão ao mesmo tempo a vista, e servem utilmente nas familias. Para dar uma limitada idéa do seu conteudo apontamos apenas o titulo de algumas novellas, a saber :

O importe de uma consulta. Um vestido galante. O cardeal, o ministro e o medico do rei. A prisão por divida. Um illustre avarento. A fuinha. O chapéo de Frederico II. A vingança de Soleiman. Jolm Poker. Mimos de padrinho e finezas de compadre. Um homem extraordinario. O esquecimento. Maria ou o lenço azul. Historia de Cagliostro. Othello. Um acto de desesperação. O Vesuvio. Um dia e nada. Um supplicio. A segunda mulher. A semara dos accidentes. Um tio como ha poucos. Historia de ladrão. A cella ardente. Viagem à Italia. Utilidade dos tolos. Uma Hespanhola em Paris. Madame Villiers. As moças para casar. O quarto mobiliado. A felicidade no mundo. Os sapatos encarnados. Uma sentença paterna. Um jogador. A esposa. Duas noites em Roma. Uma carta. Um rival. As sete ovelhas.

Fonte: Hemetoreca Digital Brasileira

Em 1846, na mesma publicidade, aparece com outro título, *Novo thesouro de novellas e romances modernissimos*, mas sem se mencionar que se trata da encadernação do jornal *Espeho Fluminense*, feita pela primeira vez em 1844.¹⁷⁶ (Figura 18).

¹⁷⁶ Prova disso é a seção de 22 de junho de 1847, do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil, presidida por José Antônio Lisboa, na qual o livreiro-editor Eduardo Laemmert ofertou à instituição diversas obras recentemente publicadas por sua empresa, dentre as quais o *Espeho Fluminense*, em dois volumes, juntamente com as *Aventuras pasmosas de Munhausen, Paulo e Virginia, Os dois renegados, Werther* e outras de igual teor no conjunto das obras de Literatura.

Figura 18: Extrato do *Jornal do Commercio*, ed. 68, p. 4, 09/03/1846.

— EM CASA de E. e H. Laemmert, rua da Quitanda n. 77, se acha à venda :

NOVO THESOURO

de novellas e romances

modernissimos, seguido de varios artigos de instrucção e recreio, em prosa e em verso, miscellanea, anedotas, etc., ornado de 50 finissimas estampas coloridas, 2 grossos vols. de perto de 600 paginas em 4º, com elegante encadernação. Preço Rs. 14.000.

Neste bello livro tudo é encantador! Excellentes novellas, sublimes poesias, mais de 150 espirituosas charadas e mais de 120 figurinos de senhoras, crianças e homens das ultimas modas de Paris, não recreião somente o espirito, mas regalão ao mesmo tempo a vista e servem utilmente nas familias. Para dar uma limitada idéa do seu conteúdo, apontamos apenas o titulo de algumas novellas, a saber:

A Rosa murcha; Henriqueta; Gaetano; Um Casamento; Lina, novella veneziana; Um discipulo de Cagliostro; Paulo de Wormes; Soror Luiza, scenas historicas; Carlota Corday; Pepita, a heroína, novella americana; O Pintor; Uma imprudencia; O espadachim confundido; Deos os cria e elles se ajuntão; O monge vingativo; Os dous desposados; Os pigmeos; A Experiencia; Amor e coragem; Elysa e Alfredo; Um salvador da patria; O Bilhete; O Cossaco; Um Matrimonio desgraçado; Uma infidelidade; A Traição de uma flôr; Virginia Gabin; A Amante do salteador; Muita xentura; A Cruz de pedra; Cristella; O Importe de uma consulta; Um Vestido galante; O Cardeal, o ministro e o medico do rei; A Prisão por divida; Um illustre avarento; A Fuinha; O Chapeo de Frederico II; A Vingança de Soleiman; John Poker; Mimos de padrinho e finezas de compadre; Um homem extraordinario; O Esquecimento; Maria ou o lenço azul; Historia de Cagliostro; Othello; Um acto de desesperação; O Vesuvio; Um Dia e nada; Um supplicio; A Segunda mulher; A Semana dos accidentes; Um tio como ha poucos; Historia d: ladrão; A Cella ardente; Viagem à Italia; Utilidade dos tolos; Uma Hespanhola em Paris; Madame Villiers; As Moças para casar; O Quarto mobiliado; A Felicidade no mundo; Os Sapatos encarnados; Uma Sentença paterna; Um Jogador; A Espera; Duas Noites em Roma; Uma Carta; Um Rival, etc., etc.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Da mesma forma, na página 51 do catálogo de livros publicados e à venda, pelos Laemmert, inserido no livro *Cozinheiro imperial*, está a publicidade do *Novo Thesouro de Novellas e romances modernissimos seguido de vários artigos de instrucção e recreio em prosa e em verso, miscelânea, anedotas, etc.*, na qual o *Espelho* é divulgado nos mesmos termos. (Figura 19).

Figura 19: Anúncio no livro *Cozinheiro imperial*, de 1850, p. 367

— 51 —

NOVO THESSOURO

DE NOVELLAS E ROMANCES MODERNISSIMOS

Seguido de varios artigos de instrucção e recreio em prosa e em verso, Miscellanea, Anecdotas, etc., ornado de 50 finissimas. estampas coloridas. 2 grossos vols. de perto de 600 paginas em-4.º com elegante encadernação. Preço. . . . Rs. 14⁰⁰000

N'este bello livro tudo é encantador! Excellentes Novellas, sublimes Poesias, mais de 150 espirituosas Charadas, e mais de 120 Figurinos de Senhoras, Crianças e Homens das ultimas modas de Paris não recreião sómente o espirito, mas regalam ao mesmo tempo a vista e servem utilmente nas familias. Para dar uma limitada idéa do seu conteúdo apontamos apenas o titulo de algumas Novellas, a saber :

A Rosa murcha. Henriqueta. Caetano. Um casamento. Liua, novella veneziana. Um discipulo de Cagliostro. Paulo de Wormes. Soror Luiza,

Fonte: Google books

Nos dois últimos excertos aparecem artigos de instrução e miscelâneas na publicidade, embora não haja nenhum deles no periódico, a não ser que os romances fossem entendidos como esses artigos de instrução, o que não está expresso em nenhum momento. Ressalta-se, nesse momento, a reutilização de anúncios, tanto para diminuir custos, quanto para reaproveitar a mesma forma de tipos.

No século XX, em 1965, Godim da Fonseca, na *Revista brasileira*, adotou, provavelmente induzido pelos reclames existentes em *A Mulher do Simplício* e do *Jornal do Commercio*, a moda como critério para a definição do empreendimento, incluindo-o no grupo dos inúmeros periódicos de modas do século XIX, sem que, contudo, se atentasse para suas particularidades. Provavelmente pelo fato de ter sido propagandeado como um jornal de modas, quer pelos seus contemporâneos, quer por historiadores, *a posteriori*, o *Espelho Fluminense* foi classificado indistintamente, em alguns estudos do século XX, como revista de moda.

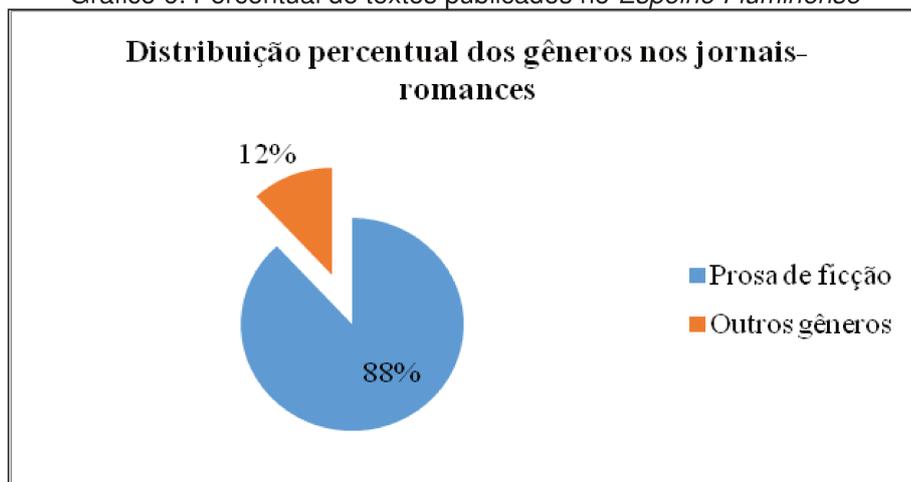
Alguns aspectos dessa classificação diversa seguiram até o século XXI, quando Patrícia Pina, para resolver o que ela define como problema – ou seja, o fato de o exemplar analisado por ela não apresentar modas – elenca-o como um caso especial de revista feminina, devido à enorme quantidade de narrativas seriadas publicadas número após número.¹⁷⁷ Em sua pesquisa, informa terem sido, no total, 43 textos em prosa de ficção publicados, provavelmente por ter tido acesso, exclusivamente, ao exemplar da Biblioteca Nacional do Brasil, que apresenta ausência de muitos exemplares.

O fato é que, seja por questões metodológicas, seja por fortuitas, o *Espelho Fluminense* não tem tido suas especificidades contempladas, que, conforme atestado, enquadra-se como um jornal-romance, apesar de, na sua história, ter sido associado a empreendimentos voltados para a moda. Ao manusear todos os volumes publicados de 1º de janeiro a 26 de dezembro de 1843, constata-se, essencialmente, que era um jornal destinado à publicação de textos em prosa de ficção, tanto que quando da publicação em volume do mesmo periódico, seu título foi alterado para *Novo Tesouro de Novellas e Romances moderníssimos*,¹⁷⁸ como já mencionado.

Considerando o total de 36 números por semestre, em que cada um possui 16 colunas, a quantidade total de colunas distribuídas semestralmente é de 576 e, anualmente, 1.152. Desse total, 1.015 colunas são ocupadas pelos textos em prosa de ficção e as outras 137, com poesias, charadas e notas informativas. Em um ano de impressão, foram 87 textos em prosa de ficção, saídos em 72 números, assim, ao se extrair o percentual de narrativas nesse periódico, apesar da presença de outros gêneros, dentre poesia e charadas, tem-se o seguinte índice (Gráfico 6):

¹⁷⁷ PINA, P. K. da C. *Literatura e jornalismo no oitocentos brasileiro: estudo das estratégias dos produtores de cultura para a formação e a manutenção de um público consumidor do impresso*. Ilhéus: Editora da UESC, 2002. p. 121.

¹⁷⁸ Os exemplares consultados integram o acervo da Biblioteca Nacional de Portugal e da Fundação Biblioteca Nacional do Brasil. Nesta última instituição, o acervo está incompleto, o que levou à consulta dos exemplares existentes na biblioteca portuguesa, para que a ausência de uma peça não comprometesse a análise do objeto.

Gráfico 6: Percentual de textos publicados no *Espelho Fluminense*

Fonte: A autora, 2016.

Prometendo oferecer exemplares repletos das últimas notícias sobre as vestimentas de Paris à mocidade brasileira e, igualmente, elevar a Literatura e as Artes, o jornal dos Laemmert, efetivamente, estava constituído de 88% de narrativas e 12% de outros gêneros, conforme demonstra o gráfico 6.

Os figurinos – excetuando o fato de serem a última moda de vestimenta de Paris – eram meramente acessórios, por não interferirem nem na compreensão dos textos, nem na completude do jornal, podendo até mesmo serem extraídos sem prejuízo.¹⁷⁹

Configurado como uma folha bissemanal de oito páginas e divulgando-se como um novo gabinete de leitura – expressão esta, aliás, que integrava seu subtítulo –, em suas páginas aparecia uma variedade de narrativas ficcionais, já que – em seus termos – "os romances nos periódicos, quando escritos com o fim de moralizar e instruir, tem um alcance muito mais subido".¹⁸⁰

Diferentemente de outras folhas circulantes do mesmo período, não possuía seções ou subseções, mas se podia entrever uma organização mínima no conteúdo ali apresentado, pois iniciava sempre com a continuação ou com um novo

¹⁷⁹ Só foi possível constatar a presença de figurinos no *Espelho Fluminense*, quando se cotejou os números existentes na Biblioteca Nacional do Brasil aos da Biblioteca Nacional de Portugal. O exemplar de Portugal, apresenta os referidos figurinos, possui seus dois volumes completos, diferentemente do Brasil, que além de não possuir nenhum figurino, dispõe apenas dos números publicados no segundo semestre da publicação. A identificação dos exemplares portugueses modificou o rumo da pesquisa, já que anteriormente pressupunha-se que os Laemmert não tivessem publicado nenhum figurino. Além desse fato, a modificação do título foi relevante para se entender as estratégias publicitárias dos livreiros germânicos.

¹⁸⁰ ESPELHO FLUMINENSE. Rio de Janeiro: Editores E. e H. Laemmert, ano I, ed. 1, p. 1, col. 1, 1 jan. 1843.

texto em prosa de ficção, distribuído em duas colunas, seguido, na última página, de uma poesia e/ou uma charada. Embora tivesse no subtítulo os termos "modas, charadas, poesias", não eram essas as suas diretivas, as quais se propunham, de fato, a publicar "uma hora de recreio, [...] uma hora de passatempo, de esquecimento das lidas do dia, dos desgostos e enfados da vida."; "nada de políticas, nada de diplomacias".¹⁸¹

Devido a esse preceito instituído no programa, por não apresentar divisões em seções, muito menos ênfase em moda (como viria, já na sua época, a ser reconhecido), configura-se como um jornal-romance, já que seu escopo era publicar narrativas de ficção.

Sobre a circulação do *Espelho Fluminense* pelo Brasil, os anúncios apontam para uma difusão circunscrita ao Rio de Janeiro durante o ano de 1843. Após sua encadernação, em 1844, já era possível verificar a obra anunciada em livrarias de outras províncias, como Pernambuco, Pará e Maranhão.

Sem delongas ou explicações dos editores, em dezembro de 1843, sua publicação foi encerrada com uma nota de duas linhas ao final do último número do ano. De acordo com a pesquisa, os Laemmert estavam, nesse momento, muito mais envolvidos com a organização e edição do *Almanak* que seria publicado no ano seguinte, posto que nos primeiros meses a recorrência dos anúncios era mais regular, enquanto que no segundo semestre poucos foram os reclames a respeito do *Espelho Fluminense*.

4.1.3 Os romances

O programa presente na introdução do jornal *Espelho Fluminense* começa de forma bem abrangente, atribuindo à imprensa, papel essencial no processo de difusão do conhecimento, uma vez que esta ocupara espaços antes destinados somente aos livros, consoante "de dia em dia [...] o século de exame e discussão encontrou no jornal um aliado fiel [...]".¹⁸² Enfatizou que, nas páginas periódicas do *Espelho*, tudo o que antes era discutido apenas em volumes passaria a ser tomado como assunto ordinário, fosse Ciências, Literatura ou Artes.

¹⁸¹ ESPELHO FLUMINENSE, 1843, p. 1, col. 2.

¹⁸² Ibid., p. 1, col. 1.

Além disso, questiona o que haveria de mal em se publicar, nas páginas dos jornais, "romances e novelas", afinal, "quem pode suportar a leitura de uma enorme folha de papel, às vezes em letra miúda, a qual só contém discursos deste ou daquele parlamento, comentados pelo espírito de facção, ou intrigas diplomáticas e políticas?"¹⁸³

Nesse sentido, afirma o editor que o primeiro romance publicado em folhetim foi um bem prestado à humanidade, já que se tornou "um ponto de descanso da massada jornalística".¹⁸⁴ Tendo em vista o novo empreendimento jornalístico, os editores parecem ter emprestado alguns dos argumentos utilizados para desprestigiar o romance, desde o século XVIII, para justamente evidenciar o ilimitado alcance dessas narrativas na imprensa periódica, por isso, não era fato extraordinário o destaque para a característica de representatividade da realidade presente nesse gênero:

[...] não pensem que os romances são de pouca influência na sociedade: poderíamos fazer agora alarde de pouco custosa erudição, para provarmos nossa tese. Bastar-nos-á, porém, um exemplo muito comecinho.

Quem há aí que não tenha lido os *Contos Arábicos* que M. Galand afirma ter traduzido de não sabemos que língua oriental? Quem não tem bordado algumas horas de sua vida com deleitosa leitura dos contos que a bela princesa Sherazade ia narrando todas as madrugadas ao sultão Shariar? Quem se não tem mudado de sua habitação, às vezes bem humilde, para um dos mil palácios encantados que a cada passo se encontram nas *Mil e uma noites*? Quem há que, lendo os oito volumes de M. Galand, não acredite realmente na existência dos gênios e das fadas, e se não repute digno de sua proteção?¹⁸⁵

A evasão e o prazer proporcionados pela leitura sugeridos na introdução, longe de ser um demérito ao gênero, no reclame dos editores passava a ser uma qualidade, já que auxiliavam a distrair dos problemas do dia a dia e, ao mesmo tempo, instruíam.

De posse dessa prerrogativa e com um objetivo bem mais definido que seus antecessores esse periódico publicou, em média, duas narrativas por número, quase sempre com alguma mensagem moralizante. A perda de tempo criticada

¹⁸³ ESPELHO FLUMINENSE, 1843, p. 1, col. 1-2.

¹⁸⁴ Ibid., col.2.

¹⁸⁵ Ibid., col.2.

pelos detratores era revertida positivamente na medida em que ajudava a aliviar as agruras do cotidiano.

Os argumentos utilizados, dessa forma, assemelhavam-se às explicações apresentadas por Hugo Blair em seu *Compendio de las lecciones sobre retorica y bellas letras*, no qual afirma:

Sua utilidade. Estes escritos poderiam parecer demasiado frívolos para dar sobre eles notícia particular. Porém, não há dúvida de que podem fazer-se deles uso para vários fins, e todos muito uteis. Bem desempenhados, são uns dos melhores canais para comunicar a instrução; para pintar a vida e as maneiras dos homens; para mostrar aos erros a que nos arrastam nossas paixões; e para tornar amável a virtude, e odioso o vício.¹⁸⁶

Esse uso das narrativas para instruir e corrigir, tão recorrente nos manuais e compêndios de retórica desde o século XVIII, norteou toda a seleção das narrativas presentes no *Espelho Fluminense*, a tal ponto que, em cada número publicado, havia um exemplo de virtude, seguido de outro de castigo, de bom comportamento recompensado e de erro e desobediência castigados.

O número 2, de 06 de janeiro de 1843, em que foram publicadas as narrativas "O Cardeal, o Ministro de Estado e o médico do Rei", de Jules Janin, e a conclusão de "O importe de uma consulta", de S. Henri Berthoud, demonstra a maneira como um texto estava relacionado com o outro tematicamente, para que o efeito de instruir e moralizar o leitor fosse mais eficaz. No exemplo mencionado, as duas narrativas tratam sobre dinheiro e tentativa de alcançar sucesso na vida. Na primeira, por meio da avareza chega-se ao extremo de flagelar o corpo. Na segunda, o sucesso e dinheiro surgem por meio da promessa de prosperidade advinda de Paris e com muito trabalho e honestidade em suas relações sociais.

Ao ofertar romances seguindo a diretiva já explicitada, o *Espelho Fluminense* selecionou narrativas que, antes mesmo de serem direcionadas a um público leitor específico, reafirmaram seu posicionamento em relação à importância

¹⁸⁶ "Su utilidad. Estos escritos pudieran parecer demasiado frivolos para dar de ellos noticia particular. Pero no hay duda de que puede hacer-se de ellos uso para varios fines, y todos muy útiles. Ben desempeñados son unos de los mejores canales para comunicar la instruccion; para pintar la vida y las maneras de los hombres; para mostrar los yerros à que nos arrastan nuestras pasiones: y para hacer amable la virtud, y odioso el vicio". In: BLAIR, H. *Compendio de las lecciones sobre retorica y bellas letras* (traduzido do inglês por D. José Luis Munarriz). Tolossa: Imprenta de Garriga, 1819. p. 208. [Tradução minha do trecho para o português].

do aspecto moral para a sociedade em geral. O importante era oferecer modelos tanto para homens quanto para mulheres, por meio da seleção de romances nos quais os protagonistas exemplificassem questões de conduta positiva ou negativa independentemente do sexo.

Nesse sentido, ao se quantificar o gênero dos protagonistas contabilizou-se que 42% eram homens, 25% mulheres e outros 33% eram um casal. Essa proporcionalidade, a respeito do gênero dos personagens principais, ratifica o princípio expresso desde o primeiro número publicado, em que se prometia uma espécie de guia de conduta aos leitores por meio da seleção de romances, ou seja, embora os estudos o tenham classificado como um jornal, cujo conteúdo estaria direcionado a um público feminino, por oferecer tanto romances quanto figurinos, a análise das narrativas sinaliza para um público misto.

Esse aspecto se sustenta cada vez que o leitor se depara com histórias, como "Maria ou a parreira da praça Vendome" e "O marinheiro ou a cruz de madre-perola", ambas sem autoria identificada e publicadas na edição de 1º de agosto de 1843.

A primeira relata a vida desafortunada de Maria e Alfredo Verteuil, homem de grande bravura, galanteador e que nunca se apaixonara por ninguém. Tinha grande apreço por seu general, a quem salvara a vida, e de quem recebera a ordem de não cortejar sua jovem afilhada, Maria.

Embora Alfredo acatasse a recomendação de seu amigo, os encantos da moça tinham penetrado profundamente em seu coração, "e pela primeira vez ele murmurou das ordens do seu general". Da mesma forma, Maria sentiu-se atraída pelo mancebo. Esse amor, nutrido nas sombras pelos jovens, foi coroado com uma promessa de casamento, tão logo Alfredo retornasse de uma batalha sob às ordens do Imperador de França. Ele parte, deixando Maria entristecida pela campanha militar que iniciava com sua dupla desgraça: a partida de seu amado e uma gravidez inesperada. Todavia, a esperança de rever brevemente Alfredo são extintas, com a morte de seu tio e a captura do jovem pelos inimigos, que o enviaram para a Sibéria, dando os jornais franceses a notícia de que este havia morrido no fronte.

Depois de longos anos preso, quando o Império francês caiu e foi substituído pela Restauração, Alfredo, agora livre, retornou para França em busca de seu amor e debalde a procurou na casa da família da moça, sendo informado de

que esta teria se tornado indigna e por isso expulsa. Desnortado, se isola até a Revolução de julho de 1830, quando decide se reapresentar para a guerra.

Nesse momento, ao passar pela praça Vendome, vê um jovem soldado se dirigir, com um coroa de flores, para a parreira ali existente. Ao indagá-lo, descobre tratar-se de seu filho com Maria, cujo nascimento lhe era desconhecido. Feliz com a descoberta, dedica-se por inteiro ao fruto de seu amor e à lembrança de sua finada amada.

Nesse enredo, a desobediência aos votos que deveriam ser consumados somente depois do casamento resultara, para Maria, em solidão, tristeza, desgraça moral e social, culminando em sua morte, e para Alfredo, o sofrimento nos calabouços inimigos, a tristeza por ter deixado seu primeiro e grande amor, a solidão e a amargura, ao perceber que nunca mais a veria, apesar de, ao final, ser-lhe permitido a redenção ao encontrar com o filho. Os dois personagens, suas ações e decisões sugerem condutas que não deveriam ser seguidas, uma vez que a desobediência à ordem traria graves consequências.

A segunda narrativa, por seu turno, conta também o relacionamento de dois jovens comprometidos, mas que, ao contrário dos primeiros, não se deixaram vencer pelas tentações da paixão. A narração começa com a despedida de Maria Renaud e Roberto, o qual partia para as Índias Orientais, com a finalidade de aprender o ofício de marinheiro, para posteriormente, com suas economias, adquirir um barco de pesca do qual seria capitão e, depois disso, desposaria a digna moça.

Durante a viagem, o jovem órfão – cuja "aptidão para o trabalho e a exatidão no cumprimento de seus deveres" havia conquistado a simpatia do capitão do navio e de toda a tripulação – dedicava seu tempo livre exclusivamente aos estudos marítimos e à devoção à imagem da Virgem, que levava consigo em um pequeno baú, juntamente com uma cruz de madrepérola, dada por Maria no momento de sua partida. A cruz, um de seus tesouros, foi roubada, mas o jovem não alardeou. Em seguida, o navio é assaltado por uma forte tempestade e naufraga, morrendo muitos marinheiros e outros tantos restando feridos.

Roberto é resgatado por índios lascarins e após despertar de longos cuidados, soube que seus companheiros de viagem haviam retornado à França, levando a notícia de seu falecimento. Não podendo retornar imediatamente, pois não havia embarcação que o transportasse, aceita o convite do senhor Olivier, de quem se tornaria um homem de confiança. Passados alguns meses, Olivier adoeceu e

decidiu dar toda a sua fortuna ao marinheiro, com a promessa de que este fosse a Rochella, terra natal do senhor, para pagar uma dívida de honra com sua afilhada e filha de seu irmão falecido, de quem havia comprometido toda a herança em algumas transações comerciais.

Nesse momento, ambos descobrem que tinham seus destinos ligados por Maria Renaud. Então, Roberto recupera a cruz de madrepérola, que estava em posse de Olivier – o qual falece deixando toda a fortuna para o jovem e para sua sobrinha Maria –, e a esperança de rever sua amada. Com a riqueza, Roberto compra não somente um barco, mas uma frota, mandando fazer como mastro principal uma cruz de madrepérola, para que fosse, tão logo despontasse no horizonte de Rochella, reconhecido por Maria. E é isso o que ocorre: o marinheiro retorna, encontra Maria na praia desmaiada ao perceber que seu amado ainda vivia, eles refazem juras de amor e se casam.

Em suma, Roberto carregava todos os atributos de um homem íntegro, trabalhador e honrado, e Maria possuía o dom de uma mulher amável, honesta e digna. Por essa razão, a sua felicidade era esperada, já que sempre se mantiveram fiéis aos desígnios da cristandade.

O número do jornal, visto como um todo, apresenta, na primeira narrativa, a honra recompensada e a insensatez castigada com a morte, sobretudo para a mulher. Na segunda, o amor honrado e honesto era recompensado com riqueza e felicidade. Os modelos de conduta apresentados nos romances, dessa forma, serviam tanto para o público feminino quanto masculino, pois quando o homem descumpria os preceitos de honradez e cavalheirismo, seduzindo a mulher antes do casamento, ambos sofriam com infortúnios sucessivos. Em contrapartida, quando respeitavam os princípios morais, apesar das intempéries, eram abençoados com um futuro próspero e feliz.

O fato é que a disposição das narrativas por modelos de conduta indica uma seleção dos romances tendo em vista uma organização temática baseada em um arranjo maniqueísta, ou seja, de um lado, estavam narrativas, cujos personagens eram bons exemplos de comportamento e do outro, maus exemplos de moral e de desobediência à religião.

A corrupção do espírito e do caráter que adviriam dos romances, segundo seus detratores, eram utilizados, pelos editores como contraexemplos para instruir, moralizar e recrear o público, porquanto, os maus eram castigados e os bons

recompensados, o que além de ser salientado nos manuais de retórica, demonstra a necessidade de guardar uma proximidade da ficção com o mundo para que houvesse a retidão dos costumes.¹⁸⁷

Por isso, na maioria dos romances, os personagens e lugares eram baseados em acontecimentos históricos reais para atribuir veracidade ao ensinamento, como no romance “O importe de uma consulta”, baseado na história de John Elwes – um rico membro do Parlamento inglês que inspirou a construção da narrativa “Um conto de Natal”, de Charles Dickens, ou ainda, a personagem John Abernethy, médico cirurgião do hospital S. Bartolomeu.

Além deste aspecto temático, a organização do periódico parece partilhar de princípios existentes em outras folhas estrangeiras tanto em relação à sua forma – a materialidade, em si –, quanto ao seu conteúdo. Por isso, não era extraordinário encontrar em suas páginas narrativas já impressas em folhas estrangeiras ou mesmo nacionais, muito menos diagramações semelhantes, assim como acontecia com outros periódicos.

Isso implica afirmar que se utilizar de prosa de ficção para tratar de questões morais não era algo exclusivo do jornal impresso no Brasil, princípio ratificado pela quantidade de narrativas também saídas em jornais estrangeiros e que foram reimpressas nas páginas do *Espelho Fluminense*, reunindo 77% de todo o jornal.

Das tabelas dispostas a seguir, organizadas por semestre, depreende-se a diversidade de títulos de periódicos estrangeiros – cujos programas também declaravam entreter e moralizar –, nos quais foram identificadas narrativas reimpressas pelo *Espelho Fluminense*. Vale ressaltar que a origem dos textos não está expressa no jornal fluminense, no entanto, a busca nas bases digitais permitiu a identificação e recorrência das narrativas nesses periódicos, embora não se possa afirmar precisamente que tenham de lá sido retiradas. Das 87 narrativas publicadas, quatro saíram primeiramente em periódicos brasileiros, 65 foram encontradas em jornais estrangeiros, e as outras 18 não tiveram suas localizações identificadas. A tabela 5, representativa das narrativas saídas no primeiro semestre de edição e impressão do *Espelho Fluminense*, comprova a grande recorrência de textos publicados anteriormente em periódicos estrangeiros:

¹⁸⁷ MARTINS, E. V. *A fonte subterrânea: José de Alencar e a retórica oitocentista*. Londrina: Eduel; São Paulo: Edusp, 2005. p. 82.

Tabela 5: Lista de periódicos onde aparecem narrativas reimpressas no *Espelho Fluminense* do primeiro semestre

Título do periódico	Qtde. de narrativas	Ano	Origem do Periódico	%
<i>Blackwood's Edinburgh Magazine</i>	1	1835	Inglesa	2,22%
<i>Confessions, Trials, and Biographical...</i>	1	1837	Inglesa	2,22%
<i>Correio das modas</i>	1	1840	Brasileira	2,22%
<i>Der Sammler</i>	1	1840	Alemã	2,22%
<i>Diário de Pernambuco</i>	1	1843	Brasileira	2,22%
<i>Figaro</i>	1	1842	Francesa	2,22%
<i>Folletín del diario de Barcelona de avisos y noticias</i>	1	1843	Espanhola	2,22%
<i>Gaz. dos Tribunais</i>	1	1843	Brasileira	2,22%
<i>Journal des Jeunes Personnes</i>	1	1843	Francesa	2,22%
<i>La Mode: revue des modes</i>	1	1835	Francesa	2,22%
<i>Le Cabinet de lecture</i>	1	1841	Francesa	2,22%
<i>Le Compileur</i>	9	1842	Francesa	20,00%
<i>Le Magasin Litteraire</i>	2	1841-1842	Francesa	4,44%
<i>Le salon littéraire</i>	1	1842	Francesa	2,22%
<i>Le voleur</i>	6	1840-1841	Francesa	13,33%
<i>Revue de Paris</i>	1	1829	Francesa	2,22%
<i>The Metropolitan</i>	1	1835	Inglesa	2,22%
<i>The New Monthly Magazine</i>	2	1840	Inglesa	4,44%
Não localizado	10	Desconhecido	Desconhecida	22,22%
TOTAL	45			100%

Fonte: A autora, 2016.

No primeiro semestre, das 45 narrativas publicadas, dez não foram localizadas, duas aparecem primeiramente em jornais brasileiros, três em jornais ingleses, e 30 saíram anteriormente em jornais europeus. Desses, o *Le Compileur* e o *Le Voleur*, ambos publicados na década de 1840, em Paris, têm a maior quantidade de textos extraídos de suas páginas.

Além disso, a atualidade dos romances – seja quanto ao espaço-tempo interno às narrativas, seja em relação à data de impressão –, é uma constante demonstração de como os editores estavam preocupados em oferecer ao público narrativas próximas temporalmente ao momento de edição e impressão do jornal-romance, tanto que a maioria dos romances datavam entre 1840 e 1843, salvo algumas exceções – motivadas provavelmente pelo sucesso e conteúdo da narrativa, como *Maria, ou o lenço azul*, de Étienne Béquet (1797-1838), publicada pela primeira vez em outubro de 1829, na *Revue de Paris*, sob o título de "Marie, ou le mouchoir bleu".

Esta narrativa foi uma das mais famosas de Béquet, comparando-se seu sucesso apenas ao do romance *Paulo e Virgínia*,¹⁸⁸ tanto que em outubro de 1829, dias depois de escrita, "Marie, ou le mouchoir bleu" foi reimpressa nas páginas dos periódicos *Journal du Loiret*, *Gilblas* e *Journal de débat*, e na década seguinte saiu no *Les veillées d'hiver*, *Album littéraire: recueil de morceaux choisis de littérature contemporaine*, *Contes de toutes les couleurs*, *Moniteur Saumurois*, *Omnibus*¹⁸⁹, no *Le littérateur universel*,¹⁹⁰ na *La Revue des modes des Paris: journal de la toilette et des nouveautés parisien*, *Journal de L'Ain*, *Affiches, annonces judiciaires, avis divers du Mans, et du Département de la Sarthe*. No Brasil, o *Museo Universal* deu sua publicidade, em 1839, sem indicação de autoria e sob o título de "O lenço azul", tal como saíra, em 1838, no jornal português *Archivo popular*.

Esta reconstituição do percurso de impressão e circulação da obra de Béquet sinaliza à provável motivação para a sua reprodução também por Laemmert, em 1843, uma vez que em quase todas as outras ocorrências, a motivação para a impressão dessa narrativa se pautava na justificava de que estava repleta de ensinamentos sobre o que deveria ser uma boa conduta, legitimada pelo pretexto do amor, como já havia feito no jornal *Correio das Modas* (1839-1840) e se repetiria no *Novo Correio das Modas* (1852-1853).

Segundo informações obtidas na Biblioteca Nacional da França, apesar de a obra de Béquet ter tido enorme sucesso, sendo publicada em coletâneas e em vários jornais, somente em 1884 saíria em volume, por iniciativa de *L. Conquet*. O

¹⁸⁸ QUÉRARD, J. M. et al. *La littérature française contemporaine*. XIXe siècle: Le tout accompagné de notes biographiques et littéraires. v. 1. Paris: Daguin Frères, 1842. p. 284-288.

¹⁸⁹ Nesse jornal saiu com o título de "La Suisse" e sem autoria.

¹⁹⁰ Também saiu com título "Un jugement militaire", diferente do original, embora mantivesse a autoria de Béquet.

que se constata em todo esse caminho é que, no mínimo, os editores Laemmert utilizaram uma versão retirada de uma folha periódica europeia, pois apesar de ter existido uma publicação anterior no Brasil, a comparação com a tradução brasileira sinaliza para versões diferentes, como aliás, ocorreu com quase todas as narrativas do *Espelho Fluminense*, excetuando as duas escritas exclusivamente a pedido dos irmãos Laemmert,¹⁹¹ como foram “Matheus Garcia ou As sete orelhas”, de Joaquim Norberto de Sousa e Silva, e “Uma sentença paterna”, de J. J. do Rosário.

O aspecto internacional do *Espelho Fluminense*, sobretudo sua relação estreita com o que saía na França, é asseverado quando se quantifica os periódicos por nacionalidade ou origem nos quais saíram as mesmas narrativas editadas por Laemmert. Nota-se um total de 60% francesas e 40% distribuídas em periódicos brasileiros, espanhóis, ingleses, portugueses e alemão¹⁹², porcentagem esta diferente da identificada no segundo semestre, no qual a recorrência de textos passa a ser de periódicos portugueses (Tabela 6):

Tabela 6: Lista de periódicos do segundo semestre

Título do periódico	Qtde de narrativas	Período	Origem do Periódico	%
<i>Archivo popular</i>	15	1840-1843	Portuguesa	35,71%
<i>Folletin del Diario de Barcelona de avisos y noticias</i>	1	1842	Espanhola	2,38%
<i>Gabinete de Leitura</i>	1	1837	Brasileira	2,38%
<i>La Récréation</i>	2	1841-1842	Francesa	4,76%
<i>Le Compilateur</i>	5	1842	Francesa	11,90%
<i>Le Magasin litteraire</i>	1	1843	Francesa	2,38%
<i>Le Voleur</i>	6	1841-1843	Francesa	14,29%
<i>L'Echo des Feuilletton</i>	1	1841	Francesa	2,38%
<i>Museu Universal</i>	1	1842	Brasileira	2,38%
<i>Revue des deux mondes</i>	1	1839	Francesa	2,38%
Não localizado	8	Desconhecido	Desconhecida	19,05%
TOTAL	42			100%

Fonte: A autora, 2016.

¹⁹¹ Saiu novamente em 1868 no jornal *Publicador Maranhense*, ed, 258, com o mesmo título dado no jornal dos irmãos Laemmert, mas com outra tradução, e autoria de E. Bequet. Em 1853, no *Correio mercantil*, do Rio de Janeiro, ed. 251, sob o título de “O lenço azul”, sem informar o autor, apenas indicando que foi extraído, mas sem informar de onde. Em 1861, saiu nas páginas de *A Marmota*.

¹⁹² Embora esses dados não sejam absolutos devido a não identificação da circulação de algumas narrativas, podem ser aceitos como conclusivos, uma vez que do total de 87 narrativas, apenas 18 não foram localizadas.

Dos 42 textos impressos nesse semestre, 15 figuraram nas páginas do *Archivo popular*,¹⁹³ o que não significa afirmar que os irmãos Laemmert tenham copiado dali, muito embora, esse fosse um hábito de muitos editores, como o do próprio *Archivo popular*, cujo modelo editorial estava baseado na impressão do que saía na imprensa francesa e inglesa.

O jornal português, a propósito, editado de 1837 a 1843, por Antonio José Candido da Cruz, propunha-se a reproduzir textos de instrução e recreio dos mais afamados escritores franceses e ingleses tal qual fazia o *Penny Magazine* e o *Magasin Pittoresque*. Ao pesquisar em jornais brasileiros do mesmo período, logo se observa que o *Archivo Popular* foi bem popular, como se pode depreender do artigo publicado no *Diário Novo*, de Pernambuco, que fazia oposição ao *Diário de Pernambuco* em meados do XIX:

Srs. Editores, a publicação do seu *Diário Novo* é o serviço mais relevante que na atualidade vs. podiam prestar a esta província, outrora escravizada ao *Diário de Pernambuco*, cujos escritos copiados ordinariamente de outras folhas, e o que havia de pior, em nada adiantava, na carreira da civilização; e si por ventura aparecia algum artigo interessante nas folhas das diferentes províncias do Império, não era recebido pelo carunchoso *Diário*; [...] Uma mina há pouco descobriu o *Diário de Pernambuco* cuja explicação não lhe tem sido despropositosa, falo dos Folhetins, muitos dos quais ou não passam de uma história de onça, ou são tão sabidos, que não falta menino de primeiras letras, que os não tenha encontrado no *Panorama*, *Archivo Popular* etc. [...] ¹⁹⁴

Não somente o conteúdo das folhas portuguesas era bastante conhecido como era recorrentemente reproduzido por outras folhas brasileiras. Assim como os textos, o periódico estrangeiro em si pressupõe relativo sucesso de público, pois era

¹⁹³ Sobre o *Arquivo popular*: "Posto que a maior parte dos artigos contidos nesta obra sejam meras reproduções de outros, tirados dos jornais franceses contemporâneos, tem contudo bom número deles originais, e alguns interessantes em suas especialidades. Goza ainda hoje de tal qual estimação, e havendo falta de alguns tomos cuja edição se exauriu de todo, não é muito fácil achar à venda exemplares completos. Os que aparecem têm sido pagos ultimamente por 3.600 réis, estando encadernados e bem tratados, e creio que alguma vez subiram a 4.500 réis." (SILVA, I. F. da. *Dicionário Bibliográfico Português*. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858. p. 166-168). Também sobre essas publicações populares ilustradas que copiavam abertamente publicações de outros jornais, sem se preocupar com a contrafação, há a dissertação de Jussara Menezes Quadros, intitulada *Estereotipias: Literatura e edição no Brasil na primeira metade do século XIX (1837-1864)*, defendida em 1993, no Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas.

¹⁹⁴ O DIÁRIO NOVO. Pernambuco: Tipografia Imparcial de L. I. R. Roma, ed. 25, p. 2-3, 30 ago. 1842.

comum se encontrar anúncios como o seguinte, saído no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro:

DO *ARCHIVO Popular*, leitura de instrução e recreio, e semanário pintoresco, publicado em Lisboa com numerosas estampas e excelentes artigos, chegaram coleções completas dos anos de 1837, 1838, 1839, à casa de E. e H. Laemmert, rua da quitanda n. 77, onde existem já nove números de 1840, ou quatro volumes. Na mesma casa se acha o *Museo Portuense*, jornal de história, artes, sciencias industriais e belas-lettras, em doze cadernos com estampas.¹⁹⁵

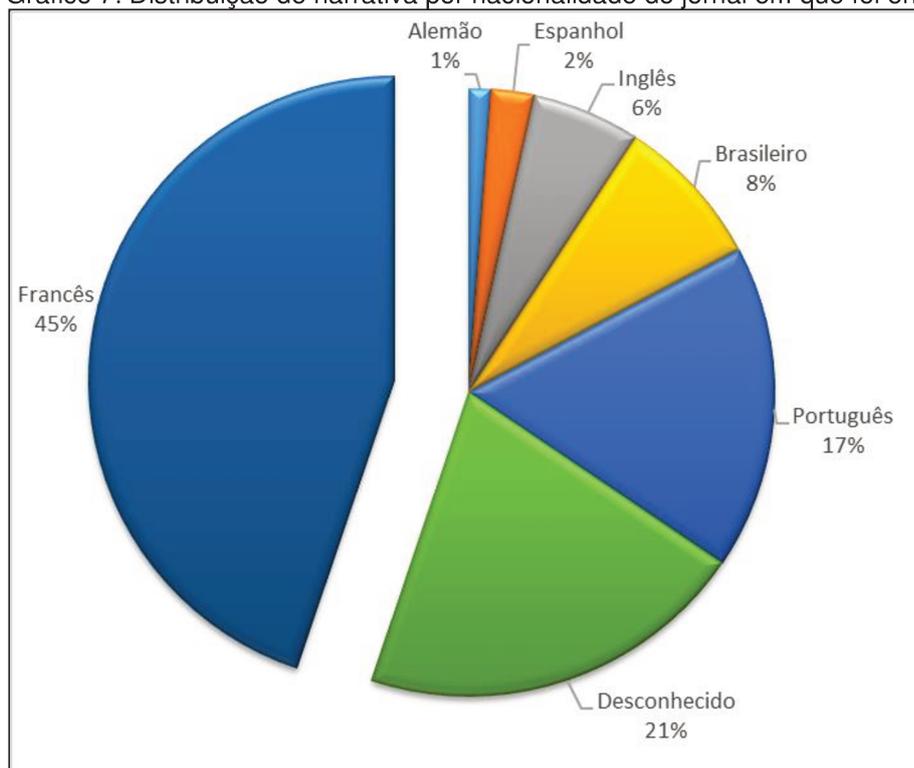
Por meio desse tipo de anúncio é possível perceber que os Laemmert eram representantes do periódico português no Rio de Janeiro, tal qual o *Diário de Pernambuco* o era em Pernambuco, por isso, não seria surpreendente se um ou outro reproduzisse seu conteúdo ao mesmo tempo, já que havia uma vulgarização e difusão do *Archivo popular*.

Também era bem compreensível que, observando o sucesso da folha portuguesa entre os brasileiros, Laemmert imitasse a mesma fórmula do jornal português, assim como, a sua predominância no segundo semestre.

No entanto, ao se contabilizar o número de narrativas saídas anualmente no *Espelho Fluminense*, de acordo com o gráfico de porcentagem de narrativas por nacionalidade do periódico, a proporção entre uma procedência e outra é ligeiramente diferente, pois o que, a princípio, parecia uma predominância no segundo semestre do jornal português, altera-se para uma expressiva quantidade francesa, já que 45% do total das narrativas circularam na França, fosse como primeira ou segunda impressão, sendo que a porcentagem de 21% da variante desconhecida pode pender tanto para um quanto para outro país.

¹⁹⁵ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro: Tipografia de Villeneuve, ed 142, p. 4, 27 mai. 1840.

Gráfico 7: Distribuição de narrativa por nacionalidade do jornal em que foi encontrada



Fonte: A autora, 2016.

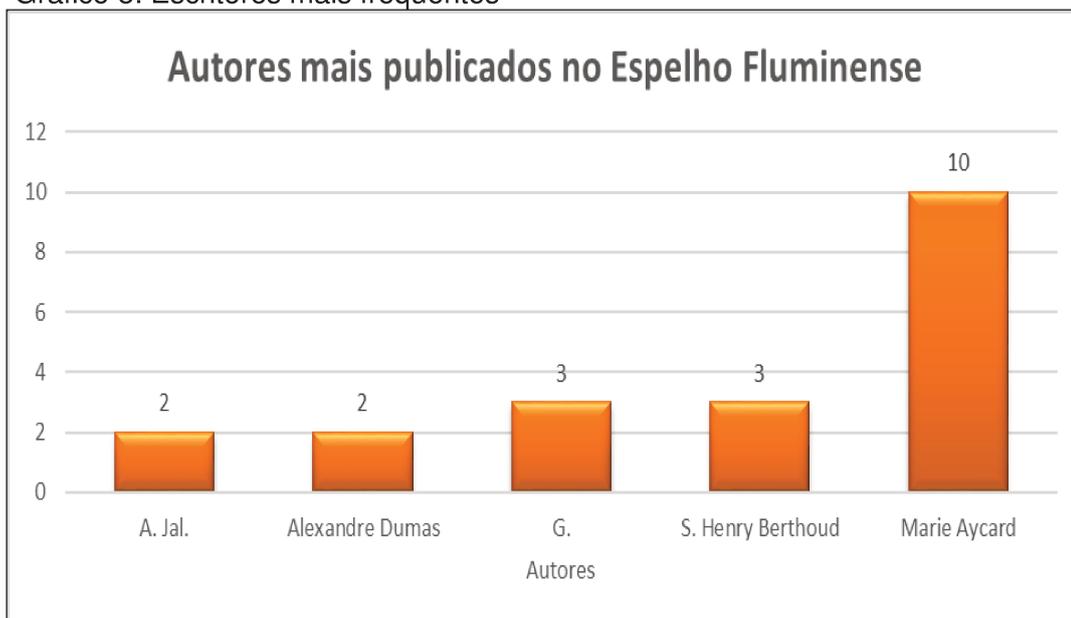
Considerando ainda os jornais com maiores ocorrências, ter-se-á o *Archivo Popular*, *Le Compileur*, *Le Voleur*, o que da mesma forma resultaria numa predominância francesa. Além dessa recorrência, a numeração independente de cada uma das edições dos citados jornais é também algo semelhante com o *Espelho Fluminense*, que, embora fosse pensado anualmente, era organizado para ser publicado a cada semestre, o que é verificado através da seleção das narrativas, dispostas sequencialmente de maneira a se ter coletâneas arrumadas tematicamente.

Diferentemente do jornal brasileiro, quase todos os textos veiculados nos jornais estrangeiros estavam identificados, seja com a autoria, seja com o lugar de onde foram tirados, salvo o jornal *Archivo Popular*, que explicitamente não se dava a esse trabalho, assim como o jornal dos Laemmert, que, mesmo quando atribuíam a autoria, não informavam a fonte. O motivo da supressão de autoria ou da procedência das narrativas talvez esteja relacionado à questão dos direitos autorais ou, simplesmente, por já ser um texto bastante vulgarizado.

No caso dos textos em que há indicação de autor, também revela-se uma hegemonia francesa apesar da diversidade de autores, além da grande quantidade

de autores não identificados, 39 no total.¹⁹⁶ Vale ressaltar que alguns escritores são mais recorrentes, restando aos demais publicados, apenas um ou dois textos¹⁹⁷ (Gráfico 8).

Gráfico 8: Escritores mais frequentes



Fonte: A autora, 2016.

Dos 39 textos sem autoria indicada, trinta foram publicados só no segundo semestre, o que sugere uma preocupação maior com a apresentação dos nomes dos escritores no início da publicação, provavelmente devido à falta de tempo dos editores que, no final de 1843, diferentemente do primeiro semestre, dividiam seu trabalho entre o jornal-romance e a organização do primeiro número do *Almanak Laemmert*, lançado em 1844.

Entre os romancistas com apenas uma narrativa publicada, tem-se os profícuos folhetinistas franceses Aristide de Gondrecourt (1815-1876), Constant Guérault (1814-1882), Condessa Dash (1804-1872), Visconde d'Arincourt (1788-1856), Xavier de Montépin (1823-1902), Visconde E. de Canourgues (1814-1886),

¹⁹⁶ Desse número, treze foram identificadas.

¹⁹⁷ A listagem com todos os escritores publicados no *Espelho Fluminense* encontra-se nos Anexos desta Tese.

Sainte-Beuve (1804-1869) e os brasileiros Joaquim Norberto de Souza e Silva (1820-1891) e J. J. do Rosario¹⁹⁸.

Das dez narrativas de Marie Aycard (1794-1859)¹⁹⁹, e das três de S. Henry Berthoud (1804-1891), todas são sobre questões de conduta e falsas aparências, como o "O importe de uma consulta" e "A fuinha", ambas publicadas na década de 1840, nos jornais *La Presse* e *Le Temps*, respectivamente.

A comparação entre os dois escritores aponta para uma leitura mais fluida e corrente dos textos de Berthoud, enquanto que a de Marie Aycard é truncada e sempre com a mesma temática. No rol dos grandes folhetinistas, Berthoud é mais conhecido; Marie Aycard tem uma vasta produção, mas somente na imprensa.

Escritores, como P. Lebrun, A. Dumas, Marie Aycard etc. figuraram nas páginas do *Espelho Fluminense* como exemplos de leituras instrutivas, não obstante essa opinião não ter sido unânime em seu próprio tempo, conforme se extrai do artigo publicado no *Diário Novo* sobre a leitura de romances.

É incontestável que os romances tem ganho muitíssimo, pois que pouca gente há hoje que não leia alguma coisa neste gênero. Conhecemos que a leitura de romances não só é agradável, como daí se pode tirar alguma instrução. Mas também sabemos que nem todo o romance está nesse caso; são hoje os franceses que mais escrevem neste ramo de literatura, são eles também que nos tem mostrado mais ao vivo as duas faces por onde se podem encarar estas obras, dando-nos romances d'Arlincourt, Dumas, etc., ao tempo que nos arremessam Paul de Kock, Pigault Lebrun, etc. Não duvidamos do saber destes autores, não negaremos um tanto ou quanto de beleza nas suas obras, mas francamente diremos que para a mocidade inexperiente aquela leitura é nociva. Bem sei que os seus partidários dirão que é necessário mostrar o vício, para fazer realçar a virtude; assim é, mas nós não queremos ver o vício recamado de joias, em quanto que a virtude aparece por demais.
Carlos R. Coutinho (Da *Ilustração*).²⁰⁰

¹⁹⁸ Sobre esse autor não foram encontradas informações biográficas, apenas citações em alguns livros sobre sua atuação como censor do Conservatório Dramático Brasileiro, bem como sobre a publicação do romance *Uma sentença paterna*, escrito em 1843.

¹⁹⁹ Marie Aycard (1794-1859) foi um escritor francês e autor de romances-folhetins bastante profícuo no início da década de 1840. Colaborou em grandes periódicos, como *Le Courrier français*, *Temps*, *Pilote*. Ele escreveu mais de 400 novelas. Fonte: <http://criticamasonica.over-blog.com/2015/03/litterature-maconnique-1-a-b-le-tablier-de-maitre-de-marie-aycard.html>. Sobre a atuação desse escritor, Jean-Luc Buard desenvolve a tese *A l'ombre du roman-feuilleton: Marie Aycard et la circulation internationale du feuilleton-nouvelle parisien et de la variété (autour de 1840): un acteur oublié de la communication de masse dans la sphère médiatique de son temps*.

²⁰⁰ DIÁRIO NOVO. Pernambuco: Tipografia Imparcial, ed. 245, p. 2, 12 nov. 1846.

No rol dos escritores e das narrativas que figuraram nas páginas do *Espelho Fluminense* era importante um alcance positivo do romance na sociedade, e não na fama ou nos juízos que dele faziam, mas importava usá-lo para instruir, moralizar e entreter fosse por exemplos positivos, fosse por negativos. Um caso ilustrativo desse movimento está nas edições feitas das narrativas ou na maneira com que eram reproduzidas pelos Laemmert, como em "O importe de uma consulta", publicado em agosto de 1842 sob o título de *Le prix d'une consultation* na coluna folhetim do *La Presse* e, meses depois, no *Le Compileur*, sem cortes e em apenas um número.

Ainda nesse mesmo ano, foi incorporado à antologia holandesa chamada *Iris: bloemlezing uit buitenlandsche tijdschriften*, com o título "De prijs van een consult", também em um número. Em 1843, no jornal brasileiro, foi impresso em duas partes, diferente de como havia sido feito nas folhas estrangeiras, o que acaba evidenciando a interferência e o interesse do próprio editor na continuidade do texto.

O corte, quando efetuado, não foi por motivos gráficos, qual seja, a falta de espaço na folha, uma vez que essa era a primeira narrativa do jornal. Seguido desse primeiro número, uma segunda narrativa é colocada na mesma página, portanto, a organização do que deveria figurar parece ser de escolha exclusiva do editor.

Além disso, várias outras estratégias de edição, adaptação, extração e inserção eram utilizados, como acontece com a "Madame Villiers", que nada mais era do que o capítulo XI do romance "Nights at mess", publicado pela primeira vez em maio de 1835 na *Blackwood's Edinburgh Magazine* e, em abril de 1843, no *Espelho Fluminense*, como uma narrativa completa, ou ainda "Os dois desposados", de Princesse de Craon, constituída de trechos dos capítulos 4 ("Une maison de Paris") e 6 ("Le Cachot"), do livro *Le siège d'Orleans em 1429*. No caso dessa tradução, além de figurar uma série de exclusões da narrativa original, o final não é o mesmo.

Como bem demonstra a afirmativa presente no artigo "Jornalismo", publicado na *Minerva Brasiliense*, de 1843, "o jornalismo [...] tirando-lhe a forma material, não tem ele tinteira de nacionalidade. Todos se encarregam de tecer-lhe elogios; sua apologia lê-se na frente de quanto jornal literário se publica"²⁰¹ não

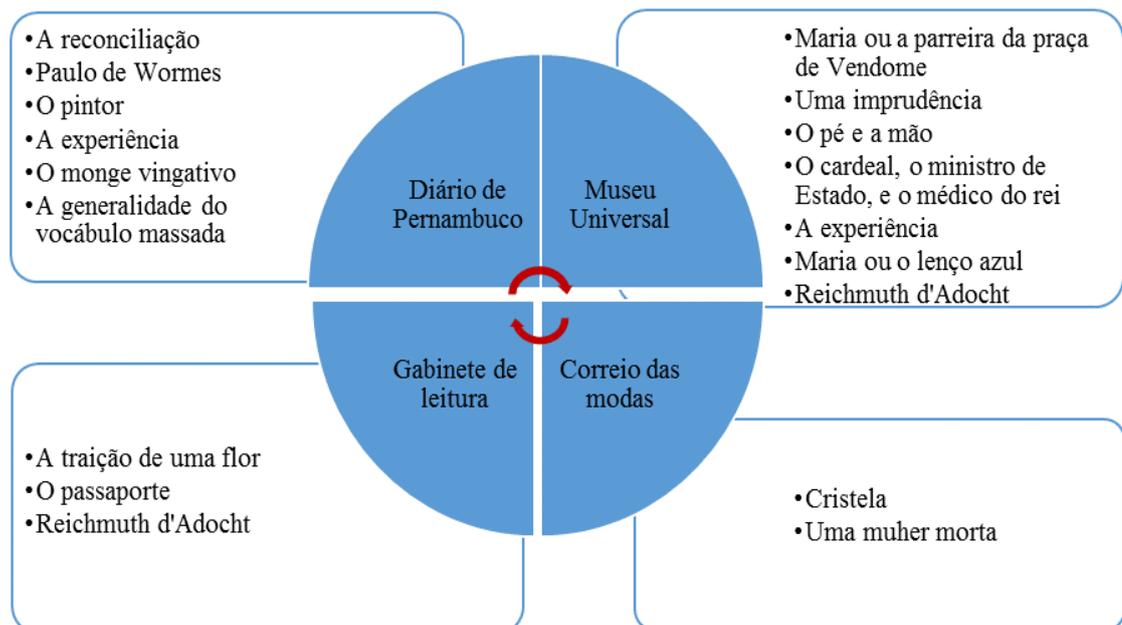
²⁰¹ MINERVA BRASILIENSE. Rio de Janeiro: Tipografia de J. E. S. Cabral, ed. 4, p. 28, 15 dez. 1843.

importando onde tenha surgido inicialmente o formato, mas as apropriações que dele e de suas narrativas fizeram os países em que circulou.

Além de utilizar textos europeus já publicados, os editores imprimiram na folha textos de brasileiros, como os romances "Uma sentença paterna", de J.J. do Rosário, e "Matheus Garcia ou as sete orelhas", de Joaquim Norberto da Silva. Aliás, as duas narrativas foram publicadas pela primeira vez nesse jornal, embora posteriormente, tenham sido republicadas em outros formatos. A primeira, em volume pelo mesmo editor e no mesmo ano, e a segunda, na *Gazeta Universal* sob o título *Januário Garcia ou as sete orelhas*.

Outro aspecto que não permite a delimitação precisa da origem da narrativa relaciona-se com a tradução. A comparação entre os textos do jornal-romance de Laemmert permite afirmar que havia uma circularidade das prosas de ficção, a ponto de não ser importante a identificação precisa do local de origem, exemplo disso pode ser observado no gráfico a seguir, no qual, além da listagem dos jornais brasileiros que publicaram anteriormente ao *Espelho Fluminense*, sinaliza-se a reimpressão de textos de um jornal pelo outro, sem distinção. Todavia, a comparação entre um texto e outro revela tratarem-se de traduções distintas.

Gráfico 9: Jornais brasileiros que publicaram as narrativas anteriores ao *Espelho Fluminense*.



Fonte: A autora, 2016.

Das narrativas saídas no *Diário de Pernambuco* quase todas podem ser encontradas anteriormente no *Archivo popular*, mas com textos diferentes dos que saíram no *Espelho Fluminense*. A versão publicada, em 1843, por sua vez, tem a mesma forma textual daquela saída em Pernambuco, o que mostra que, embora os dois textos sejam em língua portuguesa, a estrutura, o vocabulário e a sintaxe são diferentes do texto publicado em Portugal. No *Museu Universal*, também ocorre isso, apresentando narrativas de estruturas diferentes para o mesmo enredo.

Mesmo as que foram impressas anteriormente no *Correio das modas* tem o texto diferente, como ocorre com "Cristela", de Sainte-Beuve, cuja publicação no referido periódico de modas data de 1840, onze meses depois ter saído na *Revue des deux mondes*. (Tabela 7)

Tabela 7: Traduções comparadas com seu original

Cristela, de Sainte-Beuve			
<i>Revue des deux mondes</i> (15/11/1839)	<i>Revista Gaditana</i> (12/04/1840)	<i>Correio das modas</i> (25/10/1840)	<i>Espelho Fluminense</i> (21 e 26/12/1843)
Durant l'hiver de 1819, vers la fin de février, dans une petite ville du Perche, arrivèrent, pour s'y établir, une mère et sa fille.	En el invierno de 1819, à fines del mes de Febrero, una Señora anciana y su hija llegaron al pequeno pueblo de N....	No inverno de 1819, pelos fins do mês de fevereiro, uma senhora idosa e sua filha chegaram ao pequeno povo de N...com o objeto de estabelecer-se.	No fim do mês de fevereiro do ano de 1819, uma senhora já idosa e sua filha chegaram à pequena povoação de N..., afim de ali se estabelecerem.

Fonte: A autora, 2016.

Na tabela acima notam-se as diferenças nas formas textuais das versões de *Cristela*, desde a primeira publicação, na *Revue des deux mondes*, até a realizada pelos irmãos Laemmert, nos dois periódicos por eles editados – *Correio das Modas* e *Espelho Fluminense*. A não utilização do texto do *Correio das modas* pelo *Espelho Fluminense* sugere que as traduções de 1843 ou eram próprias para esta última folha ou que o seu tradutor era o mesmo do *Diário de Pernambuco*, que apresentava quase sempre as mesmas versões publicadas pelos Laemmert.

O fato é que os textos atravessaram o oceano e foram impressos no Brasil, como no romance "Reichmuth d'Adocht", narrativa dinamarquesa de tradição oral, publicada desde 1838 em várias folhas brasileiras e portuguesas, com concretizações textuais distintas (Tabela 8).

Tabela 8: Traduções comparadas com seu original

Reichmuth d'Adocht, novela de um poeta dinamarquês			
<i>Gabinete de Leitura</i> (07/01/1838), extraído da <i>Revue du XIXe siècle</i>	<i>Archivo Popular</i> (26/09 e 03/10/1840)	<i>Museu Universal</i> (04/09/1841)	<i>Espelho Fluminense</i> (16/09 e 21/09/1843)
Vivia em 1571 em Colonia um rico burgomestre, cuja esposa Reichmuth caiu doente e morreu. Viveram muito tempo casados e sua união foi tão feliz quanto pode ser uma união mortal. Reichmuth era moça, havia sido bela, e durante sua enfermidade seu marido velou dia e noite à sua cabeceira. No último período de seu mal haviam seus sofrimentos diminuído de intensidade, mas os delíquios se tinham tornado mais frequentes e se tinham prolongado mais até o momento de sua morte.	Vivia, em 1571, em Colonia um rico burgomestre, cuja esposa Reichmuth caiu doente, e morreu. Tinham vivido muito tempo casados, e sua união fora tão feliz quanto o pode ser uma união mortal. Reichmuth era ainda moça, e mui formosa , e durante a sua enfermidade, seu marido velou dia e noite à sua cabeceira. No último período do seu mal haviam seus sofrimentos diminuído de intensidade, mas os delíquios se tinham tornado mais frequentes e prolongados .	Havia em Colonia, no ano de 1571 , um rico burgomestre, cuja esposa, por nome Reichmuth, caiu doente e faleceu . Tinham vivido muito tempo[?], e o enlace foi tão feliz quanto [?] pode sê-lo uma união humana . Reichmuth era ainda moça quando casou ; havia sido bela, e durante a sua enfermidade, seu extremoso marido velou à sua cabeceira noite e dia . Os seus sofrimentos diminuíram de intensidade no último período da sua moléstia, porém tornaram-se-lhe frequentes os delíquios, e de maior duração até o momento da sua morte.	Vivia em 1571 em Colonia um rico burgomestre, cuja esposa Reichmuth caiu doente e morreu. Tinham vivido muito tempo casados, e sua união fora tão feliz quanto o pode ser uma união mortal: Reichmuth era ainda moça e mui formosa , e durante a sua enfermidade, seu marido velou dia e noite à sua cabeceira. No último período do seu mal haviam seus sofrimentos diminuído de intensidade, mas os delíquios se tinham tornado mais frequentes e prolongados .

Fonte: A autora, 2016.

Entre uma e outra versão, embora todas sejam em língua portuguesa, sobressaem as diferenças de pontuação, tempo verbal, inversão sintática, acréscimo ou supressão de adjetivos, de substantivos e paragrafação. Entre o *Archivo popular* e o *Espelho Fluminense*, por exemplo, apesar das semelhanças, no primeiro, o enredo se organiza em 56 parágrafos, enquanto no segundo há 65. Também os cortes efetuados entre um número e outro não são iguais, indicando que o que para um periódico era trecho de suspense, para outro poderia ser apenas fato acessório.

Por outro lado, algo que é meramente ilustrativo para outros jornais adquire relevância na folha de Laemmert, o qual, em determinado momento da narrativa, acrescenta maiores explicações a uma lenda, apenas aludida em outras versões. (Tabela 9)

Tabela 9: Traduções comparadas com seu original

Reichmuth d'Adocht, novela de um poeta dinamarquês			
<i>Gabinete de Leitura</i> (07/01/1838), extraído da <i>Revue</i> <i>du XIXe siècle</i>	<i>O Archivo Popular</i> (26/09 e 03/10/1840)	<i>Museu Universal</i> (04/09/1841)	<i>Espelho Fluminense</i> (16/09 e 21/09/1843)
Pretende a tradição que esta pedra fora lançada pelo diabo através da abobada; o que há de certo é que ela caiu do teto, e que ainda hoje se mostra a abertura que deixou na abobada.	Pretende a tradição que esta pedra fora lançada pelo diabo através da abobada; o que há de certo é que ela caiu do teto, e que ainda hoje se mostra a abertura que deixou na abobada. (Veja-se o nº 38 do 2º vol. do <i>Archivo</i>.)	Atravessa, com a velocidade do raio, claustro, cruzeiro, etc.; e ainda teria saído incólume, se, por desgraça sua, se não esquecesse que no centro da igreja existia um túmulo de pedra, de encontro ao qual foi esbarrar. A violência da pancada lhe fez perder os sentidos por largo espaço; enfim, levanta-se, o medo lhe presta asas, sai, e corre apressurado a casa do magistrado [...]	Pretende a tradição que esta pedra fora lançada pelo diabo através da abobada; o que há de certo nesta história é que havia muitos anos, na igreja de S. Pedro, caíra de repente sendo precedida de um grande estrondo uma enorme pedra do arco grande da igreja, fazendo tal estrago que o povo horrorizado lhe ficou chamando pedra do diabo , e que ainda hoje se mostra a abertura que deixou na abobada.

Fonte: A autora, 2016.

O cotejo entre os excertos, além de possibilitar a percepção de uma paragrafação completamente diferente, provavelmente ajustada às normas linguísticas brasileiras ou para atribuir ao texto uma maior fluidez na leitura e facilitar as suspensões, quando necessárias, aponta para o acréscimo de uma explicação sobre a lenda dinamarquesa "Pedra do Diabo", inserção que não se apresenta desenvolvida nos outros jornais em que a referida lenda aparece.

A leitura do texto permite, ainda, uma tentativa de identificação do local de extração do texto, já que a versão no *Espelho* seguia a mesma sequência presente no *Archivo popular* até o momento em que este último pede ao leitor que consulte o n. 38, do ano de 1838. Ao consultar o dito 2º volume, encontrava-se a descrição da "Pedra do Diabo" e de outra lenda dinamarquesa, e ao ler a versão presente no *Espelho*, percebe-se uma síntese da história, sugerindo que o texto presente no jornal brasileiro tenha sido retirado do jornal português.

O caminho percorrido pela prosa de ficção no *Espelho Fluminense* – publicada em vários países num curto espaço de tempo, com temáticas pautadas na moral e em traduções cujo foco não parecia ser a delimitação de onde foi coletado, mas sim de uma edição que prezasse pela instrução e recreio – aponta para uma

circulação de narrativas que parecia agradar a americanos e a europeus, como se pode observar pelas edições e impressões dos romances na folha de Laemmert.

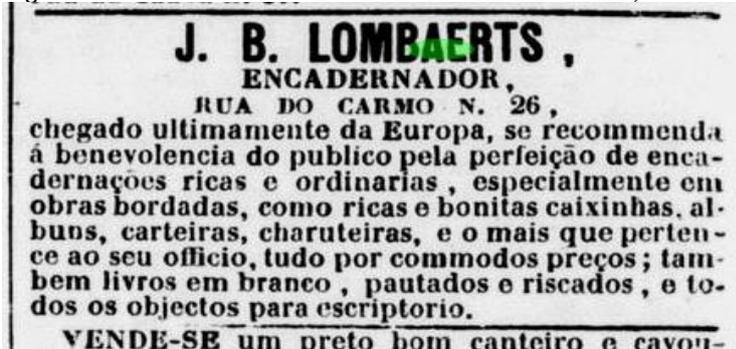
4.2. *Leitura do Domingo*

Da mesma maneira como foi feito para o jornal-romance publicado por Laemmert, antes de se analisar o jornal editado por H. Lombaerts, é necessário considerar os critérios editoriais que possibilitaram sua edição e circulação na década de 1870, bem como, inseri-lo no rol dos empreendimentos de seu editor, por isso, esse item está dividido em três partes fundamentais: os editores, o jornal, e os romances.

4.2.1. Os editores H. Lombaerts & Cia.

A livraria e editora de H. Lombaerts é a continuação da casa encadernadora sob a firma de J.B. Lombaerts,²⁰² criada em 1848, no Rio de Janeiro. Proveniente da Antuérpia, Jean Baptiste Lombaerts (1821-1875), aportou em solo brasileiro com seu filho de três anos, Henri-Gustave (1845-1897), e logo que chegara ao Rio de Janeiro, iniciou suas atividades como encadernador, mesma profissão exercida em sua cidade natal.

Figura 20: Anúncio retirado do *Jornal do Commercio*, ed. 294, p. 3, 25 out. 1848.



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

²⁰² Justamente pela escassez de trabalhos sobre essa casa encadernadora e, tendo em vista, sua importância para a compreensão de um quadro de atuação de editores no início do século XIX que trabalharam com a divulgação e circulação de narrativas de ficção, é que serão feitos alguns apontamentos mais descritivos sobre a fixação destes livreiros belgas no Brasil.

A criação da firma imediatamente a sua chegada demonstra que trouxera consigo alguma posse, o que possibilitou a instalação daquela que, em breve, seria chamada de Casa Encadernadora Imperial. Nessa época, o governo imperial brasileiro havia estabelecido um acordo com a Bélgica, em que reconhecia a independência belga e liberava os portos brasileiros para o comércio entre os dois países.

Essas relações diplomáticas e comerciais, iniciadas ainda no século XVIII, intensificaram-se a partir de 1807, quando, no porto de Antuérpia, permitiu-se a importação de produtos brasileiros, como café, couro e madeira. Esse tipo de pacto possibilitou que, entre 1840 e 1914, mais de cinco mil belgas aportassem no Brasil, sendo encaminhados, principalmente, para as lavouras.

Alguns desses imigrantes, com atividades especializadas, como comerciantes de espelhos, de armas ou de estruturas metálicas, e encadernadores tal qual J. B. Lombaerts, ou o livreiro Dujardin, fixaram-se no Brasil em busca de melhores condições financeiras. Embora incentivada pelos dois governos, esse tipo de imigração não foi bem-sucedida inicialmente e muitos homens e mulheres provenientes da Antuérpia retornaram para suas cidades natais ou desapareceram dos registros do governo brasileiro.

Os que conseguiram se estabilizar foram favorecidos pelas isenções de taxas sobre a importação de móveis, víveres, sementes, equipamentos, material de construção, livros e armas, oferecidas pelo governo imperial aos colonos aportados a partir de 1842.²⁰³

J. B. Lombaerts foi um desses imigrantes que conseguiu lidar com as intempéries iniciais da empreitada, conseguindo, já em 1849, inscrever seu nome entre os encadernadores da Corte, no *Almanaque Laemmert*. Percebendo as necessidades do mercado brasileiro, no início da década seguinte, em 1850, estabeleceu sociedade com Carlos Moll, com uma loja de papel e objetos de escritório chamada "Ao grande livro inglez: Lombaerts & Moll", na mesma rua da Quitanda, onde começara, em 1848, mas em número diferente.

Em seguida, essa parceria ganhou *status* de Casa Encadernadora Imperial, o que ampliou sua renda e prestígio, ao receber pedidos de várias instituições do governo. Mas a sociedade durou somente até 1851, quando

²⁰³ STOLS, E.; MASCARO, L. P.; BUENO, C. (Orgs.). *Brasil e Bélgica: Cinco séculos de conexões e interações*. São Paulo: Narrativa Um, 2014. p. 9-11.

Lombaerts dissolveu a firma, conforme se observa nas notas divulgadas nos jornais *Diário do Rio de Janeiro* e *Jornal do Comércio*, e abriu loja independente na rua dos Ourives, 17. Carlos Moll continuou como único proprietário da "Ao grande Livro Inglês" até leiloá-la, juntamente com o imóvel, os móveis e os escravos em agosto de 1853:

Os abaixo assinados declaram que a antiga firma Lombaerts e Moll, instalada na rua da Quitanda n. 52, comoo estabelecimento de encadernação, foi amigavelmente dissolvida, e é único proprietário e responsável pelo ativo e passivo o sócio Carlos Moll, desde o dia 8 de junho de 1851. - *J.B. Lombaerts*. - *Carlos Moll*.²⁰⁴

Grande e importante leilão. Hoje segunda-feira 08 do corrente, por liquidação do muito completo estabelecimento do sr. Carlos Moll, rua da Quitanda n. 52 (ao grande livro inglês), no qual entrarão todos os utensílios e máquinas de fabricação e encadernação, os artigos da loja, incluindo os papéis despachados ultimamente da alfândega, armação posse da loja, e 5 escravos.

Frederico Guilherme tem a honra de participar que ele continuará este importante leilão hoje, segunda-feira 08 do corrente, às 10 horas, e que as máquinas, os escravos, e armação da loja entrarão à uma hora.²⁰⁵

Dissolvida a firma com Carlos Moll e adquirido um prestígio social e mercadológico junto ao público, rapidamente, fundou a livraria e encadernadora chamada "Ao Missal de J.B. Lombaerts", que ganhou destaque pelos seus bons serviços, recebendo as graças do Imperador e tornando-se o encadernador oficial do Império:

Ao Missal. J. B. Lombaerts. **Encadernador do Imperador**
S. M. o Imperador dignou-se conceder as armas da Casa Imperial ao sr. Lombaerts, com loja de encadernação na rua dos Ourives, n. 17. As ricas encadernações do sr. Lombaerts já lhe valeram o título de encadernador da Academia de Belas Artes.²⁰⁶

Nesse mesmo ano de 1856, associou-se ao negociante francês residente no Brasil, Jean Leon Chauvet, cuja habilidade e organização do negócio dos livros,

²⁰⁴ JORNAL DO COMMÉRCIO. Rio de Janeiro: Tipografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve & C., ed. 244, p. 6, 4 set. 1851.

²⁰⁵ DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Tip. do Diário, ed. 215, p. 3, 8 ago. 1856.

²⁰⁶ DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Tip. do Diário, ed. 326, p. 1, 25 nov. 1856.

Com a justificativa de que os periódicos levariam vantagem em relação ao livro, observa-se muito mais uma meta comercial nessa parceria do que um compromisso com o acesso à leitura, já que a combinação de vários periódicos com o intuito de baratear o valor final despendido por um leitor resultaria na elevação do número de assinantes e no aumento do lucro mútuo dos editores.

A princípio, o direcionamento editorial das folhas ofertadas permitiria aos assinantes compor seu repertório de leitura a partir de seus interesses particulares. Todavia, se preferissem apenas modas e romances e quisessem assinar o *Leitura do domingo* e o *La saison*, ou se gostassem mais de estar informados e tendessem para a sátira política não teriam como fazê-lo, posto que as únicas opções para assinatura envolviam obrigatoriamente os periódicos impressos pelas duas empresas e não somente por uma.

Desde a primeira sociedade estabelecida na década de 1850, sempre que podia, a empresa era propagandeada como atenta às atualidades e às demandas do mercado, por isso, reclames como o seguinte eram bem corriqueiros:

J. B. Lombaerts. Encadernador de Sua Majestade Imperial e da Academiã Imperial de Belas Artes, loja de papel e de objetos de escritório e de desenho. Rua dos Ourives, 17, tem a honra de participar a seus fregueses e amigos **que acaba de engrandecer sua oficina e se acha nas circunstâncias de poder se encarregar de qualquer obra, por grande que seja com toda a brevidade.** As obras ricas, tais como livros ou álbuns, de marroquim, chamalote, veludo dourado, carteiras e charuteiras com bordados, são sempre feitas por ele mesmo e com toda a perfeição possível. Sua casa acaba de receber um grande sortimento de papeis e objetos de escritórios.²⁰⁷

Esses melhoramentos impulsionaram a primeira de muitas outras participações da empresa nas exposições universais, iniciando em 1862, na de Londres, entre os expositores de encadernações de livros de escrituração, fato que ratificava ainda mais seu prestígio junto ao Imperador,²⁰⁸ principalmente ao ganhar uma medalha de prata pelos serviços de encadernação, o que lhe valeu inúmeras

²⁰⁷ CORREIO MERCANTIL. Rio de Janeiro: Tip. do Correio, ed. 295, p. 4, 28 out. 1859.[Grifos meus]

²⁰⁸ INTERNATIONAL EXHIBITION ON INDUSTRY AND ART (London, UK). *Catalogo dos produtos nacionais e industriais remetidos para a exposição*. Londres: Whiting, 1862. p. 66.

menções, inclusive uma feita por Machado de Assis em crônica publicada no jornal *O Futuro*.²⁰⁹

A partir desse momento, Lombaerts passou a importar as novidades ali expostas, como uma máquina de imprimir cartões (exposição de 1867),²¹⁰ bem como a se colocar como um intermediário para importar ou negociar produtos e serviços de qualquer natureza na Europa.

Lombaerts & C. participam ao respeitável e particularmente aos srs. industriais e comerciantes que achando-se em Paris o seu sócio o Sr. HENRIQUE LOMBAERTS, principalmente no intuito de estudar os melhoramentos industriais que aparecerem na EXPOSIÇÃO UNIVERSAL, atualmente aberta nessa cidade, oferecem o préstimo do mesmo seu sócio, o qual se encarrega de fornecer toda e qualquer informação minuciosa ou comprar qualquer espécie, mediante condições moderadíssimas.

Cumpra notar que o conhecimento perfeito, que tem o nosso sócio de certas condições indispensáveis para quem exporta da Europa para o nosso país tais como usos, costumes, clima, idioma, etc., habilita-o a tomar semelhante encargo, melhor do que a maior [?].²¹¹

Ocupar essa posição de intermediário de bens e serviços entre Brasil e Europa atribuiu à empresa de Lombaerts um lugar de destaque no meio editorial brasileiro. Aspecto que propagandeava desde 1867, quando passou a ser anunciado no *Almanaque administrativo, mercantil e industrial da corte e província do Rio de Janeiro* como agente de jornais da Europa, integrando a lista de encadernadores e de mercadores de livros da Corte.

²⁰⁹ Em crônica publicada no dia 15 de fevereiro de 1863, no jornal *O Futuro*, Machado de Assis ressalta os elogios atribuídos ao sr. Lombaerts a respeito da encadernação da *Constituição Belga*, que concorreu entre os artefatos da indústria nacional na Exposição Universal de Londres.

²¹⁰ Durante essa Exposição, J. B. Lombaerts participou com as encadernações: *Album, Brasil pittoresco; L'enfer de Dante; Constitution Belge; L'Autographe; Livre de prières; La dame aux camélias*. (O IMPÉRIO do Brasil na Exposição Universal. Rio de Janeiro: Tip. de E. e H Laemmert, 1867. p 4). No livro *Exposição Nacional Brasileira de 1875*, organizado por Augusto Emílio Zaluar, há a seguinte afirmação sobre J.B. Lombaerts e seus filhos: "É digno igualmente de notar-se a máquina para a impressão instantânea de cartões de visita, exposta pelos filhos do Sr. J. B. Lombaerts. (...) o aparecimento desta máquina na Exposição de Paris, produziu grande entusiasmo, fornecendo ao inventor quase uma fortuna, e foi daquela Exposição que trouxe uma delas o Sr. J.B. Lombaerts, prestando com isto um serviço ao Brasil". (ZALUAR, A. E. *Exposição Nacional Brasileira de 1875*. Rio de Janeiro: Tipografia do Globo, 1875. p. 105).

²¹¹ O CRUZEIRO. Rio de Janeiro: Tip. do Cruzeiro, ed. 186, p. 4, 6 jul. 1878.

Depois disso, foram inúmeras as publicidades nas quais sua livraria era veiculada como uma agência de assinatura a todos os jornais da Europa.²¹²

Essa transferência de tecnologia e cultura da Europa para o Brasil se tornou uma constante, já que as exposições facilitavam a atualização do que havia de lançamento em termos técnicos e livrescos, além de permitir o estreitamento nas relações com livreiros e editores europeus, a fim de, no caso de Lombaerts, se tornar agente de seus empreendimentos no Império brasileiro.

Foi quando o encadernador começou a ostentar nos anúncios da oficina, a premiação recebida e a apreciação do Imperador. Seu prestígio, no entanto, não se restringiu às benesses reais. De 1853 a 1875, integrou a Sociedade Belga de Beneficência e, em 1868, tornou-se sócio efetivo da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, conferindo-lhe status de tesoureiro.

Na década de 1870, outras importantes mudanças ocorreram na tradicional empresa de encadernação J. B. Lombaerts, pois juntamente com seu filho – que integrara o quadro dos funcionários da livraria –, investiu em uma moderna litografia no espaço de suas instalações tipográficas, expansão que concorreu diretamente com a tipografia e litografia do suíço Georges Leuzinger. Foram tão significativos os investimentos em litografia que a livraria passou a ser considerada uma das maiores e mais especializadas no ramo,²¹³ e, a cada viagem realizada à Europa, fosse por conta da participação em alguma exposição, fosse por motivos particulares, o gestor belga retornava ao Brasil com novidades culturais e técnicas para melhorar suas publicações.

Em 1874, J. B. Lombaerts firmou contrato com seu filho, Henri Lombaerts, constituindo a firma Lombaerts & Filho. A duração contratual da sociedade seria de três anos, a contar de janeiro daquele ano, sendo Henrique sócio minoritário, com 20% das ações.²¹⁴ No entanto, devido ao falecimento, em 1875, de J. B. Lombaerts, Henri, sócio e, naquele momento, herdeiro, assumiu a gerência do negócio, ao qual, por força de inventário, teve de se associar a J. L. Chauvet.²¹⁵

²¹² "L'Exposition Universelle de 1867 illustré. único jornal oficial da Exposição atual em Paris. Assina-se na Agência de assinatura a todos os jornais da Europa. Livraria de J.B. Lombaerts. Rua dos Ourives, 17". (ECCO POPULAR. Rio de Janeiro: Tipografia de Indústria Nacional de Cotrim & Campos, ed. 58, p. 4, 10 maio 1867).

²¹³ FERREIRA, O. da C. *Imagem e Letras: introdução à bibliografia brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1976. p. 234.

²¹⁴ Informação retirada do termo de liquidação da firma, datado de 1875. (Fonte: Arquivo Nacional).

²¹⁵ J. L. Chauvet era esposo da filha de J.B. Lombaerts, Carolina Lombaerts, e como tal assumiu o controle da parte da herança da jovem quando do falecimento do pai.

A sociedade entre pai e filho, embora oficialmente efêmera, uma vez que Henrique trabalhava com o pai desde o início de 1870, rendeu à livraria investimentos mais audaciosos, descentralizando os serviços de encadernação, ampliando a litografia e a importação, bem como a representação de jornais estrangeiros, sobretudo os envolvidos com Arte, Literatura e Ciências.

AGÊNCIA DE ASSINATURA PARA OS JORNAIS ESTRANGEIROS
Lombaerts & Filho

Têm a honra de participar à sua numerosa freguesia, bem como a todas as pessoas que se interessam pela literatura, artes e ciências, que estando próxima a ocasião da reforma e tomada de assinaturas de jornais estrangeiros para o ano de 1875, acabam de publicar um catálogo completo dos jornais mais importantes de **França, Bélgica, Inglaterra, Alemanha, Itália, Rússia, Suíça, Espanha, Portugal, Estados Unidos, etc.**²¹⁶

Mesmo que, desde 1867, a livraria fosse conhecida como um lugar para tomada de assinaturas de jornais da Europa, somente com a gerência de Henrique que esse ramo da empresa seria enfatizado, inclusive ao ampliar os lugares de onde podiam importar periódicos, naquele momento, estendido também aos Estados Unidos e à Rússia, passando, deste então, a ser propagandeada como uma agência de assinatura de jornais estrangeiros e não somente da Europa. Até os anúncios da empresa passaram a ser em várias línguas para abranger imigrantes de várias nacionalidades.

²¹⁶ O GLOBO. Rio de Janeiro: Tip. do Globo, ed. 96, p. 4, 8 nov. 1874. (Grifos do original).

Figura 22: Anúncio retirado do *Jornal do Commercio*, ed. 357, p. 7, 25 dez. 1874

AGENCIA DE ASSIGNATURAS PARA JORNAES ESTRANGEIROS
LOMBAERTS & FILHOS

Se chargent du service de toute publication périodique de France ou tout autre pays d'Europe, répondant de la remise régulière et intégrale de tous les numéros à ses abonnés tant de Rio comme de l'intérieur.
L'inscription est ouverte pour l'année 1875.
Un catalogue mentionnant les journaux étrangers les plus importants est adressé contre demande.

Undertake the delivery of all kinds of publications and periodical of the England, United States and Europe, guaranteeing their regular and integral remission at the residence of the subscriber in the city or in the interior.
The subscription list for the year 1875 is now open.
A catalogue of the most important foreign periodicals will be sent to any person demanding one.

Se encargan del servicio de toda e cualquier publicación periódica de España y otros Estados de Europa, responsabilizando-se por la entrega regular y integral de los números en casa de sus suscriptores, así en la corte como en el interior.
Se halla abierta la suscripción para el año de 1875.
Un catalogo mencionando las publicaciones periódicas mais importantes del extranjero, será enviado a quien lo pediere.

Encarregão-se do serviço de toda e qualquer publicação periódica de Portugal e outros Estados da Europa, responsabilizando-se pela entrega regular e integral dos números aos seus assignantes, tanto na corte como no interior.
Acha-se aberta a inscrição para o anno de 1875.
Um catalogo, mencionando as publicações periódicas mais importantes do estrangeiro, é enviado a quem o pedir.

Übernehmen Bestellungen auf alle sowohl in Deutschland als in andern europäischen Ländern erscheinende Zeitschriften, in dem sie sich verpflichten ihre Abonnenten nicht allein in der Stadt, sondern auch im Inneren stets prompt und richtig zu bedienen.
Von heute an werden Bestellungen für 1875 angenommen.
Ein Katalog worin die wichtigsten Veröffentlichungen des Auslandes verzeichnet sind, wird auf Verlangen eingesendet.

S'incaricano del servizio d'ogni pubblicazione periodica d'Italia o d'altro qualsiasi stato d'Europa, garantendo la regolare ed integra rimessa dei numeri al domicilio degli abbonati.
L'iscrizione è aperta per l'anno 1875.
Dietro richiesta, sinviera un catalogo annoverando i giornali esteri più importanti.

7 RUA DOS OURIVES 7

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

O anúncio demonstra a adoção de algumas estratégias publicitárias até então não utilizadas pela firma: a primeira delas foi a mudança na chamada do anúncio, que passou de “encadernadores” para “agência de jornais estrangeiros”, indicando que não havia mais a necessidade de relacionar seus nomes/ serviços à imagem do Imperador, mas como agentes independentes no mercado editorial.

A segunda estratégia foi a publicação, nos vários jornais do Império, de reclames em vários idiomas sobre seus serviços de importação. Os anúncios eram nas línguas de onde provinha a maior parte das encomendas: espanhol, francês, inglês, italiano, alemão e português (referindo-se a Portugal). Essa publicidade, muitas vezes era distribuída em várias partes da folha de anúncios, destinando um

anúncio para cada idioma, o que chamaria a atenção de diferentes leitores.

A sociedade com Henrique permitiu que esse aspecto de casa importadora de obras e jornais estrangeiros se tornasse mais evidente, abrindo para a empresa novos mercados, passando a ser referência de lugar confiável para aquisição de material importado e atual de outros países, como evidenciam alguns reclames:

AGÊNCIA DE ASSINATURA DOS JORNAIS DA EUROPA
Lombaerts & Filho

Participam ao respeitável público que acabam de receber os primeiros números das publicações periódicas mais importantes de França, Bélgica, Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos, para os quais tomam assinatura. A prática adquirida deste ramo de negócio, pelos anunciantes, garante um serviço exato e pronto, tanto na entrega na corte, como na remessa para as províncias das folhas que compõem as assinaturas.

O catálogo das principais publicações em todos os gêneros: política, literatura, artes, ciências, modas e novidades da Europa. Distribui-se em casa dos anunciantes.²¹⁷

Com a abrangência de atuação estendida, também variou a lista de periódicos que poderiam ser pedidos, passando a figurar desde jornais de ciências, militares, de moda, de associações, artes até jornais-romance, como *Le Voleur*, *Journal pour tous*, *Emporio Pittoresco*, *Conteur*, *Da Novella*.²¹⁸

Essa expansão permitiu ainda que alguns experimentos, imitados de modelos editoriais de sucesso na Europa, fossem possíveis, como o caso da versão brasileira do jornal de modas, *La saison*, ou de um jornal de romances à moda do *Journal du Dimanche*, como o foi o *Leitura do Domingo*, que será apresentado posteriormente.

Após o falecimento de J. B. Lombaerts, Henrique ganhou autonomia que lhe permitiu fortalecer mais a agência de importação de livros e jornais estrangeiros do que a encadernadora, ocorrendo, com isso, além da organização do acervo, a expansão do catálogo de jornais a serem importados, que até 1874, estava centrado basicamente em modas e ciências.

²¹⁷ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro: Tipografia de J. Villeneuve, ed. 52, p. 6, 22 fev.1874.

²¹⁸ Verificar anexo "Extrato do Catálogo da Agência de Assinaturas para jornais estrangeiros", retirado da revista *A vida moderna*, de 1886.

A partir desse momento, a Lombaerts passou a imprimir, no Brasil, mais periódicos ilustrados, como *A Estação* (1879-1904), a qual foi, inquestionavelmente, a mais extensa e bem-sucedida experiência editorial de Henrique Lombaerts, principalmente, por reunir inovações gráficas a um conteúdo atrativo para o público feminino. Todavia, outros experimentos foram empreendidos no setor de revistas ilustradas, um deles, a edição do citado *Leitura do domingo*.

O fato é que o interesse de Henrique Lombaerts por folhas literárias e ilustradas, reconhecido por seus amigos e clientes, permitiu que se agenciasse e editasse no Brasil importantes empreendimentos editoriais que ajudaram a constituir preferências e modos de aquisição de narrativas ficcionais.

O histórico de sua atuação como livreiro e o catálogo de sua livraria, distribuído em 1886,²¹⁹ apontam para uma vasta rede de conexões na Europa, que permitiu, além da aquisição de técnicas gráficas e editoriais, a importação de periódicos, em sua maioria, destinados a públicos diversos.

A análise do catálogo permite verificar, além da variedade de jornais e revistas estrangeiros circulando no Brasil, constatar que os preços dos jornais-romance franceses *Voleur*, *Journal du dimanche* e *Journal des enfants* eram monetariamente mais vantajosos, com os menores preços, uma vez que os custos para a impressão eram baixos, tendo em vista o não pagamento de direitos autorais e a alta procura por romances.

Na década de 1880, a encadernadora já é um prestigiado estabelecimento livreiro, sendo frequentado por intelectuais, como Machado de Assis, Arthur Azevedo, Coelho Netto, Valentim Magalhães, Fontoura Xavier, Julia Lopes de Almeida, Oliveira e Silva, Carlos Costa, Múcio Teixeira e o próprio Imperador D. Pedro II, consoante deixa entrever algumas notas em decorrência da morte de Henrique Lombaerts, em 1897:

[...] o sr. Henrique Lombaerts, muito conhecido aqui, em todos os Estados e mesmo no estrangeiro, como livreiro-editor que foi durante longos anos.

A sua afanosa existência, sempre consagrada ao trabalho, foi um exemplo frisante do quanto podem o esforço e a atividade.

Herdando um pequeno estabelecimento de seus honrados pais, Henrique Lombaerts transformou tão modesto legado em uma casa

²¹⁹ Ver nos Anexos: Extrato do Catálogo da Agência de Assinaturas para jornais estrangeiros, retirado da revista *A vida moderna*, de 1886.

de primeira ordem, muito sólida, vantajosamente conhecida e muito acreditada, tanto na América, como na Europa. [...]

Honrado, inteligente, possuindo esmerada educação, gozava o finado da consideração de todos os homens de letras, de muitos dos quais foi ele editor.²²⁰

Sempre referido como um homem investidor que tornou o "modesto investimento do pai" em uma grande livraria, ocupou um lugar de destaque no ramo das importações, ao oferecer sempre produtos com a maior rapidez, qualidade, eficiência e preço, concorrendo com grandes livreiro-editores, como os irmãos Laemmert, que também investiam nessa linha de negócios.²²¹

Sua oficina tornou-se referência para aprendizes de encadernação e litografia, como Inácio Augusto César Raposo (bibliotecário do Imperador) e Dario Vellozo (escritor brasileiro). No setor do comércio e produção de livros, foram poucas as impressões realizadas pelo belga, e as que foram feitas datam, sobremaneira, da década de 1880: *Tu, só tu puro amor* (1881) e *Papéis avulsos* (1882), de Machado de Assis; *Contes Indiens du Brésil* (1882), de José Vieira Couto de Magalhães; *A arte brasileira* (1888), de Luiz Gonzaga Duque Estrada; *A almanjarra: comedia em 2 atos* (1888), de Arthur Azevedo; *Cérebro e Coração* (1880), de Múcio Teixeira e *Nymphaeas: poesias* (1873), de José Marcelino da Costa e Filho.

Vale ressaltar que embora não haja trabalho mais detalhado sobre a Livraria Lombaerts & Cia., salvo quando mencionado pela publicação que fez da revista *A Estação*, e mesmo assim, somente porque nela colaborou Machado de Assis, esta livraria, em sua época, não passou despercebida no meio cultural carioca, fato comprovado por meio de menções de alguns escritores em suas produções ficcionais, como *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia; *A conquista* (1899) e *Rapsódias* (1891), de Coelho Netto, além das recorrentes declarações nos jornais da época sobre a perfeição e agilidade da firma.

Não é somente o conjunto de ações dessa agência de assinaturas que lhe permite ser inserida num quadro de mediadora cultural, responsável pela circulação e aclimação de modelos editoriais internacionais no Brasil,²²² *status* ratificado, também, pela publicação, em parceira com a livraria portuguesa de

²²⁰ GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Tip. da Gazeta, ed. 161, p. 1, 10 jun. 1897. [Grifos meus].

²²¹ MACHADO, 2012. p. 108.

²²² GUIMARAES, V. Jornais Franceses no Brasil. XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2011, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ANPUH, 2011.

Ernesto Chardron, do jornal *A Leitura*, destinado a brasileiros e portugueses, cujo conteúdo era, também, constituído, sobremaneira, de romances.

A livraria e editora H. Lombaerts distanciando-se um pouco da tendência adotada pelos demais investidores do livro, optou em se estabelecer em um mercado pouco explorado: o de importação, publicação, distribuição e edição de jornais e de revistas ilustradas.

4.2.2. *Leitura do Domingo*: uma coleção ou um jornal de romances?

Figura 23: Exemplar do jornal *Leitura do Domingo*, ed. 1, p. 1, 02 jan. 1876.

1.º Anão N. 1 *Veze*
200 REIS CADA NUMERO 2 de Janeiro de 1876.

LEITURA DO DOMINGO

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DOS MELHORES ROMANCES

PUBLICA-SE TODOS OS SABBADOS

PROPRIEDADE DA AGENCIA DE ASSIGNATURA PARA TODOS OS JORNAES **LOMBAERTS & C^{ia}** 7, RUA DOS OURIVES, 7, RIO DE JANEIRO.

PREÇO ANUAL Corte..... 8,000 Provincias..... 10,000



A CHOUPIANA DO PROSCRIPTO
POR **Gustavo Aimard**
—
PRIMEIRA PARTE
O forte Duquesne
I—O CONDE DE JUMONVILLE
Poucas pessoas sabem que nas epochas

de Luiz XIV e Luiz XV a maior parte da America do Norte pertencia á França, e bem assim que nessas possessões achava-se o vasto territorio conhecido hoje sob a denominação de *Canada* e outr'ora chamado — Nova-França.

Effectivamente essa terra tão rica passou das mãos ás mãos dos inglezes, e a Inglaterra possui della actualmente uma diminuta parte que todavia constitue uma de suas mais ricas colonias.

Se procurarmos o motivo dessa passagem, desse abandono inexplicavel, perderemos o tempo porque o não encontraremos, visto como ondas de sangue foram derramadas e muitos homens illustres voltaram-se á colonização dessa succursal da mãe patria, acreditando poderem chegar a um resultado glorioso e fecundo.

A indifferença culposa do governo, a odiosa charlateneria dos missisippianos, a palavra meio espirital e anti-patriotica de Voltaire, palavra que foi tomada

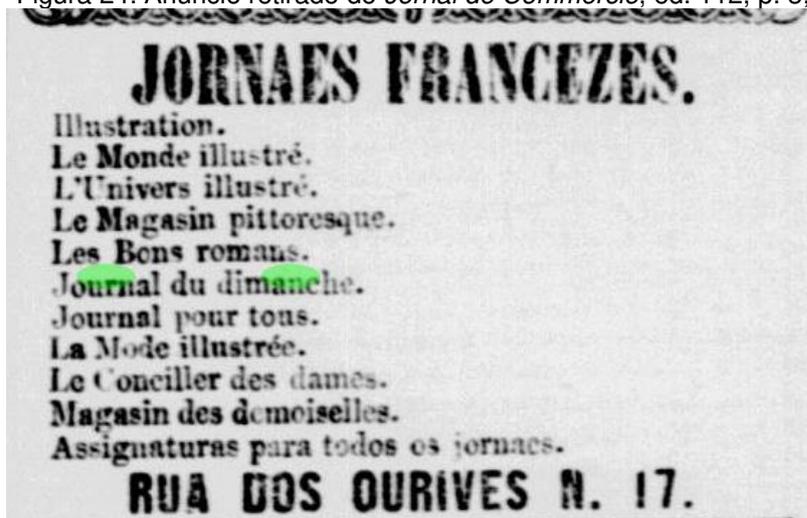
Com o conhecimento de técnicas da ilustração em madeira e de modelos editoriais de êxito, como eram o *Journal pour tous*, o *Conteur*, o *Journal du dimanche*, *Bons Romans*, em 1876, com título sugestivo, a livraria e editora H. Lombaerts & Cia. iniciou a publicação de um periódico cujo fim era proporcionar leituras para os momentos de lazer por um valor moderado, uma *Leitura do Domingo*, que, com subtítulo mais audacioso, se autodenominava como uma coleção dos melhores romances europeus da atualidade.

Segundo Gillet, a partir de 1855, na França, esse novo modo de publicação conquistou grande aprovação do público, sendo possível encontrá-lo em várias províncias francesas: em Paris: *l'Omnibus* (1856), *Les Bons Romans* (1860), *Les Feuilletons Illustrés* (1872), *Les Délassements Illustrés* (1872), *Le Conteur* (antigo *Journal de la Guerre*), *Le Soleil du Dimanche* (1885), *Le Bon Journal* (1885); em Toulouse: *Le Roman Illustré*; em Bordeaux: *Les Romans du Jeudi*, *Les Grands Feuilletons Illustrés du Jeudi*, *Les Grands Romans Illustrés du Dimanche*; em Lyon: *Le Petit roman-feuilleton* (1874-1883); em Montpellier: *Les feuilletons populaire du dimanche*; em Marseille: *Le Roman: journal des feuilletons marseillais* (1873-1884), *Les Romans Inédits* (1896), *Mes Romans* (1902), *Les Grands Romanciers* (1903), *Les Romanciers Populaires*, *Le Journal des Romans Populaires Illustrés* (1904), *Le Conteur Populaire* (1904), *Mon Bonheur* (1905), *Lectures Romanesques*.²²³

A popularidade favoreceu com que algumas folhas atravessassem o Atlântico, sendo anunciadas no Brasil por diversos livreiros do Império, como Ricardo Mathes, Laemmert, Livraria Francesa, Livraria de H. Lombaerts, sendo que este último pagava anúncios bem chamativos para a tomada de assinatura dos periódicos estrangeiros, em jornais de grande circulação, como o carioca *Jornal do Commercio*.

²²³ GILLET, 1986, p. 59.

Figura 24: Anúncio retirado do *Jornal do Commercio*, ed. 112, p. 3, 24 abr. 1861.



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

De acordo com pesquisas realizadas em jornais brasileiros datados de 1840-1880, pelo menos desde 1861, os Lombaerts importavam jornais-romance, tal como se comprova pelo reclame. A familiaridade do público com jornais, como o *Journal por tous*, *Les Bons Romans* e o *Journal du dimanche* favoreceu a recepção positiva do *Leitura do Domingo*, que pensado à moda dos modelos editoriais franceses, foi anunciado nos seguintes termos: "Com este título encetaram os Srs. Lombaerts & Cia. a publicação de um periódico no gênero do *Dimanche* de Paris. Traz romances e primorosas gravuras em madeira e é de esperar que encontre bom acolhimento por parte do público."²²⁴

Além de objetivo semelhante de ofertar romances, é possível perceber características comuns com os jornais europeus, como títulos, diagramações e ilustrações. Almejando “desenvolver o amor à leitura no meio das classes sociais menos favorecidas da fortuna” e “fornecer a seus leitores os melhores romances dos principais autores conhecidos” H. Lombaerts compartilhou o interesse comum a vários editores do Rio de Janeiro de encetar publicações que pretendiam facilitar a aquisição e leitura de romance, uma vez que era "a mais convidativa e a mais insinuante das formas literárias [...]"²²⁵ para preencher as horas de ócio e instruir os leitores.

Elaborado com numeração contínua e impresso semanalmente, o *Leitura do Domingo* custava 200 réis cada exemplar avulso. Saía, em média, 52 números

²²⁴ A NAÇÃO. Rio de Janeiro: Tipografia da Nação, ed. 06, 10 jan. 1876.

²²⁵ JORNAL PARA TODOS. Rio de Janeiro: Tipografia Americana, ed. 1, p. 1, 1 mar. 1869.

por ano, a partir de 2 de janeiro de 1876, e estreou com os romances *O parricida* e *O Choupana do Proscripto*, escolhidos por ainda não terem sido publicados no Brasil.

Dividido entre texto e ilustração, sendo esta última, uma para cada número do romance publicado, sugeria uma construção imagética da leitura antes de lida a cena retratada. Essa organização tornava o periódico uma publicação popular ao facilitar o acesso ao conteúdo da narrativa, posto que a ilustração, quando presente nos jornais-romance, causava um efeito diferente daquele provocado pela leitura na coluna folhetim, na qual havia a necessidade de dividir a atenção destinada ao romance com a fugacidade e a rapidez da informação das outras colunas do jornal.²²⁶

Notícias, como as do *Gazeta de Notícias*, publicada no Rio de Janeiro, no mesmo ano, dão conta dessas características:

A casa editora do Sr. Lombaerts & C. veio prestar um belo serviço aos apreciadores de romances, com a publicação da *Leitura do Domingo*, coleção ilustrada dos melhores romances que se tem publicado na Europa.

O 1º número que ontem recebemos, enceta a publicação da *Choupana do Proscripto* por Gustavo Aimard e o *Parricida* por Adolphe Belot e Jules Dautin. Duas belas gravuras tornam este número apreciável e no prospecto, que também nos foi enviado, prometeu-se aos assinantes uma crônica semanal.

Felicitemos ao srs. Lombaerts pela sua ideia, que acreditamos será perfeitamente acolhida em todo o império.²²⁷

Sobre esse lançamento, a notícia publicada na seção Bibliografia, do jornal *Imprensa Industrial*, de 10 de setembro de 1876, reporta a publicação como relevante devido à junção do módico preço à excelência do periódico:

Fomos obsequiados com alguns dos primeiros números da *Leitura do Domingo*, interessante publicação semanal de romances traduzidos dos melhores e mais festejados autores, ilustrada com vistosas gravuras em madeira.

Os editores deste jornal, os srs. Lombaerts & C., acreditados livreiros e encadernadores desta corte, são dignos de toda a animação publica, pois à excelência de sua tão interessante publicação juntam

²²⁶ GILLET, op. cit., p. 59-70.

²²⁷ GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Tipografia da Gazeta de Notícias, ed. 7, p. 2, 7 jan. 1876.

a modicidade de um preço que a põe ao alcance de todas as fortunas.²²⁸

Parece ser baseado no princípio do bom acolhimento que ainda no primeiro mês se liam, de norte a sul do Império, notícias como as saídas n'O *Diário de Pernambuco* e n'A *Constituição*, ambas publicadas quinze dias após o lançamento do jornal de Lombaerts na Corte:

Leitura do Domingo. Sob essa denominação encetaram, no Rio de Janeiro, os srs. Lombaerts & Cia., livreiros à rua dos Ourives, n. 7, uma publicação semanal, dedicada à exibição dos melhores e mais procurados romances, tanto nacionais como estrangeiros, mediante a paga anual de 10\$000 para as províncias, começando pela *Choupana do Proscripto* e pelo *Parricida*.²²⁹

Leitura do Domingo - com este título recebemos ontem do Rio de Janeiro um excelente hebdomadário, publicado pelos srs. Lombaerts & C.

O novo periódico propõe-se a publicar os mais acreditados romances, ilustrando com estampas duas de suas oito páginas.

O 1º número que temos à vista é interessante e traz a *Choupana do Proscripto* de Gustavo Aimard.

Por especial favor recebe-se assinaturas em nosso escritório a razão de 10\$000 por ano.²³⁰

A rapidez com que circulou a notícia de publicação da folha da Livraria Lombaerts demonstra tanto as relações comerciais estabelecidas com outros livreiros do Brasil, como o interesse em não restringir o negócio ao Rio de Janeiro. E considerando uma prática de conexões que estabelecia internacionalmente, para divulgar e importar jornais estrangeiros, a ação de publicizar sua folha periódica nacionalmente não seria algo surpreendente, já que o livreiro conhecia os caminhos de divulgação.

Outros livreiros, como os irmãos Laemmert, também cultivaram essa prática, porém a difusão do seu jornal-romance para o restante do Império ocorreu somente quando impresso em volume, a partir de 1844.

²²⁸ IMPRENSA INDUSTRIAL. Rio de Janeiro: Tipografia da Imprensa Industrial, 10 set. 1876.

²²⁹ Ibid.

²³⁰ A CONSTITUIÇÃO. Belém: Tip. de prop. do côn. Manoel J. S. Mendes, ed. 22, p. 2, 18 jan. 1876.

Embora os empreendimentos jornalísticos estivessem cronologicamente localizados em momentos distintos e - que a velocidade de circulação da informação começara a ser facilitada devido ao desenvolvimento dos correios, telégrafos, linhas telefônicas, estradas e transportes - o modo de atuação do livreiro belga foi crucial para que houvesse uma integração de leituras, ou melhor, uma atualidade de livros lidos no Rio de Janeiro e no restante do Império.

No prospecto do *Leitura do Domingo*,²³¹ publicado em folha separada e enviado para várias redações de jornais em várias províncias, os editores apresentam seu programa, afirmando que sua finalidade era facultar "às mais pequenas bolsas"²³² as obras de reputados romancistas. Iniciam, portanto, pela questão econômica, com o lucro que o assinante obterá ao adquiri-lo:

O nosso fim, publicando esta nova folha, não é acrescentar mais um jornal aos já tão numerosos que existem nesta corte, porém sim, facultar às mais pequenas bolsas, sob essa forma popular, as obras com justiça mais reputadas, dos festejados e melhores romancistas modernos, as quais, em razão do seu alto preço, pode dizer-se que constituem o privilégio de certa classe de leitores.²³³

A justificativa de serem pioneiros de uma publicação para a democratização da leitura dos ditos bons romancistas modernos, até então, restrita a um grupo de elevado poder aquisitivo, uma vez que para ler uma obra atual, precisava-se despender muito – não parece muito coerente ao se avaliar o mercado geral de impressão de obras literárias no Brasil, mais especificamente, o valor do livro nesse momento. Um leitor atento logo perceberia que esse tipo de argumento não se mantinha, pois os romancistas ditos modernos eram os estrangeiros, sobretudo os franceses, que tinham suas obras vendidas a preços bem mais acessíveis que as dos brasileiros.

Olavo Bilac, anos depois da publicação do *Leitura do Domingo*, constata as desigualdades nas relações editoriais no mercado brasileiro, ao afirmar que a iniciativa de Laemmert, chamada *Coleção Econômica*, embora recebesse elogios

²³¹ O prospecto citado foi reproduzido integralmente no jornal *Diário de Pernambuco* e é a partir dessa reprodução que foram extraídas as informações, uma vez que, por ter saído em folha separada, não há um exemplar disponível nas bibliotecas consultadas. As citações do prospecto, portanto, serão todas a partir do jornal pernambucano.

²³² DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife: Tip. da R. Duque de Caxias, 42, ed. 12, p. 2, 17 jan. 1876.

²³³ Ibid.

por parte de algumas redações de jornais, não serviu, muito menos contribuiu para as letras nacionais, pois nem mesmo autores brasileiros foram publicados nessa coleção, e nem no Brasil foi impressa ou encadernada.

Afirma que a coleção só contribuiu para o enriquecimento pessoal de Laemmert, e que das raras vezes em que editou brasileiros, como foi Machado de Assis e Valentim Magalhães, os livros eram muito mais caros do que os estrangeiros, com traduções de péssima qualidade, já que não eram feitas no Brasil e nem por uma pessoa qualificada.²³⁴

Embora o discurso de Bilac seja posterior à publicação do *Leitura do Domingo* e faça referência especificamente a Laemmert, serve como testemunho de como a concorrência mercadológica não se acirrava somente devido ao consumo de romances estrangeiros, mas sobretudo, pelo fato de que era menos oneroso para os editores disponibilizar obras cuja autoria não seria exigida em solo brasileiro. O fato é que os editores só podiam utilizar-se do argumento de um barateamento das publicações que ofereciam, porque, na maioria dos casos, contrafaziam os textos estrangeiros, o que inevitavelmente os desobrigava de pagar direitos autorais.

Considerando esse aspecto, a justificativa de Lombaerts de que sua publicação era barata não condiz com a realidade editorial no Brasil, pois um ano de seu jornal saíria de 7 a 9 mil réis mais caro que um volume, o qual custava, em média, 1\$000 réis, além disso, apesar do editor dizer que imprimia cerca de 10 romances por ano, corria-se o risco de não os ter concluído ao final de um ano de publicação, como aconteceu com *A torre de S. Jacques*, de Clemence Robert e *Miguel Strogoff*, de Júlio Verne, iniciados em 1876 e terminados somente em 1877.

O valor cobrado por um volume, com todos os números do jornal é justificado como um vantajoso negócio para os clientes, mas talvez não fosse bem assim, posto que as vantagens tendiam mais aos editores do que aos leitores, considerando os preços anunciados do periódico, vendido em volume, ao final de um ano de publicação:

Leitura do Domingo: coleção ilustrada dos melhores romances. Acha-se completo o primeiro ano, contendo cinco grandes romances e vinte e seis novelas e romancetes. As 416 páginas nitidamente

²³⁴ A BRUXA. Rio de Janeiro: Tipografia da Bruxa, 10 abr. 1896. (apud DIMAS, A. *Crônicas inéditas de Olavo Bilac*. v. 3. São Paulo: Edusp/ Imprensa Oficial/ Unica, 2006).

impressas e ilustradas com 180 bonitas gravuras em madeira têm texto equivalente a dez volumes de romances.

Preço em brochura.....8\$000

encadernado.....10\$000

Livraria Lombaerts & C.

Rua dos Ourives, 7²³⁵

Mesmo utilizando a quantidade de páginas e oferecendo o equivalente a "dez volumes de romances" era um elevado preço para a época, pois pressupõe-se que cada volume de romance tinha aproximadamente 41 páginas, o que, de maneira geral, não ocorria. Nessa mesma página do *Jornal do Commercio* um romance, em dois volumes, era oferecido por 2\$000 réis:

Romances

Acham-se a venda nesta tipografia as seguintes obras:

A volta de Rocambole, 2 volumes, por 3\$000.

O sangue do Povo, 2 volumes, por 2\$000.

O cavaleiro de Botafogo, 2 volumes por 2\$000.

Exposição Universal de Paris, 1 volume, 300 rs.

Esboço histórico político das divisões da Europa, 1 volume, 500rs.

Frutos de vários sabores, 1 volume, 1\$000.²³⁶

Era mais vantajoso adquirir o romance em volume do que comprá-lo seriado no jornal-romance, muito embora, para aqueles que não podiam pagar por uma quantia alta de uma única vez, percebiam no parcelamento do valor uma boa maneira de ler romances.

O prospecto, no entanto, não se limita à questão econômica, apresenta a folha com os atrativos propiciados pelas ilustrações, as quais contribuiriam e despertariam o interesse pelos romances, já que tornariam a leitura mais agradável aos leitores, que teriam a facilidade da ilustração para compreenderem a narrativa.

Finalmente, os anúncios, além de se apoiarem em obras que diziam ser de mérito por circularem por todas as classes, utilizavam a justificativa de que o "belo" não deveria ser privilégio de alguns apenas. Nesse sentido, o editor Lombaerts passaria a mudar esse estado de coisas ao oferecer ao público não somente romances por um valor acessível, mas uma verdadeira coleção ou uma

²³⁵ JORNAL DO COMMERCIO, ed. 28, p. 7, 28 jan. 1877.

²³⁶ Ibid

biblioteca que pudesse perdurar anos após sua publicação. Logo, a empresa absorve, em seu discurso, o argumento do estilo do texto, de uma qualidade atestada não somente pelo editor, que escolhe o romance, mas também pelo leitor que deteria um bom senso e bom gosto a respeito do que lê.

[...] Queremos em uma palavra que a biblioteca que vamos tentar criar nada tenha de efêmero e daqui a anos como hoje, tenha seu valor, conserve a sua razão de ser. [...]

As *Leituras do Domingo* devem ter ingresso por toda a parte; as obras que distinguem o verdadeiro mérito são aquelas que tem leitores em todas as classes da sociedade. É mal pensar, é apreciação falsa e humilhante para todos a que consiste em fazer acreditar que há leitura especial para estes ou aqueles.

No Brasil civilizado todos tem aptidão para julgar o que é belo e lamentaríamos ter sido guiados em nossas escolhas por este pensamento que um bom livro, não está ao alcance de todos e que a inteligência do belo é privilégio de alguns apenas. [...] ²³⁷

Em síntese, todo o prospecto circunda basicamente em torno de três aspectos: econômico, social e estilístico/cultural, pois, no "Brasil civilizado", entrevisto nesse documento, a leitura é basilar e não deveria estar sob o jugo de poucos, por isso, seria tão importante um jornal que propiciasse aos menos abastados a experiência e a oportunidade de ler romances modernos, entendidos com atuais.

Apesar desses argumentos serem válidos para angariar clientes, o que de fato se observa é um editor interessado em seguir um modelo de baixo custo e extremamente lucrativo. E tendo em vista que ele importava esse tipo de periódico, pelo menos desde 1861, a percepção de um negócio de boa aceitação e rentável foi mais uma ação de quem estava atento às demandas do mercado. Talvez, tenha sido justamente essa percepção de que o gosto do público estava voltando-se para a aquisição de romances em forma de coleção que na edição 70, datada de 13 de maio de 1877, e sem qualquer nota explicativa, o jornal, além da alteração de diagramação, passa a ser intitulado *Biblioteca Romântica*, o que, de acordo com os editores, melhor definiria o caráter de "coleção de romances" por eles almejado:

²³⁷ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife: Tipografia da R. Duque de Caxias, 42, ed. 12, p. 2, 17 jan. 1876.

A *Leitura do Domingo*, interessante publicação que tão justo sucesso tem obtido, passa a ter o título mais adequado de *Bibliotheca Romântica*. Sofreu também uma importante modificação, que consiste em imprimir os romances de modo que possa cada um ser encadernado separadamente.²³⁸

Essas alterações foram tão significativas que todos os números do jornal, a partir desse momento, passaram a ter dupla paginação, duas apresentações gráficas, além de ganharem independência quanto à encadernação. A primeira narrativa a ser impressa sob a nova apresentação do jornal foi *Os dramas da Ilha-negra*, iniciado com o número 01 para a primeira página.

Figura 25: Páginas de *Leitura do Domingo/Biblioteca romântica*, ano 2, n. 70, p.1-2, 13 maio 1877.

II ANNO N. 70. 13 de MAIO de 1877

BIBLIOTHECA ROMANTICA

OS DRAMAS DA ILHA-NEGRA
por Octave Peré e J. Carvin.

1

A ILHOTA DO FETICHERO

O Loire, o maior rio de França, o mais caprichoso, o mais fecundo em desastrosas inundações, envolve entre duas de suas largas rapédes e largas e ilhota do feticheiro.

Faz parte essa ilhota de uma espécie de

Antes pelo rio Yverno, e pertencendo ao distrito de Chizou, velha cidade onde nasceu Rabelin, essa suprema incarnação de zombista gaulês; onde moravam Henrique II e Ricardo I, reis de Inglaterra; onde o voluntário Carlos VII recebeu Joana d'Arc, a heroína esta e inspirada que ia arrancar a França do jugo de Albion.

Antes da grande revolução era mesmo o feudo patrimonial de um tal que não possuía.

Nu época, porém, ainda recente, em que começa a nossa narração, o proprietário nome do distrito havia sido voluntariamente esquecido pelos rústicos habitantes do país, que lhe davam, havia cinco annos, a qualificação restranha que logo experimentamos.

Apesar de ser público e notório que o feudo de Noire-lis não admitia no condado alguma viva, ou mesmo um jardineiro para decorar as árvores, que já se transformavam em florestas virgens; não mesmo um cão; satisfação com ter o castello defendido pelo mato crescido e espilhões, oudo havia elle espalhado armadilhas contra os lobos; não passava de um Robinson na sua ilha; muitas vezes o vilão, rodeado na travessia do rio, entre Né-

man e Heismes, ouvia os gritos de uma vólv forte do outro lado do rio; e uma vez, que chamava sem articular syllabas distinctas, era a do velho Gaucher.

Em rigor, poder-se-lhe attribuir o exercício extravagante a uma monomania acoustubala.

Aos gritos, porém, do solitário da Ilha Negra respondiam muitas vezes outros gritos, de uma sonoridade agudissima, que não pareciam sair do peito humano; porque as suas notas, ainda as suas agulhas, conservavam sempre uma melodia que fazia lembrar a do canto do roscinol, atada que dez vezes mais forte do que a d'este.

Nessas occasiões, se a lua brillava nas alturas, entrava o viajante assustado surgirem do seio matagosa da ilhota e desaparecerem logo em formas brancas e fluctuantes que desenhavam phantasmas.

Se, ao contrario, era escura a treva, elle avistava, na margem opposta, um como ponto luminoso, d'ago, ardente, movel, que muitas vezes se approximava até a orizante fluvial, com inexplicavel estrepito.

Os primeiros espectadores — involuntarios, já se sabe — d'essas cenas proprias do outro mundo, espalharam a noticia por todo o país, mas nem um delles se animou a desvendar o mysterio.

As contrarias, juraram todos nos seus deuses, que o diabo não os tornaria aspanhar, do modo, nas paragens de Noire-lis.

O modo atroz que se tinha appellido dessa pobre gente, depois das suas fanaticas visões que a fazia retirar pelas aldeas com as pernas trêmulas e os cabellos arrepiados, communi- cou-se logo a quasi todos os e braves e compatriotas dos poltrões. E tanto, que apenas a noticia, a maior parte das camponeses de Veron, que tinha de dar qualquer volta pelas margens do Loire, tomava divertios enormes, só para não passar á vista da « Ilhota de Feticheiro ».

Um recente recente, aizo o tribunal judicial de Tours, mostrou quanto muito ainda arraigadas as idéas superstitiosas n'essa localidade campestre.

Nu obstat, nas cidades, e maravilhosos exercia sempre mais a curiosidade do que o modum.

Nu tardou que os boates estranhos que corriam sobre a Ilha Negra, se espalhassem em Chizou, cabos da sub-prefeitura, e que apenas distava duas leguas pequenas do theatro das approprias assignaladas.

A sociedade masculina da patria de Rabelin levantou-se indignada, considerando sceleratissimo e facto como um tanto das vilas idyllicas obscurotismo, resuscitado pela embriaguez ou viscosaria de algumas brancas de atléis.

Espiritos fortes se colligaram unidos para assecurarem a hydra renascente das fadas e embrioladoras creanças, ferindo o bom senso e a coragem burguesa.

Um dia, subiram da cidade ás cinco ou seis horas da tarde, e chegaram á meia noite do fonte de Noire-lis.

Dos marinhôes de Port-Boulay os esperavam em um barco.

Arastaram furtivamente braço do rio; fazia um tempo magnifico.

Metteram-se depois pelo mato amarranhado e por isso mesmo sempre escuro. As lanternas que levavam não impolliram os que iam adiante; de se emberrarem nas armadilhas occultas, que Gaucher armava para proteger o seu dominio contra as invasões cittadinas.

De repente, enquanto os companheiros se desamberravam por desamberração, cahiu sobre os olhos a chuva e pagou-se totalmente um grande galho, verde e fivel, sem que algum pudesse distinguir quem havia dirigido essa vara magica.

Quasi ao mesmo tempo, o chefe da expedição sentiu-se preso pela garganta; e arrastado logo por não invaziavel, gelada, caheleita, foi levado até o larranco do rio, e precipitado na corrente em uma moita de juncos.

Terre igual sorte o mais intrépido de seus companheiros, quando tomava ás costas a sua defeza.

Quando os outros, atteridos por tão inexplicavel e incomprehensivel aggressão, retrocederam precipitadamente, e recullaram-se á embrocção, que os seus ruidosora flaram vigiados. Mal tiveram tempo de salvar as suas victimas, já quasi asphyxiadas pelo terrivel mergulho.

Puzeram pé no terra completamente derretido, tremulo, envergachado, conservando da intervenção occulta e victoriosa apenas a percepção confusa de uma especie de espectro salivado, com duas grandes olhos flamejantes.

Depois desta extraordinaria aventura, os valentes rapazes de Chizou perdoram a vontade de invadir e de explorar a ilhota de Feticheiro.

De vez em quando, porém, lá iam algumas colleças mais espantadas tentar de novo penetrar o mysterio. Aconhecia a muitas passarem a noite no deserto, metidos em alambicos, e cobertos como raposas nos lagos armados pelo pai Mauvert. De manhã viaha elle encrupadamente solto-o e advertia-o prepotentemente do que daria contra elles queixa judicial por violação de dominio, ou tornassem contra vort a salir no lay.

Outrosque se arriscaram finalmente na recuperação do noite tiveram sorte igual á das deis companheiros: do alegre cara de Maudou — foram arrebatados de improviso, lançados á terra e depois atirados ao rio meio estrangulados, proptoriomado aos baldeiros, que os haviam coadecido, excitando occasião de ganhar a medalha de salvação.

No fim de quatro annos, já a fama sinistra de Noire-lis se tinha estendido até Tours.

Fonte: Biblioteca Nacional Brasileira, divisão de periódicos.

Essa mudança, entretanto, não extinguiu a continuação dos romances *Miguel Strogoff* – que já vinha sendo publicado desde junho de 1876 –, o início do conto *Um milionário: scena da vida parisiense* e do romance *O Capitão Paulo*, os quais, vale ressaltar, continuam com a paginação anterior, apesar da mudança de título e de organização do jornal. Assim, a partir desse número inicial da *Bibliotheca Romântica*, o jornal continuou a apresentar uma estrutura e paginação relativa às narrativas iniciadas em 1876 e outra para os textos publicados desde maio de 1877, sendo que a edição de 3 de junho de 1877 foi o último dia que ainda registrou a data da publicação, respeitando-se a publicação quinzenal. Daí para frente, aparece apenas a edição e o ano, o que em outros termos retiraria a obrigatoriedade de se publicar um número a cada quinze dias.

Outra mudança perceptível é no corte, que passou a ser em qualquer lugar da narrativa, mesmo que fosse na metade do parágrafo ou até no meio de uma palavra, pois ao que parece, o importante era ocupar as páginas destinadas aos romances, independentemente da suspensão da narrativa. O fato é que o aspecto material/editorial se sobrepôs ao social – o de proporcionar leitura e instrução – e ao estilístico.

Essa mudança previsível diante das inúmeras iniciativas no mesmo sentido, talvez tenha feito com que as notícias e anúncios sobre o jornal-romance de H. Lombaerts desaparecessem, pois, para o leitor, havia uma instabilidade sobre se seus romances seriam publicados ou não e nem mesmo da coleção se soube mais.

Somente os exemplares até janeiro de 1878 existem na Biblioteca Nacional brasileira, o que não permite precisar se o empreendimento iniciado em 1876 como *Leitura do Domingo* circulou por mais tempo ou não. A data exata de término do jornal também é difícil de delimitar, já que não há exemplares suficientes e nem dados nas bibliografias da imprensa brasileira que permitam concluir com exatidão sua finalização.

Os exemplares da BN, bem como seus *Anais*, apontam a data de 1877, no entanto, nas edições de 1877-1880 do *Almanak Laemmert*, aparece o jornal *Leitura do Domingo* como um dos periódicos que se publicava na Corte, embora ele já tivesse mudado de nome para *Bibliotheca Romântica*, além de indicar o editor como único agente de jornais franceses e belgas no Brasil.

4.2.3 Os romances

Ao todo foram 40 narrativas e a peça teatral *A Esmeralda: um ato em prosa* publicadas em pouco mais de dois anos no *Leitura do Domingo*.

Devido à extensão, a maioria delas passou quase seis meses sendo publicada, o que resultou em um número menor de romances se comparado a outros jornais-romance, como o de Laemmert. Desse total, conforme se observará na tabela a seguir, nove não possuíam identificação de autoria, apesar desse número diminuir para sete, quando se distingue que *O Capitão Paulo*, impresso na edição 70, de 13 de abril de 1877, trata-se do texto escrito por Alexandre Dumas, em 1838, e que a narrativa *A torto e a direito* era de autoria de Silva Pinto. Além disso, não havia uma predileção por autor específico, mas por uma variedade de prestigiados escritores, o que explicaria o romance de Dumas figurar no jornal, mesmo não sendo um texto atual e inédito, como se pressupunha do programa.

Tabela 10: Autores publicados no *Leitura do Domingo*.

N.	Autor	Título da narrativa	Início da publicação	Término da publicação	Presença de Ilustração
1	Gustavo Aimard	<i>A Choupana do Proscrito</i>	02/01/1876	18/06/1876	Sim
2	Adolphe Belot et Jules Dautin	<i>O Parricida</i>	02/01/1876	16/07/1876	Sim
3	Julio Verne	<i>Miguel Strogoff</i>	24/06/1876	N. 86, ano III, 1878	Sim
4	A. Bapaume	<i>A Febre Amarela</i>	22/07/1876	21/09/1876	Sim
5	Jules Janin	<i>Um poeta e o cão parasita</i>	30/07/1876	30/07/1876	Não
6	Georges Pradel	<i>Uma cena da vida marítima</i>	06/08/1876	06/08/1876	Não
7	Bois Sonnet	<i>O velho Marquez</i>	12/08/1876	20/08/1876	Não
8	A. Marx	<i>Aventuras de guerra de um Loreno</i>	20/08/1876	27/08/1876	Não
9	Sem autoria	<i>A lenda do cardeal</i>	27/08/1876	27/08/1876	Não
10	J. Rolland	<i>O retrato de Lucia</i>	27/08/1876	03/09/1876	Não
11	P. Durand	<i>O regresso do primo</i>	10/09/1876	17/09/1876	Não
12	P. Noth	<i>O urso das grutas de Osselles</i>	21/09/1876	21/09/1876	Não

13	Clemence Robert	<i>A torre de S. Jacques</i>	30/09/1876	07/01/1877	Sim
14	Alphonse Daudet	<i>O Papa Morreu!</i>	30/09/1876	30/09/1876	Não
15	Ferdinand de Vez	<i>A filha do assassino</i>	15/10/1876	22/10/1876	Não
16	Emile Richebourg	<i>Justino e Justina</i>	22/10/1876	29/10/1876	Não
17	E. Bouchery	<i>Entre os macacos</i>	29/10/1876	05/11/1876	Não
18	Ferdinand de Vez	<i>O noivo de um túmulo</i>	05/11/1876	26/11/1876	Não
19	W.	<i>O testamento de um milionário</i>	03/12/1876	10/12/1876	Não
20	J. R.	<i>O ultimo adeus</i>	03/12/1876	03/12/1876	Não
21	Sem autoria	<i>Conselhos a um menino</i>	10/12/1876	10/12/1876	Não
22	Sem autoria	<i>De três pecados o menor (lenda irlandesa)</i>	10/12/1876	10/12/1876	Não
23	P. D.	<i>Os conselhos de Lisette</i>	10/12/1876	10/12/1876	Não
24	Sem autoria	<i>Aposta agradável</i>	17/12/1876	17/12/1876	Não
25	Ernesto Carrance	<i>Chovia tanto...</i>	17/12/1876	17/12/1876	Não
26	A. G.	<i>Um dia de bodas</i>	17/12/1876	31/12/1876	Não
27	Sem autoria	<i>Um estudante esquisito</i>	17/12/1876	17/12/1876	Não
28	Alexandre Piedagnee	<i>O sino de santo Hilário</i>	24/12/1876	07/01/1877	Não
29	D. Marcolino Prat	<i>Gengibre</i>	07/01/1877	28/01/1877	Não
30	Alexis Bouvier	<i>Os Contrabandistas</i>	14/01/1877	29/04/1877	Sim
31	Sem autoria	<i>Os dois amigos</i>	28/01/1877	25/02/1877	Não
32	L. Loyd de Frouville	<i>A flor dos bosques</i>	25/02/1877	03/03/1877	Não
33	Evaristo Carrance	<i>A noite é boa conselheira</i>	03/03/1877	11/03/1877	Não
34	Sem autoria	<i>Um sertão na Aldeia</i>	18/03/1877	18/03/1877	Não
35	Sem autoria	<i>A Esmeralda: um ato em prosa</i>	25/03/1877	01/04/1877	Não
36	Silva Pinto	<i>A torto e a direito</i>	01/04/1877	08/04/1877	Não
37	Eugène Moret	<i>Os milagres do Natal</i>	08/04/1877	22/04/1877	Não

38	João Moreira Barboza	<i>A afilhada do vigário</i>	22/04/1877	29/04/1877	Não
39	Alexandre Dumas	<i>O Capitão Paulo</i>	13/05/1877	?	Sim
40	Octave Feré e J. Cauvin	<i>Os dramas da Ilha-negra</i>	13/05/1877	N. 87, ano III, 1878	Sim
41	Felisberto Audebrand	<i>Um milionário</i>	13/05/1877	13/05/1877	Não

Fonte: A autora, 2016.

A tabela 10 elenca todos os textos impressos no jornal desde seu número de estreia, em janeiro de 1876, até os exemplares de 1878, nos quais o título do periódico já sofrera alteração. Ao mensurá-la, depreende-se que da totalidade, apenas oito textos apresentaram ilustrações, quantidade esta, à primeira vista, irrisória para um jornal que se propunha a ser uma coleção de romances ilustrados, no entanto, esse dado deve ser relativizado, já que em todos os números havia ilustrações acompanhando os capítulos dos romances mais extensos, provavelmente provenientes das edições originais em língua francesa.

Além disso, algumas narrativas, como *Os dramas da ilha-negra*, apesar de conterem ilustrações, não foram concluídas, o que explicar-se-ia pelo próprio término do jornal, e *O capitão Paulo*, cuja não conclusão pode ter ocorrido, inclusive, por ser bastante conhecida, uma vez que circulava no Brasil desde 1838 em vários formatos. O caso específico de *O capitão Paulo*, aliás, contraria o aspecto da atualidade prometido pelo jornal, uma vez que o público parecia esperar narrativas como o prometido *Miguel Strogoff*, que quando iniciou no *Leitura* ainda estava sendo publicado em Paris, no *Magasin d'Education et de Récréation*. Outro romance que também não seguiu a regra da atualidade foi o *A torre de S. Jacques*,²³⁹ de Antoinette Henriette Clémence Robert, foi anunciado nas páginas do *Diário do Rio de Janeiro* ainda na década de 1850.

As notas sempre inseridas na primeira página e antes da publicação de novos romances dão conta desse caráter de ineditismo e sinalizam um outro, a reprodução de texto de sucesso em seu país de origem.

²³⁹ Título original: *Le Mont Saint-Michel*

Figura 26: Excerto de *Leitura do Domingo*, ed. 53, p. 1, 07 jan 1877.

Immediatamente em seguida á **Torre S. Jacques**, encetaremos a publicação do muito interessante romance de ALEXIS BOUVIER
OS CONTRABANDISTAS, recebido em França com a maior aceitação

<p>A TORRE S. JACQUES</p> <p>POR MAD. CLEMENCE ROBERT</p> <p>—</p> <p>CEM ANOS DEPOIS</p> <p>II</p> <p>A CASINHA DA RUA GIT-LE-COEUR</p> <p>(Continuação)</p> <p>Neste momento, porém, apresentava um aspecto inteiramente estranho, o aspecto de uma</p> <p>Vide desde o n. 41.</p>	<p>floresta em movimento. Nella via-se quantidade de arvores, algumas mesmo carregadas de fructos, assim como verdejantes troncos de parreiras; tud isto estendia-se ao longo, acompanhando as margens do Sena.</p> <p>Chegando ao cães foi a comissão envolvida por uma multidão; com effeito, sob esta vertura ambulante, estavam estudantes que com grandes galhos de arvores em cada mão, e trazendo ramos nos chapéos, marchavam em triumpho.</p> <p>Tinham feito uma brecha no muro da Abbadia de Saint-Germain-des-Prés, onde haviam</p>	<p>penetrado em chusma e devastado o jardim, pomar e a herdade.</p> <p>A comissão atravessou por entre elles, passou pela frente do hotel d'Hercules (*), propriedade do chancelier Duprat, primeiro ministro, e chegou finalmente á rua de Git-le-Cœur.</p> <p>Francisco I, como é sabido, ali fizera construir, na esquina da rua d'Hurepoix, um palacete que communicava interiormente com o hotel da duqueza d'Etampes, situado na rua da Andorinha.</p> <p>(* Foy com alguns senhores emboscados neste hotel que Francisco I, batendo-se um dia os bolsos de neve, recebeu esse ferimento no rosto que o obrigou á deixar crescer a barba.</p>
--	---	---

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Figura 27: Excerto de *Leitura do Domingo*, ed. 24, p. 1, 18 jun. 1876.

Finalizando n'este numero o bello romance — A CHOUANA DO PROSCRIPTO — poderemos na folha do proximo sabbado começar a publicação da recentissima produção do eminente e sabio vulgarisado — JULIO VERNE :

MIGUEL STROGOFF
O CORREIO DO CZAR

Uma combinação especial permite que a — LEITURA — encete a publicação d'este romance muito antes de se expôr á venda a versão para o nosso idioma, accrescendo a vantagem de ser a obra do nosso jornal acompanhado de bem desenhadas gravuras relativas ao texto. Apenas termine-se o — PARRICIDA — começaremos a publicação do interessante romance de — A. BAPAUER :

A FEBRE AMARELLA

<p>A CHOUANA DO PROSCRIPTO</p> <p>POR Gustavo Aimard</p> <p>—</p> <p>SEGUNDA PARTE</p> <p>A serpente de setim</p> <p>—</p> <p>(Continuação).</p> <p>A marqueza acompanhou-a com os olhos; depois, quando sua amiga sahio do quarto, ella</p>	<p>deixou escapar de seu peito opprimido um profundo suspiro, e, voltando-se para o barão :</p> <p>— Approxime-se, senhor, disse ella com uma voz que enfraquecia cada vez mais; restam-me algumas palavras a dizer e só o senhor as deve ouvir.</p> <p>O moço deo dois ou tres passos em frente.</p> <p>— Eis-me aqui as suas ordens, minha senhora, disse elle com tristeza.</p> <p>— Approxime mais, eu lhe peço, mais ainda.</p> <p>O barão ajalhou-se junto della, e como as</p>	<p>forças parcessem abandonal-a, á insistencia della, elle passou-lhe o braço pela cintura.</p> <p>— Estou bem assim, proseguio ella. Espero que Deos me permitirá dizer-lhe tudo.</p> <p>Essas palavras foram pronunciadas com voz tão fraca e commovida que o barão apezar seo, estremeceo.</p> <p>— Agora, escute-me, senhor. Neste momento em que apenas alguns segundos me separam da morte, quero que saiba que é meu amor pelo senhor que me mata.</p>
--	---	---

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Nas figuras 26 e 27, além de os editores oferecerem o término do romance a *Chouana do Proscrito* e a publicação em próximo número de um recentíssimo texto de Júlio Verne, engrandecem seu empreendimento ao conseguirem vender a dita narrativa, mesmo não tendo sido ela vertida para o português, ou seja, tomam para si um atrativo a mais: a responsabilidade de traduzirem os romances especialmente para a folha, como o romance *Miguel Strogoff*.

Esse romance estava sendo publicado em Paris desde 1º de janeiro de 1876, quando Lombaerts, já ciente do prestígio e aceitação dos romances escritos por Júlio Verne, estabeleceu parceria com o editor francês Hetzel para ter a primazia da publicação e sua tradução em terras brasileiras, o que se depreende pela notícia saída em junho de 1876, cinco meses após o original francês, todavia, essa propalada exclusividade não se manteria por muito tempo.

Até esse momento, a parceria do editor belga tendia a ser promissora e vantajosa, não fosse o editor B.L. Garnier, num jogo mercadológico, publicar em outubro do mesmo ano o volume de *Miguel Strogoff*. Tão logo Hetzel encerrara a publicação da primeira parte dessa narrativa, editando-a em volume em Paris,²⁴⁰ Garnier publicou a tradução também em um volume no Rio de Janeiro, como se observa em uma notícia sobre as recentes publicações cariocas saída no jornal *Mercantil*, de 14 de outubro de 1876:

O sr. Garnier, que tem-se mostrado infatigável em proporcionar ao público a leitura de bons livros, acaba de dar à publicidade mais dois interessantes romances, sendo um intitulado *Miguel Strogoff* do festejado autor Julio Verne, traduzido para o português, e outro original brasileiro intitulado *Helena* habilmente escrito por Machado de Assis.²⁴¹

E não termina por aí, em fevereiro do ano seguinte, 1877, enquanto o romance ainda era publicado no *Leitura*, Garnier anuncia a venda do segundo e conclusivo volume *Miguel Strogoff*, de Verne:

Miguel Strogoff - publicou-se o segundo volume deste interessantíssimo romance de Julio Verne, o fecundo escritor que em poucos anos tem escrito uma biblioteca, acomodando a ciência nas formas amenas do romance. Este que, vertido para o português por Fortunio, nos acaba de dar o laborioso sr. Garnier, é uma narrativa cheia de interesse, onde de par com a geografia, usos e costumes de

²⁴⁰ Ainda em setembro de 1876 aparecem em vários periódicos do Império, notícias, como a seguinte publicada no jornal *Gazeta de Notícias*, edição 253, de 13 de setembro de 1876: "publicou-se em Paris o 1º volume do novo romance de Julio Verne - Miguel Strogoff". Igualmente, a essa informação sobre a publicação na França, outras sobre a tradução e edição realizada por B.L. Garnier, um mês depois, eram bem recorrentes.

²⁴¹ MERCANTIL. Petrópolis/Rio de Janeiro: Tipografia do Mercantil, ed. 79, p. 1, 14 out. 1876.

uma parte do norte da Europa, encontra-se um drama cheio de situações imprevistas e comoventes.²⁴²

Esse fato extinguiu todas as expectativas de lucro e sucesso da publicação de H. Lombaerts, o que provavelmente tenha provocado o desinteresse pelo periódico a ponto de, a partir de 13 de março, ter passado a custar metade do preço inicial do número avulso, 100 réis. Isso, no entanto, não alterou seu valor anual de 8 mil para a Corte e 10 mil para as províncias, mas o fato é que a publicação feita por Garnier, ofertou outra possibilidade de leitura do romance, que estava até então restrita à serialização.

Até mesmo o preço, argumento maior de H. Lombaerts, se desestabilizou, visto que o assinante do periódico despenderia 6.200 réis para concluir a leitura da primeira parte do romance e 9.500 réis para tê-lo completo, enquanto que, se optasse por comprar o volume oferecido por Garnier, gastaria apenas 3 mil por ele encadernado, ou seja, a opção em volume de Garnier era muito mais barata e prática do que a composição da coleção proposta pelo empreendimento de Lombaerts, e ainda que se afirmasse que o leitor pagaria pelo preço de um, dois ou três romances e algumas novelas e contos, era dispendioso para o assinante.

O poder aquisitivo do leitor, nesse caso, interferia diretamente na aquisição de um e outro modo editorial, mas isso ficava a cargo do consumidor. O fato é que a publicação em volume, nesse caso, facilitou a aquisição do romance, possibilitando aos leitores/assinantes do periódico carioca, caso estivessem gostando da leitura, que adquirissem os volumes ou os lessem em algum gabinete de leitura ou biblioteca (como a da Marinha), antes de concluído no *Leitura do Domingo*.

Até mesmo a ideia de coleção é prejudicada, posto que o mesmo assinante poderia adquirir um volume em que estivesse impresso somente o *Miguel Strogoff*, sem a preocupação de encadernar ou misturá-lo a outros textos ficcionais. Depois disso, no ano seguinte, em 21 de dezembro de 1878, uma tradução portuguesa do romance, feita por Eduardo Garrido, foi encenada pela companhia de Furtado Coelho, no teatro São Pedro de Alcântara.²⁴³

²⁴² IMPRENSA INDUSTRIAL. Rio de Janeiro: Lino de Almeida editor-proprietário, ed. 2, p. 182, 10 fev. 1877.

²⁴³ Além da interpretação feita por Furtado Coelho, outras disputaram espaço, como a encenação ocorrida no teatro Brazilian-Garden.

Quanto à publicação feita no *Leitura do Domingo*, sempre veio acompanhada de uma ilustração copiada da publicação original, salvo quando duas imagens do romance eram impressas no mesmo número do jornal, rompendo uma rotina de publicação na qual cada texto apresentava uma ilustração por número.

Quando se começou a impressão do *Miguel Strogoff*, a quantidade de texto impresso por página era semelhante a da outra narrativa com a qual dividia espaço. Porém, essa quantidade diminuía à medida que os números saíam. Em alguns casos, a narrativa ocupou apenas uma ou duas colunas das 24 que compunham as oito páginas de cada número impresso do periódico.

Provavelmente, essa diminuição estava relacionada à publicação simultânea do texto na França e na sua remessa para o Brasil. Assim, para não correr o risco de ficar sem material para os próximos números, o editor distribuía a narrativa com parcimônia, diminuindo ou aumentando, texto e ilustração, de acordo com a chegada do material de Paris.

Ainda mais por isso, a edição em volume feita por Garnier prejudicou o jornal de Lombaerts, pois as ilustrações e a diagramação saem do padrão para seguir o que vinha sendo impresso no *Magasin d'education*.

Não obstante esses entraves mercadológicos, a suposta aceitação do empreendimento, propalada pelas outras folhas periódicas, foi tamanha que o editor achou por bem contratar um redator que seria responsável por uma seção de variedade, conforme nota: “Para correspondermos ao geral acolhimento que tem tido o nosso jornal, entendemos dar, para mais interessante tornar a sua leitura, uma ou duas páginas com variedades, notícias curiosas, charadas, etc, etc.”²⁴⁴

Cabe ressaltar que até 23 de abril de 1876, o jornal trazia apenas romances, sem a presença de nenhuma nota ou qualquer outro tipo de texto, momento em que apresenta uma informação sobre um acordo que permitiria a publicação do romance *Miguel Strogoff*, antes de qualquer editor do Império, e o início de *A febre amarela*, de Amable Bapaume, tão logo terminasse *O parricida*. A nota continuou até o dia 18 de junho, quando foi declarado o fim do romance *A choupana do proscripto* e o início do texto de Júlio Verne no número seguinte.

Na edição de 24 de junho, juntamente com a novidade de *Miguel Strogoff* e a continuação de *O parricida*, aparecem as seções "Um pouco de tudo", subdivida

²⁴⁴ LEITURA DO DOMINGO. Rio de Janeiro: Tipografia de H. Lombaerts, ed. 25, 24 jun. 1876.

em "Fatos científicos", "Notícias diversas" e "teatros"; e a "Nepenthe", na qual vinham crônicas e uma subseção chamada "charadas". À medida que os números eram impressos, outras seções e/ou subseções surgiam para organizar um conteúdo que, *a priori*, não caberia na seção "Um pouco de tudo". A tabela seguinte dá conta das seções que vinham sendo acrescentadas no jornal. (Tabela 11)

Tabela 11: Seções presentes no *Leitura do Domingo*

Título da seção	Autor
Um pouco de tudo	Nicolet, Quatrelles
Nepenthe	Demalta
Variedade	Dr. Peregrinus
Bibliografia	Demalta
Charadas (antes como seção de Nepenthe)	Demalta
Logogripho	Sem assinatura

Fonte: A autora, 2016.

Uma explicação possível para a presença dessas anedotas, crônicas e charadas foi, como referido, a contratação de um redator, que assinava as seções com pseudônimos, escrevendo conteúdo diverso de maneira bastante irônica e, por vezes, cômica, como nas pequenas narrativas da seção Nepenthe, destinada a questões rotineiras:

AMABILÍSSIMA LEITORA, conhece o sr. Ortiga?

Nem eu tão pouco.

Sei apenas que o sr. Ortiga se não é taverneiro é o advogado dos taverneiros que "vendem fiado", que emprestam o "Jornal do Commercio" aos srs. da "cooperativa", que dão gêneros alimentícios de "meia cara" quando o tesouro nacional caloteia os servidores do Estado e finalmente que fazem as despesas funerárias com os defuntos dos seus fregueses.

Estou acreditando que o sr. Ortiga já foi enterrado por algum desses anjos bemfazejos ainda não classificados.

Com efeito, essa classe de "fados" (masculino de fadas) me era inteiramente desconhecida!

Ah! Sr. Ortiga! O senhor, só por aquele seu artiguinho, passou a ser um anjo igual aos que descreveu!

Se eu o encontrasse, apesar do receio que seu nome infunde, lhe daria... um kilo de toucinho²⁴⁵

Nas seções, assinadas por Demalta, além da ironia e do humor, há uma evidente interação com os leitores, ao iniciar um diálogo que parece ter sido interrompido no número anterior, inclusive deixando-os em aberto de forma que nunca finalizavam (Figura 28).

Figura 28: Trecho do *Leitura do Domingo*, p. 8, 16 jul. 1876

A receita dessa semana foi devida às regatas.
 Não sei porque, mas acho muita semelhança entre João Braz e Villa Izabel, e entre o meo visinho filho de barão e a companhia de Bota-fogo.
 Essas coisas me fazem lembrar a minha avô.
 * * *
 O resto ficará para o outro numero, porque, como o leitor está vendo, só resta-me o espaço necessario para escrever
 DEMALTA.

Fonte: Hemetoreca Digital Brasileira

No excerto, o escritor afirma não ter mais espaço para continuar, embora ainda restasse metade da coluna para concluir e opta por deixar em suspenso algo que não continuaria nos números posteriores. Diferente da simples impressão de romances, a interação entre redator e leitores era mais perceptível nessas novas seções, já que nelas o leitor tinha a possibilidade de conhecer ou perceber o posicionamento do editor e do redator em relação às questões de leitura e do cotidiano, tanto que estiveram presentes em todos os números, partilhando com os romances as páginas do jornal.

Essa diversificação de seções e os problemas com a concorrência parecem ter favorecido a publicação de outras informações ligeiras no jornal, aliadas à oferta dos romances. Isso inicia uma espécie de cotidianização daquele jornal de romances, já que o leitor encontraria não mais apenas romances, mas também conteúdo de atualidade.

²⁴⁵ LEITURA DO DOMINGO. Rio de Janeiro: Tipografia de H. Lombaerts & cia, p. 8, 24 jun. 1876

Depois da mudança no conteúdo do jornal, o periódico recebeu críticas positivas, tanto pela iniciativa de publicar romances quanto pela inserção de informações, que agradariam ao público:

Leitura do Domingo, - Empreendeu o Sr. Lombaerts, inteligente e ativo editor, a publicação de uma gazeta utilíssima, que já conta 25 números e que vai tendo aceitação mui bem merecida.

A *Leitura do Domingo* é destinada especialmente a fazer conhecidos do nosso público os mais populares e escolhidos romances estrangeiros, além de muita informação útil e interessante a todas as classes sociais. [...]

Miguel Strogoff vai sendo publicado em português na *Leitura do Domingo*, a medida que vai aparecendo na *Revista francesa* onde saem todos os trabalhos do popular escritor, cujas obras têm penetrado hoje em toda a parte onde ha civilização e se lê.

Além disso, contém a *Leitura do Domingo* informações úteis sobre assunto de interesse geral, notícia de festas, teatros, aparecimento de livros e outras coisas que sempre despertam curiosidade.

São dignos de elogio os esforços empregados pelo sr. Lombaerts, para ir aos poucos melhorando sua folha, que agrada a todos que a lêem, e vai aumentando constantemente suas tiragens.²⁴⁶

Talvez essa medida tenha sido tomada, tendo em vista os outros empreendimentos jornalísticos já impressos e editados por Lombaerts, como o próprio *La saison*, que publicava moda e variedades.

Nesse sentido, a inserção de um conteúdo que estava reservado, sobremaneira, aos jornais cotidianos passou a compor as páginas do *Leitura do Domingo*. No entanto, esse assunto do dia-a-dia não durou muito, pois quase quatro meses depois, na edição de 15 de outubro, já não havia mais a presença de nenhuma seção, apenas a publicação de narrativas.

Entre a efêmera “cotidianização” do jornal-romance e a volta do romance como produto exclusivo, o circuito que tomavam as narrativas a partir de sua edição em jornais-romance ratifica seu lugar de prestígio. Tendo em vista esse aspecto, o percurso editorial de *A Choupana do proscripto*, no Brasil, ilustra perfeitamente a difusão iniciada por aquele modelo editorial.

Impresso em Paris, em 1874, por E. Dentu, somente em 1876, com o empreendimento de H. Lombaerts, o romance de Gustave Aimard se torna

²⁴⁶ O GLOBO. Rio de Janeiro: Tipografia d'O Globo, ed.?, p. 2, 7 jul. 1876.

conhecido dos leitores.²⁴⁷ Embora não pertencesse ao repertório de leituras dos brasileiros, o seu autor era bastante prestigiado por outras obras, como *O Guarany* (1864) e *Ourson, o cabeça de ferro* (1868).

O romance *A Choupana do proscripto*, ao ser impresso nas páginas do *Leitura do Domingo*, consegue evidenciar uma trajetória de circulação, em cuja base está o sucesso do jornal de Lombaerts, ou seja, não era necessariamente a qualidade estilística da narrativa ou a preferência do público que contou para sua circulação, mas sim o aumento na quantidade de assinantes do jornal-romance. Isso significa dizer que, algumas vezes, o processo de edição e difusão do romance perpassava antes de tudo por uma lógica econômica. Dessa forma, identificar que uma narrativa obteve sucesso poderia estar relacionado mais a uma vendagem significativa do que a preferência de gosto.

Portanto, afirmar que um empreendimento como o *Leitura* obteve sucesso vai além do fato de que tenha publicado uma narrativa excelente, mas pode perpassar pelo tipo de seleção dos textos e pelo objetivo do empreendimento. Nesse processo, a qualidade estética parecia estar em segundo plano, embora ela não fosse irrelevante.

O caso de *A Choupana do Proscripto* demonstra que nem sempre a existência de um circuito de difusão internacional ou nacional de uma narrativa estava diretamente relacionado ao sucesso junto ao público, mas sim ao prestígio que o autor do texto detinha de antemão. No caso em questão, o romance, quando publicado em Paris, não teve tanta atenção da crítica e do público, a ponto de não ser reeditado em jornais contemporâneos ou em volume, como era habitual para o período e como veio a acontecer com o *La Fièvre d'or* (1860), do mesmo autor.

Gustave Aimard tornou-se famoso na França pelo que se chamou de romance d'Oeste. No Brasil, não foi muito diferente, pois os romances mais recorrentes nos anúncios e nas seções ao pé de página eram os com temática indígena e os marítimos, como *Os caçadores de l'Arkansas* (1858) e *Os filhos da tartaruga* (1864).

A Choupana do proscripto, embora inserido nessa categoria, não foi um prestigiado romance dos inúmeros publicados pelo autor, mas parece ter sido

²⁴⁷ O título original em francês do romance de Gustave Aimard é *La Belle Rivière*, editado em dois volumes por E. Dentu, não obteve tanto sucesso quanto outros publicados anteriormente ou posteriormente.

escolhido por uma característica cara ao editor H. Lombaerts: não ter sido publicado no Brasil, ou seja, possuía somente o atributo da novidade entre o público brasileiro, além disso, era relativamente atual, já que havia saído em volume no ano de 1874.

Lombaerts até poderia ter optado por um romance de sucesso, mas corria o risco de escolher um que Garnier já estava publicando, já que, juntamente com outros grandes folhetinistas, o nome de Gustave Aimard era um dos cotados para figurar nas bibliotecas do editor francês. Parece que para Lombaerts, diferente de Laemmert e de seu coetâneo Garnier, apresentar romances inéditos e de autores consagrados era suficiente para angariar leitores.

Com a impressão de que Lombaerts havia obtido altos lucros com a narrativa, outro jornal cotidiano deu cabo novamente à sua publicação, pensando garantir êxito na vendagem de sua folha.

A choupana do Proscrito é o título de um novo romance, que principiamos hoje a publicar na parte do folhetim. O bem desenvolvido assunto desse belo romance habilmente escrito, as peripécias que no correr da leitura tanto interessam o leitor e finalmente o grande acolhimento que ele mereceu do público, quando publicado no jornal *Leitura do Domingo*, foi o que nos induziu a transcrevê-lo na nossa folha, convencidos que muito agradará aos nossos assinantes.²⁴⁸

Percebem-se, na citação, três movimentos claros: primeiro, o grande acolhimento propalado pelo redator de *O Mercantil* não era necessariamente o sucesso da narrativa. Não estava em questão para ele dizer que o público leitor havia adorado o romance, embora assim o afirmasse; segundo, a acolhida do *Leitura do Domingo* era devido à oferta de novidade e ao ineditismo do romance no Brasil, uma vez que todos estavam em busca do mais atual sucesso do renomado escritor Aimard; e terceiro, se o estilo e o conteúdo do romance em si tivessem agradado, ele teria sido concluído n'*O mercantil*, o que não ocorreu. Além disso, não houve outras reimpressões do *A choupana do proscrito* em outras folhas ou em volume e até mesmo Garnier, que vinha publicando todos os romances de Aimard, não se interessou por este, como o fez com a publicação de *Miguel Strogoff*.

O interesse historiográfico por esse jornal-romance desmonstrado até o momento, ajuda a rever a maneira como o romance foi difundido e popularizado,

²⁴⁸ Retirado de O MERCANTIL. Petrópolis: Tipografia do Mercantil, ed. 72, p.1, 20 set. 1876

como chegou ao Brasil e como interferiu na difusão e circulação das narrativas, demonstrando a atuação de um editor atento às especificações do mercado. Outra questão a construção de um editor preocupado em iniciar um circuito editorial de narrativas em busca não necessariamente de elevar as letras nacionais, mas de se firmar como importador de leituras internacionais, de lucrar por meio do rentável produto, que foi o romance.

A organização do *Leitura do Domingo*, a disposição e seleção das narrativas, a presença de ilustrações, o recuo e o avanço em relação a determinadas posturas editoriais permitem vislumbrar as possibilidades variadas de aquisição de narrativas que não apenas por meio de volume ou de folhetim dos jornais diários, pois, também, foram funcionaram como meios de disponibilizar leituras agradáveis, recreativas, mas, principalmente como um negócio vantajoso para seus editores. Notou-se igualmente que, diferente dos jornais-romance de décadas anteriores, a preocupação em relação à seleção das narrativas residia em um pretense argumento de atualidade e na oferta de romances de escritores reconhecidos pelo grande público. Portanto, a questão moral ou construção da Literatura nacional não pareceram tão relevantes quando o grande obstáculo era se fazer competitivo frente a grandes editores como Garnier.

CONCLUSÃO

O conjunto de características da materialidade do jornal-romance permite identificar, ao menos, três regimes de circulação do romance nesses jornais:

O primeiro, situado nas décadas de 1830 e 1840, no qual é visível o interesse das folhas em acompanhar, estruturalmente, o formato dos volumes, tendo em vista que é sobretudo por esse formato que circulam as prosas de ficção no Brasil.

O segundo, nas décadas de 1860 e 1870, ao mesmo tempo em que se inicia uma libertação com o regime anterior, inserindo nos jornais mais de uma leitura, há uma aproximação cada vez maior com o jornal diário, reflexo da outra maneira de circulação do romance utilizada pelos jornais noticiosos ao inserirem no seu pé da página, prosa de ficção. A concorrência daí originada se explicaria pelos programas dos jornais-romance, muito preocupados em apontar que, diferente do modo de circulação do romance no jornal noticioso, publicavam somente romances. Com os programas, pretendiam marcar seu lugar de diferença em relação ao romance-folhetim.

O terceiro, é que não somente na França, mas em outros países, esse mesmo formato veiculou os romances, embora não se saiba ainda se com a mesma repercussão de venda que adquiriram os jornais diários, uma vez que não trazia informações sobre política, economia ou variedades, nem mesmo anúncios.

Assim como na França, na Espanha, na Alemanha, na Itália, na Inglaterra, nos Estados Unidos, em Portugal e no Brasil, esses jornais tornaram-se mais uma alternativa para a leitura de romances. Além de objetivos semelhantes, é possível perceber características comuns entre eles, como títulos, diagramação e ilustrações.

O percurso delineado por esta Tese direciona-se para a revisão de algumas convicções sobre a circulação do romance no Brasil. A primeira seria o de rever o lugar dos gêneros editoriais para a divulgação das narrativas ficcionais. O formato em volume, em folhetim na imprensa diária, e os fascículos não foram únicos a atender a demanda advinda da produção e circulação de romances.

A disputa pelos leitores resultou na criação do jornal-romance, igualmente eficaz no processo de difusão de narrativas entre várias classes sociais. A identificação de um formato editorial híbrido entre o jornal e o volume – um formato

menos efêmero que o jornal diário (já que poderia ser encadernado e comercializado como volume), ao mesmo tempo, menos perecível que o volume – conduziu à reflexão sobre o ritmo de leitura no século XIX.

No caso do volume, a leitura ocorre de maneira fluída e contínua; no caso do romance-folhetim, a leitura é interrompida para o dia seguinte, mas a atenção da matéria geralmente é centrada em apenas uma narrativa. No caso do jornal-romance, a leitura das narrativas era dividida entre vários romances simultaneamente, isto significa dizer que quando chegava o clímax de uma das narrativas, esta era interrompida e iniciada uma outra, e assim sucessivamente. Somente no número seguinte haveria sua continuação. Assim, caberia ao leitor usar elementos cognitivos para recordar do que se tratava determinada narrativa, e caso não os detivesse – como normalmente não havia uma síntese dos capítulos anteriores –, havia a possibilidade de perda de interesse pelos demais romances ou até mesmo pelo formato editorial.

A maneira como as narrativas estavam organizadas favoreceria tanto o envolvimento ainda maior do leitor com os enredos como um distanciamento, isso sem contar com a facilidade de manuseio impressa pelo tamanho da folha. Outro fator que também interferia no impacto da leitura de romances causado por esses jornais de romance era o preço e a facilidade de adquirir mais de um ao mesmo tempo.

A segunda questão é que a coexistência de formas editoriais distintas favoreceu a aquisição de um repertório internacional de leituras, uma vez que para se diferenciarem e se tornarem competitivos, os editores ofereciam narrativas ficcionais provenientes de vários países, o que, por vezes, tornou necessário determinar a origem da nacionalidade do texto, algo irrisório, diante do interesse principal de publicá-lo.

Paralela a essa motivação econômica, havia a demanda cultural pela prosa de ficção, a qual servia como motivo para a criação de novos formatos. No caso do jornais-romances *Espelho Fluminense* e *Leitura do Domingo*, a ênfase no oferecimento de narrativas ficcionais, na maioria das vezes considerando sua utilidade para o público, indicava que, de uma maneira ou de outra, o fim (a publicação de romance em si) substituíra o meio (o formato). Os romances ali publicados podiam, inclusive, ainda não terem sido editados em volume no Brasil, ou

mesmo nem terem sido traduzidos, ratificando, portanto, os referidos jornais como a melhor forma de aquisição.

A terceira questão é que os editores centravam seus discursos quase sempre no argumento de que enriqueciam a Literatura nacional, muito embora se observasse em suas iniciativas uma motivação econômica. Todavia, o que importa é que quaisquer que fossem os motivos, os editores tornaram-se agentes importantes para o processo de difusão do romance no Brasil, seja importando modelos editoriais, seja importando narrativas.

Essas circunstâncias revelavam discursos que iam desde a preocupação com a constituição de uma Literatura Nacional até a necessidade de moralizar, instruir e entreter, por meio da disponibilização de exemplares da literatura mundial. A Literatura nacional, nesse sentido, seria composta, não somente por textos de autoria brasileira, mas pela presença de textos entendidos como bons para compor um repertório de leituras em solo brasileiro. Nesse sentido, editores, como Laemmert, Lombaerts, Paula Brito, eram louvados por suas iniciativas de dar ao povo boas edições da Literatura Mundial, enriquecendo, assim, a cultura nacional.

No jornal-romance, a leitura deveria prender a atenção do assinante, fazê-lo desejar, esperar o próximo número, mas parece que, pelo menos, nos primeiros anos, isso não aconteceu como deveria, uma vez que não se vislumbra nenhum tipo de frenesi, depoimentos ou cartas solicitando os números, salvo raras exceções. É provável que isso tenha ocorrido devido à extensão das narrativas publicadas, que no caso do *Espelho Fluminense*, ocupavam, no máximo, três números seguidos, pois eram curtas e tinham o seu desfecho no segundo dia, isso sem nem mesmo ocupar todas as páginas da edição.

Mesmo no caso do *Leitura do Domingo*, em que um único romance durava quase seis meses, não se encontra nenhum tipo de "febre" pelo periódico, mas o que de fato se percebe é que ambos se tornaram um empreendimento comum como outros que surgiram naqueles anos de 1840 e 1870.

Em síntese, a publicação desses jornais, desde a década de 1830, possibilita afirmar que houve variações quanto à expectativa dos leitores e quanto à exigência do mercado. Nas primeiras ocorrências encontravam-se algumas charadas e anedotas para atrair todos os gostos, posteriormente, o romance ganhou mais espaço e muito raramente se encontravam outros textos.

O aumento e o decréscimo no número de jornais-romance, observado em alguns momentos, no entanto, não desmerece a atuação e a relevância desses periódicos para o processo de edição e circulação de romances, uma vez que a maioria dos jornais da chamada pequena imprensa duravam bem pouco.²⁴⁹

²⁴⁹ Também não quer se dizer que a informação sobre o tempo de atividade implique em afirmar que ainda existam fisicamente, uma vez que a maioria não foi encontrada nem no acervo da Biblioteca Nacional – que, hipoteticamente, os deveria possuir – nem no Real Gabinete Português de Leitura e nem no IHGB, todos no Rio de Janeiro, muito menos no Arquivo Edgard Leuenroth e no Arquivo Público de São Paulo.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. Letras, Belas Letras, Boas Letras. In: BOLOGNINI, Carmen Zink. *História da literatura: o discurso fundador*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2003a.
- _____. *Os Caminhos dos Livros*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003b.
- _____. Literatura e História – presença, leitura e escrita de romances. In: ABREU, M. (Org.) *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2008, p. 11-19.
- _____. (Org.) *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2008.
- _____. A circulação transatlântica dos impressos – a globalização da cultura no século XIX. *Livro: revista do núcleo de estudos do livro e da edição*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 115-130, 2011a.
- _____. Nos primórdios da crítica – julgamentos literários produzidos pela censura luso-brasileira. In: FIGUEIREDO, C. L. N. de; HOLANDA, S. A. de O.; AUGUSTI, V. (Org.). *Crítica e literatura*. Rio de Janeiro: De Letras, 2011b. p. 197-220.
- ABREU, M. Conectados pela ficção: circulação e leitura de romances entre a Europa e o Brasil. *O Eixo e a Roda: revista de literatura brasileira*, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 15-40, jun. 2013a.
- _____. O gosto dos leitores – a recepção de romances como problema para a história literária. In: SALES, G. M. A. et al. *Interpretação do texto, leitura do contexto*. Rio de Janeiro: 7 Letras/Capes, 2013b. p. 167-187.
- _____. Uma comunidade letrada transnacional. In: ABREU, M.; MIDORI, M. (Org.). *A circulação transnacional dos impressos: conexões*. Campinas: Publiel, 2014a.
- _____. Problemas de História Literária e interpretação de Romances. *Todas as Letras X*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 39-52, nov. 2014b.
- _____. et al. *Caminhos do romance no Brasil: séculos XVIII e XIX*. Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/caminhos.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2014.
- ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ASSIS, J. M. M. de. O Jornal e O Livro. In.: _____. *Obra completa*. 5. ed. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1985. V. 3.
- BANDEIRA, S. P. *O mestre dos livros*: Rubens Borba de Moraes. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2007.
- BELLANGER, C. et al. (Org.). *Histoire generale de la presse française*. Paris: Univ. de France, 1969-1976.
- BERGER, P. *A tipografia no Rio de Janeiro: Impressores bibliográficos, 1808-1900*. Rio de Janeiro: Cia. Indl. de Papel Pirahy, 1984.
- BIGNOTTO, C. C. *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*. 2007. 421 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- BOTREL, Jean-François. *La diffusion du livre en Espagne, 1868-1914: les libraires*. Madrid: Casa Velazquez, 1988.
- _____. La Novela: género literário y género editorial. In: AUBERT, P. *La novela en España (siglos XIX-XX): colóquio internacional celebrado em la Casa de Velázquez*. Madrid: Casa de Velázquez, 2001. p. 35-52.

- BRAGANÇA, A. Uma introdução à história editorial brasileira. *Cultura, Revista de História e Teoria das Ideias*, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa (Portugal), v. 16, série 2, 2002.
- BURKE, P. *Cultura popular na idade moderna: 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CADILLO, A. V. *La novela popular mexicana en el siglo XIX*. León: Universidad Autónoma de Nuevo León, 1984.
- CAMARGO, A.M.A.; MORAES, R. B. (Org.). *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*. São Paulo: EDUSP. Liv. Kosmos, 1993. 2 v.
- CANO, J. Folhetim: literatura, imprensa e a conformação de uma esfera pública no Rio de Janeiro do século XIX. *Núcleo de Pesquisa em Sociologia da Cultura*, 2005. Disponível em: <<http://ifcs.ufrj.br/~nusc/cano.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2013.
- CARDOSO, R. (Org.). *Impresso no Brasil, 1808-1930: destaques da história gráfica nos acervos da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009.
- CARVALHO, A. de. *Annaes da imprensa periódica pernambucana de 1821-1908 – Dados históricos e bibliographicos*. Recife: typographia do Jornal do Recife, 1908.
- CASANOVA, P. *A República Mundial das Letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- CHARTIER, R.; MARTIN, Henri-Jean. *Histoire de l'édition française*. Paris: Fayard, 1989.
- _____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVII*. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994.
- _____. Do livro à leitura. In: _____. *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- _____. As Revoluções da Leitura no Ocidente. In: ABREU, M. (Org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999.
- _____. Materialidade e mobilidade dos textos. Dom Quixote entre livro, festas e cenários. In: ROCHA, J. C. de C. (Org.). *Roger Chartier - A força das representações: História e ficção*. Chapecó, SC: Argos, 2011. p. 173-200.
- _____. Au bord de la falaise. L'histoire en certitude et inquietudes. *Politix*, Paris, v. 12, n. 45, p.154-157, 1999. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/polix_0295-2319_1999_num_12_45_1787>. Acesso em: 3 jan. 2015.
- COARACY, V. *Todos contam sua vida: memórias de infância e adolescência*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio editora, 1959.
- COOPER-RICHET, D. Paris, capital editorial do mundo lusófono na primeira metade do século XIX? Tradução de Carla Furtado Lins. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 25, n. 42, p. 539-555, jul./dez. de 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010487752009000200009&lng=en&nrm=isso#tx11>. Acesso em: 20 jan. 2015.
- COSTA, C. R. da. *A Revista no Brasil, o século XIX*. 2007. 291 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- COUTO, J. V. *Memória sobre minas da capitania de Minas Gerais: seu território, clima e produções metálicas*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro. Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1994. (Coleção Mineiriana. Série Clássicos).
- CRUZ, H. de F. *São Paulo em papel e tinta: Periodismo e vida urbana - 1890/ 1915*. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.

- CRUZ, L. Â. C. da. *Literatura e imprensa em Belém do Grão-Pará: O romance-folhetim no periódico Diário de Notícias, nos anos de 1881 a 1893*. 2012. 137 f. Dissertação (mestrado em letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém.
- CUNHA LIMA, E. L.; ARAGÃO, I.; FARIAS, P. Catálogos de tipos móveis: contribuições para a história (tipo) gráfica brasileira. In: 5º CONGRESSO INTERNACIONAL DE DESIGN DA INFORMAÇÃO, 2011, Florianópolis. *Anais*. Florianópolis: Estação das Letras e Cores, 2011, p. 1-18.
- DARNTON, R. O que é a história dos livros? In: DARNTON, R. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 109-131.
- DEAECTO, M. M. *O império dos livros: instituições e práticas de leitura na São Paulo oitocentista*. São Paulo: EDUSP, 2011.
- DIMAS, A. *Crônicas inéditas de Olavo Bilac*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial/Unica, 2006. V. 6.
- _____. *Crônicas inéditas de Olavo Bilac*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial/Unica, 2006. V. 3.
- DOMINGOS, M. *Estudos de sociologia da cultura: livros e leitores do século XIX*. Lisboa: Centro de Estudos de História e Cultura Portuguesa/ Instituto Português de Ensino à Distância: 1985.
- DONEGÁ, A. L. *Publicar ficção em meados do século XIX: um estudo das revistas femininas editadas pelos irmãos Laemmert*. 2013. 330 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp, Campinas.
- DOYLE, P. História de revistas e jornais literários. *Revista do Livro*, ano 11, n. 32, 1º trimestre, 1968.
- _____. *História de revistas e jornais literários*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ Fundação Casa de Rui Barbosa: 1976. V.1.
- DUTRA, E. F. Leitores de além-mar: a Editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil. In: ABREU, M.; BRAGANÇA, A. (Org.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- EL FAR, A. *Páginas de Sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2006.
- EZEQUIEL, M. *Receita Federal: história da administração tributária no Brasil*. Brasília: Receita do Brasil, 2014.
- FERREIRA, O. da C. *Imagem e Letra*. Introdução à bibliologia brasileira: a imagem gravada. São Paulo: Edusp, 1994.
- FERREIRA, T. M. T. B. da C. Comércio de livros: livreiros, livrarias e impressos. In: *Revista Escritos*, Ano 5, n. 5, 2011. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero05/FCRB_Escritos_5_3_Tania_Bessone.pdf>. Acesso em: 24 set. 2015.
- _____. Comércio de periódicos e livros: o papel dos livreiros. In: *O Real em Revista*. Leituras, 2014. Disponível em: <http://www.orealemrevista.com.br/Portals/0/Leituras/Livros%20e%20livreiros.2014%20ORER.pdf>. Acesso 24 set 2015.
- _____. Livros de História: bibliotecas e mercado editorial no século XIX. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2005, Londrina. *Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz*. Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM. Acesso em: 21 ago. 2015. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wpcontent/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0981.pdf>>.

- FERREZ, G. A obra de Eduardo Laemmert. *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro/Brasília, v. 329, n. 331, p. 193-211, 1981.
- FLEIUSS, M. *Páginas de História*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1930.
- FONSECA, G. da. *Biografia do jornalismo carioca (1808-1908)*. Rio de Janeiro, RJ: Liv. Quaresma, 1941.
- GARCIA, L. A Biblioteca Nacional como guardiã da memória gráfica brasileira. In: CARDOSO, R. (Org.). *O impresso no Brasil: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional (1808-1930)*. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2009.
- GILLET, M. Dans Le maquis dès journaux-romans: la lecture dès romans illustrés. *Romantisme*, n. 53, p. 59-70, 1986. (Col. Littérature populaire).
- _____. Machines de romans-feuilletons. In: *Romantisme*, n°41, p. 79-90, 1983.
- GOULEMOT, J-M. Lettres d'un grand homme ou quand les lecteurs écrivent. In: BOSSIS, M. *La lettre à la croisée de l'individuel et du social*. Paris: Éditions Kimé, 1994.
- _____. L'histoire littéraire en question: l'exemple de Paul et Virginie. In: RACAULT, JEAN-MICHEL (Org.). *Etudes sur Paul et Virginie et l'œuvre de Saint-Pierre*. [S.L.]: Publications de l'Université de la Réunion: 1986. p. 203-214.
- GRANJA, L. Rio - Paris: primórdios da publicação da Literatura Brasileira chez Garnier. *Letras*, Santa Maria, v. 23, n. 47, p. 81-95, jul./dez. 2013.
- GRUZINSKY, S. Vents d'est, vents d'ouest. In: _____. *Les quatre parties du monde: histoire d'une mondialisation*. Paris: Éditions de La Martinière, 2004, p. 17-41.
- GUIMARAES, V. Jornais Franceses no Brasil. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, São Paulo, *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, 2011.
- _____. *Transferências Culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2012.
- HALLEWELL, L. *O livro no Brasil (sua história)*. Tradução do inglês por Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2012.
- HEINEBERG, I. *La suite au prochain numéro: formation du roman-feuilleton brésilien à partir des quotidiens Jornal do Commercio, Diário do Rio de Janeiro et Correio mercantil (1839-1870)*. Paris III: Université de la Sorbonne Nouvelle, 2004.
- Disponível em http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/teses/pdfs/ilana_these.pdf. Acesso em: 10 nov. 2013.
- HOHLFELD, A. *Deus escreve direito por linhas tortas: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900*. Porto Alegre: EDUFRGS, 2003.
- INFANTES, V. et al. *Historia de la edición y de la lectura em España (1472-1914)*. Madri: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2003.
- IPANEMA, M. de. O Rio de Janeiro no Primeiro Reinado. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, vol. 276, jul./set. 1967.
- JINZENJI, M. Y. *Cultura impressa e educação da mulher no século XIX*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- JOBIM, J. L. (Org.). *Trocas e transferências culturais: escritores e intelectuais nas Américas*. Niterói, RJ: EDUFF; Rio de Janeiro: De Letras, 2008.
- KALIFA, D. et al. (Org.) *La civilisation du journal: histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIXe siècle*. Paris: Le Nouveau monde éditions, 2011.
- _____; VAILLANT, A. Pour une histoire culturelle et littéraire de la presse française au xixe siècle. *Le Temps des médias*, n. 2, p. 197-214, 2004. Disponível em:

- <www.cairn.info/revue-le-temps-des-medias-2004-1-page-197.htm>. Acesso em: 3 out. 2016.
- KING, A. *The London journal 1845-83: periodicals, production, and gender*. Aldershot, England; Burlington, VT: Ashgate, 2004.
- KÜPPER, K. *Bibliographie der brasilianischen Literatur*. Prosa, Lyrik, Essay und Drama in deutscher Übersetzung. Frankfurt am Main: TFM – Verlag Teo Ferrer de Mesquita, 1994.
- LENZ, S. Negociantes e artífices alemães no Rio de Janeiro (1815-1866): perfil profissional elaborado a partir de fontes do IHGB. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 162, n. 410, p. 121-141, 2001.
- LIMA SOBRINHO, B. (Org.). *Os Precursores do Conto no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1960.
- LIMEIRA, A. M. Almanaque de primeira. Em meio à ferrenha concorrência editorial do século XIX, o Almanak Laemmert se destacou pela variedade de informações. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, p. 80-83, 05 set. 2010.
- _____. *Educação Particular e Publicidade no Almanak Laemmert (1844/1859)*. 2007. 79 f. Dissertação (Mestrado) – Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.
- LYON-CAEN, J. Histoire littéraire et histoire de la lecture. *PUF. Revue d'histoire littéraire de la France*, v. 103, p. 613-623, 2003. Disponível em : <<http://www.cairn.info/revue-d-histoire-litteraire-de-la-france-2003-3-page-613.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2013.
- MACHADO, U. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2001.
- _____. *A etiqueta de livros no Brasil: subsídios para uma história das livrarias brasileiras*. São Paulo: Edusp, 2003
- _____. *História das livrarias cariocas*. São Paulo: Edusp, 2012.
- MANÇANO, R. *Livros à venda: presença de romances em anúncios de jornais*. 2010. 319 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- MARCONDES, R.L. O mercado brasileiro do século XIX: uma visão por meio do comércio de cabotagem. *Rev. Econ. Polit.*, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 142-166, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010131572012000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 set. 2015.
- MARINGONI, G. História - Império das crises. *Desafios do Desenvolvimento: a revista de informações e debates do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada*, ano 8, n. 67, p.72-77, set. 2011.
- MARIZ, A. S. *Editora civilização brasileira: o design de um projeto editorial (1959-1970)*. 2005. Dissertação (Mestrado). Departamento de Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- MARQUES, T. C. Dote e falências na legislação comercial brasileira, 1850 a 1890. *Econômica*, v. 3, n. 2, p. 173-206, dez. 2001.
- MARTIN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução de Ronaldo Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003.
- MARTIN, J. A. M. *Lectura y lectores en el Madrid del siglo XIX*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1991.
- MARTINS, A. L.; DE LUCA, T. R. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

- _____. *Revistas em revista: Imprensa e prática culturais em tempos de república*, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Edusp/ Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- MARTINS, E. V. *A fonte subterrânea: José de Alencar e a retórica oitocentista*. Londrina: Eduel; São Paulo: Edusp, 2005.
- MEYER, M. *Caminhos do imaginário no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1993.
- _____. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *As mil faces de um herói canalha e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.
- MOLLIER, Jean-Yves; SIRINELLI, Jean-François ; VALLOTTON, François (Org.). *Culture de masse et culture médiatique en Europe et dans les Amériques: 1860-1940*. Paris: Presses Universitaires de France, 2006.
- _____. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre história cultural*. Tradução de Elisa Nazarian. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- _____. *O Dinheiro e as Letras: História do Capitalismo Editorial*. São Paulo: Editora da USP, 2010.
- _____. Histoire culturelle et histoire littéraire. *Revue d'histoire littéraire de la France*, Paris, v. 103, p. 597-612, jul./set. 2003. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-d-histoire-litteraire-de-la-france-2003-3-page-597.htm>>. Acesso em: 3 jan. 2014.
- _____. A história do livro e da edição - um observatório privilegiado do mundo mental dos homens do século XVIII ao século XX. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 25, n 42, p. 521-537, jul./dez. 2009. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752009000200008. Acesso em: 3 jan. 2014.
- MORAES, R.B. *Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: LTC, 1979.
- _____. *O bibliófilo aprendiz: prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras antigas ou modernas*. São Paulo: Nacional, 1965.
- MOREIRA, S. de S. *Literatura e Imprensa. A ficção em revistas femininas do século XIX*. Machado de Assis no Jornal das Famílias e em A Estação. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1992. Relatório técnico de pesquisa.
- MORETTI, F. *Atlas do romance europeu: 1800-1900*. São Paulo, SP: Boitempo, 2003.
- _____. *A literatura vista de longe*. Tradução de Anselmo Pessoa Neto. Porto Alegre, RS: Arquipélago, 2008.
- NADAF, Y. J. *Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.
- NASCIMENTO, L. *História da imprensa de Pernambuco (1821-1954)*. Recife: Imprensa Universitária/ Universidade Federal de Pernambuco, 1969. V. 4.
- _____. *História da imprensa de Pernambuco (1821-1954)*. Recife: Imprensa Universitária/ Universidade Federal de Pernambuco, 1970. V. 5.
- _____. *História da imprensa de Pernambuco (1821-1954)*. Recife: Imprensa Universitária/ Universidade Federal de Pernambuco, 1972. V. 6.
- NOBRE, Freitas. *História da imprensa de São Paulo*. São Paulo: Edições Leia, 1950.
- NEVES, L. M. B. P. das. Comércio de livros e censura de idéias: a atividade dos livreiros franceses no Brasil e a vigilância da Mesa do Desembargo do Paço (1795-1822). *Ler História*. Lisboa, n. 23, p. 61-78, 1993.
- OCTAVIO, R. *Minhas memórias dos outros*. 1ª série. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio editora, 1934.

- PAES, A. P. *Das imagens de si ao mundo das edições: Paul de Kock, romancista popular*. 2013. 212 f. Dissertação (mestrado em letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém.
- PAIXÃO, Fernando (Coord.). *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- PESAVENTO, S. J. *O Imaginário da Cidade: Visões Literárias do Urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.
- PILAGALLO, O. *História da imprensa paulista: jornalismo e poder de D. Pedro I a Dilma*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.
- PINA, P. K. da C. *Literatura e jornalismo no oitocentos brasileiro: estudo das estratégias dos produtores de cultura para a formação e a manutenção de um público consumidor do impresso*. Ilhéus: Editora da UESC, 2002.
- PINHEIRO, A. S. Baptiste Louis Garnier: o homem e o empresário. In: I SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 2004, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/homem.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2013.
- PINSKY, C. B.; MARIA PEDRO, J. *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- PRADO JÚNIOR, C. *História econômica do Brasil*. 22. ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- QUADROS, J. M. *Estereotípias: Literatura e edição no Brasil na primeira metade do século XIX (1837-1864)*. 1993. 227 f. Dissertação (mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- QUEIROZ, J. M. Brasil e Portugal: Relações transatlânticas e literárias no século XIX. *Polifonia*, Cuiabá, v. 20, n. 28, p. 189-203, 2013.
- _____. Em busca de romances: um passeio por um catálogo da Livraria Garnier. In: ABREU, M. (Org.). *Trajetórias do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado das Letras, 2008.
- RENAULT, D. *O Rio Antigo nos Anúncios de Jornais, 1808-1850*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.
- RIBBANS, G. *La desheredada, novela por entregas: apuntes sobre su primera publicación*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2006. In: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/la-desheredada-novela-por-entregas--apuntes-sobre-su-primera-publicacin-0/> Acesso 20 jul. 2013.
- RIBEIRO, J. A. *Imprensa e Ficção no século XIX: Edgar Allan Poe e a narrativa de Arthur Gordon Pym*. São Paulo, Editora da UNESP, 1996.
- RIZZINI, C. *O Livro, o Jornal e a Tipografia no Brasil (1500-1822)*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.
- ROCHA, D. C. B. *Biblioteca Nacional e Pública do Rio de Janeiro: um ambiente para leitores e leituras de romance (1833-1856)*. Campinas: [s.n.], 2011.
- RODRIGUES, E. *Mágico folhetim: literatura e jornalismo em Portugal*. Lisboa: Editorial Notícias, 1998.
- SALES, G. M. A. *Palavra e Sedução: uma leitura dos prefácios oitocentistas (1826-1881)*. 2003. 387 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- SALLES, D. (Org.). *Primeiras Manifestações da Ficção na Bahia*. São Paulo: Cultrix-INL-MEC, 1979.

- SANTOS, E. F. *Dumas, Montépin e Du Terrail: A circulação dos romances-folhetins franceses no Pará nos anos de 1871 a 1880*. 2011. 110 f. Dissertação (mestrado em letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém.
- SEMERARA, C. M. (Org.) *História da Tipografia no Brasil*. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo, 1979.
- SENNA, E. *O velho comércio do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff casa editorial, 2006.
- SILVA, H. C. da. *Prelúdio do romance brasileiro: Teixeira e Sousa e as primeiras narrativas ficcionais*. 2009. 208 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas. Vol. 1.
- _____. A ascensão do romance no Brasil – considerações acerca da presença do gênero em anúncios do Jornal do Comércio. Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>>. Acesso em: 25 set. 2012.
- SILVA, J.M. P. da. *Memórias do meu tempo*. Introdução de Célio Ricardo Tasinafo. Brasília: Senado Federal, 2003.
- SILVA, O. A. *Pelas rotas dos livros: circulação de romances e conexões comerciais em Fortaleza (1870-1891)*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011.
- SOARES, M. V. Introdução a Pereira da Silva. Os romances modernos e sua influência. *Matraga*: revista do programa de pós-graduação em Letras da UERJ, Rio de Janeiro, v. 10, n. 15, 2003.
- SODRÉ, N. W. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SOUZA, R. A. *Introdução à historiografia da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2007.
- SOUZA, S. C. M. de. *Primeiras impressões: romances publicados pela Impressão Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*. 2007. 158 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas.
- STOLS, E.; MASCARO, L. P.; BUENO, C. (Org.). *Brasil e Bélgica: Cinco séculos de conexões e interações*. São Paulo: Narrativa Um, 2014.
- STRZODA, M. *O Rio de Joaquim Manuel de Macedo: jornalismo e literatura no século XIX*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010.
- THERENTY, Marie-Ève. *La littérature au quotidien: Poétiques journalistiques au XIX^e siècle*. Paris: Éd. Le Seuil, coll. Poétique, 2007.
- THIESSE, Anne-Marie. *La création des identités nationales – Europe XVIII^e – XIX^e siècle*. Paris, Éditions du Seuil, 2001.
- TINHORÃO, J. R. *Os romances em folhetins no Brasil: 1830 à atualidade*. São Paulo: Duas cidades, 1994.
- VASCONCELOS, S. A formação do romance brasileiro: 1808-1860 (Vertentes inglesas). Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>>, Acesso em: 25 set. 2013.
- VIANNA, H. *Contribuição à História da Imprensa Brasileira (1812-1869)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.
- VILLALTA, L. C. A. Censura, a circulação e a posse de romances na América Portuguesa (1722-1822). In: ABREU, M. (Org.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2005. p. 161-182.
- WITKOWSKI, Claude. *Les journaux-romans du Second Empire, [1855-1870]*. Paris: Saint-Cloud/ C. Witkowski, 1985. Vol. 7.
- _____. *Monographie des éditions populaires: les romans à quatre sous, les publications illustrées à 20 centimes, 1848-1870*. Paris: J.J. Pauvert, 1981. Vol. 1.

_____. *Les éditions populaires, 1848-1870*. Paris: G.I.P.P.E, 1997. Vol. único.
 ZILBERMAN, R. Leitura e materialidade da História da Literatura. In: ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). *Roger Chartier - A força das representações: História e ficção*. Chapecó, SC: Argos, 2011. p. 141-170.

Sites Visitados

Banco de dados do Projeto “*A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX*”
 (<http://www.iel.unicamp.br/projetos/circulacao/login.php>)
 Banco de dados do Projeto *A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX* (<http://www.iel.unicamp.br/projetos/circulacao/login.php>).
 Brasileira (<http://www.brasiliana.usp.br>)
 Brasileira (<http://www.brasiliana.usp.br>)
 Europeana collections (<http://www.europeana.eu/portal/en>)
 Gallica (<http://www.gallica.bnf.fr>)
 Gallica (<http://www.gallica.bnf.fr>)
 Google Books (<http://books.google.com>)
 Google Books (<http://books.google.com>)
 Hemeroteca digital brasileira (<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>)
 Hemeroteca digital brasileira (<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>)
 Hemeroteca digital da Espanha (<http://hemerotecadigital.bne.es/index.vm>)
 Hemeroteca digital de Portugal (hemerotecadigital.cm-lisboa.pt)
 Internet Archive (<http://archive.org>)
 Internet Archive (<http://archive.org>)
 KIT Library (<http://www.bibliothek.kit.edu/cms/index.php>)
 Open Library (<https://openlibrary.org/>)
 USP (<http://www5.usp.br>)
 USP (<http://www5.usp.br>)
 Wikipedia (<http://pt.wikipedia.org>; <http://fr.wikipedia.org>)
 Wikipédia (<http://pt.wikipedia.org>; <http://fr.wikipedia.org>)
 World Catalog (<http://www.worldcat.org>)
 World Catalog (<http://www.worldcat.org>)

Fontes

Periódicas

A CONSTITUIÇÃO. Belém, 1876.
 A ESCOLA. Rio de Janeiro, 1878.
 A FAMÍLIA: Jornal Literário Dedicado a Educação da Mãe de Família. São Paulo, 1889.
 A FOLHA NOVA. Rio de Janeiro, 1883-1885.
 A GRINALDA: Jornal dos Domingos. Rio de Janeiro, 1848.
 A LEITURA: Magazine Literário. Rio de Janeiro, 1890-1894.
 A MÃE DE FAMÍLIA: Jornal Científico, Literário e Ilustrado. Rio de Janeiro, 1879.
 A MARMOTA. Rio de Janeiro, 1861
 A MENSAGEIRA: Revista Literária Dedicada à Mulher Brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987.
 A MULHER DO SIMPLÍCIO OU A FLUMINENSE EXALTADA. Rio de Janeiro, 1840.
 A NAÇÃO. Rio de Janeiro, 1873-1876.

- A REFORMA. Rio de Janeiro, 1879.
- A REGENERAÇÃO. Rio de Janeiro, 1874
- A RESISTENCIA. Lisboa, 1898.
- A RODA DO DESTINO: Novo e Completo Livro de Sortes para Entretenimento das Famílias Brasileiras nas Noites de Fogueiras. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1865.
Disponível em
<<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01399100#page/1/mode/1up>. Acesso em: nov. 2013.
- A SEMANA. Rio de Janeiro, 1885.
- A VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, 1874.
- A VIDA MODERNA. Rio de Janeiro, 1886.
- A VIOLETA FLUMINENSE: Folha Critica e Literária Dedicada ao Bello Sexo. Rio de Janeiro: 1857.
- ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DA CORTE E PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO PARA O ANO DE 1853. Rio de Janeiro, 1853.
- ALMANAK ADMINISTRATIVO, COMERCIAL E INDUSTRIAL DA CORTE E PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO PARA O ANO DE 1864. Rio de Janeiro, 1864.
- ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DA CORTE E PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO PARA O ANO DE 1865. Rio de Janeiro, 1865.
- ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DA CORTE E PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO INCLUSIVE ALGUNS MUNICÍPIOS DA PROVÍNCIA, E A CIDADE DE SANTOS PARA O ANO DE 1874. Rio de Janeiro, 1874.
- ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DA CORTE E PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO INCLUSIVE A CIDADE DE SANTOS, DA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO PARA O ANO DE 1878. Rio de Janeiro, 1878.
- ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO IMPÉRIO DO BRASIL. Rio de Janeiro, 1884-1889.
- ALMANACK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO IMPÉRIO DO BRASIL PARA O ANO DE 1889. Rio de Janeiro, 1889.
- ALMANAK LAEMMERT. Rio de Janeiro, 1844-1914.
- AMERICA ILUSTRADA. São Paulo, 1898.
- AMIGO DAS LETRAS. São Paulo, 1830.
- ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, 1876-1914.
- ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, 1881-1882, V. IX.
- ANAIS DA IMPRENSA PERIÓDICA PERNAMBUCANA E A HISTÓRIA DA IMPRENSA DE PERNAMBUCO. [S.L.], [s.d.].
- ARCHIVO MÉDICO BRASILEIRO. Rio de Janeiro, 1845.
- ARCHIVO MÉDICO BRASILEIRO. Rio de Janeiro, 1844.
- ARCHIVO PITORESCO. Lisboa, 1857-1868.
- ARCHIVO POPULAR. Lisboa, 1837-1843.
- ATUALIDADE. Rio de Janeiro, [s.d.].
- BEIJA-FLOR: Annaes Brasileiros de Sciência, Política, Litteratura, etc. Rio de Janeiro, 1830.
- BELO SEXO: Periódico Religioso, de Instrução e Recreio, Noticioso e Critico Moderado. Rio de Janeiro: Tipografia Popular, 1862.
- BIBLIOTECA DAS FAMÍLIAS. Rio de Janeiro, 1874.
- BIBLIOTHECA DAS SENHORAS. Rio de Janeiro, 1874.

- BIBLIOTHECA RECREATIVA: Colleção dos Melhores Romances Nacionais e Estrangeiros. Rio de Janeiro, 1878.
- BLACKWOOD'S EDINBURGH MAGAZINE. London, 1835.
- CATÁLOGO DA LIVRARIA ACADÊMICA DA CASA GARRAUX. São Paulo, 1883.
- CATALOGO ALPHABETICO DOS LIVROS ESCOLHIDOS DA BIBLIOTHECA DO DEFUNTO D. FRANCISCO. [S.L.], 1848.
- CATALOGO DA BIBLIOTECA DO EXÉRCITO BRASILEIRO PRECEDIDO DE SEU REGULAMENTO E LEIS QUE LHE DIZEM RESPEITO ACOMPANHADO DE UM ÍNDICE ALFABÉTICO DOS AUTORES. Rio de Janeiro, 1885.
- CATÁLOGO DA BIBLIOTECA DO GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA DO MARANHÃO. Maranhão, 1867.
- CATALOGO DA BIBLIOTECA DO MUSEU ESCOLAR NACIONAL, ORGANIZADO POR JULIO DE LIMA FRANCO. Rio de Janeiro, 1885.
- CATALOGO DA BIBLIOTECA MUNICIPAL: PUBLICAÇÃO OFICIAL. Rio de Janeiro, 1878.
- CATALOGO DA BIBLIOTHECA DO ARCHIVO PÚBLICO NACIONAL. Rio de Janeiro, 1901.
- CATÁLOGO DA CASA EDITORA DAVID CORAZZI. Lisboa, [1888?]
- CATÁLOGO DA IMPORTANTE E COPIOSA BIBLIOTHECA DOS MARQUEZES DE CASTELLO MELHOR CUJOS LIVROS SERÃO VENDIDOS EM HASTA PUBLICA..., [S.L.], 1878.
- CATÁLOGO DA LIVRARIA ACADÊMICA DA CASA GARRAUX. São Paulo, 1883.
- CATÁLOGO DA LIVRARIA DE B.J. GARNIER Nº 23. Rio de Janeiro, 1865.
- CATÁLOGO DA LIVRARIA DO FALECIDO CONSELHEIRO THOMAZ NORTON, A QUAL SE HÁ DE POR À VENDA EM LEILÃO PÚBLICO, 1860.
- CATÁLOGO DA LIVRARIA DO GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA EM PERNAMBUCO. [S.L.], 1854.
- CATÁLOGO DAS OBRAS DE FUNDO E OUTROS LIVROS QUE SE ACHAM À VENDA NA LIVRARIA UNIVERSAL DE LAEMMERT & C. n. 10. [S.L.], 1899.
- CATÁLOGO DAS OBRAS EXISTENTES NO GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA DA BAHIA. Bahia, 1868.
- CATÁLOGO DE ALGUMAS OBRAS QUE SE VENDEM NA LOJA DE PAULO MARTIN (VINDAS NESTE ÚLTIMO NAVIO DE LISBOA). Rio de Janeiro, 1822.
- CATÁLOGO DE LIVROS PORTUGUESES QUE SE ACHAM À VENDA NA LOJA DE MONGIE. Rio de Janeiro, [s.d.].
- CATÁLOGO DOS LIVROS DA BIBLIOTHECA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, 1866.
- CATÁLOGO DOS LIVROS DO GABINETE DE LEITURA DA CIDADE DO RIO GRANDE DE SÃO PEDRO DO SUL. Rio Grande, 1864.
- CATÁLOGO DOS LIVROS DO GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA NO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, 1858.
- CATÁLOGO DOS LIVROS DO GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA NO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, 1844.
- CATÁLOGO DOS LIVROS DO GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA NO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, 1858.
- CATÁLOGO METHODICO DOS LIVROS EXISTENTES NA BIBLIOTHECA DA MARINHA. Rio de Janeiro, 1879.
- CATÁLOGO N.1. [S.L.], 1859.
- CATÁLOGO SUPLEMENTAR DOS LIVROS DO GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA NO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, 1868.

CATALOGUE OF THE RIO DE JANEIRO SUBSCRIPTION LIBRARY. Londres, 1842.

CONFESSIONS, TRIALS, AND BIOGRAPHICAL SKETCHES OF THE MOST COLD BLOODED MURDERERS, WHO HAVE BEEN EXECUTED IN THIS COUNTRY FROM ITS FIRST SETTLEMENT DOWN TO THE PRESENT TIME. Londres, 1837.

CONSTITUCIONAL. Rio de Janeiro, 1862.

CORREIO DAS MODAS. Rio de Janeiro, 1839-1840.

CORREIO MERCANTIL. Rio de Janeiro, 1853.

CORREIO MERCANTIL. Rio de Janeiro, 1833.

CORREIO MERCANTIL. Rio de Janeiro, 1860.

CORREIO MERCANTIL. Rio de Janeiro, 1859

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 1876.

DER SAMMLER. Berlin, 1840.

DIARIO DE LOS NIÑOS. Madrid.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Belém, 1881-1890.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 1837-1880.

DIARIO DE SÃO PAULO. São Paulo, 1870.

DIÁRIO DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 1889.

DIÁRIO DO MARANHÃO. São Luis, 1876-1880.

DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, 1833-1870.

DIÁRIO NOVO. Pernambuco, 1846.

ECCO POPULAR. Rio de Janeiro, 1867.

ECHO DOS FOLHETINS D'EUROPA. Rio de Janeiro, 1846.

ECHO JUVENIL. Belém, 1899.

ECHO JUVENIL. Rio de Janeiro.

EL PERIÓDICO PARA TODOS. Madrid, 1872.

EMPORIO PITORESCO. Roma.

ESPELHO FLUMINENSE OU NOVO GABINETE DE LEITURA. Rio de Janeiro, 1843.

FOLHINHA BRASILEIRA PARA O ANO DE 1857. Rio de Janeiro, 1857.

FOLLETIN DEL DIARIO DE BARCELONA DE AVISOS Y NOTICIAS. Madrid, 1843.

GABINETE DE LEITURA. Rio de Janeiro, 1850.

GAZETA DE NOTICIAS. Belém, 1881.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 1875-1897.

HORAS VAGAS. Rio de Janeiro, 1875.

IMPrensa INDUSTRIAL. Rio de Janeiro, 1877.

IMPrensa INDUSTRIAL. Rio de Janeiro, 1876.

INTERNATIONAL EXHIBITION ON INDUSTRY AND ART: Catalogo dos produtos nacionais e industriais remetidos para a exposição. Londres, 1862.

JORNAL DA TARDE. Rio de Janeiro, 1872;

JORNAL DE DOMINGO. Recife, 1877.

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO. Maranhão, 1846.

JORNAL DO COMMERCIO. Bahia, 1833.

JORNAL DO COMMÉRCIO. Rio de Janeiro, 1828-1899.

JORNAL DO DOMINGO. Rio de Janeiro, 1864.

JORNAL DO DOMINGO. Recife, 1885.

JORNAL DO PARÁ. Belém, 1869-1878.

JORNAL DO RECIFE. Recife, 1876.

JORNAL PARA TODOS. Maranhão, 1877-1878.

JORNAL PARA TODOS: Jornal ilustrado. Rio de Janeiro, 1869-1870.
 JORNAL-FOLHETIM. São Paulo, 1883.
 JOURNAL POUR TOUS. Paris.
 L'ECHO DES FEUILLETON. Paris.
 L'ALCYON: Litterature, Sciences, Arts, Theatres. Rio de Janeiro, 1841.
 LA GAZETTE DU BRÉSIL. Rio de Janeiro, 1867.
 LA MODE: Revue des Modes. Paris.
 LA RÉCRÉATION. França, 1841-42.
 LE CABINET DE LECTURE. França, 1840-1842.
 LE CENSEUR, JOURNAL DE LYON. França, 1835.
 LE COMPILATEUR. França, 1840-1843.
 LE JOURNAL DU DIMANCHE. França.
 LE MAGASIN LITTERAIRE. França, 1842.
 LE SALON LITTÉRAIRE. França, 1842.
 LE TEMPS. França, 1880.
 LE VOLEUR. França, 1840-1842.
 LEITURA DO DOMINGO. Rio de Janeiro, 1876-1878.
 LEITURA FAMILIAR. Rio de Janeiro, 1871.
 LEITURA PARA OS DOMINGOS. Rio de Janeiro, 1871.
 LEITURA PARA TODOS. Rio de Janeiro, 1860-1869.
 LEITURA POPULAR. Rio de Janeiro, 1871.
 MARMOTA NA CORTE: Jornal de Modas e Variedades. Rio de Janeiro, 1849.
 MERCANTIL. Petrópolis, 1876.
 MINERVA BRASILIENSE: Jornal de Ciências, Letras e Artes. Rio de Janeiro, 1843.
 MUSEO PITORESCO. Rio de Janeiro, 1848.
 MUSEU UNIVERSAL. Rio de Janeiro, 1839-1843.
 NOVISSIMO CATALOGO DE ESCOLHIDOS LIVROS EM PORTUGUÊS
 PUBLICADOS E A VENDA NO RIO DE JANEIRO NA LIVRARIA UNIVERSAL DOS
 IRMÃOS EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT. Rio de Janeiro, 1875.
 NOVO CORREIO DAS MODAS. Rio de Janeiro, 1852-1853.
 NOVO GABINETE DE LEITURA. Rio de Janeiro, 1850
 O ALBUM LITTERARIO: PERIÓDICO INSTRUCTIVO E RECREATIVO. Rio de
 Janeiro, 1860-1861
 O ALBUM LITTERARIO: Periódico Instructivo e Recreativo. São Paulo.
 O ÁLBUM SEMANAL: Cronológico, Literário, Critico e de Modas. Rio de Janeiro,
 1851-1852
 O ALFINETE. Rio de Janeiro, 1883;
 O ALFINETE: Folha Litteraria, Humoristica e Noticiosa. São Paulo, 1897.
 O AMADOR. Rio de Janeiro, 1888.
 O AMOR-PERFEITO. Rio de Janeiro, 1849.
 O AMOR: ORGÃO LITTERARIO. São Paulo, 1898.
 O APOSTOLO. Rio de Janeiro, 1866.
 O BESOURO. Rio de Janeiro, 1878.
 O CEARENSE: Órgão Liberal. Fortaleza, 1883.
 O CHERUBIM: Dedicado ao Belo Sexo. Rio de Janeiro, 1885.
 O CHRONISTA. Rio de Janeiro, 1837.
 O COMBATE. Rio de Janeiro, 1892.
 O CORREIO DA TARDE. Rio de Janeiro, 1860.
 O CRONISTA. Rio de Janeiro, 1837.
 O CRUZEIRO. Rio de Janeiro, 1878.

- O DESPERTADOR. Santa Catarina, 1863-1883.
 O DESPERTADOR. Rio de Janeiro, 1839-1885.
 O DIÁRIO NOVO. Recife, 1842.
 O ESPIRITO-SANTANENSE. Espírito Santo, 1878.
 O FOLHETIM: Publicação Diária de Romances. Rio de Janeiro, 1883.
 O GLOBO. Rio de Janeiro, 1874-1876.
 O IMPÉRIO DO BRASIL NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL. Rio de Janeiro, 1867.
 O JORNAL DAS SENHORAS: Modas, Literatura, Belas Artes, Teatros e Críticas. Rio de Janeiro, 1852.
 O LADRÃO. Rio de Janeiro, 1835.
 O LIBERAL DO PARÁ. Belém, 1869-1889.
 O MERCANTIL. Bahia, 1845-1848.
 O MERCANTIL. Petrópolis, 1844-1876
 O NARRADOR. Bahia, 1891.
 O PELICANO. Belém, 1872.
 O POLICHINELLO. São Paulo, 1876.
 O RECREADOR MINEIRO. Minas Gerais, ano
 O REGENERADOR Rio de Janeiro, 1848.
 O ROMANCEIRO JARDIM ROMÂNTICO. Rio de Janeiro, 1879.
 O SANTO OFFICIO. Belém, 1874.
 O SEXO FEMININO: Semanário Dedicado aos Interesses Da Mulher. Rio de Janeiro, 1873.
 OPINIÃO LIBERAL. Rio de Janeiro, 1870.
 PELICANO. Belém, 1872-1873.
 PUBLICADOR MARANHENSE. São Luiz, 1842-1885.
 QUOTIDIENNE. França, 1840.
 RECREIO DAS MOÇAS: Órgão do Bello Sexo. Rio de Janeiro, 1876.
 REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. Rio de Janeiro, 1863-1870.
 REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 1883-1884.
 REVISTA MEDICA FLUMINENSE. Rio de Janeiro.
 REVUE DE PARIS.
 REVUE DES DEUX MONDES. Paris, 1835-1843.
 ROMAN-MAGAZIN DES AUSLANDES: Enthaltend die Besten Romane des Auslandes in Guten Übersetzungen. Berlin, 1872.
 THE METROPOLITAN.
 THE NEW MONTHLY MAGAZINE AND UNIVERSAL REGISTER.
 TREZE DE MAIO. Belém, 1854.
 VIOLETA FLUMINENSE: Folha Crítica e Literária Dedicada ao Belo Sexo. Rio de Janeiro, 1857.

Bibliográficas

- BELLO, Oliveira. *Imprensa Nacional (1808-1908): Apontamentos históricos*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908.
 BLAIR, H. *Compendio de las lecciones sobre retorica y bellas letras*. Tradução do inglês por D. José Luis Munarriz. Tolossa: Imprensa de Garriga, 1819.
 BLAKE, A. V. A. S. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900. V. 6

- BLAKE, A. V. A. S. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1883. V. 7.
- BURGAIN, L. A. *La statue de l'empereur*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1862. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00359800#page/1/mode/1up>>. Acesso em: jul. 2014.
- CABRAL, A. do V. *Anais da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro de 1808 a 1822*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1881.
- CAMARA, P. P. *Novo tratado de aritmética comercial: ou, desenvolvimento simplificado de todas as regras da aritmética relativas ao comércio, acompanhadas de um grande número de exemplos e exercícios os quais facilitam o método de resolver qualquer calculo que tenha relação com o tráfico mercantil*. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert, 1846.
- CAMÕES, L. *Os Lusíadas*. Correto e emendado pelo cuidado e diligência de J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1841.
- CARVALHO, A. de. *Annaes da imprensa periódica pernambucana de 1821-1908: dados históricos e bibliographicos*. Recife: Typographia do Jornal do Recife, 1908.
- CASTRO, E. S. P. *Explicador de Aritmética*. 2. ed. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1869.
- ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA. 11. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1911.
- FILGUEIRAS, C.A.S. *Idyllos*. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmmert, 1872.
- FREITAS, A. A. de. *A imprensa Periódica de São Paulo desde os seus primórdios em 1823 até 1914*. São Paulo: Tipografia do Diário Oficial, 1915;
- GALVÃO, B.F. Ramiz. *Catálogo do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1906-1907, 2 v.
- GIBERT, Pe. B. *Retórica ou regras da eloquência*. Porto: Na Oficina de Antonio Alvarez Ribeiro, 1789. Tomo II.
- QUÉRARD, J. M. et al. *La littérature française contemporaine XIXe siècle: Le tout accompagné de notes biographiques et littéraires*. Paris: Daguin Frères, 1842. V. 1.
- R. C. M.. *Cozinheiro imperial ou nova arte do cozimento e do copeiro em todos os seus ramos*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1843. Disponível em <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/03907900#page/1/mode/1up>>, Acesso em: nov. 2013.
- ROCHA, J. J. *Compêndio de história universal*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1860. V. 2. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01397720#page/1/mode/1up>>. Acesso em: nov. 2013.
- SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. De la littérature industrielle. *Revue des Deux Mondes*, tomo 19, jul./set. 1839.
- SERRA, J. *Sessenta anos de jornalismo: a imprensa do Maranhão (1820-1880)*. Rio de Janeiro: Editores Faro & Lino, 1883.
- SILVA, I. F. da. *Dicionário bibliográfico português: estudos de Inocêncio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858. V. 9.
- _____. *Dicionário bibliográfico português: estudos de Inocêncio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859. V. 9.
- _____. *Dicionário bibliográfico português: estudos de Inocêncio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859. V. 3.

_____. *Dicionário bibliográfico português: estudos de Inocêncio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1862. V. 5.

_____. *Dicionário bibliográfico português: estudos de Inocêncio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1870. V. 9.

_____. *Dicionário Bibliográfico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858. Tomo I.

SILVA, J.M. P. da. *Parnaso Brasileiro ou seleção de poesias dos melhores poetas Brasileiros desde o descobrimento do Brasil, precedida de uma introdução histórica e biográfica sobre a literatura Brasileira*. Bibliotheca dos poetas clássicos da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Ed. Laemmert, 1843. Tomo IV.

SOUSA, A. M. *Viagens e observações de um brasileiro*. Rio de Janeiro: tip. Americana de I. P. da Costa, 1834.

VERISSIMO, J. *Estudos Brasileiros*. 1ª série. Pará: Tavares Cardoso & Cia, 1889.

ZALUAR, A. E. *Exposição Nacional Brasileira de 1875*. Rio de Janeiro: Tipografia do Globo, 1875.

APÉNDICE

Lista dos romances publicados no jornal *Espelho Fluminense*

<i>Espelho Fluminense</i>			
Título em português	Autor	Título da publicação original	Autor
<i>A felicidade no mundo</i>	A. de Gondrecourt	Não identificado	Não identificado
<i>O quarto mobiliado. História parisiense</i>	A. de R.	Não identificado	Não identificado
<i>A cela ardente</i>	A. J.	<i>The Fiery Vault</i>	Reithra
<i>Recordações de uma viagem a Itália</i>	A. Jal.	Não identificado	Não identificado
<i>Um ilustre avarento</i>	A.C.	<i>Un illustre avare</i>	A. C.
<i>A vingança de soleiman</i>	Alex. Bellemare	<i>La vengeance de soleiman</i>	Alex. Bellemare
<i>O vesúvio - o capuchinho de resina</i>	Alexandre Dumas	<i>Le Vésuve - l'ane de Francesco</i>	Alexandre Dumas
<i>Otello</i>	Alexandre Dumas	<i>Otello</i>	Alexandre Dumas
<i>A semana dos acidentes. Impressões dolorosas de uma viagem na Itália</i>	Antoine Dilmans	Não identificado	Não identificado
<i>Um tio como há poucos ou A família improvisada</i>	Auguste Ricard	<i>Ein Oheim wie Wenige</i>	August Ricard
<i>A generalidade do vocabulo massada</i>	Carapuceiro	Não identificado	Não identificado
<i>Um dia e nada</i>	Condessa Dash	<i>Un jour et rien</i>	Comtesse Dash
<i>A rosa murcha</i>	Constant Gueroult	<i>La rose fletrie</i>	Constant Gueroult
<i>Soror Luiza da Misericórdia. Cenas Históricas</i>	Ernestine de Saint-Médard	Não identificado	Não identificado
<i>Maria ou o lenço azul</i>	Etienne Bequet	<i>Marie, ou Le Mouchoir bleu</i>	Étienne Bequet
<i>Lina - novela veneziana</i>	Eugène de La M.	<i>Lina. Nouvelle Vénitienne</i>	Eugène de Lamerlière
<i>Carlota Corday D'Armans ou os perigos da exaltação</i>	Eugênia Foa	<i>Charlotte Corday D'Armans ou les dangers de l'exaltation</i>	Eugenie Foa
<i>Ainda uma anedota sobre Talmá</i>	Figaro	Não identificado	Não identificado

<i>A torre negra</i>	G.	<i>La Torre-Nera</i>	G.
<i>Um discipulo de cagliostro</i>	G.	<i>Un disciple de cagliostro</i>	G.
<i>Mimos de padrinho e finezas de compadres</i>	Gaz. dos Tribunais	Não identificado	Não identificado
<i>Madame Villiers</i>	J. H. Sievrac	<i>Nights at mess (Chap. XI)</i>	Jean Henry Sievrac
<i>Uma sentença paterna</i>	J. J. do Rosario	<i>Uma sentença paterna</i>	J. J. do Rosario
<i>Matheus Garcia ou As sete orelhas</i>	J. Norberto de S. S.	<i>Matheus Garcia ou As sete orelhas</i>	J. Norberto de S. S.
<i>O cardeal, o ministro de estado e o médico do rei</i>	Jules Janin	<i>Le Cardinal, le Ministre d'Etat et le Médecin du Roi</i>	Jules Janin
<i>Um jogador</i>	Lady Blessington	<i>The gamester</i>	The Countess or Blessington
<i>A flor de liz. Recordação da revolução</i>	Le Clerc	<i>Souvenirs de la revolution</i>	Le Clerc
<i>Os pigmeus, os pães e os vidros – legenda</i>	Le Vicomte d'Arincourt	<i>Les Pygmées - Les pains et les verres</i>	Vicomte d'Arincourt
<i>A prisão por dívida</i>	Louis Lurine	<i>Le bonheur d'un amant malheureux</i>	Louis Lurine
<i>A segunda mulher</i>	Marc Perrin	Não identificado	Não identificado
<i>Um casamento</i>	Marc Perrin	Não identificado	Não identificado
<i>A fuinha</i>	Marie Aycard	<i>La Fouine</i>	Marie Aycard
<i>Amor e coragem</i>	Marie Aycard	<i>Amour et courage</i>	Marie Aycard
<i>Gaetano</i>	Marie Aycard	<i>Gaetano</i>	Marie Aycard
<i>John Poker</i>	Marie Aycard	<i>John Poker</i>	Marie Aycard
<i>Uma mulher morta</i>	Marie Aycard	<i>Une Femme morte</i>	Marie Aycard
<i>Um ato de desesperação</i>	Méry	<i>Un acte de désespoir</i>	M. Méry
<i>Utilidade dos tolos</i>	New Monthly Magazine	Não identificado	Não identificado
<i>As moças para casar</i>	P. Lebrun	Não identificado	Charles Pigault-Lebrun

<i>Os dois desposados</i>	Princesse Craon	<i>Capitulos IV, "Une maison de Paris"; Cap. VI, "Le Cachot". No le voleur, a narrativa se chama Les 2 fiancees.</i>	Princesse de Craon
<i>O esquecimento</i>	S. Henry Berthoud	<i>Entre midi et deux heures</i>	S. Henry Berthoud
<i>O importe de uma consulta</i>	S. Henry Berthoud	<i>Le prix d'une consultation</i>	S. Henry Berthoud
<i>Duas noites em Roma</i>	S. J. Nogent	<i>Deux nuits a Rome</i>	S. J. Nogent
<i>A amante do salteador</i>	Sem autoria	Não identificado	Não identificado
<i>A cruz de pedra</i>	Sem autoria	<i>La croix de pierre</i>	Marie Aycard
<i>A Espera</i>	Sem autoria	Não identificado	Não identificado
<i>A experiência</i>	Sem autoria	<i>L'Épreuve</i>	Marc Perrin
<i>A Lei de Talião entre os árabes</i>	Sem autoria	Não identificado	Não identificado
<i>A reconciliação</i>	Sem autoria	Não identificado	Não identificado
<i>Casamento pelo nariz</i>	Sem autoria	Não identificado	Não identificado
<i>Costumes tártaros - um suplício</i>	Sem autoria	<i>Moeurs Tartares - un supplice</i>	Não identificado
<i>Cristela</i>	Sem autoria	<i>Christel</i>	Sainte-Beuve
<i>Deus os cria e eles se ajuntam</i>	Sem autoria	Não identificado	Não identificado
<i>Elisa e Alfredo</i>	Sem autoria	Não identificado	Não identificado
<i>Mania singular</i>	Sem autoria	Não identificado	Não identificado
<i>Maria ou a parreira da praça vendo-me</i>	Sem autoria	Não identificado	Não identificado
<i>Muita ventura</i>	Sem autoria	<i>Trop de Bonheur</i>	Jules la Beume
<i>O bilhete</i>	Sem autoria	Não identificado	Não identificado

<i>O cossaco</i>	Sem autoria	Não identificado	
<i>O espadachim confundido ou a caça do urso nos pyreneos orientais</i>	Sem autoria	<i>Une chasse a l'ours dans les pyrénées-orientales</i>	L. Amiel
<i>O jogo de soco</i>	Sem autoria	<i>Death of the prize fighter</i>	George N. Thomson
<i>O marinheiro ou a cruz de madre-perola</i>	Sem autoria	<i>El marinero, ó la cruz de Nacar</i>	Sem autoria
<i>O monge vingativo</i>	Sem autoria	Não identificado	Não identificado
<i>O passaporte</i>	Sem autoria	<i>Le Passeport</i>	Edgar Quinet
<i>O pé e a mão</i>	Sem autoria	Não identificado	Não identificado
<i>Os sapatos encarnados</i>	Sem autoria	Não identificado	Não identificado
<i>Paulo de Wormes</i>	Sem autoria	Não identificado	Não identificado
<i>Pepita, a heroína</i>	Sem autoria	<i>Pepita, ou la jeune heroine</i>	S. Henry Berthoud
<i>Reichmuth D'Adocht</i>	Sem autoria	<i>Reichmuth d'Adocht</i>	Sem autoria
<i>Um homem extraordinário</i>	Sem autoria	<i>Revue de cinq jours</i>	Sem autoria
<i>Um matrimônio desgraçado</i>	Sem autoria	<i>Um matrimonio funesto</i>	Não identificado
<i>Um rival</i>	Sem autoria	<i>Un rival</i>	Não identificado
<i>Um salvador da pátria</i>	Sem autoria	Não identificado	Não identificado
<i>Um vestido galante</i>	Sem autoria	<i>Partes do Les Guêpes</i>	Alphonse Karr
<i>Uma Carta</i>	Sem autoria	<i>La Lettre</i>	Marie Aycard
<i>Uma imprudência</i>	Sem autoria	Não identificado	Não identificado
<i>Uma infidelidade</i>	Sem autoria	Não identificado	Não identificado
<i>Uma infusão de folhas de laranjeira</i>	Sem autoria	Não identificado	Não identificado
<i>Uma vítima</i>	Sem autoria	<i>Une victime</i>	X. de Montepin

<i>Virginia Gabin - fato verdadeiro</i>	Sem autoria	Não identificado	Não identificado
<i>A traição de uma flor</i>	Sem autoria	<i>La trahison d'une fleur</i>	Lassailly
<i>O pintor</i>	Sem autoria [g.]	Não identificado	[G.]
<i>História de cagliostro</i>	Sir Paul Robert	<i>Histoire de Cagliostro</i>	Sir Paul Robert
<i>Uma História de ladrão</i>	Th. Muret	<i>Une Histoire de Voleur</i>	Th. Muret
<i>Uma espanhola em Paris</i>	Th. Vauclare	Não identificado	Não identificado
<i>Henriqueta</i>	Viennot	<i>Henriette</i>	M. Viennot
<i>O chapéu de Francisco II</i>	Visconde E. de Canourgues	<i>Le chapeau de François II</i>	Charles expilly

Lista dos romances publicados no *Leitura do Domingo*

N.	TÍTULO DA NARRATIVA	AUTOR	INÍCIO DA PUBLICAÇÃO	TÉRMINO DA PUBLICAÇÃO
01	A Febre Amarella	A. Bapaume	22/07/1876	21/09/1876
02	Um dia de bodas	A. G.	17/12/1876	31/12/1876
03	Aventuras de guerra de um Loreno	A. Marx	20/08/1876	27/08/1876
04	O Parricida	Adolphe Belot et Jules Dautin	02/01/1876	16/07/1876
05	O Capitão Paulo	Alexandre Dumas	13/05/1877	n 81, (ano II, 1877), sem conclusão
06	O sino de santo Hilário	Alexandre Piedagnee	24/12/1876	07/01/1877
07	Os Contrabandistas	Alexis Bouvier	14/01/1877	29/04/1877
08	O Papa Morreu!	Alphonse Daudet	30/09/1876	30/09/1876
09	O velho marquez	Bois Sonnet	12/08/1876	20/08/1876
10	A torre de S. Jacques	Clemence Robert	30/09/1876	07/01/1877
11	Gengibre	D. Marcolino Prat	07/01/1877	28/01/1877
12	Entre os macacos	E. Bouchery	29/10/1876	05/11/1876
13	Justino e Justina	Emile Richebourg	22/10/1876	29/10/1876

14	Chovia tanto...	Ernesto Carrance	17/12/1876	17/12/1876
15	Os milagres do Natal	Eugène Moret	08/04/1877	22/04/1877
16	A noite é boa conselheira	Evaristo Carrance	03/03/1877	11/03/1877
17	Um milionário	Felisberto Audebrand	13/05/1877	13/05/1877
18	A filha do assassino	Ferdinand de Vez	15/10/1876	22/10/1876
19	O noivo de um túmulo	Ferdinand de Vez	05/11/1876	26/11/1876
20	Uma cena da vida marítima	Georges Pradel	06/08/1876	06/08/1876
21	A Choupana do Proscripto	Gustavo Aimard	02/01/1876	18/06/1876
22	O retrato de Lucia	J. Rolland	27/08/1876	03/09/1876
23	O ultimo adeus	J.R.	03/12/1876	03/12/1876
24	A afilhada do vigário	João Moreira Barboza	22/04/1877	29/04/1877
25	Um poeta e o cão parasita	Jules Janin	30/07/1876	30/07/1876
26	Miguel Strogoff	Julio Verne	24/06/1876	n 86, sem data
27	A flor dos bosques	L. Loyd de Frouville	25 /02/1877	03/03/1877
28	Os dramas da Ilha-negra	Octave Feré e J. Cauvin	13/05/1877	n 87, (ano III, 1878), mas não há conclusão
29	Os conselhos de Lisette	P. D.	10/12/1876	10/12/1876

30	O regresso do primo	P. Durand	10/09/1876	17/09/1876
31	O urso das grutas de Osselles	P. Noth	21/09/1876	21/09/1876
32	A lenda do cardeal	Sem autoria	27/08/1876	27/08/1876
33	Aposta agradável	Sem autoria	17/12/1876	17/12/1876
34	Conselhos a um menino	Sem autoria	10/12/1876	10/12/1876
35	De três pecados o menor (lenda irlandeza)	Sem autoria	10/12/1876	10/12/1876
36	Os dous amigos	Sem autoria	28/01/1877	25 /02/1877
37	Um estudante esquisito	Sem autoria	17/12/1876	17/12/1876
38	Um sertão na Aldeia	Sem autoria	?	18/03/1877
39	A torto e a direito	Silva Pinto	01/04/1877	08/04/1877
40	O testamento de um milionario	W.	03/12/1876	10/12/1876

Lista geral das narrativas publicas em jornais-romance no período da pesquisa (constam apenas aqueles identificadas e que não significa serem a completude)

Listagem geral com título de todas as narrativas identificadas

N.	Título da narrativa	Autor	Jornal-romance	Tip/ Editor	Cidade	Tradução/ Língua	Início da publicação	Término da publicação
1	Muito Tarde	Clemence Lalire	<i>Narrador Brasileiro</i>	Luís Félix Gariot	Rio de Janeiro	Português	n. 3 - 1839	?
2	A mancha de sangue ou a expiação - novela veneziana	Sem identificação	<i>Narrador Brasileiro</i>	Luís Félix Gariot	Rio de Janeiro	Português	n. 4 - 1839	?
3	A vespera de um casamento	Sem identificação	<i>Narrador Brasileiro</i>	Luís Félix Gariot	Rio de Janeiro	Português	n. 7 - 1839	?
4	Deux Passions	Sem identificação	<i>Narrador Brasileiro</i>	Luís Félix Gariot	Rio de Janeiro	Francês	n. 2 -1839	?
5	Lucifer - conto fantástico imitado do ingles	Sem identificação	<i>Narrador Brasileiro</i>	Luís Félix Gariot	Rio de Janeiro	Português	n. 1 - 1839	?
6	O padre Lourenço	Sem identificação	<i>Narrador Brasileiro</i>	Luís Félix Gariot	Rio de Janeiro	Português	n. 6 - 1839	?
7	Uma Vingança eterna	Sem identificação	<i>Narrador Brasileiro</i>	Luís Félix Gariot	Rio de Janeiro	Português	n. 8 - 1839	?
8	Episódio da retirada da russia em 1812	Sem identificação	<i>Narrador Brasileiro</i>	Luís Félix Gariot	Rio de Janeiro	Português	1839	?
9	O salteador generoso ou história de Pancrácio Maillot	Sem identificação	<i>Narrador Brasileiro</i>	Luís Félix Gariot	Rio de Janeiro	Português	1839	?
10	Um Segredo de confissão	Sem identificação	<i>Narrador Brasileiro</i>	Luís Félix Gariot	Rio de Janeiro	Português	1839	?
11	Desgraça e coragem da família de Senneville	traduzido do francês	<i>Narrador Brasileiro</i>	Luís Félix Gariot	Rio de Janeiro	Português	1839	?
12	A Esposa traidora - romance	Sem identificação	<i>O Passatempo, ou miscellanea proveitosa</i>	Sem indicação	Rio de Janeiro	Português	1839	?
13	A Vingança	Sem identificação	<i>O Passatempo, ou miscellanea</i>	Sem indicação	Rio de Janeiro	Português	n. 1 - 1839	?

									<i>proveitosa</i>
14	Anfridy negociante	Sem identificação	<i>O Passatempo, ou miscellanea proveitosa</i>	Sem indicação	Rio de Janeiro	Português	n. 1 - 1839	?	
15	Aufredy	Sem identificação	<i>O Passatempo, ou miscellanea proveitosa</i>	Sem indicação	Rio de Janeiro	Português	1839	?	
16	Aventura horrorosa	Sem identificação	<i>O Passatempo, ou miscellanea proveitosa</i>	Sem indicação	Rio de Janeiro	Português	n. 1 - 1839	?	
17	Contos morais	Sem identificação	<i>O Passatempo, ou miscellanea proveitosa</i>	Sem indicação	Rio de Janeiro	Português	1839	?	
18	O hospital de Aufredy	Sem identificação	<i>O Passatempo, ou miscellanea proveitosa</i>	Sem indicação	Rio de Janeiro	Português	n. 1 - 1839	?	
19	A felicidade no mundo	A. de Gondrecourt	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	06/05/1843	11/05/1843	
20	O quarto mobiliado - Historia parisiense	A. de R.	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	26/04/1843	01/05/1843	
21	A Cela Ardente	A. J.	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	01/04/1843	06/04/1843	
22	Recordações de uma viagem a Italia	A. Jal.	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	06/04/1843	06/04/1843	
23	Um Ilustre Avarento	A.C.	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	11/01/1843	11/01/1843	
24	A vingança de Soleiman. 1650	Alex. Bellemare	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	26/01/1843	01/02/1843	
25	O vesuvio - o capuchinho de Resina	Alexandre Dumas	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	01/03/1843	06/03/1843	
26	Otello (anetoda de viagem)	Alexandre Dumas	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	21/02/1843	21/02/1843	
27	A semana dos acidentes. Impressões dolorosas de uma viagem na Itália	Antoine Dilmans	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	16/03/1843	21/03/1843	
28	Um tio como há poucos ou a família improvisada	Auguste Ricard	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	21/03/1843	26/03/1843	

29	A generalidade do vocabulo massada	Carapuceiro	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	11/03/1843	11/03/1843
30	Um dia e nada	Condessa Dash	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	06/03/1843	11/03/1843
31	A Rosa murcha	Constant Gueroult	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	01/07/1843	06/07/1843
32	Soror Luiza da Misericordia. Cenas Históricas	Ernestine de Saint-Médard	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	21/08/1843	26/08/1843
33	Maria ou o lenço azul	Etienne Bequet	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	16/02/1843	16/02/1843
34	Lina (novela veneziana)	Eugène de La M.	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	26/07/1843	26/07/1843
35	Carlota Corday d'Armans ou os perigos da exaltação	Eugênia Foa.	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	26/08/1843	01/09/1843
36	Ainda uma anedota sobre Talmá	Figaro	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	11/02/1843	11/02/1843
37	A torre Negra	G.	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	11/07/1843	11/07/1843
38	Um discipulo de Cagliostro	G.	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	06/08/1843	11/08/1843
39	Mimos de Padrinho, e finezas de compadres	Gaz. Dos Tribunais	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	01/02/1843	06/02/1843
40	Madame Villiers	J. H. Sievrac (Jean Henry Sievrac)	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	16/04/1843	21/04/1843
41	Uma sentença paterna - História verdadeira	J. J. do Rosario	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	16/05/1843	26/05/1843
42	Matheus Garcia ou as sete orelhas	J. Norberto de S. S.	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	21/06/1843	26/06/1843
43	O Cardeal, o Ministro de Estado, e o Médico do Rei	Jules Janin	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	06/01/1843	06/01/1843
44	Um jogador	Lady Blessington	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	01/06/1843	06/06/1843
45	A flor de liz - recordação da revolução	Le Clerc	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	01/05/1843	01/05/1843
46	Os pigmeus, os pães e os vidros. Legenda	Le Vicomte d'Arlincourt	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	11/10/1843	16/10/1843
47	A prisão por dívida	Louis Lurine	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	11/01/1843	16/01/1843

48	A segunda mulher	Marc Perrin [Marie Aycard]	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	11/03/1843	16/03/1843
49	Um Casamento	Marc Perrin [Marie Aycard]	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	21/07/1843	21/07/1843
50	A Fuinha	Marie Aycard	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	16/01/1843	21/01/1843
51	Amor e Coragem	Marie Aycard	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	16/10/1843	21/10/1843
52	Gaetano	Marie Aycard	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	16/07/1843	21/07/1843
53	John Poker	Marie Aycard	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	01/02/1843	06/02/1843
54	Uma muher morta	Marie Aycard	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	01/03/1843	01/03/1843
55	Um ato de desesperação	Méry	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	26/02/1843	01/03/1843
56	Utilidade dos Tolos	New Monthly Magazine	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	11/04/1843	11/04/1843
57	As moças para casar	P. Lebrun [Charles Pigault- Lebrun] (1753 – 1835)	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	21/04/1843	21/04/1843
58	Os dois desposados	Princesse Craon	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	06/10/1843	11/10/1843
59	O esquecimento	S. Henry Berthoud	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	06/02/1843	16/02/1843
60	O importe de uma consulta	S. Henry Berthoud	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	01/01/1843	06/01/1843
61	Duas noites em Roma	S. J. Nogent	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	11/06/1843	11/06/1843
62	A amante do salteador	Sem identificação	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	06/12/1843	06/12/1843
63	A espera	Sem identificação	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	06/06/1843	06/06/1843
64	A Lei de Talião entre os árabes	Sem identificação	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	01/11/1843	01/11/1843
65	A reconciliação	Sem identificação	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	11/10/1843	11/10/1843

66	Costumes Tártaros - um suplicio	Sem identificação	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	11/03/1843	11/03/1843
67	Deus os cria e eles se ajuntam	Sem identificação	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	26/09/1843	26/09/1843
68	Elisa e Alfredo	Sem identificação	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	21/10/1843	26/10/1843
69	Mania singular	Sem identificação	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	06/02/1843	06/02/1843
70	Maria ou a parreira da praça de Vendome	Sem identificação	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	01/08/1843	01/08/1843
71	O Bilhete	Sem identificação	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	06/11/1843	06/11/1843
72	O Cossaco	Sem identificação	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	06/11/1843	11/11/1843
73	O jogo de sôcco	Sem identificação	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	06/02/1843	06/02/1843
74	O marinheiro ou a cruz de madre-perola	Sem identificação	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	01/08/1843	01/08/1843
75	O Monge Vingativo	Sem identificação	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	26/09/1843	06/10/1843
76	O pé e a mão	Sem identificação	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	06/09/1843	06/09/1843
77	Os sapatos encarnados	Sem identificação	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	11/05/1843	11/05/1843
78	Paulo de Wormes	Sem identificação	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	11/08/1843	21/08/1843
79	Um homem extraordinário	Sem identificação	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	01/02/1843	01/02/1843
80	Um matrimônio desgraçado	Sem identificação	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	11/11/1843	16/11/1843
81	Um rival	Sem identificação	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	16/06/1843	21/06/1843
82	Um Salvador da Patria	Sem identificação	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	01/11/1843	01/11/1843
83	Uma imprudência	Sem identificação	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	16/09/1843	16/09/1843
84	Uma infidelidade	Sem identificação	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	21/11/1843	26/11/1843

85	Uma infusão de folhas de laranjeira	Sem identificação	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	16/11/1843	21/11/1843
86	Virginia Gabin. Fato verdadeiro	Sem identificação	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	26/11/1843	01/12/1843
87	A experiência	Sem identificação [Marie aycard]	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	16/10/1843	16/10/1843
88	Um vestido Galante	Sem identificação [Alphonse Karr]	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	01/01/1843	01/01/1843
89	O passaporte	Sem identificação [Edgar Quinet]	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	26/10/1843	26/10/1843
92	O espadachim confundido ou a caça do urso nos Pyreneos orientais	Sem identificação [L. Amiel]	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	21/09/1843	21/09/1843
93	A traição de uma flor	Sem identificação [Lassailly]	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	26/11/1843	26/11/1843
94	A cruz de pedra	Sem identificação [Marie aycard]	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	16/12/1843	21/12/1843
95	Uma Carta	Sem identificação [Marie aycard]	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	16/06/1843	16/06/1843
96	Reichmuth d'Adocht	Sem identificação [Oehbenschl/ poeta dinamarquez]	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	16/09/1843	21/09/1843
97	Pepita, a heroína	Sem identificação [S. Henry Berthoud]	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	06/09/1843	06/09/1843
98	Cristela	Sem identificação [Sainte-Beuve]	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	21/12/1843	26/12/1843
99	Uma Vítima	Sem identificação [X. de Montepin]	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	01/12/1843	01/12/1843
90	O Pintor	Sem identificação[g.]	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	11/09/1843	16/09/1843
91	Muita Ventura	Sem identificação[Jules la Beaume]	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	06/12/1843	16/12/1843
100	História de Cagliostro	Sir Paul Robert	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	16/02/1843	26/02/1843
101	Uma História de Ladrão	Th. Muret	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e Laemmert	H. Rio de Janeiro	Português	26/03/1843	01/04/1843

102	Uma Espanhola em Paris. 1702	Th. Vauclare	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e H. Laemmert	Rio de Janeiro	Português	11/04/1843	16/04/1843
103	Henriqueta	Viennot	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e H. Laemmert	Rio de Janeiro	Português	06/07/1843	11/07/1843
104	O chapéu de Francisco II	Visconde E. de Canourgues [Charles Expilly]	<i>Espelho Fluminense</i>	E. e H. Laemmert	Rio de Janeiro	Português	21/01/1843	26/01/1843
105	Mathilde ou as memórias de uma moça de alta classe	Eugène Sue	<i>Jardim Romântico</i>	Tipografia Brasiliense	Rio de Janeiro	Português	04/10/1845	?
106	Por um cabelo Louro	Leon Gozlan	<i>Jardim Romântico</i>	Tipografia Brasiliense	Rio de Janeiro	Português	04/10/1845	?
107	A Dama de Monsoreau	Alexandre Dumas	<i>Archivo Romântico</i>	Teixeira & Cia.	Rio de Janeiro	Português	02/05/1846	?
108	Vinte annos depois	Alexandre Dumas	<i>Archivo Romântico</i>	Teixeira & Cia.	Rio de Janeiro	Português	02/05/1846	?
109	Piquillo Alliaga	Eugène Scribe	<i>Echo dos folhetins da Europa</i>	Livraria Belga-Francesa	Rio de Janeiro	Português	1846	?
110	Memórias de uma rapariga do povo	Sem identificação	<i>Jardim Romântico</i>	Tipografia Brasiliense	Rio de Janeiro	Português	1846	1847
111	Tardes de um pintor, ou Intrigas de um Jesuita	Teixeira e Sousa	<i>Archivo Romântico Brasileiro</i>	Teixeira e Sousa & Paula Brito	Rio de Janeiro	Português	1847	?
112	A Leoa	Frederico Soulié	<i>Echo dos folhetins da Europa</i>	Livraria Belga-Francesa	Rio de Janeiro	Português	1847	?
113	A Divina Pastora	José Antonio do Valle	<i>Jardim Romântico</i>	Tipografia Brasiliense	Rio de Janeiro	Português	1847	?
114	A Amazona	Alexandre Dumas	<i>O Folhetinista ou leitura dos domingos</i>	Livraria Belga-Francesa	Rio de Janeiro	Português	1847	?
115	O Mendigo Negro	Paulo Feval	<i>O Folhetinista ou leitura dos domingos</i>	Livraria Belga-Francesa	Rio de Janeiro	Português	1847	?
116	Gonzaga ou A conjuração de Tiradentes	Teixeira e Sousa	<i>Archivo Romântico Brasileiro</i>	Teixeira e Sousa & Paula Brito	Rio de Janeiro	Português	1848	
117	O Marquez de Jersey	Alfred de Musset	<i>O Folhetinista ou leitura dos domingos</i>	Livraria Belga-Francesa	Rio de Janeiro	Português	1848	?
118	Os sete pecados Capitais	Eugène Sue	<i>O Folhetinista ou leitura dos domingos</i>	Livraria Belga-Francesa	Rio de Janeiro	Português	1848	?
119	Caxeiro mais velho	Antonio J. Fernandes dos	<i>Archivo Romântico</i>	Tip. Da rua do Cano, 140	Rio de Janeiro	Português	1860	?

		Reis							
120	Leonor	Antonio J. Fernandes dos Reis	<i>Archivo Romântico</i>	Tip. Da rua do Cano, 140	Rio de Janeiro	Português	1860	?	
121	A Rosa do Sepulcro	Sem identificação	<i>Semanário Romântico</i>	Domingos Manoel de Oliveira Quintana	Rio de Janeiro	Português	24/08/1862	?	
122	Memorias de uma favorita	Alexandre Dumas	<i>Echo dos romances</i>	Typ. Thevenet Cia.	Rio de Janeiro	Português	08/10/1867	?	
123	Le jeune docteur	Henri Concience	<i>Echo dos romances</i>	Typ. Thevenet Cia.	Rio de Janeiro	Francês	08/10/1868	?	
124	Romance nas nuvens	A.	<i>Jornal para Todos</i>	Tip. Americana	Rio de Janeiro	Português	10/07/1869	?	
125	Um moço de cartas	Alexandre Dumas	<i>Jornal para Todos</i>	Tip. Americana	Rio de Janeiro	Português	28/08/1869	?	
126	O Missionário	Ernesto Daudet	<i>Jornal para Todos</i>	Tip. Americana	Rio de Janeiro	Português	01/02/1869	?	
127	Os sete beijos de Buckingham	Gonzales e Moléri	<i>Jornal para Todos</i>	Tip. Americana	Rio de Janeiro	Português	13/03/1869	?	
128	Confidências	Original brasileiro	<i>Jornal para Todos</i>	Tip. Americana	Rio de Janeiro	Português	10/06/1869	02/10/1869	
129	Satanina	Pires Almeida	<i>Jornal para Todos</i>	Tip. Americana	Rio de Janeiro	Português	02/10/1869		
130	As mulheres	Sem identificação	<i>Jornal para Todos</i>	Tip. Americana	Rio de Janeiro	Português	29/05/1869	05/08/1869	
131	História de um desgraçado	Sem identificação	<i>Jornal para Todos</i>	Tip. Americana	Rio de Janeiro	Português	27/03/1869	?	
132	O meu vizinho Anatole	Sem identificação	<i>Jornal para Todos</i>	Tip. Americana	Rio de Janeiro	Português	01/05/1869	?	
133	O Último Filho do Diabo	Vaucheret	<i>Jornal para Todos</i>	Tip. Americana	Rio de Janeiro	Português	01/02/1869	?	
134	O Conde Kostia	Victor Cherbuliez	<i>Jornal para Todos</i>	Tip. Americana	Rio de Janeiro	Português	01/02/1869	15/10/1869	
135	O vagabundo	Etienne Enault e Loius Judicis	<i>O Romanceiro Jardim Romântico</i>	Tip. Carioca	Rio de Janeiro	Português	Preciso ver no Real	?	

								Gabinete
136	Quarenta contos de gratificação	Julio Lermina	<i>O Romanceiro Jardim Romântico</i>	Tip. Carioca	Rio de Janeiro	Português	Preciso ver no Real Gabinete ?	
137	A senhora Gosselin	Luiz Ulbach	<i>O Romanceiro Jardim Romântico</i>	Tip. Carioca	Rio de Janeiro	Português	Preciso ver no Real Gabinete ?	
138	Uma flor em leilão	Xavier de Montépin	<i>O Romanceiro Jardim Romântico</i>	Tip. Carioca	Rio de Janeiro	Português	Preciso ver no Real Gabinete ?	
139	As Aves de rapina	Hippolyto de Castille	<i>Echo Romântico</i>	José Antônio Ribeiro Junior	Rio de Janeiro	Português	1870 ?	
140	O Calvario das mulheres	M. L. Gagneur	<i>Jornal para Todos</i>	Tip. Americana	Rio de Janeiro	Português	26/01/1870 ?	
141	Acacia: cenas da vida dos Estados Unidos	Alfredo Assolant	<i>Biblioteca das Famílias</i>	Tipografia da Biblioteca, rua de S. José, 73	Rio de Janeiro	Português	?	
142	O sr. De Saint-Roch	Emilio Gaboriau	<i>Biblioteca das Famílias</i>	Tipografia da Biblioteca, rua de S. José, 73	Rio de Janeiro	Português	?	
143	A mulher do palhaço	Xavier de Montépin	<i>Biblioteca das Famílias</i>	Tipografia da Biblioteca, rua de S. José, 73	Rio de Janeiro	Português	?	
144	Minha Mulher e Eu	Harriet Beecher Stowe	<i>Bibliotheca das senhoras</i>	Escritório da Bibliotheca/ Tip. De Santos & Correa	Rio de Janeiro	Português	15/07/1874 Um nº na Hemeroteca	
145	Os mistérios de Paris	E. Sue	<i>O Passatempo</i>	E. Dupont	Rio de Janeiro	Português	1875 ?	
146	A volta ao Mundo	Julio Verne	<i>O Passatempo</i>	E. Dupont	Rio de Janeiro	Português	1875 ?	
147	Mil e um dias: contos persas, índios, Turcos e Chineses	Sem identificação	<i>O Passatempo</i>	E. Dupont	Rio de Janeiro	Português	1875 ?	
148	Um Barão Singularissimo	Um Brasileiro ERIS	<i>O Recreio</i>	Sem indicação	Rio de Janeiro	Português	1875 ?	
149	A Febre Amarella	A. Bapaume	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	22/07/1876 21/09/1876	

150	Um dia de bodas	A. G.	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	17/12/1876	31/12/1876
151	Aventuras de guerra de um Loreno	A. Marx	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	20/08/1876	27/08/1876
152	O Parricida	Adolphe Belot et Jules Dautin	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	02/01/1876	16/07/1876
153	O sino de santo Hilário	Alexandre Piedagnee	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	24/12/1876	07/01/1877
154	O Papa Morreu!	Alphonse Daudet	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	30/09/1876	30/09/1876
155	O velho marquez	Bois Sonnet	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	12/08/1876	20/08/1876
156	A torre de S. Jacques	Clemence Robert	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	30/09/1876	07/01/1877
157	Entre os macacos	E. Bouchery	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	29/10/1876	05/11/1876
158	Justino e Justina	Emile Richebourg	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	22/10/1876	29/10/1876
159	Chovia tanto...	Ernesto Carrance	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	17/12/1876	17/12/1876
160	A filha do assassino	Ferdinand de Vez	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	15/10/1876	22/10/1876
161	O noivo de um túmulo	Ferdinand de Vez	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	05/11/1876	26/11/1876
162	Uma cena da vida maritima	Georges Pradel	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	06/08/1876	06/08/1876
163	A Choupana do Proscrito	Gustavo Aimard	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	02/01/1876	18/06/1876
164	O retrato de Lucia	J. Rolland	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	27/08/1876	03/09/1876
165	O ultimo adeus	J.R.	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	03/12/1876	03/12/1876
166	Um poeta e o cão parasita	Jules Janin	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	30/07/1876	30/07/1876
167	Miguel Strogoff	Julio Verne	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	24/06/1876	n 86, sem data
168	O regresso do primo	P. Durand	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	10/09/1876	17/09/1876

169	O urso das grutas de Osselles	P. Noth	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	21/09/1876	21/09/1876
170	Os conselhos de Lisette	P.D.	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	10/12/1876	10/12/1876
171	A lenda do cardeal	Sem identificação	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	27/08/1876	27/08/1876
172	Aposta agradável	Sem identificação	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	17/12/1876	17/12/1876
173	Conselhos a um menino	Sem identificação	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	10/12/1876	10/12/1876
174	De três pecados o menor (lenda irlandeza)	Sem identificação	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	10/12/1876	10/12/1876
175	Um estudante esquisito	Sem identificação	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	17/12/1876	17/12/1876
176	O testamento de um milionario	W.	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	03/12/1876	10/12/1876
177	Biosia	Carneiro Vilela	<i>Recreio Popular</i>	Tip. Universal	Recife	Português	1876	?
178	O Baile das vitimas	Ponson du Terrail	<i>Recreio Popular</i>	Tip. Universal	Recife	Português	1876	?
179	Violino do Diabo	Perez Escrich	<i>Jornal do Domingo</i>		Recife	Português	1877	?
180	O Capitão Paulo	Alexandre Dumas	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	13/05/1877	n 81, (ano II, 1877), sem conclusão
181	Os Contrabandistas	Alexis Bouvier	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	14/01/1877	29/04/1877
182	Gengibre	D. Marcolino Prat	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	07/01/1877	28/01/1877
183	Os milagres do Natal	Eugène Moret	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	08/04/1877	22/04/1877
184	A noite é boa conselheira	Evaristo Carrance	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	03/03/1877	11/03/1877
185	Um milionário	Felisberto Audebrand	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	13/05/1877	13/05/1877
186	A afilhada do vigário	João Moreira Barboza	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	22/04/1877	29/04/1877

187	A flor dos bosques	L. Loyd de Frouville	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	25 /02/1877	03/03/1877
188	Os dramas da Ilha-negra	Octave Feré e J. Cauvin	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	13/05/1877	n 87, Ano III, 1878. cont.
189	A torto e a direito	Sem identificação	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	01/04/1877	08/04/1877
190	Os dous amigos	Sem identificação	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	28/01/1877	25 /02/1877
191	Um sertão na Aldeia	Sem identificação	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts & Cia	Rio de Janeiro	Português	18/03/1877	18/03/1877
192	<i>A Esmeralda: um ato em prosa</i>	Sem identificação	<i>Leitura do Domingo</i>	H. Lombaerts	Rio de Janeiro	Português	25/03/1877	01/04/1877
193	As mulheres de gelo	Paulo Leoni	<i>Biblioteca econômica</i>	Emp. Ed. Bibliotheca econômica	Rio de Janeiro	Português	1878	?
194	O Homem das multidões	Pedro Zaccone	<i>Biblioteca econômica</i>	Emp. Ed. Bibliotheca econômica	Rio de Janeiro	Português	1878	?
195	Memórias de um anjo	Sem identificação	<i>Biblioteca econômica</i>	Emp. Ed. Bibliotheca econômica	Rio de Janeiro	Português	1878	?
196	História de um crime	Victor Hugo	<i>Biblioteca econômica</i>	Emp. Ed. Bibliotheca econômica	Rio de Janeiro	Português	1878	?
197	Relâmpago	Aristide Roger/ Armando Lussacganac	<i>Bibliotheca Recreativa ou coleção de obras de literatura amena</i>	J.G.Azevedo - livraria Academica	Rio de Janeiro	Português	1878	?
198	A judia do mercado novo	Eugène Moret	<i>Bibliotheca Recreativa ou coleção de obras de literatura amena</i>	J.G.Azevedo - livraria Academica	Rio de Janeiro	Português	19/05/1878	?
199	Os misterios do povo	Eugène Sue	<i>Bibliotheca Recreativa ou coleção de obras de literatura amena</i>	J.G.Azevedo - livraria Academica	Rio de Janeiro	Português	07/09/1878	?
200	O Fato novo do Sultão	Ext.	<i>Bibliotheca Recreativa ou</i>	J.G.Azevedo - livraria	Rio de Janeiro	Português	1878	?

			<i>coleção de obras de literatura amena</i>	Academica					
201	Um sonho de Vida	Jose da Silva Mendes Leal	<i>Bibliotheca Recreativa ou coleção de obras de literatura amena</i>	J.G.Azevedo - livraria Academica	Rio de Janeiro	Português	25/07/1878	?	
202	A cidade das areas	L. Jacolliot	<i>Bibliotheca Recreativa ou coleção de obras de literatura amena</i>	J.G.Azevedo - livraria Academica	Rio de Janeiro	Português	19/05/1878	?	
203	Influência da Mulher	Sem identificação	<i>Bibliotheca Recreativa ou coleção de obras de literatura amena</i>	J.G.Azevedo - livraria Academica	Rio de Janeiro	Português	1878	?	
204	Variedades: typos familiares	Sylvio Oscar	<i>Bibliotheca Recreativa ou coleção de obras de literatura amena</i>	J.G.Azevedo - livraria Academica	Rio de Janeiro	Português	19/05/1878	?	
205	O Baile das Musas	Sem identificação	<i>Museu Literário</i>	J.C. Pereira de Azevedo	Rio de Janeiro	Português	1878	?	
206	Andréa – A Feiticeira	Emile Richebourg	<i>O Romanceiro</i>	Tip. do Diário do Maranhão	São Luiz	Português	1878	?	
207	Procura-se uma mulher	A. Mathey	<i>O Folhetim</i>	Typ. Hamburguesa de Lobão	Rio de Janeiro	Português	01/09/1883	16/10/1883	
208	A desforra de um defunto	Pedro Zaccone	<i>O Folhetim</i>	Typ. Hamburguesa de Lobão	Rio de Janeiro	Português	01/04/1883	01/05/1883	
209	O tesouro dos assassinos	Sem identificação	<i>O Folhetim</i>	Typ. Hamburguesa de Lobão	Rio de Janeiro	Português	30/05/1883	06/07/1883	
210	A Bastarda	Xavier de Montépin	<i>O Folhetim</i>	Typ. Hamburguesa de Lobão	Rio de Janeiro	Português	26/04/1883	02/06/1883	
211	As Fantoques de Mme Diabo/ Os Títeres da senhora Diabo	Xavier de Montépin	<i>O Folhetim</i>	Typ. Hamburguesa de Lobão	Rio de Janeiro	Português	[17/10/1883]	?	
212	A estrela do Sul	Julio Verne	<i>Biblioteca Domestica</i>	Ernesto Nogueirol/	Rio de Janeiro	Português	1885	?	

				Tipografia à vapor de Adolpho de Castro Silva & Cia					
213	A Padeira	Xavier de Montépin	<i>Jornal do Domingo: Revista Literária Semanal</i>	G. Laport & Cia.	Recife	Português	?/01/1885	?	
214	Dama das pérolas	Alexandre Dumas Filho	<i>O Romancista</i>	Pinheiro & Caldas	Rio de Janeiro	Português	1885	?	
215	O manuscrito Materno	Perez Escrich	<i>O Romancista</i>	Pinheiro & Caldas	Rio de Janeiro	Português	1885	?	
216	O processo Lebel	Henry Demesse	<i>A Peregrina</i>	Tip. Apolo	Recife	Português	24/11/1891	?	

ANEXOS

N. 2 — 200 Rs.

JORNAL PARA TODOS

LITTERARIO — ILLUSTRADO

Fevereiro 27 1869

— Vende-se na typographia Americana — Rua dos Ourives n. 49 —

Tomo I.

SUMARIO.—*O conde Kostia*, por Victor Cherbuliez.—*O ultimo Filho do Diabo*, por Vaucheret.—*O Missionario*, por Ernesto Daudet.—*Chronica dos Theatros*.

O CONDE KOSTIA

PRIMEIRA PARTE

II

Chegando a Colonia, Gilberto embarcou a bordo de um vapor para subir o Rheno até 10 ou 12 leguas, aguas acima de Bonn. A tarde, um nevoeiro espesso estendeu-se sobre o rio e suas margens. Teve-se de fundear, e ficar á capa toda a noite. Este contratempo tornou Gilberto melancolico, e n'elle descortinou a imagem do seu destino. Elle (finha tambem de vencer nil contrariedades, e mais de uma vez uma triste e sombria nuvem viera roubar-lhe o traço do seu estadio.

De manhã, o tempo aclarou; levantou-se a ancora, e ás duas horas da tarde Gilberto desembarcava em uma estação distante duas leguas de Geirfels: elle não tinha pressa de chegar. Comquanto tivesse nascido «consolato», como lhe exprobrava algumas vezes o Sr. Lerins, temia a occasião em que as portas de sua prisão se trancassem, e estava disposto a gozar durante mais algumas horas de sua cara liberdade: — «Vamos separar-nos, lhe dizia elle, aproveitemos o tempo para nos despedirmos!»

Em lugar de alugar um carro para transportar sua pessoa e sua bagagem, confiou seus bahús a um commissario que se obrigou a remetter-lh'os no dia seguinte, e pôz-se a caminho a pé, levando embaixo do braço uma pequena mala, e prometendo a si mesmo não ter pressa. D'ahi a

uma hora, deixou a estrada real, e descansava em uma humilde taverna sobre uma montanha, plantada de arvores esplendidas. Fez servir o jantar embaixo de um caramanchão, constando aquelle de uma naca de presunto fresco e de uma fritada de cerefolio, que regou com algumas gotas de vinho branco puro.

Este festim, á guiza de Jean-Jacques, pareceu-lhe delicioso; elle estava dominado d'essa liberdade das tabernas, que o autor das *Confissões* presava ainda mais do que a liberdade de escrever.

Depois que acabou de comer, Gilberto pediu uma chicara de café, ou antes essa bebida preta, que se chama café na Allemanha. A custo

pôde bebel-o, e teve saudades do excellente Moka que Mme. Lerins apromptava com suas proprias mãos. Então lembrou-se d'essa amavel mulher e de seu marido.—'E singular, disse elle consigo; essa excellente gente estima-me muito e conhece-me pouco. Todos os conselhos que me davam, ha dias, eram a um Gilberto phantastico. Elles ignoram até que ponto eu sou rasoavel. Occasões ha em que me parece que já vivi uma vez, porque minha alma amolda-se facilmente a todas as vicissitudes, que as circumstancias impõem.

Gilberto esqueceu-se de Paris e de Mme. Lerins e entregou-se a vagas meditações. Corriam os primeiros dias de Maio; as arvores começavam a verdejar. Fôra na occasião solemne e agradável em que a terra parece despertar do seu longo somno, projectar no espaço cilindres languidos, através das sombras que encobrem-lhe a vista, e deixam entrever confusamente o sol; então ella reconhece n'elle esse phantasma adorado, que lhe apparecia em sonhos; uma alegria louca apodera-se d'ella, e a vida que fermenta no seu seio projecta-se em ondas de seiva na haste crescente das flores e no tronco nodoso das faias seculares, e remocadas. E essa seiva primitiva attingia tambem o coração de Gilberto, que est aturdiado e prostrado. Uma brisa acarcia dora soltou como que um suspiro na folhagem nascendo de um castanheiro proximo, e um passaro pôz-se a cantar. Parocia Gilberto que esse esse suspiro hiam das profunzas do seu seivisão, o coração pete, co' o r



GILBERTO

universo; torna-se semelhante a esses caramujos do mar d'onde se ouve sahir, aproximando-os do ouvido, o murmúrio confuso e magestoso do Oceano.

Mas a visão de Gilberto tomou subitamente outra fórma. Do banco onde estava sentado, elle via o Rheno, o caminho de sirga que costeava suas aguas pardacentas, e mais perto d'elle a estrada real, alva como um jaspé, em que carros pesados e seges de posta erguiam, de intervallo a intervallo, nuvens de pó.

Essa estrada empoeirada absorveu logo toda a sua attenção. Pareceu-lhe que ella lhe fazia tregeitos amorosos, que o chamava e que lhe dizia: — Acompanha-me; iremos juntos para terras longinquas; ambos infatigáveis, noite e dia, caminharemos par e passo, vadearemos os rios, galgaremos as montanhas, e todas as manhãs mudaremos de horizonte. Vem, eu te espero, dá-me o teu coração, eu sou a amiga fiel dos vagabundos, e a divina mestra dos corações fortes e ousados, que tratam a vida como uma aventura...

Gilberto não era homem que sonhasse muito tempo. Tornou a si, levantou-se e sacudiu-se.

— Ha pouco julgava-me assizado, mas não pareço sel-o. Eia, coragem, continuemos a nossa marcha, e partamos para Geierfels.

Ao penetrar na cozinha da estalagem para pagar a despeza, achou o estalajadeiro occupado em lavar com agua morna a face de um menino, da qual corria sangue. Durante esta operação, o menino chorava e o estalajadeiro blasphemava. Então appareceu a mulher que lhe perguntou o que tinha acontecido ao menino.

— Aconteceu, respondeu elle enfadado, que ha pouco o Sr. Stephane passava a cavallo no caminho do Moinho, e o menino ia a pé ao lado d'elle com seus porcos. O cavallo, em que ia o Sr. Stephane montado refugou, e este que a custo pôde sustelo, disse ao menino: — Acreditas, meu imbecil, que o meu cavallo foi feito para engolir o pó que os teus leitões levantam? Põe-te ao largo, leva-os para o matto, e deixa o campo livre! — Antes o senhor dá a volta, porque o atalho fica a dous passos d'aquí, respondeu o menino. Então o Sr. Stephane enfadou-se; e porque a criança pôz-se a rir metteu-lhe o cavallo em cima e açoutou-lhe o rosto com o seu chicote. Com os diabos! Appareça-me elle, que lhe ensinarei a ter melhores modos! Juro que o atarei a uma arvore e lhe quebrarei dez molhos de varas nas costas!

— Ah! Vê lá o que dizes, meu velho Peter! replicou sua mulher assustada. Se pizeres o pelo do menino, poderás attrahir sobre ti muitas azas más!

— Quem é o Sr. Stephane? perguntou Gilberto.

O estalajadeiro, que se accommodára com a observação de sua mulher, respondeu-lhe secamente: — Stephane é Stephane, os curiosos são curiosos, e os carneiros vieram ao mundo para serem degolados.

— E disse melhor o fez, porque o pobre Gilberto pagou o estalajadeiro cinco ou seis escudos mais do que valia. — Não gosto nada d'esse nome, disse elle consigo ao retirar-se, porque, por sua causa, acabo de ser esfolado. Sou para culgado de que tenha a mão leve

Gilberto desceu a eminencia e achou-se na estrada real, que não lhe agradava mais, porque sabia para onde ella o conduzia. Em caminho perguntou se Geierfels ainda ficava distante, e respondendo-se-lhe que se não parasse chegaria alli em menos de uma hora, Gilberto affrou. Xou os passos, porque decididamente não tinha pressa de chegar.

A primavera fôra sempre sua estação de melancolia. Quando as arvores se cobriam de novos rebentões, parecia-lhe natural que sua vida tambem verdecesse; mas debilide elle olhava para as pontas dos ramos, nenhum renovo descobria. Parecia-lhe que o seu destino tinha a cor das folhas seccas, e todavia o seu coração exalava perfumes, viços da primavera, porque, a despeito de tudo, esse coração era juvenil. — Não, não é meu coração que é juvenil, dizia elle, ao passo que caminhava, é o meu espirito. O bom do doutor julga-me uma sensitiva, e não sabe avaliar como eu sou senhor dos meus sentimentos. E, realmente, não me custa e não me dá trabalho, porque elles nunca me deram assaltos perigosos. Estou certo que quando tiver 30 annos não saberei, senão por ouvir dizer, o que é essa loucura que o mundo chama amor. E' um paiz de fadas á que nunca apertei... porque das milhas apaixonadas de vinte annos nem vale a pena fallar! Ellas nunca me ensinaram cousa alguma... Realmente, creio, que a natureza, creando-me, não quiz que eu pagasse as custas; ella não me deu roupas novas, e aninhou no meu coração, um coração já velho e gasto.

Esse coração tem cicatrizes de feridas, que nunca recebi, e possui reminiscencias longinquas de paixões que não me lembro de ter nunca sentido. Na minha existencia actual, não sou mais do que um contemplador apaixonado. Praza ao céo que o meu espirito conserve para sempre essa mocidade! Verdade eterna: praiza a Deus que meus pensamentos tenham sempre azas para chegar até vós!... E' contudo, disse ainda elle de si para si, as ambições do espirito são uma origem de padecimentos. A vida é facil para os mochos, os espaços não os convidam; mas a agúia quer subir até o sol, ainda que caia sem olhos, com as azas quebradas, e entregue ás ondas dos mares seus tristes despojos.

O esplendor do empyreo estancará por instantes a sede ardente da pupilla de seus olhos, e seu olhar abrangerá, de um só lance, o perfil da celeste claridade.... Eu, Gilberto, que não pertengo á confraria das agúias, tenho-as acompanhado de longe nas suas ascensões aereas, e mais de uma vez tenho sentido as dolorosas voluptuosidades da vertigem. São estas as unicas aventuras de minha vida. Ah! permita o céo que eu nunca me arreccie de tão gloriosas fadigas!

E acrescentou, exaltando-se: — Aquelle que algum dia for senhor da verdade; que com labios puros puder receber essa hostia bemdita; que sentir sua carne tremer a esse contacto sagrado e a vida divina derramar-se como uma torrente nas suas veias abrasadas... esse poderá gabar-se de ter vivido... E, contudo, não me bastaria isso. Quizera achar occasião de fazer uma acção que eu nunca me arreccie de tão gloriosas fadigas! uma acção de que se pudesse dizer: « Feus estava presente », uma acção de fé, de dedicação,

cuja lembrança derramasse suave perfume sobre minha vida. Ah! em materia de virtude, o destino parece condemnar-me a uma *ração congrua*.

Entregue a estas reflexões, Gilberto continuava a caminhar. Apenas distava meia legua do castello, quando viu um pouco acima da estrada, uma linda fonte, abrigada por uma gruta natural e á qual conduzia um trilho estreito, que exerceu sobre Gilberto uma attracção irresistivel. Sentou-se sobre o resalto d'essa fonte, encostando os pés á uma pedra musgosa. Era a ultima vez que devia parar, porque era quasi noite. Ao murmúrio da agua que refervia na bacia, Gilberto, tornara a encetar o seu colloquio interno, quando despertou repentinamente das suas meditações ao tropel de um cavallo que galgava o caminho. Ergueu os olhos e vio approximar se-lhe, montado em um soberbo lazão, um mancebo de 16 annos, cuja figura magra e pallida era moldurada por magnificos cabellos castanhos claros, que lhe cabiam em cachos sobre os hombros. Stephane era baixo de estatura, mas admiravelmente esbello e bem feito de corpo. As suas feições, comquanto nobres e regulares, despertaram mais sorpresa do que sympathia em Gilberto; sua expressão era rispida, secca e triste, e n'esse bello rosto de adolescente não se sobrigava nenhuma das graças da mocidade.

O joven cavalleiro veio direito a elle, e quando se achou cerca de dous passos arredado da fonte, exclamou em allemão, e com voz imperiosa:

— O meu cavallo tem sede. Meu caro senhor, arredai-vos!

Gilberto não se moveu.

— Sois por demais imperioso, meu joven amigo, respondeu elle na mesma lingua, que sabia perfeitamente, mas que pronunciava diabolicamente, isto é, á franceza.

— Quanto exigis por vossas lições de polidez? replicou o mancebo, contrafazendo sua ridicula pronuncia. E acrescentou em francez, com uma impureza de accento irreprensivel: — Ora pois, mexa-se, porque eu não gosto de esperar. — E estalou o seu chicote.

— Sr. Stephane, disse então Gilberto, que tinha presente a aventura do pequeno Wilhelm, essa vergasta ainda vos pôde ser prejudicial.

— Quem vos deu o direito de saber o meu nome? exclamou elle impetuosamente, imperitando-se.

— Este nome já é celebre no paiz, respondeu Gilberto, e escreveste-o ha pouco em caracteres muito lisiveis sobre a face de um pequeno porquero.

Stephane, porque era com effeito elle, enrabecou de colera e ergueu o chicote, com ar ameaçador, mas Gilberto com uma pancada do set bastão fez o chicote ir parar no fundo de um fosso, a vinte pés de distancia.

E quando olhou para o mancebo, arrependeu-se do que tinha feito, porque o seu rosto mettia melo; sua pallidez tornou-se livida, todos os musculos do rosto se tinham contrahido, e seu corpo era presa de movimentos convulsivos; em vão procurava fallar, a voz expirava-lhe nos labios, e dir-se-hia que sua alma estava prestes a abandonar-o. Arrancou precipitamente uma das luvas e quiz atiral-a á face de Gilberto: mas sua mão deixou-a cahir. Por momentos contemplou com um olhar de despreso essa mão des-

azada, cuja impotencia amaldiçoava; de seus olhos brotaram lagrimas copiosas, e inclinándose sobre o pescoço do seu cavallo, murmurou com voz suffocada:

— Pelo amor de Deus, se não quereis que eu morra de raiva, restitui-m'o... sim, restitui-m'o....

Elle não pôde acabar; mas Gilberto já se tinha atirado ao fosso e apanhado o chicote, que lhe entregou, com a luva. Stephane res; ondeu-lhe com uma livre inclinação de cabeça, mas sem olhar para elle. O joven cavalheiro tinha os olhos pregados no arço do sellim; parecia querer apressar-se de si mesmo. Gilberto compadeceu-se do seu estado, e voltou-se para não incommodal-o com o seu olhar; mas na occasião em que se inclinava para apanhar o bastão e a mala, o mancebo com uma chicotada bem applicada, arrebatou-lhe o chapéo que cahio no fosso, e quando Gilberto sorprendido e indignado quiz precipitar-se sobre o joven traidor, elle deitou o cavallo a todo o galope, e em um abrir e fechar de olhos, alcançou a estrada real, onde desapareceu em um torbilhão de pó.

Gilberto ficou attonito com este acontecimento que sua philosophia não parecia perdoar-lhe. Poz-se a caminho com ar pensativo; vendo sempre diante de si o rosto pallido e descomposto do mancebo. — Este excesso de desesperação, dizia elle consigo, denota uma alma orgulhosa e apaixonada; mas a perfidia com que retribuiu a minha generosidade é de um coração vil e depravado... — E, batendo com a mão na testa: — Mas agora me lembro, esse pimpelho não pôde ser senão o filho do con-

camente, e depois de ter acceso e collocado duas velas sobre uma mesa redonda, sahio, e só voltou vinte minutos depois, trazendo uma bandeja com um samovar, uma empada de veado e aves frias. Gilberto comeu com appetite, e a comida soube-lhe bem.

— Os meus loucos sonhos, disse elle, não me transtornaram o estomago.

Gilberto ainda estava á mesa quando o criado voltou e entregou-lhe um bilhete concebido n'estes termos:

« O Sr. Leminof felicita o Sr. Gilberto Savile pela sua chegada, e terá o prazer de visital-o amanhã de manhã. »

— Amanhã o nosso viver mudará de condição, disse Gilberto, saboreando uma excellente chavena de chá verde, e folgo muito com isso, porque não approvo o uso que tenho feito das minhas horas vagas. Passei o dia inteiro a raciocinar sobre mim mesmo, e a discorrer sobre o meu espirito e o meu coração. E' sem contradicção um passatempo desagradavel e estúpido...

E tirando da algibeira um livro de lembranças, escreveu estas palavras: « Esquece-te, esquece-te. » Gilberto imitou o philosopho Kant, que não podendo consolar-se da perda de um criado velho chamado Lampe, escreveu no seu diário: « Lembra-te de esquecer Lampe. »

Conservou-se por alguns instantes em pé no vão da janella, contemplando a abobada celeste, que resplandecia de mil logos; depois mettu-se na cama, mas o seu somno foi desasocegado: Stephane appareceu-lhe em sonhos... Parecia-lhe vel-o ajoelhado na sua presença, com o rosto banhado em lagrimas, e que o mancebo ao aproximar-se d'elle para consolal-o, tirou do seio um

no seu coração.

agradecimentos pelo... preciso que me mandou. Se o mandasse fazer de encomenda, não saberia mais de meu gosto. E' precisamente o utensilio de que precisava; mas permitta-me que lhe diga que se este moço me agrada, é por que se não parece em cousa alguma com o retrato que me fez delle. Anunciou-me um heroe de Berquin, e preparava-me para reenviar-lhe'o. Meu caro doutor os moços de hoje são mais complicados que parece: a candura não é sua partilha; são todos muito sabidos em arithmetica, e o mais ingenuo é um chim em embrião. O que me agrada no seu candido amigo, é que elle se descreve a si proprio. Explicou com todos os promenores o machinismo que chamaes bella alma: mostrou-me a mola real, o movimento, as rodas dentadas, os parafusos e os sons. A maior vantagem do relógio é que anda com o dedo e designa sempre a hora que se deseja. Deste modo, o moço me parece felizmente dotado; é um erulito perfeito, que tem o senso justo e o espirito critico. Na verdade, não podia encontrar quem mais me conviesse. Adeus, meu caro doutor; conte com o meu reconhecimento e ponha-me aos pés de M.^{me} Leminof, se não esqueceu seu indiguo servo.

KOSTIA PETROVITCH LEMINOF.

(Continúa).

no salão principal, ressaltado, e a cus- ravel acontecimento; e para que nada faltasse á sumptuosidade d'essa festa, Roussel mandou vir algumas d'essas celebres bailarinas da India, das quaes as nossas dansarinas da Europa não são mais do que ridiculas imitações.

Os vinhos do Cabo e de França fumegavam nas taças, e os montes de fructas se abatiam aos ataques repetidos dos convivas, quando a multidão dos criados se afastaram de repente para dar passagem ao noivo de Laura.

— Jorge! exclamou o armador.

— Sim, meu bom tio, Jorge, que não podendo emprestar azas a seu navio para accelear sua marcha, as deu ao seu coração.

O tio e o sobrinho abraçaram-se com a mais terna effusão. Mas os olhos do joven marítimo percorreram rapidamente a sala, e sua physionomia exprinuo uma vaga inquietação.

— E minha prima? perguntou elle vivamente.

— Tranquillisa-te, retorquiu Roussel, fazendo-o sentar-se a seu lado. Laura procede como uma noiva que vê finalmente chegar o dia feliz. Ella desfolha rosas, enquanto espera, em St. Cloud.

— Que quer dizer então esta festa?

— Ah! ah! E' a minha surpresa.... De hoje em diante não existe mais em Chandernagor a casa Roussel, que é substituída pela casa Manciere, que é o meu successor, e que aqui te apresento.

tudo os criados obrigados dos europeos, soube estabelecer entre elles uma especie de espionagem reciproca, com a qual sorprendia infalivelmente todos os seus segredos.

Sua presença inspirava outrosim certo terror aos criados da casa, e quando entre elles se achava algum de máos costumes, Bondard descobria-o immediatamente e o expulsava.

O Petit Saint-Cloud era uma casa pretenciosa a fóros de grande, e cujo exterior igualava a esses castellos pesados e desagradaveis, edificados em meados do xviii seculo. Mas, pela intelligente distribuição dos diferentes compartimentos, pela sua sumptuosa decoração e por esse raro gosto do bem-estar, que é o apannagio quasi exclusivo dos creoulos, reconheciam-se os vestigios de uma mão aristocratica.

O Petit Saint-Cloud fóra, com effeito, construido pelo Marquez de F.lembourg, cujo pai foi outrora exilado por ter duvidado da virtude de uma amante irascivel do rei.

Não era uma época feliz aquella em que bastava o odio de uma corteza para mandar um homem de bem morrer a 4,000 leguas do seu berço?

E, contudo, encontram-se ainda hoje pessoas dispostas a quebrar lanças pelo regresso de um regimen tão paterno!

Cumpre reconhecer que a loucura humana nasce de uma fonte inexgotavel.

Nos fundos da casa, erguiam-se dous elegantes pavilhões de architectura india, em um dos quaes achava-se o quarto de Laura.

A filha do armador... negócios, mas avallio vezes para dorm... e amanhã antes de amarentão um... e amamos Laura.

Oh! obrigado, meu tio, obrigado!

A attenção dos convivas, preoccupada com a chegada de Jorge, fixou-se sobre as bailarinas, e a festa continuou ainda mais esplendida.

No dia seguinte, ao crepusculo, Roussel e Jorge galgaram rapidamente a cavallo os kilometros que os separavam do pequeno Cloud.

Apeçaram-se á porta da habitação, antes dos criados chegarem, para segurarem nos cavallos.

Mas logo que o armador os vio, adivinhou que se tinham passado acontecimentos extraordinarios durante a sua ausencia. O ar triste e abatido dos criados tinha o que quer que fosse de sinistro para um pai e para um noivo.

A chegada de Bondard augmentou as apprehensões de Roussel, que as lia no rosto do velho intendente.

Os cabellos do infeliz tinham embranquecido, em algumas horas.

— Que é de minha filha? Que é d'ella! exclamou o armador, cujas pernas tremiam.

— Onde está minha prima? Onde está ella? perguntou Jorge, com voz ameaçadora.

Bondard fez um aceno de desesperação, e grossas lagrimas correram pela face rugosa do velho.

— Ah! Minha filha é morta! disse Roussel; e cahio sobre um banco rustico, que se fronteiro á porta da casa.

— Desgraçada! Onde está minha prima

labios da encantadora mulher, as estremidades de seus pequenos dentes de jaspe, por entre os quaes, de espaço a espaço, escapavam ternos suspiros.

Pelo ar radiante flo seu rosto, via-se que a noiva de Jorge era embalada por um desses sonhos seraphicos que só ás virgens cabem ter. De repente o zunido discorde de mosquitos, avidos de aventuras, fez-se ouvir. O mais atrevido pousou sobre a testa de Laura, e foi seguido, á vista da ousadia do seu companheiro, que ficára impune, pelos outros.

Laura limitou-se a passar a mão pelo rosto; mas as picadas tornaram-se tão dolorosas, que agitou-se em todos os sentidos e acordou por fim.

— Que fazes, Nadda, que deixas-me ser devorada? disse ella, abrindo os olhos.

Mas Nadda estava ausente. Laura, estupefacta por se ver só, ergueu-se a meio corpo e chamou sua camarista, enfadada.

Varios criados acudiram a seus gritos.

— Onde está Nadda? perguntou Laura; quero que a procurem.

— Nadda estava ha pouco ao lado de sua ama, disse uma mulher quarentona, que criara Laura. Se Nadda não está em casa, é porque partio.

— Partio! E porque? Disse-t'o?

— Nadda não confia os seus segredos a ninguém; mas ella nasceu na choupana, e não na mão da filha, um tecto de pedra.

Sombrio e ameaçador, nenhum de vós gosta de saber o nome do marido a trato; e devia exercer sua vingança.

Ao primeiro lance de olhos, reconheceu signal de dedos humanos sobre o pescoço e os braços da sua noiva.

A' instancias do doutor inglez, Roussel e Jorge retiraram-se do quarto de Laura; mas antes de azê-lo, o armador disse ao medico:

— Restitui-me minha filha, e contaí com o meu reconhecimento.... A minha fortuna é colossal.

— Não se trata agora disso, respondeu o medico com dignidade, e sim de salvar esta senhora.... Confiai-a á minha longa experiencia, que tudo farei para vol-a restituir sã e salva.

— Deus vos ouça! meu doutor.

Roussel e Jorge acompanharam o velho Bondard, que lhes contou, entre soluços, o drama de que fóra theatro aquella casa na noite anterior, attribuindo energeticamente todos os factos então occorridos á confiança que Roussel e sua filha tinham depositado nos Hindous.

Mas elle ignorava os detalhes horribes do crime commettido pelo Tugg.

O pai e a noiva tambem nem se quer o suspeitavam. Obrigado pelas exigencias do seu pai, a regressar para Pondichéry, Jorge, mergulhado na mais profunda dôr, retirou-se d'aquella casa sem ter podido ouvir uma só palavra da sua noiva.

Roussel substituiu-o á cabeceira da doente. O curativo foi lento, e só depois de algumas semanas Laura pôde dar um passeio ao jardim.

— Laura pôde dar um passeio ao jardim, da no braço de seu pai.

lho de expulsão, disse Laura, que estimava essa moça; Nadda não voltará.

— Deus vos ouça; será uma pequena perda, acreditai....

No mesmo instante a joven Hindou, com a cabeça ba'xa, os olhos inundados de lagrimas e o rosto consternado, appareceu á porta do gabinete.

— D'onde vens, desgraçada? lhe disse Laura, procurando revestir-se de um ar severo.

— Perdão! perdão, minha boa ama! eu vos contarei tudo.... murmurou a camarista, prostrando-se aos pés de Laura.

— Não lhe deis ouvidos, mademoiselle, retorquiu vivamente Bondard; esta atrevida canta como uma serê, e zombará da vossa bondade. com alguma historia falsa. Se eu estivesse em vosso lugar, a expulsaria d'aqui.

— Mas felizmente não o estaes, disse Nadda, envolvendo o velho intendente com um olhar chammejante. Minha boa ama se compadecerá da sua dedicada escrava!

Laura só queria perdoar. Essa ostentação descommunal de rigor não se alliava com o seu bom genio e sua predilecção pela joven Hindou.

— Ergue-te, disse-lhe ella, e expõe-me a razão por que te ausentaste. Venci depois o que hei fazer.

— Oh! obrigada, minha ama! obrigada! disse Nadda, cobrindo de beijos a fimbria do vestido de Laura antes de erguer-se; mas o segredo que exigis de mim não pôde ser ouvido pelo patrão.

Os criados de Roussel assim chamavam o velho intendente.

— Vamos, meu bom Bondard, disse Laura sorrindo, Nadda não gosta de não ver mais tarde.

— Não se dá tempo de fallarmos com franqueza.

— Que quereis dizer, meu tio?

— Tu sabes de que modo os nossos planos foram destruidos....

— Não tencionaes mais, meu tio, replicou Jorge, conceder-me a mão de minha prima?

— Ainda pensas n'isso?

— Sim... porque só vivo para ella e por ella...

Se tivesse de renunciar á sua posse, matar-me-hia!

— Não repitas, Jorge, estas palavras... O meu maior desejo é chamar-te meu filho... mas receio não vel-o nunca realiado.

— Porque? Quem o impedirá?

— Laura é victima de uma enfermidade incuravel...

Que enfermidade poderá resistir a um curativo tenaz?... Iremos á Europa; consultaremos os mais habéis profissionaes, e envidaremos todos os esforços para salvá-la... Mas, por Deus vos peço, apressai a occasião em que me seja permitido cural-a, porque eu a salvarei, acreditae-me!

— Po's bem! Conjinto que o faças... Falla a tua prima, pergunta-lhe se, apezar do máo estado de sua saude, ella quer dar-te a mão de esposa... Quem sabe se essa resolução não operará um curativo que os habéis esforços de um medico abalisado não poderam conseguir?

quereis? perguntéi-lhe: não carecemos agora de criados.

— Nadda, és tu? respondeu-me.

O meu sangue gelou-se e exclamei: — Meu irmão! meu bom irmão!

— Porque não m'o disseste; eu teria ordenado que teu irmão entrasse para o serviço da casa.

— Agradeço a vossa bondade; mas meu irmão é brahmene, e se julgaria deshonrado, se se fizesse criado.

— Porventura possui elle os recursos necessarios para viver?

— Os Hindous não são como os europeos; algum arroz, o fructo do *naryel* e a agua da fonte suppreem todas as suas necessidades.

Enquanto Nadda concluiu o conto que sua ama ouvia, levantemos a ponta do véo que nos encobre toda a veridade.

Na vespera, com effeito, Nadda, que se afastára um pouco de casa, vio-se de repente na presença de um Hindou, que sahio de uma pequena mouta proxima ao caminho e que lhe disse:

— Nadda, olha para mim! E agarrou-lhe no braço.

— Poria! exclamou a infeliz, immovel de espanto.

— Sim, Doria, que te reconheceu o outro dia, quando salvou a bella moça loura das garras da panthera.

— Que queres de mim agora? perguntou Nadda, cujo corpo tremia de medo.

— Ouve, Nadda; tu és uma moça Tugg, e além disso és minha mulher; são dous titulos...

— Finalmente, Jorge, e titulo era a maior felicidade que eu poderia esperar na terra!

— Pois bem, esse sonho de vossa vida, esse alvo de vossos desejos, essa felicidade suprema, depende unicamente de vós... E portanto, fallae, designai o dia em que se realizará tanta ventura.

— Nunca! disse Laura desvairada, nunca, repito, porque o inferno abriu um abysmo que nos deve separar eternamente.

— Laura, não fostes vós, não, que pronunciaes estas horribes palavras!... O delirio apodou-se de vosso espirito, a febre vos allucina... Laura, lembrae-vos que quem vos falla é Jorge, vosso amigo, vosso noivo.

— Mas vós não podeis comprehender quanto padeço, ouvindo-vos fallar assim...

O mancebo contemplou-a em silencio por alguns instantes, e depois travou-lhe da mão.

(Continúa.)

O MISSIONARIO

(Continuação)

Carlota Vergniaud não fóra casada. Nascida de familia honrada, porém pobre, entrou por circunstancias alheias a esta narrativa, na carreira theatral onde seu talento, espirito, e formosura lhe asseguravam triumphos brilhantes e rapidos. Aos dezoito annos fazia as delicias dos fre-

Nadda esquivou-se para levar a chave do pavilhão a Doria.

A infeliz mulher do tugg passou o resto do dia em uma inquietação mortal. Teve impetos de confessar tudo a Laura; mas as ameaças do Hindou suplantaram a voz da consciencia.

A moça tinha jovialmente terminado o resto do dia em companhia da mulher de um alto empregado da companhia das Indias, cuja casa só era separada do pequeno Saint-Cloud pelo parque, e não tardou em ganhar seu quarto de dormir.

Nadda vivia ainda como a raça vagabunda, de que era oriunda; alguns grãos de arroz e uma esteira sobre a qual dormia bastavam para suas necessidades.

A joven tugg estendia essa esteira em uma antecâmara estreita, pela qual se chegava ao quarto de Laura.

Nadda não pôde dormir essa noite.

Previendo acontecimentos extraordinarios, collocára a seu lado sua simples bagagem, e esperava, coberta de um suor gelado, a chegada de Daria.

A noite ia alta, e o tugg não apparecia. Nadda acariciava talvez a esperanza de que elle tinha servido de pasto aos animaes ferozes, quando sua attenção foi despertada por um rumor regular, mas quasi imperceptivel, que vinha do fundo do jardim.

Pôz a cabeça fóra da janella e pôde distinguir uma sombra esgueirando-se a alguns passos.

Mas, no mesmo instante vio a sombra de Bonnard sahir do pavilhão opposto.

Apezar da profunda escuridão da noite, Nadda vio brilhar o cano de uma carabina entre suas

era o arripedim...

tregar a Deos, que a encammasavam a uma nova vida. Não tinha outro movel senão o amor maternal. Só elle a faria mudar de vida.

Chegou a São Tropez e ali se installou, resolvendo a consagrar-se toda á educação de seu filho. O menino era intelligente; devia um dia ser rico, e Carlota não queria negligenciar cousa alguma para lhe assegurar no mundo uma elevada posição. Mandou buscar um preceptor a Paris e confiou-lhe a educação de Severino, sob as vistas della.

Seis annos assim decorreram sem que faltasse uma só vez aos graves deveres que se havia imposto. Mostrou-lhe uma affeição sincera e nunca mulher honesta viveu mais puramente que Carlota durante este periodo de sua vida.

E no entanto soffria, sem que o presentissem os que a rodeavam cruéis angustias. Costumada a uma existencia ruidosa, ás aventuras da vida do theatro, aos applausos, a solidão em que se achava lhe pesava duramente. Entregue até então ao amor ou pelo menos a caprichos que lhe revestiam as apparencias, seu coração agora desoccupado, soffria de uma doença inexplicavel, resultado do vacuo que ali se fizera. Só conhecera metade das doçuras da maternidade. O amor de seu filho não lhe bastava. A natureza, que lhe dera uma compleição amorosa, um temperamento de cortezã, reclamava seus direitos,

dard, que se demorou quasi me'a hora, reinou o mais solemne silencio em toda a habitação.

Mas vinte minutos depois da ronda do intendente, Nadda com um pequeno embrulho e o rosto banhado em lagrimas, seguia o caminho que lhe indicara seu marido.

Ficando só, este introduzio-se como um reptil em todos os cantos do quarto, afim de reconhecer exactamente as suas disposições.

Concluido o reconhecimento, voltou para trancar a porta principal por dentro. Depois, levantou os mosquiteiros, e abriu uma janella elevada apenas um metro acima do chão do jardim.

Concluidos esses preparativos, Daria tirou uma mordaca da cintura, e esgueirou-se para o quarto em que Laura dormia pacificamente.

Uma pequena lampada, collocada sobre um velador, projectava sua claridade avermelhada e incerta sobre os moveis mais proximos, permanecendo os angulos em uma escuridão quasi completa.

Ou porque o presentimento do perigo perturbasse o descanso da moça, ou porque o seu espirito fosse de repente invadido por um sonho desagradavel, suspirou profunda e consecutivamente, e levou as mãos á cabeça. O Tugg agachou-se atraz da cama.

Laura entre-abriu os olhos e lançou um olhar vago sobre todo o quarto, depois voltou-se para o lado da rua, e tornou a dormir.

Daria approximou-se então serpeando. Em uma das mãos segurava o laço e com a outra a mordaca.

Depois que se aproximou da lampada, apagou-a, e precipitou-se sobre a cama de um só jacto.

Laura soltou apenas um surdo gemido, e não despresar sua mãe.

O preceptor era um homem honesto. Tinha pelo discipulo viva affeição. Tornou-se-lhe um pai.

Durante seis annos, proseguindo os estudos começados, fêl-o viajar, fallando-lhe de sua mãe como de uma mulher superior, completamente subjugada pelo amor da arte, explicando-lhe assim a longa separação que se preparára entre Mme. Vergniaud e seu filho. O velho e o menino visitaram toda a Europa, depois embarcaram para o Oriente. Severino entregou-se livremente a seus instinctos, que o levavam de preferencia para os estudos sagrados. Era um ente scismamador, contemplativo, mas entusiasta. Em Roma, encantaram-o as pompas da igreja; em Jerusalem, ajoelhou, fremente de emoção, sob as abobadas do Santo Sepulchro.

Foi nesta cidade que teve a dôr de perder seu mestre, que uma epidemia local arrebatou em algumas horas, o qual antes de morrer lhe disse estas palavras:

— Meu filho, como te conheço, nasceste para sacerdocio. Consagra-te a Deos. A igreja não terá nunca um apostolo mais intrepido que tu. Ama tua mãe mais que ella te amou. Não lhe faças nunca exprobração alguma. Não deixes de a respeitar, saibas o que souberes d'ella. Não te pertence julgar-a; mas lembra-te que se Deos te

por entre a clara-boia o bandido erguer-se agilmente e fugir em direcção á choupana.

No dia seguinte, descobrio-se um grande rastilho de sangue, que designava a passagem do tugg, mas nem elle nem Nadda foram encontrados.

As feridas da pobre Laura aggravaram mais sua razão do que seus dias. Seu rosto estava coberto de contusões, e seu pescoço trazia o signal dos dedos aduncos do bandido. Em vão procurou-se um pequeno collar de perolas que herdara de seu pae, e que prezava muito.

Provavelmente elle lhe fora arrancado na luta.

Algumas horas depois d'este horrivel acontecimento, a infeliz Laura era presa de um serio ataque de febre cerebral.

(Continúa)

O MISSIONARIO

(Continuação)

Visto d'este ponto, o Mediterraneo não tem limites. Para qualquer lado que Mme. Vergniaud voltasse os olhos, por mais longe que fosse, não via mais que a onda azulada, embalada pela briza, em seu grande leito, e cujas vastas e importantes lambiam os declives. Na superficie das... com uma mulher mais scentelhas ser... amava intoleravel prisão. que f... soube de sua desgraça, de repente, sem ter tido tempo de preparar-se para o choque. O desaparecimento de sua felicidade foi subito, fulminante, terrivel. Mas, ao mesmo tempo, enviou-lhe Deos como consolação e remorso, a lembrança de Severino.

Á esta lembrança jurou reparar a sua falta para com seu filho, com a immensidade de seu amor. Foi ella que lhe deu força de suportar o seu desgosto, no qual viu a justa expiação da fraqueza com que havia esquecido seus deveres. Separou-se de seu indigno amante, sem colera, com dignidade. Depois escreveu a Severino uma carta que, por desgraça de ambos, elle não recebeu. A carta em que Carlota exhalava um grito de soffrimento e lhe dirigia supplicas de perdão, permitiria a este conhecer o mal que a devorava. Era o temor de haver perdido a estima e o amor de seu filho. Se Severino o tivesse sabido, tranquilisaria sua mãe. Mas não o conheceu nunca; porque o que lhe escreveu neste momento de expansão, não se atreveo a confessar-lh'o mais. Acolhe-o com embaraço. Elle proprio não se approximou della sem receio. Um primeiro movimento della podido tudo salvar. Mas não se dando, subsistio a desconfiança mutua, ainda que invisivel.

A principio, não deixaram transparecer cousa alguma. Severino evitou cuidadosamente qualquer allusão ao passado. Testemunhou a sua m um amor sincero e entusiasta. Quanto a Carlota, activa e feliz por encontrar seu filho nesse mancebo de superior intelligencia, culti...

afflictas que padecem em silencio, e lhes desagrada inspirar compaixão. Fiz mal em me julgar só. Mas agradeço-lhe as boas intenções.

Tendo-se exprimido d'este modo, Mme. Vergniaud levantou-se, comprimou Mme. Faverney e deu um passo para retirar-se, bem que experimentasse, no fundo do coração, um começo de sympathia por aquella moça em quem Cassinell lhe havia fallado.

— Para que fugir-me? Não a conheço, mas advinho-a. E' Mme. Vergniaud. Sabia-o, e muitas vezes, desde que soube de sua proxima chegada, pensei na senhora. Vivo só, sózinha aqui, sem amizades. Esperava encontrar na senhora, se não digo uma amiga, ao menos uma companheira. Compreender-me-ha se acredita em presentimentos.

— Sim, creio, murmurou Mme. Vergniaud, levantando os olhos para o céu.

— Conhece então os sentimentos que me agitam. Disse comigo, será talvez inconveniente apresentar-me em sua casa, e contei com a casualidade de um encontro. Deu-se o acaso: eis-me em face de quem desejava conhecer. Assim não me fuja. Sei que ha dores orgulhosas que não aceitam consolações dos outros. Mas arrasta-me para sua presença um sentimento irresistível que me deve perdoar.

— Estas palavras de tal modo que a o triumpho. e de estendeu expontaneamente formal para que p... uma express-resposta. Mas,

— Sim, minha mãe, tenho pensado na carreira.

— E qual escolhes?

Severino hesitou ainda, fez um esforço e respondeu.

— Quero ser padre e consagrar-me á obra das missões estrangeiras.

A estas palavras que tão pouco esperava ouvir, Carlota levantou-se vivamente.

— Padre! padre! tu! Nunca enquanto eu viver.

Vio de repente seu filho arrastado para longe de seus braços, no meio de perigos quotidianos, sua propria velhice votada a espantoso isolamento, e a impressão produzida sobre ella por este espectáculo traduzio-se em um grito que affligio Severino sem o desanimar.

— Não diga isso, minha mãe. Porque não serei eu missionario?

— Porque? Consentirás tu em me abandonar para sempre, sem compaixão para comigo? Não sabes, filho cruel, que se te perco, morro!

Severino meneou a cabeça.

— Não, não, tornou elle. Deus lhe dará a coragem do sacrificio. Além de que, quando nos ama pode-se-lhe resistir?

Estas palavras augmentaram a irritação de Mme. Vergniaud. Se a mãe soltou o primeiro rito de desespero, a mulher incredula se revelou em seguida:

— Que linguagem é essa? exclamou ella iradamente. Que reacção recebestes? Poderia

momento Léa podesse ver o seu rosto, descobriam lagrimas silenciosas, arrancadas áquella pobre mãe, pela recordação invocada.

— Não tenho filhos, respondeu Lea, e não sei o que faria se me visse em uma situação semelhante á sua. Mas parece-me que se tivesse um filho, e elle illudisse as minhas esperanças, persistindo, contra vontade minha, em seguir carreira contraria a meus gostos, não hesitaria em collocar entre mim e elle uma barreira invencível. Não posso accusar portanto o seu procedimento.

— Não é verdade, exclamou Mme. Vergniaud, que meu filho me devia obediencia, que minha vontade não devia curvar-se ante a sua?

Lea respondeu affirmativamente.

— Os filhos são ingratos, continuou tristemente Mme. Vergniaud.

Houve um momento de silencio. Mme. Vergniaud parecia entregue a sombria meditação, enquanto em face d'ella Lea se conservava immovel, não osando provocar a confidencia de um segredo que tanto desejava conhecer. Soube no seu complexo da historia de Mme. Vergniaud, mas ignorava os promenores. Queria saber por que circumstancia ella havia sido compellida a renegar seu filho.

Não se atreveu todavia a interrogala, e, guardando para hora mais propicia as perguntas que se propunha dirigir-lhe, procurou desviar o assumpto da conversa.

— Espera demorar-se muito tempo neste paiz? interrogou ella.

— Meu desejo é não sahir mais

Carlota julgou

obtendo esta concessão. Enganava-se. Debalde, desde o dia seguinte, impellio ella propria seu filho para os atrativos da vida parisiense onde tantas mães temem ver soçobrar seus filhos. Em vão ousou intrometer-se em seus prazeres, facilitando-lhe complacencias indisculpaveis; de balde empregou esforços sobrehumanos para que Severino se namorasse de muitas mulheres do theatro que se prestaram a este papel; não alcançava o fim que tinha em mira. As seducções deixaram Severino insensível. Gastou em obras meritorias a maior parte do dinheiro de que ella o obrigava a dispôr.

Assim se passou o anno. Mme. Vergniaud esperou que terminasse este prazo em terrível anciedade. No dia marcado, de manhã, Severino apresentou-se em sua camara e lhe disse:

— Terminou a experiencia, minha mãe. Cabe-lhe cumprir a sua promessa. Persisto em todas as resoluções que lhe fiz conhecer ha um anno.

Em vez de responder, Mme. Vergniaud deixou-se tomar de violenta colera. Cobrio de maldições a religião que lhe arrebatava seu filho. Este mesmo não escapou a suas imprecações. Censurou-o, accusou-o de não ter coração, de não amar. Estava como louca e o espectáculo de suas lagrimas dilacerava o coração de Severino.

— Somos aptas para nos comprehendermos, exclamou. A religião tirou-lhe seu filho: e a mim arrebatou-me o coração de meu marido.

— Ah! quanto a deploro! Mas se não receia a luta, deve sahir victoriosa. Tal como a vejo e a presinto, seu marido deve amal-a.

— Ama-me! mas sacrificar-me-ha á sua religião, se recuso seguil-o na estrada que trilhou, e onde o não acompanharei de certo.

— Então não crê? perguntou Mme. Vergniaud.

A esta pergunta Lea não respondeu logo. Parecia preparar o que devia dizer-lhe. Depois com voz firme:

— Interroga-me? A resposta que vou dar-lhe atterral-a-ha talvez. Não comprehende nem as minhas idéas, nem a minha linguagem. Não fui educada como os outros. Minha juventude foi uma tempestade: o meu espirito conserva ainda os signaes dos combates que sustentou. Não a surpresendam pois as palavras que sahirem da minha boca.

Mme. Vergniaud esperou friamente. Lea proseguio:

— Creio em um poder sobrenatural, mas inconsciente, se não voluntariamente máo, que se diverte com os nossos destinos, que conduz os homens e as cousas, e nos entrega desarmados ás paixões que faz surgir em nosso caminho. Não posso negal-o, pois que se patenteia a cada momento na natureza, na vida dos povos, na existencia individual de cada um de nós. Vejo-o

O seminario está situado no extremo da rua de Bac, perto da rua de Sévres. A' excepção de uma cruz de madeira, sobre o portal, nenhum signal exterior o designa ás vistas do transeunte.

E' uma vasta e já veneravel casa, situada entre um pateo que dá accesso á capella, e um extenso jardim cujas arvores, plantadas pelo fundador do estabelecimento, são duas vezes seculares.

As aléas são largas e areadas, os prados cercados de espinheiros, as arvores uniformemente cortadas na copa, como as do parque de Versailles. O portal por onde se desce da casa para o jardim, as cariatides que ornamento vão das janellas, tem no mais alto gráo o cunho architectural do decimo septimo seculo.

No interior do seminario, ha longos corredores nos quaes se abrem os quartos dos discipulos, pequenas cellas semelhantes entre si, limpas, modestamente mobiliadas. Uma d'ellas, mais vasta, guarda a collecção das reliquias dos martyres da fé. Roupas ainda manchadas de sangue, armas subtrahidas pelos neophitos á sanha dos algozes, instrumentos de supplicio trazidos pelos que os não soffreram, quadros grosseiramente coloridos, destinados a perpetuar scenas odiosas, sobre as quaes se vêem homens soffrendo tratos, esartejados, taes

quize procurar já mais nas praticas religiosas abrigo contra suas fraquezas. Por instincto, temia mais que odiava a religião catholica em que fôra educada; a dizer a verdade, odiava-a sómente depois que seu filho lhe tinha fugido dos braços. Porém, não tentara nunca profundar seus sentimentos a este respeito, penetrar e ler claramente em sua consciencia. Havendo corrido alguns perigos em sua existencia aventureira, repellira então machinalmente as orações de sua infancia, sem saber exactamente a quem ellas se dirigiam. Fosse resultado de sua indifferença ou do sua ignorancia, tal era o estado de sua alma.

Pela primeira vez, ouvia resumidas em linguagem energica e clara, algumas das idéas que haviam vagamente entrado em seu cerebro nas diversas circumstancias de sua vida e que eram em Lea Faverney resultado de uma educação mal dirigida, de que mais tarde narraremos os promenores. Mas, ouvindo-as formular d'este modo, pareceram-lhe exageradas, aterradoras, proprias para lançar a alma no desespero.

— Não reza nunca? perguntou ingenuamente.

— Para que? exclamou Lea, com um movimento de impaciencia. Ah! por vezes sinto-me tomada do desejo de erer em um Deos a cujos pés pudesse ajoelhar-me e depôr os meus pezares. Sim, quando estou só á riba do mar, quando ouço o lamento dos pinhaes agitados pela brisa, muitas vezes meu coração soleva-se procurando o Creador de tão bellas cousas para lhe dirigir uma oração. Mas, não o comprehendo, e, se existe, como ver n'elle o Deos de misericórdia e de bondade, quando em todas as suas obras, quer seja o homem ou a natureza.

o bem? O mar, que fez tão grande e bello, é perdido; ao lado dos fructos deliciosos que suspendeu ás arvores, outros encerram venenos mortaes. Os reptis maleficos arrastam-se a nossos pés. O rouxinol canta no rosal, mas a ave de rapina o espreita para o surprender e devorar. Tudo assim é na natureza, e peor ainda na alma humana. Os nossos instinctos são mãos! a paixão está no fundo de nós, como o limo no fundo dos lagos. Como ter confiança no amor de um Deos do qual o christianismo apregôa as branduras, e que se compraz em nos fazer soffrer, torturar, rodeiando-nos de tentações seductoras, mas culpadas, sem nos fornecer armas para lhes resistir?

Estas palavras ferozes correspondiam tão bem ás proprias idéas de Mme. Vergniaud, que esta não se deu ao trabalho de as refutar. No entanto accudio-lhe aos labios uma objecção que não pôde dissimular.

— Meu filho me disse um dia, que só as praticas religiosas nos podem fornecer as armas em que me falla.

— Sim, é a linguagem de todos os padres. Mas deviam acrescentar que essas praticas nos não tornam fortes contra nossas más paixões, senão comprimindo as boas. Extinguir-nos tudo, os fervidos ardores, a razão, a vontade; fazer do homem um ser negativo, escraval-o a praticas

pueris, prestaveis apenas para entes fracos, eis o seu systema. Tenho muito orgulho para me submitter-lhe nunca.

Tendo assim fallado, Lea encaminhou-se para o lado da casa de Mme. Vergniaud. Esta seguiu-a em silencio.

— É preciso que a deixe, exclamou de repente Lea. Mas prometta-me que nos tornaremos a ver. Devemos comprehender-nos. Encantemos, amando-nos, as horas das solidões a que estamos condemnadas. Diga: quer?

— De todo o coração, tornou-lhe Mme. Vergniaud, seduzida pela linguagem e maneiras da moça.

Estendeu-lhe ambas as mãos. Lea segurou-as, e por um movimento espontaneo, as duas moças se abraçaram.

— Por causas que saberá quando minha vida lhe fór conhecida, acrescentou Lea, não posso apresentar-lhe meu pai, nem meu marido; mas encontrar-nos-hemos aqui, caso não lhe desagrade franquear-me sua casa.

— Oh! minha querida, desde hoje, minha casa está ás suas ordens.

Trocaram ainda um adeos antes de se separarem. Lea voltou lentamente para o castello de La Suse, que apenas fica a poucos minutos de São Tropez, e de onde fugia quasi todos os dias para devanear á beira do mar. Quanto a Mme. Vergniaud encontrou a porta do seu jardim ainda aberta, e entrou em casa sem que dessem por sua ausencia.

(Continúa)

AVISO

Por instancias reiteradas recebem-se assignaturas para o *Jornal para Todos*, por um anno, ou semestre, mas nunca por menos d'este ultimo praso.

PREÇO.

Por 1 anno 10\$000
Por 6 mezes 5\$000

Assigna-se na typographia Americana, rua dos Ourives n. 19.

ANEDOTAS

Garrick, tendo emprestado a um camarada que não cumpria as suas promessas, dez guinéos por quinze dias, este os pagou exactamente no dia fixado, com grande admiração de todos. Algum tempo depois, o mesmo individuo torna a pedir-lhe a mesma somma.

— Não te emprestarei mais, diz Garrick; não se me engana duas vezes.

Na taboleta de um belchior da rua de*** lia-se o seguinte: :

Vende-se tudo pela metade do preço, para liquidar.

Um sujeito entrou na loja, e perguntou o preço de uma mesa e de uma estante.

— Custam 20\$, disse o caixeiro.

— Aqui estão 10\$.

— Mas como 10\$, se lhe pedi 20\$!

— Eu bem o ouvi; mas, como na taboleta se lê que se vende tudo pela metade, eu lhe devo 10\$.

Nas ilhas Samoa ou dos Navegadores, como em todos os archipelagos da Palinezia, os chefes gosam de grandes privilegios.

Trapassem muitas vezes. Na Salacnúa, na costa S. O. de Savaii, habitava um inglez de nome Fox, homem mui probo, que se dedicava ao commercio de oleo de côco. Um dia, um joven chefe, Saclusi, veio trazer-lhe oleo. Enquanto mediam este, Saclusi bifou-lhe um pouco de fumo. Fox que percebeu o roubo, lhe disse: — Tu me me roubaste fumo, restitue-m'o.

— Sou um chefe, respondeu Saclusi, e um chefe não pôde roubar. Apoderei-me do fumo porque queria fumar. Nada mais.

E sahio, carregou a espingarda e voltou.

Fox, assentado defronte da porta, fumava tranquillamente no seu cachimbo.

— Ah! Tu disseste que eu te roubei fumo, disse Saclusi.

— Pois bem! eu te repito que um chefe não rouba.

E estendeu Fox, morto no chão.

Mezzetin, antigo personagem da comédia italiana, entra no theatro, escondendo alguma cousa debaixo do manto.

Arlequim pergunta-lhe:

— Que levas ahí?

— Um punhal, diz Mezzetin.

Arlequim procura e descobre que é uma garrafa, bebe o vinho e a restitue a Mezzetin, dizendo:

— Faça-te presente da bainha.

Um joven, autor dramatico inglez, offereci uma tragedia em 5 actos a um director:

— Minha tragedia é um trabalho primoroso, respondo pelo mais brilhante successo; e no gosto inglez; minha peça é tão tragica, todos os meus actores morrem no theatro a

— E queres são os actores perguntou o director.

— As sombras d'aquelles que matei no theatro.

PENSAMENTO.

O avarento gasta mais no dia da sua morte do que gastou em dez annos de sua existencia, e o seu herdeiro mais em dez mezes do que elle enquanto viveu.

CHRONICA DOS THEATROS.

A semana theatral, se exceptuarmos o beneficio de Mr. Vial, no theatro do *Alcazar*, foi de uma esterilidade incontestavel.

O *Gymnasio* continúa a dar-nos a *Baroneza de Cayapó*, sem que a respeitavel matrona se mostre incommodada com tão prolongada funcção.

A *Phénix* prepara-se para exhibir a parodia *Barba de Milho*; e fecha as suas portas enquanto prepara os arranjos domesticos para receber o publico.

Antes, porém, de fallarmos no beneficio de Mr. Vial, diremos algumas palavras a respeito do theatro francez, a quem os frequentadores, mesmo na quadra de monotonia, por que ultimamente tem passado, ainda não abandonaram, dando provas irrecusaveis de uma dedicacão exemplar.

Realmente, só uma grande e fervorosa dedicacão pôde explicar a presença do publico em um theatro, onde todos os dias, para variar, se re, ctem, com uma exactidão nunca desmentida, a *Grande duchesse* ou a *Belle Hélène*, a *Fleur de Thé*, ou o 2º acto de *Mimi-Bamboche*!

O expectador, não tendo com que se distrahir em scena, passa o tempo conversando nas *stalles*, ou nas galerias, e rara vez qualquer delles será capaz de responder em que acto se acha a peça, se for repentinamente interrogado por um curioso.

Em um ponto estão porém todos de accordo: é na exaggeração do preço da entrada das *stalles* d'orquestra, que, com a subida do cambio se elevou até 3# e nunca mais desceu dessa altura!

Tres mil réis para soffrer 4 horas de bundo calor! Um réis para sempre e continuamente a *Belle Fleur de Thé*, cantadas em liapasio oppoio ao preço das entradas: é muito!

Vamos agora ao beneficio de Mr. Vial.

Mr. Vial é um artista intelligente e consciencioso. Numeroso foi o concurso de expectadores que accudio ao seu convite. O salão estava litteralmente cheio.

Principiou o espectáculo pelo invariavel *intermède*. Distinguiram-se no canto Mlle. Delmary e Mlle. Valmonca: a primeira na aria da *Traviata*, a segunda na aria do *Trouvère*.

Mlle. Delmary é sempre a predilecta dessa parte do publico, que prefere applaudir o merecimento real de um artista á exhibição das bellezas plasticas, ou ás difficuldades das truancias de cyrclo, com que á forca nos querem fazer persuadir que é o melhor meio de regenerar a arte.

Mlle. Delmary revela, no desempenho de seus papeis, não só intelligencia notavel, como applicação e estudo, sem o que, por mais brilhantes que sejam os talentos naturaes de um artista, elle não pôde alcançar esse grau de perfeição, que deve ser o alvo de todos os seus esforços.

A distincta artista cantou a aria da *Traviata* com expressão, grande conhecimento da arte do canto, e além disso fazendo todas as difficuldades de vocalisacão que permite o volume da sua voz, curta, mas extremamente sympathica.

A parte dos expectadores, que avaliam sinceramente o merito de Mlle. Delmary sente não vê-la sempre desempenhando os principaes papeis no theatro do *Alcazar*, e lamentam encontrar-a entre as coristas, em operas em que devia representar os principaes personagens.

Mlle. Valmonca cantou a aria *Trouvere* com muita graça e algumas de suas notas são realmente muito agradaveis.

Quanto aos outros artistas, que cantaram no *intermède*, não merecem especial menção, a não ser Mlle. Charton, que, não contente com o brilho de seus lindos olhos, quer ainda fascinar os expectadores com um anel de brilhantes, que usa por cima da luva! É muito amor pelas pedras preciosas!

Na representacão da comedia-vaudeville *Le Bourreau des Cranes*, quem mais se distinguiu foi o beneficiado, Mr. Urbain e a sympathica Mme. Vial.

Mr. Urbain creou um verdadeiro typo. Representou com muita naturalidade; mas, apesar de todos os seus esforços e dos do beneficiado, não puderam salvar a peça, que provavelmente em attentão a Mr. Vial, não foi n'aquella mesma noite pateada.

A comedia, escolhida para este beneficio, é verdadeiramente uma monstruosidade dramatica. A accção geral não se pôde nunca desenvolver dos episodios vulgares e dos interminaveis dialogos, que aborrecem o publico até causar-lhe sono.

No entanto, se o *Alcazar* pouco direito tem tido ultimamente á concorrência do publico, é certo que lhe promete de ora em diante noites mais agradaveis.

Os novos artistas, que Mr. Arnaud trouxe da Europa, brevemente farão suas estréas, e se corresponderem ao que se diz, chamarão de novo o interesse e a animação áquelle theatro.

Guardamo-nos para emittir conscienciosamente o nosso juizo a seu respeito, depois de ouvil-os e aprecial-os.

Traçando as linhas que ali deixamos escriptas, é nosso fim unico pugnar pelos interesses da arte, e fustigar sem compaixão os vendilhões do templo.



Quero ser padre e consagrar-me á obra das missões estrangeiras.

Extrato do Catálogo da Agência de Assinaturas para jornais estrangeiros, retirado da revista *A vida moderna*, de 1886.

160

A VIDA MODERNA

JORNAES ESTRANGEIROS PARA 1887

EXTRACTO DO CATALOGO GERAL¹

DA

AGENCIA DE ASSIGNATURAS PARA TODOS OS JORNAES ESTRANGEIROS

Livraria LOMBAERTS & Comp.

7, Rua dos Ourives, 7 - Rio de Janeiro

Esta antiga e acreditada agencia, unica no Imperio que tem estabelecido serviço especial e regular para periodicos publicados fóra do paiz, oferece as melhores garantias de rapidez, pontualidade e modicidade.

Preço annua dos jornaes mais importantes. para 1887. na Côte. Fóra da Côte mais 2\$000

JORNAES EM FRANCEZ

Nouvelle Revue..... 35\$	Revue Crit. de Législation 11\$	Figaro..... 52\$	Bulletin génér. de Thérap.. 14\$
Revue Britannique..... 35\$	Journal des Enfants..... 9\$	Evénement..... 42\$	Gaz. Hebdom. de Médecine 16\$
Revue des deux mondes. 35\$	Magasin des Demoiselles. 9\$	Indép. Belge éd. d'out-m. 18\$	Gazette des Hopitaux..... 21\$
Revue Illustrée..... 24\$	Poupée modele..... 6\$	Journal des Débats..... 52\$	Gazette Médicale..... 27\$
Illustration..... 24\$	Moniteur de la Mode..... 22\$	Gil Blas..... 40\$	Electricité..... 10\$
Monde Illustré..... 15\$	Mode Illustrée..... 16\$	Temps..... 44\$	Les Mondes..... 10\$
Vie Moderne..... 15\$	Mode Artistique..... 15\$	Charivari..... 24\$	La Nature..... 21\$
Journal amusant..... 13\$	Modiste Universelle..... 11\$	Petit Journal..... 19\$	Revue Scientifique..... 20\$
Caricature..... 12\$	Revue de la Mode..... 18\$	Archives de Méd. Navale. 10\$	Exposition de 1889..... 26\$
Voleur..... 6\$	Printemps..... 15\$	Revue Milit. de l'Etranger 9\$	Astronomie..... 9\$
Journal du Dimanche... 6\$	Coquet..... 16\$	Revue Marit. e Coloniale. 34\$	L'Art..... 42\$
Economiste Français... 27\$	Saison..... 10\$	Journal d'Agric. Pratique. 15\$	Illustration Horticole... 19\$
Journal des Economistes. 24\$	Salon de la mode..... 17\$	Tour du Monde..... 17\$	Le Génie Civil..... 24\$
Le Correspondant..... 23\$	Journal des Tailleurs... 20\$	Journal des Voyages..... 8\$	Revue génér. des Ch. de Fer. 17\$
L'Instruction Publique... 15\$	Chasse Illustrée..... 20\$	Musique des Familles... 10\$	Journal des Fabric. de Sucre 18\$

INGLEZ

Illustrated London News. 24\$	Times (daily)..... 58\$	Queen..... 28\$	Engineering..... 26\$
Graphic..... 25\$	Times (weekly)..... 11\$	Young Ladies Journal... 14\$	Rail-road Gazette Amer.. 16\$
Harpers Weeckly (Amer.) 16\$	New-York Herald(weekly) 8\$	Sportings & Dram. News 28\$	Iron..... 24\$
Fr. Lesl. Ill. Pap. (Amer.) 15\$	European Mail for Brasil 34\$	Nature..... 24\$	Knowledge..... 10\$
Harpers Magazine (Amer.) 14\$	Lancet..... 26\$	Law Times..... 35\$	Art Journal..... 28\$
Punch..... 12\$	Practitioner..... 19\$	Agricultural Gazette..... 17\$	Economist..... 33\$
Family Herald..... 8\$	Academy..... 13\$	Farmer..... 18\$	Scientific American..... 14\$

ALLEMAO

Leipsiger Illust. Zeitung. 20\$	Mondenwelt..... 5\$	Schim. Jahrbücher d. Med 30\$	Industrie Deutsch Zeitung. 15\$
Über land u. meer..... 11\$	Bazar..... 9\$	Wochenschrift Wien. Med 18\$	Der Maschinenbauer..... 12\$
Gartenlaube..... 7\$	Illustr. Frauen Zeitung.. 14\$	Kölnische Zeitung(w. ausg) 12\$	Der Globus..... 20\$
Daheim..... 8\$	Kladderatsch..... 9\$	Polytechnische Journal.. 33\$	Eur. Modezeitung f. Herren 12\$

ITALIANO

Pungolo..... 34\$	Illustrazione Italiana..... 22\$	Papagallo..... 10\$	Annali universali di Medic. 30\$
Economista..... 20\$	Emporio Pittoresco..... 9\$	Il Teatro Illustrato..... 8\$	Gazeta Medica Italiana... 20\$
Coltivatore..... 10\$	Spirito Folleto..... 8\$	La Stagione (Mode)..... 12\$	Archivo Giuridico..... 18\$

HESPAÑHOL

Illustracion Esp. y Amer 30\$	La Moda Elegante..... 30\$	Da Novella (Madrid).... 30\$	Reforma Medica..... 24\$
Correo de ultramar (litt.) 42\$	Correo de la Moda..... 25\$	La Tribuna (ed. de ultra.) 24\$	El Industrial (Jaen)..... 15\$

PORTUGUEZ

Jornal do Comm. (Lisba) 42\$	Commercio do Porto..... 25\$	O Occidente..... 15\$	Correio Medico..... 9\$
------------------------------	------------------------------	-----------------------	-------------------------

A agencia é mera intermediaria entre as administrações dos jornaes e os assignantes. Sendo condição imprescindivel na Europa o pagamento adiantado de jornaes, é necessario que aqui sejam feitas as assignaturas e reformas 40 dias antes da chegada do primeiro numero da assignatura. Os preços acima são para os assignantes que preencherem essa condição, vigoram portanto apenas até o dia 15 de Dezembro proximo futuro; quanto aos que preferirem pagar quando chegue o jornal, além de sujeitarem-se a serem servidos somente depois dos que tiverem realizado as suas assignaturas, pagarão os preços marcados no nosso catalogo geral, os quaes são mais elevados.

¹ O catalogo geral dos principaes jornaes publicados em França, Belgica, Allemanha, Inglaterra, Suissa, Hespanha, Portugal, Estados-Unidos, Chile e Rio da Prata, com todas as informações relativas a cada um delles, remette-se a quem ç pedir por escripto.

Typ. LOMBAERTS & C.